

BRANDON Q. MORRIS

NAÇÃO DE MARTE

FICÇÃO CIENTÍFICA HARD

PARTE 1



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BRANDON Q. MORRIS

NAÇÃO DE MARTE

FICÇÃO CIENTÍFICA HARD **PARTE 1**



NAÇÃO DE MARTE

Ficção científica Hard

Nação de Marte

Livro 1

BRANDON Q. MORRIS

Traduzido por

GERSON LOYOLA DE AGUILAR



BRANDON Q.
MORRIS
HARD SCIENCE FICTION

Contents

[Nação de Marte 1](#)

[Nota do Autor](#)

[Também por Brandon Q. Morris](#)

[Marte – Um Tour Guiado](#)

[Glossário de Acrônimos](#)

[Excerto: Nação de Marte 2](#)

Nação de Marte 1





Sol 3, base da NASA

O SOL FLUTUAVA logo acima do horizonte, em um céu avermelhado. Lance semicerrou os olhos para observá-lo. Parecia muito menor daqui, em comparação com a visão obtida desde a Terra, mas sua luz ainda poderia cegá-lo se olhasse diretamente para o fenômeno. Depois de mais alguns minutos de arco ao redor do sol, o céu se tornou azul. Sharon, a piloto, cuja formação acadêmica incluía também meteorologia, já havia falado sobre isso, mas ele não tinha acreditado nela. Precisava se desculpar com ela, embora os demais já soubessem que ele era um daqueles que teriam que ver esse tipo de coisa com os próprios olhos.

“Tudo certo?” Ouviu a voz de Mike dizer pelo rádio do capacete.

“Sim, comandante. É tudo muito romântico.”

“Você tem algumas coisas para fazer.”

Obrigado, Mike, ele pensou. *Como se eu já não soubesse disso*. De todos os modos, Lance empreendeu um ritmo tranquilo. Estava a ponto de dar seu primeiro passo no novo planeta que seria seu lar durante os próximos seis meses. Até agora, tudo que havia feito era viagem pela superfície de Marte, desde o local de pouso do *Endeavour* até seus alojamentos dentro da cabine pressurizada do Rover, ou *Astromóvel*, no qual chegava através de um tubo também pressurizado.

Ele semicerrou os olhos novamente para o sol distante. Daqui parecia branco, e não amarelo como visto da Terra, o que podia explicar por que parecia menos quente. Claro, não era culpa da cor, mas sim da distância. “Precisamos otimizar o processo de desembarque,” ele disse. “Se levarmos seis horas todas as vezes, nunca conseguiremos terminar trabalho algum.”

“Não se preocupe,” replicou Mike. “Depois do pôr do sol, o ambiente permanecerá iluminado por um tempo. Mesmo depois que o sol tiver desaparecido no horizonte, a poeira na atmosfera continuará refletindo sua luz.”

“Tá de sacanagem,” escapou, antes que Lance pudesse impedir.

Os comentários tipo *sabe-tudo* do comandante sempre incomodavam Lance. Durante seu treinamento intensivo, eles haviam recebido informações mais do que suficientes sobre como seria um dia em Marte. No entanto, sempre havia um bom momento para sua irritação se manifestar com o companheiro. A sorte era que Mike

sempre se mantinha insensível a coisas assim. Em contrapartida, havia momentos em que ninguém, exceto Mike, tinha uma resposta útil para alguma coisa. Não foi uma surpresa descobrir que o homem havia concluído seu curso universitário de física aos dezenove de idade.

Lance apoiou as mãos no telhado do alojamento e o empurrou para baixo. Noventa por cento da base estava enterrada sob a superfície marciana, a fim de proteger seus residentes da radiação. O telhado era composto pelos escudos térmicos, agora desnecessários, que haviam pertencido aos robôs exploradores, os quais tinham construído a base antes da chegada dos humanos. Uma espessa camada de sujeira marciana estava espalhada pelo metal. Lance terminou de empurrar seu torso para cima, através da escotilha. Puxou as pernas para fora, ajoelhou-se no teto e finalmente se levantou. Sua respiração estava pesada. Depois de tantos meses sem gravidade, todas as atividades pareciam surpreendentemente difíceis. Qual teria sido o sentido de ficar pedalando como um louco naquela bicicleta ergométrica o tempo todo?

“Ok, estou fora,” disse Lance.

“Parece que está tudo bem,” replicou Mike. “Pelo menos pelo que posso observar na tela. Mas a sua frequência cardíaca... você está realmente fora de forma, não é mesmo?”

“Cuidado, garotão, ou vou ter que mostrar em que forma estou, mais tarde, na queda de braço.”

Diplomaticamente falando, Mike era notavelmente desanimador em termos de porte físico. Não foi nada menos que um milagre ele ter conseguido passar pelo processo de treinamento. Seu intelecto provavelmente compensava todo o resto, mas ele não tinha chance de vencer Lance na queda de braço. Lance deu um passo cauteloso, afastando-se da escotilha em direção ao pôr do sol. Ele esperava ouvir um tom oco ao avançar, mas o ar provavelmente estava muito rarefeito e a sensibilidade do microfone externo muito baixa para isso.

“Você sabe que deveria esperar, certo?” Mike questionou.

Claro, ele sabia disso. A câmara de descompressão era tão estreita que apenas uma pessoa em traje espacial, por vez, poderia passar por ela. Uma vez ali fora, eles sempre deveriam se movimentar em pares, e era por isso que Sarah, sua companheira nesta caminhada, sairia pela escotilha em um ou dois minutos. Mas não faria mal se olhasse um pouco em volta, não é verdade?

Caminhou até a beira do telhado. A partir daqui, eram apenas cerca de vinte centímetros até a superfície de Marte. Será que deveria? Ele ainda precisava ter a sensação de que estava realmente no planeta. O que poderia acontecer? O chão parecia seco e estável. A área ao redor da base tinha sido reforçada durante o processo de construção. Lance olhou de volta para a câmara de descompressão, mas Sarah

ainda não estava à vista. Lentamente estendeu a perna direita, deslizou-a para frente e a deixou descer—bem como o seu corpo—de encontro ao chão. Posicionou cuidadosamente o pé ali embaixo, começando pelo calcanhar, e se viu obrigado a cair na gargalhada. A situação não era nada engraçada, pelo que o acesso emocional teria que ser uma reação subliminar exagerada. Ele era a primeira pessoa a pisar em Marte! Embora não estivesse com vontade de comemorar, não conseguia conter o riso. Lance transferiu o peso para a perna direita antes de levar a esquerda ao chão. Então permaneceu ali parado, e riu novamente.

“Você está se sentindo bem?” Mike perguntou. “Presumo que, apesar do nosso acordo, você não esperou por Sarah. Temos sorte de sermos os únicos aqui. O que os figurões achariam se soubessem que você desconsiderou as minhas ordens diretas sobre o processo de saída?”

“Mas eu não prometi, Mike,” ele replicou.

“A Terra está perguntando como estão indo as coisas com o traje,” disse Mike.

A esta altura, as primeiras imagens tinham sido transmitidas para casa. Isso significava que vinte minutos tinham se passado, presumindo que a Terra tivesse respondido imediatamente. Lance olhou para os números brilhantes em seu pulso. Exatamente. Não obstante, isso também significava que um duodécimo de seu turno máximo de quatro horas já havia esgotado. Sarah deveria chegar a qualquer momento. A médica da missão deveria ajudá-lo a limpar a poeira do topo da base para que tudo ficasse em perfeitas condições para a transmissão de TV. O Controle da Missão nunca deixava nada ao acaso. A missão internacional tinha custado muito caro; não poderia ser vulnerável a críticas.

Lance olhou para baixo. O traje era justo e ficava muito bem nele, se ele tivesse mesmo que opinar a respeito. Mas definitivamente não era isso que o Controle da Missão queria ouvir. Embora... talvez fosse também. Em comparação com os modelos mais antigos, que inflavam em torno dos corpos dos astronautas, os novos trajes eram significativamente mais fotogênicos. A única área ainda pressurizada era a parte interna do capacete, enquanto o material elástico do traje se mantinha firmemente enrolado em seu corpo. Ele havia percebido como se sentiu ágil ao se projetar pela escotilha. Durante o treinamento na Terra, ele tinha conhecido—e odiado—os velhos e rígidos trajes espaciais.

“Eu realmente gosto dele. Parabéns aos desenvolvedores!” Ele disse.

Em seguida, tocou nos números brilhantes em seu braço, ativando assim a tela de projeção dentro de seu capacete. A Terra logo seria

bombardeada com dados, cuja extensão o deixava admirado. Especificações de localização e direção, temperatura, pressão, direção do vento, a composição da pedra sobre a qual ele se encontrava parado. Era coisa demais, dentro dos limites de um capacete espacial. Tocou no braço de novo e os dígitos e setas se dissiparam gradualmente. Ele realmente não precisava saber mais nada além da direção cardinal para a qual estava olhando no momento.

“O fluxo de dados em minha tela é um pouco demais,” disse ele.

“Oh, o traje está rastreando a sua posição. Não se preocupe,” replicou Mike.

“Lance?”

Ele se virou ao ouvir a voz de Sarah. A cabeça dela estava emergindo do buraco redondo no telhado. Não conseguia distinguir o rosto da médica, devido ao reflexo do sol poente no visor dela.

“Precisa de alguma ajuda?” Ele quis saber.

“Tudo sob controle, obrigada,” ela assegurou.

Seu inglês era falado com um leve sotaque. Sarah era oriunda da Suíça. Ninguém a bordo tinha conseguido, ainda, pronunciar seu sobrenome corretamente. Jaeggli... soava um pouco com Jacqueline, mas vindo da boca de Sarah era algo completamente diferente. Lance gostava de provocá-la dizendo que ela não se parecia em nada com os estereótipos sobre o país dela. Afinal, as pessoas sempre imaginavam as suecas altas e loiras, mas ela era baixa e tinha cabelos escuros. Calmamente, ela continuava fazendo com que ele se lembrasse de que havia vindo da Suíça, não da Suécia, algo que ela sabia que era difícil para um americano entender corretamente.

Por precaução, ele subiu de volta no telhado. Ainda não sabiam até que ponto Sarah se ajustaria à força gravitacional desconhecida.

“Vocês estão prontos?” Mike perguntou de dentro.

“Parece que sim,” disse Lance.

“Tudo bem, então. Vocês já sabem onde estão as ferramentas.”

Eles já haviam passado por isso. Havia uma espécie de canastra, ou baú, de materiais diversos na extremidade norte da edificação. Lance deixou Sarah liderar o caminho. Os músculos dela se tensionavam levemente contra o material elástico do traje. *Sim, eles são definitivamente adequados para TV.* Ele se deu uma sacudida mental. Lance havia prometido não se envolver com suas colegas. Afinal, sua namorada estava esperando por ele em casa. Se conseguisse voltar nos próximos doze meses, eles queriam começar a tentar ter filhos. Antes de sua partida para Marte, ele havia providenciado o congelamento de espermatozoides extras, devido aos possíveis danos causados pela radiação.

“Abrindo a canastra,” disse Sarah.

A suíça se inclinou, enquanto Lance observava a uma distância

segura de cerca de três metros. Ela abriu primeiro a trava esquerda e depois a direita, antes de alcançar o centro da tampa e levantá-la.

“Oh!” Ela gritou, saltando para trás.

“O que foi?” Mike bradou nervosamente.

Lance percorreu a distância até Sarah em passadas largas, mas não havia nada para ver.

“Peguei vocês!” Ela disse com uma risada marota. “O que estavam pensando? Que havia uma aranha na canastra?!”

Sarah demonstrava um bom senso de humor, ele teria que dar crédito a ela por isso. Ele deu uma olhada dentro da caixa. Estava cheio de objetos cujos propósitos não eram imediatamente evidentes.

“Obrigado, Sarah. Quase tive que trocar de calça,” disse Mike pelo rádio.

A médica deu uma risadinha, enquanto se inclinava de volta sobre a canastra. Parecia que ela sabia exatamente o que estava fazendo, embora fosse mais provável que estivesse apenas seguindo as instruções na tela do capacete. Sarah puxou um tubo com cerca de um metro de comprimento.

“Aqui. Segure isso,” disse ela, colocando-o na mão de Lance. Ela então olhou para dentro, descendo pela borda direita da canastra. Ela puxou para fora um reservatório redondo.

“Aí está,” declarou ela. “Ok, pode me devolver isso.” Lance devolveu o tubo para Sarah, quem o enfiou em uma das extremidades do reservatório e entregou o conjunto para ele. “Vire-se,” ela o instruiu, fazendo um pequeno movimento circular com uma das mãos. Ele obedeceu e ela remexeu em sua mochila. Ele podia adivinhar o que ela estava fazendo, enquanto ela pressionava um cabo na mão dele. “A saída fica na lateral do reservatório.”

Depois de localizar a pequena abertura, ele conectou o cabo. O antiquado aspirador de pó em suas mãos estava sendo alimentado pela mochila de suporte à vida ancorada nos ombros dele.

“pode ir,” disse Sarah. “Eu me encarrego das medições.”

“Claro,” disse ele, enquanto começava a aspirar a poeira do telhado da base.

●

“QUE TAL UM POUCO DE LUZ?” Lance perguntou pelo rádio.

A luz estava enfraquecendo mais rápido do que esperavam. Provavelmente se devia à alta densidade de poeira na atmosfera. Graças à baixa gravidade e à falta de chuva, a poeira permanecia no ar por bastante tempo após um vendaval.

Em vez de uma resposta, várias faixas de luzes se acenderam ao longo da linha do telhado. O resultado parecia sinistro. Um corredor

mais claro brilhava agora ao redor da base. À luz do sol tão somente, a poeira não era tão visível como agora. Na verdade, estava parecendo uma neblina.

“Já estão terminando a tarefa por aí?” Mike quis saber.

“Estamos quase concluindo a limpeza de primavera,” replicou Lance.

Havia um balde cheio de água ao lado dele. Ele tinha acabado de lavar as portinholas e só teria mais uma coisa para cuidar. Abriu a tampa do balde e o vapor subiu como um redemoinho ao seu redor. No ar rarefeito, com apenas um milésimo da densidade da Terra, a água aquecida dentro do balde evaporava muito rapidamente. Por isso era necessária a tampa. Ele submergiu a esponja e teve que se apressar ou correria o risco de perder a umidade. A umidade desaparecia bem rapidamente, tal como ocorre com o álcool na Terra. Pelo menos ele não precisava secar o vidro.

Onde estava Sarah?

“Sarah?” Ele chamou.

A médica não respondeu.

“Você consegue ver Sarah em sua tela?”

“Sim, Lance. Ela está a cerca de duzentos metros ao sul de sua posição.”

Ele se virou e olhou na direção especificada, mas não conseguiu ver ninguém. A luz, todavia, só atingia cerca de cinquenta metros neste ponto.

“Sarah?”

Nada. Será que ele deveria ficar preocupado?

“Você pode ver as leituras dela?”

“Sim, mas com base nas leis de privacidade, não posso...”

“Mike, não seja estúpido,” disse Lance, com impaciência.

“Ok. Ela está bem. A frequência cardíaca dela está um pouco elevada, mas fora isso, está tudo bem.”

“Você não está nem um pouco preocupado?”

“Se algo tivesse acontecido, teríamos visto.”

“Humm,” disse Lance. “Ainda assim, acho que vou dar uma olhada.”

Depois de depositar a esponja sobre a tampa do balde, ele se levantou. Então consultou a posição de Sarah na tela do capacete. Depois de caminhar vinte metros, estava tão escuro que ele só conseguia ver os vagos contornos de seus próprios pés.

Ele tentou o contato novamente. “Sarah? Você está aí?”

Que pergunta idiota. Os instrumentos eram claros em suas leituras. Lance se sentia cada vez mais preocupado. Como sua colega poderia ter se perdido aqui? Mesmo que uma tempestade de poeira os tivesse atingido, nunca teriam se colocado em perigo real, graças à fina

atmosfera.

Será que ele estava com medo de pequenos marcianos verdes? A tela de Lance informava que ele deveria ter acabado de chegar à posição de Sarah. Uma sombra negra volumosa se materializou bem na frente dele. Lance ficou surpreso, mas demorou apenas um momento para perceber que era apenas um rochedo. Realmente estava vendo fantasmas. Contornou a grande pedra e quase tropeçou em algo macio. Era a perna de Sarah. Ela a recolheu e se pôs de pé, embora ainda não tivesse dito nada. Não obstante, ela parecia quase tão surpresa quanto ele.

“Desliguei meu rádio,” disse ela, sem fôlego. “O que foi? Por que você está aqui?”

“Para encontrá-la!”

“Para quê? A base tem os meus sinais vitais. Ou sofri um ataque cardíaco sem perceber?”

“Não, eu só pensei... ah, esqueça.”

“Você estava preocupado comigo. Que fofo,” disse a médica. “Eu simplesmente queria ficar sozinha por um minuto. Acabamos de completar sete meses compartilhando os mesmos quarenta metros cúbicos e estivemos juntos por muito tempo durante o nosso treinamento. Eu realmente precisava disso.”

“Entendi. Eu não queria incomodá-la.”

“Da próxima vez eu aviso.”

“Saudações, pombinhos,” Mike interrompeu desde a base.

Hum! ‘Pombinhos,’ uma ova, Lance pensou. Sarah era treze anos mais velha que ele. Não havia como estar interessada em um garoto como ele.

“O que foi?” Ela perguntou a Mike.

“Vocês deveriam regressar para a base.”

“Por quê? Ainda não temos cerca de uma hora? É uma sensação maravilhosa aqui fora.”

Ela está exagerando um pouco, pensou Lance. Nesse momento, o aquecedor do traje dele estava ligado. A temperatura da superfície havia caído para menos 30.

“Parece que preciso de vocês aqui.”

“A cerimônia na TV foi adiada?” Lance quis saber. Um dos presidentes das nações patrocinadoras da missão provavelmente tinha telefonado no último minuto com um desejo especial ou algo assim.

“Não, há um problema. Chegou um sinal de emergência,” replicou Mike.

“O que isso tem a ver conosco?”

“Muita coisa, Lance. Está vindo de perto.”

“Os malucos?!”

“Acertou em cheio!”



23 de Maio de 2042, nave MpT Santa Maria

“FUNCIONE!!!”

Henrik gritou tão alto que Ewa teve que cobrir os ouvidos dela, enquanto ele golpeava os punhos no console prateado à frente dele. Esta era a segunda vez que o piloto perdia os estribos. Ewa balançou a cabeça em desaprovação, mas não disse nada. Algo assim não costumava acontecer. Ainda assim, não havia nada de típico neste voo, que parecia malfadado desde o início. Era compreensível que a paciência fosse escassa entre alguns deles, especialmente considerando que teriam apenas três ou quatro dias para consertarem o motor. Se não o fizessem, não alcançariam sua órbita em torno de Marte e teriam de dar outra volta completa em torno do Sol.

“Vamos manter a calma,” disse Chuck. O britânico, um ex-piloto de bombardeiro, era o comandante.

Ele parou ao lado de Henrik e apoiou um braço sobre os ombros do companheiro. Ewa achou esta imagem estranha, pois os conhecia muito bem, desde o processo de seleção no qual competiram contra centenas de outros candidatos de todo o mundo. Henrik, o holandês esguio e intelectual, havia conduzido o grupo deles através de muitas provas, justamente com seu comportamento calmo e atencioso. Por outro lado, Chuck sempre havia se avançado, tentando resolver problemas de maneira prática e fracassando pelo caminho. Mas agora era ele quem mantinha a tripulação unida. É incrível como podemos nos equivocar sobre as pessoas! Se dependesse do grupo deles, Chuck não teria sido nomeado comandante. Entretanto, uma equipe voluntária de psicólogos havia tomado a decisão. Isso estava de acordo com os demais aspectos da viagem, que também estavam sendo levados a cabo por voluntários.

E isso estava cada vez mais se revelando um problema.

“Essa merda de motor! Quem foi que nos ludibriou para comprá-lo?” Henrik exigia, enquanto girava seu assento para encarar Chuck.

Pelo canto do olho, Ewa percebeu que Piotr havia se levantado. Ele era o terceiro tripulante designado para este turno no módulo de comando. Piotr vinha de uma família russa influente e ele havia adquirido o motor do projeto Marte para Todos, através de seus contatos. Este motor deveria levá-los à órbita de Marte e, eventualmente, à superfície do planeta.

“Vamos resolver isso,” disse Chuck.

Ewa notou que o comandante lançava um olhar duro para Piotr. *Deixe isso para lá*, diziam seus olhos, mas o russo não era um homem que pudesse deixar tudo em paz se sentisse que estava sendo depreciado.

Piotr se aproximou. “O motor é sólido como uma rocha,” disse ele calmamente. “O modelo foi testado ao longo de muitos anos e o adquirimos por alguns trocados. Não poderíamos chegar perto de comprar nenhum dos motores que os fabricantes privados nos ofereceram. Você nem estaria sentado aqui se o meu tio não conhecesse alguém que...”

“Talvez fosse melhor se eu não estivesse sentado aqui,” Henrik retrucou enraivecido.

“Você quer voltar para a mamãe?” Piotr perguntou. “O pequenino Henrik prefere ficar brincando na piscina de bolinhas? Vocês, ocidentais, têm o hábito de reclamar tão logo surjam alguns probleminhas. Você não concorda, Ewa?”

Ewa não disse nada, mas recuou alguns passos, sentindo que estavam à beira de uma verdadeira luta corporal. Se alguém tivesse dito a ela antes de hoje que Henrik levantaria a mão contra qualquer um de seus companheiros de viagem, ela teria simplesmente sorrido, mas agora Henrik parecia irritado o suficiente para bater em alguém.

Em parte, ela teria que concordar com Piotr. Era como se uma linha divisória evidente separasse a tripulação e parecia ter algo a ver com a antiga Cortina de Ferro, apesar de se tratar de algo que já não existia havia mais de cinquenta anos. O entusiasmo pelo projeto de colonização de Marte, financiado através de doações, havia coberto esta linha divisória com *demão de cal*; mas a tinta branca e fina estava agora se descascando e, por sua vez, a linha reaparecendo.

“Eu...” Henrik disse, cerrando os punhos.

“Você?! Você não aguenta mais?!” Piotr só precisava continuar aplicando a tática da provocação.

“Já chega!” Chuck os interrompeu, como se estivesse lidando com dois cachorros latindo. Só ficou faltando agarrá-los pelo pescoço. Os dois continuaram se encarando.

“Chega!” Ele repetiu.

Para surpresa de Ewa, a advertência funcionou.

“Idiota!” Henrik murmurou, sentando-se novamente.

Ele se inclinou sobre o painel de controle como se precisasse verificar alguma coisa. Piotr deu a impressão de que não esperava por isso. Abriu a boca várias vezes, mas não conseguia pensar em nada para dizer. Então fez meia-volta. Sendo um substituto—que cobriria tanto o piloto quanto o comandante em suas ausências—seu lugar ficava no canto do módulo de comando.

“Vamos apenas manter a calma,” disse Chuck. “Os técnicos garantiram que logo, logo o motor voltará a funcionar.”

Tanto faz... A experiência anterior tinha provado que essas promessas eram relativamente vazias. O motor obviamente havia ficado parado por muito tempo no antigo estaleiro de espaçonaves onde o tio de Piotr o havia encontrado.

“Além disso, entrei em contato ontem com a expedição *Endeavour*, em Marte. Eles estão considerando se e como poderão nos ajudar,” continuou Chuck. Piotr e Henrik se viraram para encará-lo, como se o comandante tivesse detonado uma bomba na estrutura da ponte.

“Você fez o quê?” Perguntou Henrik.

“Você me ouviu. Sou o comandante desta nave e esta é a minha responsabilidade.”

“Você deveria ter nos perguntado,” disse Piotr, agora de pé. “De acordo com os estatutos da fundação, devemos tomar coletivamente quaisquer decisões que afetem as nossas operações diárias.”

“Não estamos mais na Terra. Vocês poderiam ter me proibido de estabelecer contato.”

Ewa tentou visualizar uma discussão em equipe. Chuck provavelmente estava certo. Entre as vinte pessoas a bordo, havia várias que valorizavam muito a independência do projeto MpT. Isso não era tão surpreendente. Afinal, todos aqui eram loucos o suficiente para deixarem a segurança de seu planeta natal sem a perspectiva de uma passagem de volta. Alguns membros da tripulação não apenas tinham rompido seus contatos pessoais, mas também estavam fartos da velha raça humana em geral, a qual era representada na expedição internacional *Endeavour* a Marte. A isso se somava a mentalidade de 'nós aqui em cima, eles lá embaixo'. O projeto MpT—Marte para Todos—tinha sido meticulosamente financiado através de doações, enquanto os quatro astronautas, que haviam dado o primeiro passo em Marte antes do projeto, estavam sendo custeados através de fundos fiscais.

“Você não deveria ter feito isso,” disse Piotr.

“Mas agora está feito,” disse Ewa. “Sério, qual é o problema..? É apenas uma opção. Não precisamos aceitar a ajuda deles. Podemos continuar girando em torno do Sol e tentar novamente, dentro de um ano, entrar na órbita de Marte.”

Chuck lançou um olhar de agradecimento a ela. Continuar em órbita ao redor do Sol realmente não seria uma opção. Não tinham suprimentos suficientes para durar mais um ano.

“E o que o pessoal lá embaixo acha disso?” Henrik quis saber.

“Eles precisam descobrir quais são suas opções. E ainda há uma chance de que os técnicos consertem o motor.”

Ewa já havia ouvido o suficiente. Além disso, o relógio dela

acabava de vibrar. Era hora de alimentar os animais. Na verdade, ela era química, mas neste projeto todos desempenhavam várias funções. Pelo menos, ela sempre havia se interessado pela agricultura.

“Até mais, rapazes,” disse ela em despedida, antes de sair flutuando até a escotilha que conectava o módulo de comando ao restante da nave.

A iniciativa MpT não tinha condições de se permitir uma nave grande como a da NASA, ou mesmo a nave-colônia *SpaceX* que os estava acompanhando. Em vez disso, tinham comprado dois módulos *Dragon* reciclados e providenciaram para que fossem lançados ao espaço como carga secundária. Como medida prática, a equipe de construção do projeto final havia viajado com eles na nave. Naquele então—devia ter sido quase três anos antes—Ewa havia acompanhado a cobertura televisiva de todos os acontecimentos. A mídia os havia apelidado de ‘os malucos’ porque queriam realizar, com um orçamento mínimo, uma viagem sem retorno planejado. Mas os colonizadores que se mudaram de mala e cuia para o Velho Oeste não tinham sido igualmente loucos? Os companheiros de viagem de Ewa, em sua maioria, tinham visto aquela viagem como uma forma de insanidade, e muitos deles ainda pensavam assim. De todos os modos, a nave deles quase chegou a Marte!

Algo lhe dizia que ela já havia visto e ouvido o suficiente. Era hora de deixar o ambiente. Ewa abriu a escotilha para o espaço interior. O fedor tomou conta dela como uma onda, fazendo com que se sentisse um pouco enjoada. Claro, havia uma razão para tudo. Não fedia porque a tripulação se recusava a tomar banho, mas sim por causa da umidade sempre presente. Eles viviam há mais de cinco meses em uma estrutura semelhante a um balão, cheia de ar úmido e resfriada externamente pelo frio do espaço.

Entre os dois módulos *Dragon* em forma de cone, tinham construído uma estrutura de liga de titânio, a mais cara pela qual podiam pagar. E então eles haviam prendido painéis de tecido à estrutura, como se fossem lonas. Quando isso foi feito, eles encheram todo o compartimento com ar respirável. *Santa Maria* era um balão gigantesco, mas, neste caso, toda a estrutura não estouraria se por acaso fosse criado um buraco na superfície. Isso porque, como um anorake, as paredes flexíveis eram divididas em várias câmaras cheias de água. A água proporcionava excelente proteção contra a radiação interplanetária e oferecia estabilidade nas temperaturas geladas que existiam no espaço.

A construção ousada e aventureira tinha sido outra razão pela qual as pessoas na Terra, em sua maioria, previram que o projeto falharia. Contudo, a realidade acabou sendo diferente—eles conseguiram. Ewa flutuou pela escotilha e a fechou atrás de si. O ar quente e úmido,

como o de uma selva, envolveu-a. Permitia-se apenas que o mínimo possível de umidade entrasse no módulo de comando, visto que poderia danificar os sistemas elétricos.

Durante esta longa viagem deles, vários problemas tinham surgido, deixando claro que os construtores de espaçonaves teriam carecido um pouco de competência em termos de conhecimento de tecnologia de construção. O sistema de suporte à vida era grande o suficiente para transformar o dióxido de carbono exalado em oxigênio e para purificar as águas residuais. Porém, ninguém havia pensado na grande quantidade de transpiração que seria produzida. E isso se aderiria às paredes como gotículas, mas devido ao estado de ausência de peso, a umidade não se separava das superfícies. E como essa umidade não rolava para baixo e se juntava em poças, era impossível enxugá-la.

Com o tempo, as gotas se fundiam em uma película que se espalhava por toda parte e ficava mais espessa. A única forma de lidar com esta humidade era secar continuamente as paredes, mas isso era algo como secar gelo. O turno livre de cada um dos vinte tripulantes, uma vez terminadas suas funções primárias, era preenchido com exercícios e faxina. Sendo assim, seus dias eram divididos da seguinte forma: doze horas de trabalho, quatro horas de atividades físicas e oito horas de sono.

Ewa havia observado seus companheiros de viagem. Os psicólogos obviamente haviam feito um excelente trabalho ao avaliá-los, considerando que não tinham *involuído* para homicidas ou coisas do gênero, apesar da ausência de qualquer espaço privado. Claro, havia conflitos regulares. Pouco depois de sua partida, três casais haviam se formado rapidamente. Isso fazia parte do plano refletido na seleção de dez mulheres e dez homens. *Marte para Todos* havia sido imaginado como uma colônia que cresceria naturalmente no Planeta Vermelho. Entretanto, os relacionamentos não tinham durado nem um mês. *Santa Maria* não era exatamente um local ideal para casais. Será que isso mudaria na dura realidade de Marte?

Ela passou flutuando por seus colegas, a caminho da área inferior, cumprimentando alguns deles. Os tripulantes do turno um estavam pendurados nas paredes laterais, em seus sacos de dormir, como se fossem morcegos rechonchudos. Os demais estavam malhando ou tentando limpar a umidade condensada. Conversaram baixinho, tratando de não perturbar os que dormiam. Todos concordavam que a melhor invenção de todos os tempos eram os fones de ouvido superleves e com absorção de som, que haviam sido patrocinados por um fabricante de eletrônicos. Uma vantagem de não ter peso é que os fones de ouvido quase não esfregavam ou incomodavam, independentemente da sua posição de dormir. Funcionavam surpreendentemente bem.

Os animais eram mantidos no nível mais baixo do segundo módulo espacial, o terminal do balão, por assim dizer, uma espécie de tampão de drenagem. Pelo menos isso significava que os animais não estavam contribuindo para o mau cheiro, ali na tenda de viagem espacial deles. Ewa realmente gostava de seu tempo nesta área. De fato, isso não se devia aos animais, os quais ela considerava mais como sua responsabilidade que como seus queridinhos. Acontece que o controle climático neste módulo funcionava na capacidade correta. Assim, o ar aqui embaixo era tão fresco quanto no módulo de comando, e ainda assim ela contava aqui com algo que era um bem raro na nave—paz e tranquilidade.

Ewa passou pela escotilha e entrou no ‘módulo zoológico,’ como era chamado, em tom de brincadeira. Tinham recebido animais que se reproduziam facilmente e podiam fornecer uma nutrição valiosa. Este zoológico incluía uma família de porquinhos-da-índia, vários coelhos e galinhas pequenas que botavam ovos notavelmente grandes.

Mesmo assim, eles depositavam suas maiores esperanças nos insetos que viviam em suas próprias caixas. Ewa nunca havia tido medo de insetos, por isso não se importava em cuidar dos gafanhotos e de outros bichos. Ewa abriu a primeira caixa. Seus olhos foram recebidos com uma grande agitação. Larvas-da-farinha douradas, que eram uma fonte preciosa de proteína, retorciam-se e se transformavam em montes de farelo de trigo. Ela teve que procurar as pupas e transferi-las para uma caixa diferente, pois elas logo se transformariam em besouros que, eventualmente, botariam mais ovos para novas larvas.

Pouco depois da partida, havia surgido reclamações pelo fato de que o zoológico dela ocupasse todo o módulo. Não obstante, quando Ewa alertou seus colegas de tripulação sobre a possibilidade de alguns insetos ocasionalmente escaparem de suas caixas, os protestos silenciaram. Desde então, ela não tinha sido incomodada nem uma vez durante o trabalho.

Ewa havia se surpreendido com o pouco que a ausência de peso afetava os insetos. Já haviam reproduzido o suficiente para fornecer uma ou duas refeições à tripulação, mas ninguém jamais havia feito este *pedido no cardápio*. As galinhas ficavam gratas pela comida fresca, no fim das contas. Ela fechou a caixa e se voltou para os besouros cascudinhos, em sua forma larval. Por último, verificou os gafanhotos, apelidados de ‘camarões do deserto.’ *Na real*, ela pensou, *eles têm mais gosto de frango*.

As galinhas sempre pareciam se dar bem. Havia um suprimento quase infinito de vermes para elas e, em troca, botavam um fluxo constante de ovos. Na Terra, essas aves eram seres de chão, mas aqui em cima elas batiam suas asas alegremente em curtos voos. A

capacidade de navegar no espaço parecia estar profundamente enraizada dentro delas.

Ela sempre deixava para o final o paparico dos porquinhos-da-índia e dos coelhos. Eles não haviam se adaptado à ausência de peso tão bem quanto as aves, e às vezes davam cambalhotas como indefesas bolas de penugem dentro das gaiolas. Foi por isso que Ewa havia instalado vários tetos baixos em seus terrários, para que agora pudessem usar um espaço semelhante a uma toca. Desde então, o apetite dos animais havia aumentado substancialmente. Cuidadosamente levantou um dos coelhos em seus braços. Ele a cheirou docemente e ela coçou o pelo dele.

“Então, como você está indo hoje?”

O pelo dele era macio e brilhante e sua respiração regular. Foi o primeiro coelho a nascer a bordo. Ewa estava interessada em ver como ele lidaria com a gravidade quando pousassem.

Um estrondo profundo de repente ressoou por toda a nave. O som vinha de cima, mas ela conseguia senti-lo até mesmo no compartimento intermediário do módulo. Era como se alguém tivesse batido várias vezes seguidas na tampa de um barril gigante.



Sol 4, base da NASA

O CHÃO ESTAVA VIBRANDO.

Lance podia sentir o poder inacreditável da furadeira robótica. O menor dos tremores se instalava em sua medula espinhal e depois subia até o topo. Ele se lembrou de como seu pai uma vez o tinha deixado segurar uma furadeira. A ferramenta, que se via quase tão grande quanto ele na época, parecia um animal forte e raivoso—talvez um urso—mas respondia até mesmo ao seu menor movimento. Ele esteve no controle de poderes que excediam em muito os seus próprios. Esse tinha sido o momento em que decidiu se tornar engenheiro.

Ele não tinha que empurrar a furadeira no chão com sua própria força. A máquina conseguia fazer isso sozinha e, quanto mais ela progredia, mais êxito conseguia no processo, visto que o peso da pedra sendo retirada do solo a deixava ainda mais pesada e, portanto, mais poderosa. Ele controlava a ferramenta com a ajuda de um pequeno controle remoto. Os sensores estavam ligados à tela do capacete. Sempre que olhava para baixo podia observar o contorno verde da broca, bem como o tipo de pedra que ela estava removendo no momento.

Na verdade, é bem tranquilo, ele pensou. Estamos aqui em um planeta estranho onde nunca pisamos antes e já nos sentimos em casa. Ou não, é mais como se estivéssemos viajando para um local exótico. As malas já prontas. Fomos vacinados contra as piores infecções e agora estamos descascando responsavelmente as frutas antes de comê-las. Não parecia haver qualquer perigo real—ou isso seria apenas pura arrogância?

Lance se dirigiu ao outro lado da máquina, a qual estava sendo sustentada por duas correntes que se ancoravam à altura do peito dele. A tarefa seria a construção de uma vala que terminasse justamente na base. Onde seria edificado o primeiro anexo. Um laboratório. A pedra que a broca robótica estava recolhendo seria parcialmente derretida e depois despejada em formas para a preparação das lajes que se tornariam as paredes do laboratório. Para o telhado, colocariam uma grande laje de ferro no topo das paredes, o que aumentaria o isolamento contra a intensa radiação do espaço sideral. Como Marte não tinha camada de ozônio, muita desta radiação atingia a superfície do planeta.

Lance olhou ao redor. Até recentemente, esta área ainda era bastante virgem. Mas ao longo dos últimos dois anos os robôs estiveram circulando por aqui, coletando dados para facilitar o desembarque de seus senhores e mestres, os quais finalmente haviam assumido seus tronos. A humanidade havia conquistado um segundo planeta. Parecia estranho, mas pensar a respeito o deixava orgulhoso.

“Ei, vocês,” disse Mike pelo rádio.

“Sim?” Sarah respondeu.

Ainda esta manhã, Mike e Sharon tinham *reclamado* por ainda não terem sido autorizados a deixar a base. Mas Lance estava encarregado de sua construção e Sarah insistia em acompanhá-lo como médica. Ela queria ficar de olho nele por motivos de saúde. Ainda não havia um bom motivo para Mike ou Sharon saírem para dar um passeio na superfície. A curiosidade não era um fator decisivo. A expedição estava sendo administrada de forma bem estrita com relação a isso.

“Sinto muito, mas vocês precisam voltar para dentro,” respondeu Mike.

“E o meu trabalho?” Lance quis saber.

“A broca funcionará bem sozinha.”

“E se ela encontrar algo que não possa estimar?”

“Então ela vai esperar por você. Preciso de você aqui mais que ela. Sua mente, principalmente.”

“O que está acontecendo, Mike? Os malucos ainda?!”

O projeto Marte para Todos tinha sido um pé no saco mesmo quando estavam na Terra. Como alguém poderia ser tão imprudente? Parecia coisa de adolescentes. Mas se tivessem que passar por situações de risco... bem, teriam feito a escolha por vontade própria e eram adultos, afinal de contas.

“É isso aí. Mas é muito pior do que você pensa.”



QUANDO A PORTA DESLIZANTE se fechou atrás, ele ouviu uma voz de mulher vindo do alto-falante. Tinha um leve sotaque do Leste Europeu. Cinco minutos depois, ele e Sarah haviam tirado seus trajes e se juntado aos demais, apenas com os trajes de treino.

“Ewa Kowalska, de *Santa Maria*,” disse Mike, como introdução. “E estes são Sarah Jaeggli e Lance Leber. Lance é o nosso engenheiro. Se alguém puder ajudá-los, ele é o cara.”

“*Santa Maria*?!” Lance questionou.

A jovem de cabelo loiro curto e olhos azuis sorriu. O nariz dela parecia ter sido quebrado em algum momento. “Em homenagem à nau capitânia de Cristóvão Colombo.”

“Ah, certo. Eu não tinha feito essa conexão.”

A mulher realmente não parecia tão maluca. Ela irradiava algo que ele não conseguia identificar à distância, mas ainda conseguia sentir. “Como podemos ajudá-los?” Ele quis saber.

“Já contei tudo a Mike,” ela replicou. “Versão abreviada: quando tentamos reativar o motor do módulo de comando, ele se soltou do suporte. Isso fez com que a pressão no módulo despencasse.”

“Oh. Houve alguma baixa?” Um arrepio percorreu a espinha de Lance até o cóccix.

“Sim. Cinco ao todo, incluindo o nosso comandante, Chuck Manners.”

“Minhas mais profundas condolências.” Lance estendeu a mão para o encosto do assento de Mike, seus joelhos estavam se enfraquecendo lentamente. Cinco pessoas haviam acabado de morrer bem ali perto. Quando você se encontrava tão longe da humanidade, vários milhões de quilômetros pareciam ser logo ali na esquina. “Vocês descobriram o que aconteceu?” Ele perguntou. Em situações como essa, ele preferia se focar nas discussões técnicas.

“Como todos que estavam no compartimento estão mortos, não sabemos de nada. Pouco antes da despressurização, os nossos sensores indicaram uma forte aceleração negativa. Porém, os sistemas dos módulos são independentes, por isso não temos acesso aos dados do motor. Estamos planejando uma EVA para amanhã.”

“Tem certeza de que querem sair e ver tudo isso pessoalmente?”

“Temos que fazer isso. Como já disse a Mike, o motor do módulo de comando deveria nos desacelerar e nos colocar em órbita.”

“Mas ele está destruído, certo?”

“Há um segundo módulo na outra extremidade. Agora estamos virando a nave com seu propulsor verniê. Precisamos saber o que aconteceu para não cometermos o mesmo erro novamente.”

“E se funcionar, tudo ficará bem?”

“Não exatamente. O segundo módulo impulsionou a nossa nave após o lançamento para fora da órbita da Terra. Ele só tem combustível suficiente para o pouso em Marte.”

“Em outras palavras, se usarem-no para a desaceleração, vocês alcançarão a órbita, mas não chegarão à superfície.”

“Mesmo que pudéssemos pousar, não conseguiríamos.”

“O que você quer dizer?”

“Somos quinze pessoas e temos alguns animais aqui. Não cabemos todos em um único módulo. Estava dando certo, mais ou menos, com os dois módulos, embora tivesse se encaixado muito bem.”

“Um módulo Dragon, certo?” Lance perguntou.

“Sim, exatamente,” disse Ewa.

Nos últimos anos, o preço dessas coisas tinha caído drasticamente. Seus fabricantes os produziam em linhas de montagem, tal qual Henry

Ford havia fabricado seu Modelo T um século antes. Confiáveis e acessíveis o suficiente para que uma organização com financiamento privado pudesse gerenciar os custos. Módulos bastante usados eram praticamente doados. *Se os novos proprietários se esquecessem de providenciar uma reforma completa, o que aconteceria?* Lance pensou.

Lance tentou imaginar dez pessoas enfiadas em um módulo de pouso. Ele se lembrou de ter visto fotos de cinco pessoas entaladas em um riquixá indiano. Exatamente assim seria. Mas com quinze pessoas? Impossível!

“Hum,” disse ele.

“Hum?” Ewa ecoou.

“Não sei se você já discutiu isso com Mike, mas pode haver outra possibilidade.”

Ele olhou para Mike, quem estava simplesmente balançando a cabeça em negação. *O que isso significa? Será que não deveríamos tentar ajudar essas pessoas?*

“Poderíamos resgatá-los,” disse Lance.

“Vocês fariam isso?!” A mulher que ele nunca havia visto pessoalmente chegou bem perto da câmera, embora parecesse estranhamente neutra. Parecia que ela havia traçado uma fronteira entre palavras e emoções. Tinha que ser o choque.

“O *Endeavour* está plenamente abastecido para o caso de retorno de emergência à Terra. Poderíamos voar até vocês, transferir combustível suficiente para a desaceleração e depois trazer parte da sua tripulação para a superfície.”

“Isso estaria quase fora de nossas possibilidades,” disse Mike. Lance suspeitou que o comandante não gostou da ideia. De alguma forma, ele não parecia satisfeito com esta solução.

“Nós demos uma esvaziada aqui ontem,” acrescentou Lance. “Se colocarmos mais cinco pessoas a bordo, isso representará apenas cerca de um terço do peso normal de pouso.”

“Temos que ter certeza sobre os cálculos,” Mike murmurou com os dentes cerrados.

“Claro, seremos cuidadosos,” disse Lance.

“O *Endeavour* não será tão fácil de manobrar com eles a bordo,” observou Mike.

“Sharon cuidará disso, certo?” Lance olhou para sua colega brasileira.

“Com certeza!” Disse ela, com um sorriso confiante.

“Vocês deveriam manter a maior parte do combustível necessário para o seu próprio pouso,” interrompeu Ewa. “Mesmo que não consigamos completar a missão com este módulo, ao menos poderemos salvar cinco dos nossos.”

Lance assentiu. Eles não podiam negar essa assistência. Isso teria

ramificações legais.

“Bom. Verifique o que deu errado com o motor defeituoso. O plano só funcionará se vocês conseguirem desacelerar o segundo módulo. Enquanto isso, faremos os nossos cálculos. Mike, apago!”

O rosto de Ewa desapareceu. O monitor mais uma vez exibia seu plano de fundo padrão, uma montanha coberta de neve na Terra. Mike o tocou com o dedo.

“Se tivermos algum problema,” disse ele, “você acaba de doar a nossa passagem de volta para casa. Você está bem ciente disso, Lance? Esses malucos podem pensar o contrário, mas quero voltar para a Terra. De jeito nenhum eu quero desperdiçar o resto dos meus dias neste planeta esquecido por Deus.”

Lance nunca tinha visto Mike tão chateado ou tão determinado.

“Você não precisará passar por isso,” replicou Lance. “Serão necessárias mais oito semanas para produzirmos hidrogênio e oxigênio suficientes, a partir dos nossos fornecimentos, para a viagem de regresso. Poderíamos encher os tanques do *Endeavour* três vezes e ainda assim cumprir o cronograma.”

“Então, tudo que posso fazer é esperar que você esteja certo, Lance.”



24 de Maio de 2042, Santa Maria

EWA OLHOU À SUA VOLTA, vítima do pânico. Tinha acabado de acordar, mas não fazia ideia de quem era ou onde estava. Como será que ela havia acabado neste caos? Seus olhos pousaram em um pedaço de papel amarelo colado na parede, na altura de sua cabeça.

‘Espere 30 segundos’ estava escrito com sua própria caligrafia. Ela respirou fundo e soltou o ar. Então tudo voltou ao lugar. Havia experimentado outro daqueles estranhos estados de fuga. Nunca duravam mais de um minuto. E eram aterrorizantes, visto que sua mente ficava completamente vazia durante eles. Ela sofria de ataques epiléticos desde a puberdade. Seus pais, ambos militares, tinham providenciado uma cirurgia para ela em um hospital militar, quando ainda tinha dezessete anos. Disseram que era um tipo totalmente novo de terapia. Desde então, ela não havia tido uma única convulsão. No entanto, os apagões tinham começado havia três anos e recentemente tinham se tornado mais frequentes. Teria algo a ver com sua epilepsia?

Ewa afastou se livrou desses pensamentos. Ela teria coisas para fazer.



“THEO, GOSTARIA QUE VOCÊ VIESSE COMIGO.”

Ewa apontou para o homem de cabelos escuros e sem camisa sentado à sua frente. Ela sabia que Theo era alemão, mas ele tinha o mesmo sobrenome que ela e vinha de Berlim. Era tatuado, usava brincos e estava sentado no centro dos treze tripulantes restantes. Ewa não tinha ideia do motivo pelo qual isso aconteceu, mas logo após a catástrofe, de repente todos começaram a fazer o que ela sugeria. Tinha sido ideia dela entrar em contato com a tripulação da NASA, na base de Marte, para obter ajuda. Mas também tinha sido o próximo passo lógico, considerando que, antes de sua morte, Chuck havia contado a ela sobre o pedido de ajuda que havia enviado para lá. Ela havia decidido não contar aos demais sobre o contato não autorizado de Chuck. Não importava mais, por assim dizer. O comandante estava morto e eles não tinham opções quando se tratava de entrar na órbita

de Marte. Todos tinham concordado que ela deveria entrar em contato com a base.

O resultado acabou sendo que os demais estavam agora sentados à sua frente, como se ela tivesse algum status especial. Na verdade, isso a fazia se sentir desconfortável. Ela não queria que ninguém prestasse atenção em cada palavra dela. Ellen e Nancy, as duas tripulantes mais jovens, pareciam considerá-la agora uma irmã mais velha. Ela examinou os rostos mais uma vez para avaliar sua decisão. Cinco homens flutuavam por ali em várias posições. Andy não estava ali porque Gabriella, a médica, havia dito para ele dormir um pouco devido a problemas circulatórios. Além disso, havia oito mulheres. O que havia sido o equilíbrio de gênero ideal no momento de seu lançamento estava agora obviamente deformado. As mulheres estavam em vantagem. Será que isso mudaria o caráter da jornada? Ewa não sabia.

“Quando partimos?” Theo perguntou.

Sim, ele havia sido uma boa escolha, mesmo que tenha sido não mais que intuitiva. O alemão parecia bastante engenhoso. Antes ela não tinha prestado muita atenção nele, embora fosse difícil ignorá-lo, devido às inúmeras tatuagens que gostava de exibir.

Ela realmente seria a pessoa ideal para sair agora? Provavelmente, caso contrário não pareceria o próximo passo natural. Ewa se lembrou do momento em que saiu do módulo de comando pela escotilha. Qual foi a última coisa que havia visto e ouvido? Chuck estava explicando alguma coisa e ela acabou dizendo algo como, ‘Até mais!’ Ela honraria essa promessa, mesmo que isso a amedrontasse. Ela sentiu um nó na garganta ao pensar em Chuck. Ela nunca o havia imaginado morrendo. E para que serviu tudo isso, afinal?

“Sinto muito, Gabriella, mas precisamos de Andy,” disse Ewa.

Andy—Andrej—era o melhor engenheiro de informação da tripulação. Se alguém soubesse como poderia coletar os dados, esse seria ele.

“Eu vou buscá-lo,” replicou a médica italiana, flutuando em direção à parede. Seu cabelo esvoaçante se espalhava atrás dela.

Ewa ficou observando, enquanto a médica abria um dos sacos de dormir. Ewa nem suspeitava que havia alguém dentro dele, considerando o quão plano parecia. Gabriella cautelosamente tirou os fones de ouvido do ocupante e o acordou.

“Não se preocupe, Andy,” disse ela, enquanto acariciava suavemente suas bochechas.

“Está acontecendo alguma coisa?”

“Precisamos de você agora. Sinto muito. Depois você poderá descansar um pouco mais.”

“Ufa, já estou me sentindo melhor. O que você precisa?” Ele

perguntou.

“Ewa explicará melhor.”

Os dois voltaram ao grupo.

“Aqui estamos,” disse Gabriella.

“Precisamos obter os dados do motor, Andy,” disse Ewa. “Espero que possamos encontrá-los no módulo danificado.”

“Esse seria o único lugar, se é que existam. Os dois módulos estão em sistemas autônomos—assim como a barriga da nave,” replicou Andy. Ele parecia exausto e pálido. Era assim que Ewa imaginava a aparência da maioria dos hackers. Seu nariz pontudo lançava uma sombra sobre o rosto.

“Se é que existam?!”

“Os computadores podem ter sido destruídos durante o incidente. Eu não ficaria surpreso se fosse esse o caso.”

“E o que isso significa para nós?”

“Você poderia tentar iniciá-los. Se não der certo, você terá que me trazer as placas de memória.”

“Quais?”

“Todas elas, idealmente. Vai demorar um pouco até conseguirmos novos suprimentos, então teremos que usar qualquer peça de reposição funcional que pudermos conseguir.”

“É bom saber, obrigada. Vamos pegar tudo o que pudermos reunir.”

“Posso ir me deitar agora?”

“Por uma hora, até terminarmos o processo de pré-respiração. Então você deverá estar pronto para nos ajudar a inicializar o computador. Talvez tenhamos sorte e ele funcionará.”

“Claro. Até mais.”

Andy se virou e voltou para seu saco de dormir. Como alguém poderia ser tão magro? E, todavia, havia passado nos exames atléticos com louvor, melhor que a maioria dos outros dez mil candidatos. Ela não deveria se deixar enganar pela aparência dele.



EWA DESCEU DA bicicleta encharcada de suor. Ellen estendeu a parte inferior do traje espacial para que Ewa pudesse entrar nele com mais facilidade.

“Vocês deveriam descansar um pouco,” disse a médica.

“Eu sei, mas assim tudo demoraria mais ainda. Precisamos saber agora o que causou o acidente.”

“É por isso que estou permitindo que interrompam o processo de pré-respiração mais cedo.”

Como médica da nave, a italiano era agora a oficial de mais alta

patente. Isso fazia com que Ewa se lembrasse de que ainda precisavam resolver o problema do comandante... mas não até que ela tivesse prestado suas últimas homenagens a Chuck. Ela esticou os braços enquanto o Torso Superior Duro, ou *Hard Upper Torso*, conhecido como HUT, se deslizava sobre ela. As outras expedições a Marte estavam utilizando trajes mais modernos, mas a organização MpT tinha sido forçada a seguir o caminho mais econômico.

Os antigos modelos russos tinham a vantagem de que podiam ser reparados com os suprimentos que a tripulação tinha a bordo. Contudo, os trajes causavam bastante dificuldade aos movimentos. Ewa verificou os instrumentos em sua mochila técnica. Tudo estava funcionando. Colocou o capacete e começou a respirar o ar fornecido pelo sistema de suporte à vida.

Cheirava surpreendentemente bem por dentro. Visto que ela agora estava vestida com um traje que havia sido suado inúmeras vezes—e provavelmente também vomitado pelo menos duas ou três vezes—o cheiro do lado de fora do traje era abominável para um recém-chegado. Entretanto, eles viviam assim havia meses. Era surpreendente a rapidez com que uma pessoa poderia se acostumar com esse tipo de coisas.

“Está tudo bem, Theo?” Ela perguntou pelo rádio.

O alemão se virou e sorriu. Obviamente havia ouvido cada palavra que ela disse. Theo era cerca de vinte centímetros mais alto que ela. Ele flutuou na frente dela em direção à câmara de descompressão. Embora fosse bastante magro, agora parecia mais o mascote inflável *Michelin*, do qual se lembravam de fotos antigas.

A câmara de descompressão estava localizada no segundo módulo Dragon, na extremidade inferior da nave. De fato, teria sido mais conveniente sair direto da barriga, ou ventre, da nave. Ainda assim, não havia se provado viável inserir uma câmara de descompressão hermética nesse compartimento.

“Somos só nós dois,” disse Ewa suavemente.

Ela não queria assustar os animais, por isso deixou Theo assumir a liderança, enquanto fechava a escotilha entre o módulo e a nave. Theo já estava destravando a câmara de descompressão.

“Quer ir na frente?” Ele perguntou.

“Iremos juntos. Será mais fácil para os animais.”

“Como você quiser.”

Ewa bloqueou a porta da câmara de descompressão para que nenhum animal pudesse entrar. Theo rastejou na frente e ela seguiu logo atrás dele, fechando a porta atrás de si.

“Tudo limpo?” Theo perguntou.

Ela olhou ao redor. Não havia animais clandestinos na câmara, que era muito apertada. Ela mal conseguia se mover sem esbarrar em

Theo.

“Vamos em frente,” disse ela.

A câmara estava cheia de um barulho sibilante. Enquanto Theo liberava o ar, Ewa verificou as leituras de seu próprio traje. Tudo estava em ordem.

“Pronto,” disse Theo.

“Então vamos dar uma olhada.”

A pedido dela, ele abriu a porta externa com a ajuda de uma manivela. “Está um pouco emperrado,” disse ele. “Aposto que já faz muito tempo desde que alguém tenha usado este acesso traseiro.”

A porta se abriu para a escuridão do próximo ambiente. Ewa pensou sentir uma leve corrente de ar, mas isso era impossível. Algo dentro dela se sentia atraído ao local onde o desastre havia acontecido. Ela não deveria estar com medo?

“Eu irei na frente,” disse Theo.

“Essa é a ideia, desde sempre,” ela deixou claro.

O alemão passou as pernas para fora e então se prendeu ao cabo-guia que circundava o módulo Dragon. Depois disso, projetou o restante do corpo para fora da abertura. Ewa o seguiu, prendendo-se imediatamente ao cabo de segurança. Ela estava prestes a sair da câmara de descompressão quando Marte apareceu em sua linha de visão. Ela não se moveu, aguardando que a imagem ficasse gravada em sua memória. Ainda conseguia se lembrar de como havia se mostrado a Terra quando estavam saindo de sua órbita. Marte era completamente diferente. Parecia tão grande quanto a lua no céu noturno. Apenas metade dele estava iluminado pelo sol, e essa metade estava coberta de manchas marrom-avermelhadas. O outro lado estava escuro, mas não completamente preto. Era bastante evidente que se tratava de uma esfera à sua frente e não de um disco. Este não era um cenário, era a dura realidade. Logo chegariam a um novo planeta.

“Você está vendo?” Ela perguntou.

“Sim, incrível. Quase conseguimos.”

Ewa olhou para cima e depois para os pés. Precisava gerar um horizonte artificial, uma linha contra a qual pudesse se orientar. Caso contrário, perderia o equilíbrio. Theo estava ao lado dela, a dois passos de distância. Parecia que ele estava inclinado para o lado, prestes a tombar. Este efeito era resultado do formato redondo do módulo.

“Temos que chegar ali,” disse Ewa, apontando para a rampa logo à frente deles. Era o conector central, em forma de balão, de *Santa Maria*. A proa estava localizada do outro lado, e era aqui que encontrariam o módulo danificado.

“O cabo-guia da travessia deve estar em algum lugar por aqui,” disse Theo.

Durante a fase de construção, os fabricantes haviam suspeitado que eventualmente alguém precisaria passar por aqui, então passaram um cabo super reforçado entre a proa e a popa, ao longo do qual os astronautas poderiam se deslocar, impulsionados pelas mãos.

“Você vai para a esquerda, eu vou para a direita,” disse Ewa.

Seguiram caminhos separados e procuraram o novo cabo com as lâmpadas dos capacetes.

“Encontrei!” Theo bradou.

Ewa desceu do módulo até a posição dele. As botas magnéticas eram realmente muito práticas. Descer pela superfície metálica do módulo quase parecia uma caminhada na Terra.

“Vou me enganchar,” disse ele.

Ele se inclinou, liberou o mosquetão de seu cabo de segurança do cabo-guia do módulo e o conectou ao cabo-guia da travessia. Então se empurrou e flutuou lentamente pela inclinação. Ewa fez a mesma coisa. No entanto, ela não queria flutuar até o topo. Tentou caminhar ao longo do casco do balão, encurtando o comprimento de seu cabo de segurança para ficar perto da nave. Seus pés roçavam em um material que parecia uma capa de anoraque. Mas não havia nada de suave nisso. Ela deveria ter esperado algo assim, mas ainda estava um pouco desapontada porque havia imaginado que seria algo como andar em uma piscina de bolinhas. Pelo menos ela estava cobrindo a distância rapidamente.

Ela levou apenas um minuto para chegar ao topo da rampa. Ewa ajustou sua lâmpada para iluminar o módulo danificado que estava situado abaixo dela. Só conseguia distinguir algumas sombras vagas. Seria a silhueta de uma pessoa? Sentiu um calafrio, mas se livrou da sensação. Não poderia ser uma pessoa. A sombra era grande demais para isso. Eles teriam que se aproximar. Ewa avançou lentamente, mantendo o cabo sob tensão. Pelo menos havia algo em que se agarrar.

Parou a dois metros do módulo. Theo se juntou a ela. A portinhola brilhava sob a luz da lâmpada. Parecia que uma lágrima havia brotado ali. Ewa foi subitamente tomada por uma onda de tristeza, como se houvesse um animal ferido à sua frente. Devia ser o estresse falando mais alto. Ela sacudiu a cabeça e deu um passo à frente.

Não conseguiram observar a verdadeira extensão dos danos ao módulo até que se posicionaram bem na frente dele. O módulo tinha o formato de uma lata bem amassada e sua base estava sanfonada, como se um gigante tivesse empurrado o dedo pela parte traseira. Ewa sentia como se algo tivesse tentado *violar* o navio. Lágrimas se acumularam em seus olhos. Não. Não havia tempo para isso agora.

“O motor deve ter ligado sozinho,” declarou Theo, com a voz soando inconsolada.

“Talvez,” ela disse.

“Vou dar uma olhada mais de perto,” replicou ele.

Uma boa ideia. Ele conhecia os motores melhor que ela. Então ela se deu conta de que havia algo que esteve omitindo—para recuperar os dados, eles teriam que entrar no módulo. Ela teria preferido fazer a avaliação do motor. O casco do módulo estava rasgado na base, o que havia provocado a perda de ar. No entanto, uma pessoa não conseguia passar pelo talho.

“Vou tentar a câmara de descompressão,” disse Ewa.

“Tudo bem. Basta chamar se precisar de mim,” replicou Theo.

Gostaria que você assumisse este trabalho, pensou Ewa. Imaginar algo era bem diferente de fazer algo. Na verdade, ter que testemunhar isso pessoalmente poderia exceder suas habilidades. Mesmo assim ela não disse nada.

“Andy, você está aí?” Ela perguntou pelo rádio.

“Sim, feliz feito pinto no lixo.”

Era bom ouvir a voz dele. Ele era tão... vivo.

“Vou entrar agora.”

“Div...” Andy vacilou. Provavelmente estava prestes a dizer, ‘Divirta-se,’ mas se conteve. “Boa sorte!” Disse em vez disso.

Ewa já estava abrindo a escotilha. A porta se moveu em sua direção. Ainda havia ar na câmara! Qualquer um que tivesse conseguido chegar aqui certamente teria sobrevivido. Mas já era tarde demais. Ela deixou a escotilha aberta. A porta interna destrancou facilmente. Se ainda houvesse ar no módulo ela receberia um aviso, e mesmo que faltasse energia ao módulo, a porta permaneceria trancada por motivos de segurança.

Mas isso não aconteceu. O universo estava atrás dela e na frente dela. Ewa flutuou pela escotilha aberta até o módulo de comando. Ali estavam eles, os três. Encontravam-se caídos no piso, que em sua última visita havia sido ainda o teto. Chuck, Henrik e Piotr, seus corpos estranhamente retorcidos. Ewa teve que desviar os olhos, enquanto se engasgava com a bile na garganta.

“Vocês conseguem ver isto?” Ela perguntou. Acabava de se dar conta de que os demais poderiam observar o que estava acontecendo ao seu redor, através da câmera de seu capacete.

“Sim,” murmurou Gabriella.

“Você precisa de algum tipo de diagnóstico de minha parte, Gabriella? Hora oficial da morte ou algo parecido?”

“Não, Ewa, eles se asfixiaram. Isso é óbvio.”

Ewa olhou novamente para os três corpos. Havia imaginado a morte no vácuo como algo mais horrível. Olhos estourados e outras coisas, mas não tinha nada parecido aqui. Ewa desejou poder dizer que pareciam estar em paz, mas isso não era verdade. Eles não

pareciam pacíficos, era como se tivessem lutado até o fim.

“Ewa? Shankar e Asha ainda estão desaparecidos.”

Os dois técnicos. Um casal. Ambos tinham vindo do subcontinente indiano e se conheceram durante o treinamento. Desde então eles eram inseparáveis, onde quer que estivessem. No momento do acidente, estavam tentando ligar o motor. Ewa estudou o piso circular. Ela avistou o grande talho que o motor deve ter criado, fazendo com que o módulo perdesse rapidamente todo o ar.

A casa das máquinas se encontrava logo abaixo deste piso. Shankar e Asha provavelmente haviam morrido antes dos três homens aqui em cima. Ela procurou pela escotilha de acesso, que estava parcialmente coberta pelo corpo de Chuck. Teve que empurrá-lo um pouco para o lado, o que exigiu um esforço considerável de sua parte, mas ela teria que fazê-lo. Ewa se assustou quando a mão dele se moveu de repente. Isso teria que ser causado por algum tipo de tensão que estava se acumulando à medida que o rigor mortis se instalava.

Ela abriu a escotilha. O espaço abaixo era minúsculo. Será que os dois técnicos teriam realmente conseguido se acomodar aqui? Mas então ela os viu. Estavam envoltos nos braços um do outro. Teria sido emocionante se não fosse tão incrivelmente triste. Ela se pegou imaginando a conversa deles antes de terem descido até aqui. *'Você ou eu?! Eu vou fazer isso. Não, pode deixar que eu faço. Tudo bem, vamos fazer isso juntos, então. É apertado, mas vamos dar um jeito.'* Ewa desligou o microfone por um momento. Ninguém precisava ouvi-la fungando ou engolindo ar profundamente. Quando se controlou novamente, reativou o microfone.

“Eles também estão mortos. Vocês podem observar.”

“Obrigada, Ewa,” disse Gabriella. “Isso é o suficiente para o relatório. Todos nós vimos e somos testemunhas.”

“Devíamos prestar as nossas últimas homenagens,” disse Ewa.

“Faremos isso mais tarde. Primeiro, precisamos dos dados,” foi o que disse Gabriella.

“Tudo bem,” disse Ewa. Ela se levantou lentamente. Depois de tirar a poeira imaginária dos joelhos, fechou a escotilha.

Os consoles de computador estavam pendurados no teto. Ewa teve que se reorientar. Fechou os olhos e imaginou sua última visita aqui. Em sua mente, o teto voltou a ser o piso. Ativou seu propulsor angular e girou lentamente 180 graus. Abriu os olhos novamente. O computador agora estava embaixo dela. *Não consigo olhar para cima*, ela pensou. *Se eu fizer isso, os corpos cairão sobre mim*. Era uma situação insana, então os pensamentos malucos seriam esperados. Ela se impulsionou até os computadores com algumas braçadas.

“Andy, você está aí? Você pode ver isso?”

“Sim, parece que acabou a energia.”

“Mas de onde vem a luz do módulo?”

“As luzes ao longo das paredes têm suas próprias reservas.”

“Entendido,” disse ela. “O que devo fazer?”

“Está vendo o interruptor verde ali na frente? Vire-o para frente e depois para trás.”

Ela seguiu as instruções, mas nada aconteceu.

“Ok,” disse Andy. “O computador não está respondendo. Não há muito mais que você possa fazer. Ou você tem um gerador de emergência aí?”

“Eu poderia tentar desviar a energia da mochila presa ao meu traje.”

“Isso não duraria muito. Traga-me as placas de memória.”

“Se você puder me dizer...”

“Você poderá acessar tudo logo abaixo do console,” disse Andy, interrompendo-a. “Bem aí você verá algumas finas lâminas de estanho. Você precisa dobrá-las para frente e retirá-las.”

Ewa se ajoelhou. As placas de memória eram protegidas por lâminas metálicas suspensas, em ranhuras na parte superior e inferior. Ela precisava de uma ferramenta. Ewa enfiou a mão na mochila do traje. Seus dedos roçaram uma chave de fenda. Isso deveria funcionar. Empurrou a lâmina ao longo da borda inferior entre a ranhura e o metal e empurrou o cabo para baixo. Através deste efeito de alavanca, a lata fina primeiro se avolumou e depois saiu do trilho, permitindo que ela a removesse.

“Bom trabalho,” disse Andy.

Ewa ficou surpresa com isso, mas então se lembrou da câmera do capacete e se recompôs. “E agora?”

“Está vendo as placas? Estão em três fileiras de doze.”

“De quais você precisa?”

“Todas elas, se possível. Não sei quando terei acesso novamente a tantas peças de reposição de uma só vez.”

“Sério?! Devo deixar os nossos amigos jogados aqui, enquanto pego peças de reposição para você?”

“Perdoe-me. Não foi isso que eu quis dizer. A memória fica nas três placas da direita, na fileira superior.”

Ela tocou a primeira dessas placas com a luva. “Você quer dizer isso?”

“Sim, exatamente.”

Antes de sair do módulo do zoológico, Ewa havia prendido uma sacola ao cinto de ferramentas. Agora ela extraía cuidadosamente as placas e as colocava dentro dessa sacola. “Espero que sobrevivam ao transporte,” disse ela.

“Já estão bem adaptadas ao espaço,” respondeu Andy. “Sem problemas.”

Ewa ignorou a tentação de atirar a sacola com as placas de memória contra a parede. *Que bem isso faria? Isso apenas daria a Andy outras ideias estúpidas.* “Theo, como está indo o seu progresso?” Ela perguntou.

“Fiz o que deveria fazer com o motor. Estava prestes a perguntar se deveria me juntar a você.”

Ele certamente já estava fora da câmara de descompressão, esperando. Mas ela podia entender sua hesitação. Ela desejou poder ter se poupado de ver tudo isso. Ewa pegou a sacola e flutuou em direção à câmara de descompressão.

Antes de partir, havia uma coisa que ainda precisava fazer. Ela olhou para o teto. Parecia que Chuck, Henrik e Piotr estavam acenando para ela. Fechou os olhos e se retirou do módulo danificado.

●

“TERMINEI,” Andy gritou. Ele estava saindo do saco de dormir, para onde tinha se retirado para avaliar os dados.

“Isso levou apenas duas horas,” comentou Theo.

Eles estavam reunidos no centro do módulo—Andy, Theo, Gabriella e Ewa no meio, e os demais agrupados ao redor deles.

“O que conseguimos?” Quis saber Ewa.

“A análise do motor não revelou muito. É claro que teve uma sobrecarga brusca em algum momento. A ruptura no casco foi uma fratura por fadiga. O material já havia sido submetido a um grande número de estados acelerados. Demasiados!”

“Então, se o motor tivesse funcionado normalmente, nada teria acontecido?”

“Esse parece ser o caso,” disse Theo.

“Então isso foi causado por uma combinação de falha humana e deficiência material relacionada à nossa necessidade de cortar custos financeiros?!”

“Não, Ewa,” Andy a interrompeu. “Se por ‘falha humana’ você quer dizer Shankar e Asha... não!”

“Sim, era nisso que eu estava pensando.”

“Os técnicos não puderam fazer nada a respeito. Obviamente foi um erro de software. O software de navegação falhou. Ou, para ser mais exato: reagiu muito lentamente.”

“Um programa poderia ficar muito lento?” Gabriella ficou curiosa.

“É como quando você toma banho; às vezes aumenta a temperatura da água, mas parece que nada acontece. E então, de repente, você está sendo escaldada?”

“Sim, isso acontece comigo o tempo todo,” admitiu Gabriella.

“Foi o que aconteceu com o software de navegação. Presumo que a

consistência do combustível tenha sido ligeiramente alterada de alguma forma. A taxa de fluxo era diferente. O programa deu mais gasolina ao motor para tentar equalizar os níveis. E então o motor nos escaldou,” explicou Andy.

“Isso parece plausível,” disse Ewa. “Acho que podemos trabalhar com essa hipótese.” Ela estava feliz por Andy ter encontrado a analogia perfeita.

“Posso alterar o programa no outro módulo,” acrescentou Andy. “Tenho certeza de que você estava prestes a sugerir isso.”

“Obrigada, Andy,” replicou Ewa. “Nossa próxima tarefa é cuidar de nossos mortos, proporcionando a eles uma despedida adequada. E temos que conversar com o pessoal da base de Marte. Você poderia cuidar disso, Theo?”

O alemão assentiu.

Ketut falou. “Gostaria de cuidar da cerimônia de Shankar e Asha,” disse ele. “Eles eram hindus, como eu, então há algumas coisas especiais para providenciar.”

“Isso seria ótimo, Ketut. Muito obrigada. Leve quantas pessoas precisar para ajudá-lo.”

Parecia como se uma pedra estivesse sendo arrancada do coração de Ewa. Ela estava com medo de ver os corpos novamente em seu estado indefeso. Então se deu conta de que sua bexiga estava tentando chamar sua atenção havia horas. Simplesmente não tinha conseguido algo de privacidade em momento algum.

“Voltarei em alguns minutos,” disse ela, descendo para o nível inferior do módulo.

Os banheiros ficavam localizados no canto posterior do módulo. Ela fechou a cortina em volta de si e tratou de se ancorar. Então segurou o tubo de sucção entre as pernas. Estava começando a sentir alívio, quando alguém tocou seu ombro. Será que nunca poderia haver um minuto íntimo por aqui?

“Com licença, Ewa, mas é importante.”

“O que pode ser tão importante, Andy, para que precise me incomodar justo agora?”

“Aquele erro de software,” disse Andy. “O que eu disse não era bem verdade.”

“Você entendeu mal alguma coisa? Isso acontece.”

“Não, eu o fiz deliberadamente. No outro módulo, totalmente idêntico ao de comando em termos de sistemas técnicos, o software está funcionando perfeitamente.”

“Mas isso é uma coisa boa, certo?”

“Não! Ele estava funcionando perfeitamente antes de eu examiná-lo.”

“O que você está querendo me dizer?”

“Que alguém pode ter adulterado o software do módulo de comando. Seria altamente irregular que existissem dois módulos idênticos e que apenas um deles apresentasse um erro de programa.”

“Você está falando sobre sabotagem?!”

“Sim, é assim que as pessoas chamam esta situação. Alguém não queria que chegássemos a Marte.”

Ewa se sentiu aquecer. Se Andy estivesse certo, provavelmente eles teriam um inimigo a bordo, um assassino. Teriam que manter isso em segredo. “Mas ainda pode ter sido um acidente,” disse ela, melancolicamente.

“Sim, é por isso que não disse nada antes. Teria causado muita turbulência.”

“Você está certo, Andy. Todos suspeitariam de todos.”

“Precisamente. Mas eu queria que você soubesse. Você é quem sabe melhor o que está acontecendo por aqui.”

“Por que eu? Foi só uma coincidência eu ter ido ali buscar as placas de memória. E não se esqueça, saí do módulo logo antes do acidente, como se soubesse o que iria acontecer.”

“Você não é tão insensível, Ewa.”

Não, não sou, infelizmente para mim, pensou Ewa. A visão dos corpos a havia perturbado muito. Ela balançou a cabeça. “Você não me conhece,” disse ela.

“Conheço o suficiente. É por isso que vou sugerir que você seja nomeada a nova comandante amanhã.”

“Eu?! Você está maluco.” A sugestão de Andy foi lisonjeira, apesar de tudo o que havia acontecido. E o cargo abriria possibilidades que antes haviam permanecido fechadas para ela.

“É verdade, caso contrário eu nem estaria aqui. De todos nós, malucos, você é a mais sensata. É por isso que você seria a comandante perfeita. Não, a *único possível*.”

“Não sei o que pensar,” disse ela.

Andy saiu e Ewa fechou os olhos, tentando relaxar o suficiente para terminar de esvaziar a bexiga. Nunca havia cobiçado o status de comando. Encostou-se na parede e chorou, enquanto sua urina começou a fluir.



Sol 5, base da NASA

“MEU NOME É THEO KOWALSKI.”

Lance ficou desapontado. Esperava ver a loira novamente, mas ela não estava na tela. Em vez disso, estava diante de um homem de cabelos escuros, brincos e sotaque forte.

“Lance Leber. Sou o responsável pelos detalhes deste passeio de táxi, ou seja lá o que for,” respondeu ele.

“Determinamos a causa da explosão.”

Pelo menos o cara não estava fazendo rodeios. Seu sotaque indicava que era alemão, embora seu nome soasse do Leste Europeu.

“E aí?”

“Um erro de software levou a uma fratura por fadiga. Fizemos as correções necessárias.”

Que típico. Raramente as catástrofes eram provocadas por uma única causa. Os mecanismos de segurança se encarregavam disso. Durante o treinamento, eles haviam analisado os acidentes mais trágicos do passado—Chernobyl, a explosão do *Challenger*, o colapso da Torre Eiffel, o desastre do módulo lunar e assim por diante. Esses eram sempre eventos únicos, visto que as pessoas tinham demonstrado ser surpreendentemente ensináveis. Contudo, a capacidade caprichosa do universo de inventar novas catástrofes parecia ilimitada. Você não poderia ser engenheiro sem reconhecer essa realidade.

“Isso parece razoável,” disse Lance. “O módulo não foi suficientemente testado antes do lançamento.” *Eu não deveria ter dito isso*, ele pensou. Era tarde demais para que isso importasse.

“O orçamento,” Theo respondeu revirando os olhos. “No entanto, nada teria acontecido se o erro de software não tivesse ocorrido. É por isso que presumo que seremos capazes de desacelerar o suficiente para entrar em órbita, se recebermos o combustível.”

“Isso deve acontecer como planejado. Nossa nave já está sendo preparada para o lançamento. Estimo que poderemos decolar em três horas. Só precisamos das coordenadas precisas do seu curso para que possamos calcular a rota de interceptação com maior eficiência de combustível. Se necessário, podemos adiar o nosso lançamento.”

“VOCÊ VEM?” Perguntou Sharon.

Lance posicionou o tablet sobre a cama estreita. Sua namorada sorria para ele. Tinha acabado de fazer dela sua foto de fundo, pois percebia que aos poucos a estava esquecendo. Como isso seria possível? Eles trocavam mensagens de vídeo diariamente, contando suas atividades diárias, mas pareciam estar se distanciando cada vez mais. E, ainda assim, não eram os milhões de quilômetros que criavam a distância, e sim o tempo que passavam com outras pessoas. Será que ele a reconheceria quando voltasse? Estiveram tão certos de que...

Encolhendo os ombros, ele se levantou para acompanhar a piloto. Ao sair, seu olhar voltou para a tela.

Sharon seguiu os olhos dele. “Sua namorada?”

Ele assentiu.

“Ela parece legal.”

“Ela é.”

“Há quanto tempo vocês estão juntos?”

Lance estava prestes a dizer *dois anos*, quando percebeu que essa era uma questão complicada. Nos últimos seis meses, eles realmente estiveram ‘juntos?’ E antes disso, durante o treinamento, quando esteve fora várias vezes por até duas semanas? “Não tenho certeza de como responder a isso,” disse ele.

Sharon parou de andar e olhou para ele. “A tristeza de Marte?”

“Acho que sim.”

Ela repousou o braço levemente sobre os ombros dele. Sharon era dois anos mais nova que ele, mas nesse instante parecia absolutamente maternal. “É inevitável que vocês se distanciem. E quando você voltar, não será mais como era. Ambos terão mudado. Todavia, pode ser ainda melhor do que era,” disse ela.

“Como você pode saber disso?”

Sharon sorriu. “Passei seis meses como meteorologista em uma estação de pesquisa na Antártica. Eu poderia falar ao telefone com o meu marido de vez em quando, mas era só isso.”

“E depois que voltou, viveram felizes de novo?”

“Decidimos nos divorciar. Depois de seis meses no frio, percebi que o meu colega de universidade, que supervisionava o meu trabalho, entendia o meu mundo muito melhor que o meu próprio marido.”

“Ah, não era exatamente isso que eu queria ouvir,” disse Lance.

Sharon deu um soco de leve no braço dele. “Isso não é culpa minha, meu bom homem. Mas a moral da história é—depois disso, eu estava melhor. Aprendi algumas coisas sobre mim e minhas necessidades.”

“Não posso processar isso agora. Eu só quero aquilo que imagino ser a realidade. Seu colega da universidade... o que aconteceu com ele?”

“Você está perguntando se estamos juntos? Não, ele era casado e queria continuar assim. Eu tive que aceitar isso. Essa foi a única razão pela qual me inscrevi para a missão a Marte. E agora estou aqui. De um bairro pobre, sob o Pão de Açúcar, até a primeira base da humanidade em Marte. Isso é incrível, não é?”

Lance teve que concordar. Era fantástico. Ele olhou uma última vez para o tablet, mas a tela já estava preta.



ERA APENAS UMA curta viagem até o *Endeavour*. Sharon preferiu dirigir o Rover, em vez de deixar o trabalho no piloto automático. Lance a observava do banco do passageiro. Estavam sozinhos. Sarah havia se oferecido para levá-los à nave, mas nem ele nem Sharon aceitaram a oferta. Isso apenas tornaria suas despedidas mais desconfortáveis. Isso não era nada significativo, na verdade, puramente rotineiro. Eles entrariam em órbita, transfeririam um pouco de carga e retornariam à superfície.

O passo final, o pouso, seria o mais traiçoeiro, mas mesmo isso já havia sido praticado milhares de vezes. Era nesta área que a NASA realmente havia lucrado com as empresas privadas, especialmente a SpaceX e a Blue Origin. Por razões de custo, eles tinham aperfeiçoado o procedimento de pouso com vetor de empuxo. A velha prática de pousar um módulo no oceano não teria funcionado na superfície seca de Marte. Graças à atração gravitacional muito menor do planeta, no entanto, pousar suavemente na superfície, com a ajuda da capacidade de frenagem dos motores, era significativamente mais fácil que na Terra.

Era divertido observar Sharon dirigindo o Rover. Ela às vezes colocava a ponta da língua para fora do canto da boca. Parecia muito focada e muito calma, uma pessoa completamente diferente ao volante—calma e prudente em vez de espontânea e emotiva, como era sua norma. Com toda a honestidade, os pilotos não eram mais necessários, mas Lance se deu conta de que se sentia mais seguro com ela que com o piloto automático.

“Você também dirigiu um Rover no Polo Norte?” Ele perguntou, quando o silêncio ficou desconfortável.

“Na Antártica. No Polo *Sul*,” ela o corrigiu.

Ele mordeu a língua para abafar um comentário espertinho.

“Mas, sim. Não era tão diferente. Há mais do que apenas gelo lá embaixo. Existem regiões desérticas cheias de pedras e escombros, que são tão frias quanto aqui. A única diferença é que lá você pode respirar, pelo menos até que você se congele.”

“E no gelo permanente?”

“Essa é uma história completamente diferente. Já estou ansiosa para pesquisarmos a calota de gelo do Polo Norte de Marte.”

“Por quê?”

“Aqui, no deserto sempre presente, os problemas são apresentados pelas coisas que você pode observar. Veja aquela pedra, por exemplo. Não posso dizer quão grande é, mas o laser pode me dar esta informação, e então sei até onde terei que dirigir para contorná-la. No gelo, os obstáculos que apresentam o problema são aqueles que você não consegue ver. A Antártida é uma geleira gigante. Você pode encontrar cavernas de gelo com dez metros de profundidade que são cobertas apenas por uma fina camada de gelo. Mesmo que possa observar com o radar, você não tem ideia se a camada de gelo vai aguentar. Muitas vezes é preciso fazer longos desvios apenas para estar em segurança. E, às vezes, a sobreposição pode ser considerada muito espessa pelo radar, mas ainda assim frágil.”

“Parece emocionante e perigoso,” disse Lance.

“Absolutamente. Mas como você pode ver, ainda estou aqui. Tudo é possível.”

“Você me levará junto na próxima vez que for ao Polo Sul? Se você bater o Rover em uma caverna de gelo, posso consertar o veículo ou transformá-lo em um helicóptero.”

“Trato feito,” disse Sharon, sorrindo.



“AÍ ESTÁ. NÃO É LINDO?” Lance observou.

Tinham acabado de avistar o *Endeavour* no crepúsculo sombrio de um meio-dia de Marte. A nave se encontrava em uma área praticamente plana e sem obstáculos. Este local ponto havia sido selecionado como local de pouso ideal por exploradores robóticos, antes da chegada dos astronautas. O nariz do *Endeavour* apontava orgulhosamente para o céu. Suas linhas curvas pareciam femininas e os estabilizadores verticais nas laterais acrescentavam um toque de elegância.

O *Endeavour* estava posicionado sobre três pernas de apoio. Um tubo serpenteava entre suas pernas como se fosse um cordão umbilical, levando a uma estação de abastecimento totalmente automatizada que abastecia a nave com matéria nutricional cultivada em Marte. Isso incluía combustível para o motor—composto por oxigênio e hidrogênio—bem como oxigênio e água para o sistema de suporte à vida.

Sharon conduziu o Rover até bem próximo do foguete. Ela teve que estacionar em um ponto bem específico. Sinais acústicos indicavam a que distância ela estava dessa marca. Após três minutos

de pequenos ajustes, o sinal sonoro parou.

“Chegamos,” disse ela, embora ainda não fosse hora de sair.

Antes que Lance pudesse observar que estavam subindo, ele pôde sentir—estavam sendo levantados. Uma haste retrátil elevava a cabine pressurizada até o nível da escotilha de entrada do *Endeavour*. Balançava levemente, como se estivessem sendo conduzidos de elevador. Lance tentou ver a base desde esta posição atual, porém, ou não havia luz suficiente ou ela estava muito bem escondida, devido à sua posição no meio da superfície curva.

A piloto soltou o cinto de segurança, ouvindo um protesto de seu assento com um bipe irritante. Sharon o ignorou e pegou sua volumosa bolsa de viagem de couro.

Lance também se levantou. Tudo o que conduzia era um pequeno saco plástico no qual embalava uma cueca extra, uma escova com creme dental e um pente. *O que será que Sharon precisaria durante dois dias?* Um som agudo veio da parte de trás da cabine. Um tubo de formato oval se estendia agora do Rover até a câmara de descompressão do *Endeavour*.

Sharon apontou na direção do tubo e disse, “Está na hora.”

Nesse momento, uma luz intensamente verde acendeu, praticamente cegando Lance. “Certamente queriam que víssemos isso,” disse ele.

“Ninguém poderia ignorá-la,” concordou Sharon. Ela girou a roda da escotilha para a esquerda. “Vamos!”

Ela se prostrou de joelhos à entrada da escotilha e seguiu rastejando, empurrando a inseparável bolsa no processo. O túnel na frente deles era tão baixo que você não conseguiria passar por ele ainda que se agachasse. *Rastejar sobre as mãos e os joelhos por pouco mais de dois metros não é o fim do mundo*, pensou Lance. Ele entrou no tubo, fechou a escotilha atrás de si e seguiu a piloto.

Assim que chegou ao *Endeavour*, reconheceu imediatamente o cheiro familiar dos últimos seis meses. Ou faltava algo significativo em sua base recentemente habitada em Marte ou eles ainda não haviam passado tempo suficiente ali. De todas as formas, o cheiro aqui era completamente diferente. *Mais óleo de motor, menos gente*, determinava o mecânico em seu íntimo. Não havia esta imagem de manchas de óleo—nem mesmo o cheiro—em sua base. Poderia ser por causa do sistema de suporte de vida. O modelo da nave vinha da indústria de tecnologia espacial, enquanto a versão para a base de Marte havia sido projetada por um renomado fabricante de controles climáticos.

Lance deu uma olhada ao redor. Tinham deixado esta nave havia apenas cinco dias, mas ele sentia como se tivesse passado muito mais tempo que isso. A nave parecia ter sido abandonada semanas antes. Talvez isso se devesse à poeira acumulada nas superfícies horizontais.

Em ambientes sem gravidade, a poeira se juntava muito mais rapidamente em zonas de eletricidade estática—e não em mesas e prateleiras. Com a manga do traje, limpou a mesa que costumavam usar.

“Podemos faxinar mais tarde,” gritou Sharon do nível superior, onde ficava a ponte. Já estava sentada em seu assento de piloto.

Lance subiu a escada. A luz do teto estava apagada, mas a sala ainda estava iluminada, pois as muitas pequenas luzes no console forneciam iluminação suficiente. Lance sentia como se estivesse em um filme de ficção científica. Tudo o que faltava era Mike irradiando um holograma de si mesmo para a ponte. Em vez disso, ele fez contato à moda antiga, através de um dos monitores.

Sharon exibiu a imagem dele na tela do assento. “Estamos prontos,” disse ela. “Examinei as listas de verificação de lançamento com o piloto automático e estou apenas esperando pelo Lance.”

“Onde ele está?” Mike quis saber.

“Estava limpando a cozinha, mas acho que o ouvi chegando.”

“Arrá!” Disse Lance. “Você pode até rir, mas está muito empoeirado ali embaixo. E isso é o suficiente para trazer à tona o seu monstinho de limpeza interior.”

“Que seja,” disse Sharon. “Preciso de você para o procedimento de lançamento.”

“Primeiro você me queria na cozinha, mas agora precisa de mim aqui?”

“Vocês formam realmente uns amores de pessoas. Podem me dizer quando será a decolagem?” Mike os interrompeu.

“O que você disse, Mike? ‘Amores de pessoas?!’” Sharon ficou curiosa.

“Sim, ‘amores de pessoas.’ Algo mais?”

“O que isso quer dizer?”

“Vou explicar quando você voltar.”

“Ok, combinado!” Sharon concordou.



“T MENOS DEZ MINUTOS,” anunciou uma voz artificial.

Lance olhou rapidamente para o relógio. Passava pouco da uma da tarde. Seu colo estava coberto por uma pilha grossa de papéis antigos, nos quais ele lia uma pergunta após a outra.

Sharon verificou se os dados estavam dentro dos parâmetros aceitáveis. De vez em quando, chegavam relatórios dos subsistemas sobre coisas como a pressão no tanque de oxigênio, a velocidade do vento ou o ângulo em que o *Endeavour* estava na superfície. Mike havia calculado o tempo de lançamento de forma que chegariam ao

ponto de encontro com *Santa Maria* com o menor consumo de combustível possível. A nave do MpT havia sido desviada pela atração gravitacional de Marte e estava voando em órbita ao redor do Sol. Eles teriam que ficar ao lado *dela* o tempo suficiente para abastecê-la e trazer cinco tripulantes a bordo.

“Diga-me uma coisa. Se temos espaço suficiente, por que não trazemos todos eles conosco?” Lance perguntou.

“Porque eles nos pediram para trazer apenas cinco deles. Você ainda está preparando a lista?”

“GN&C?”

Sharon estudou dois monitores à sua esquerda. “Completo.”

“Mas... e se eles morrerem?”

“Não creio que eles queiram deixar para trás o que trouxeram junto. E está tudo bem. Como cuidaríamos de mais quinze pessoas?”

“Temos rações de emergência suficientes para três anos. A gente conseguiria se ajeitar.

“O pessoal do MpT não pode voltar para a Terra. Eles querem ficar aqui permanentemente, não se esqueça disso. E agora, vamos continuar com o que temos que fazer.”

“T menos cinco minutos,” anunciou o computador.

Lance continuava com sua lista até que Mike o interrompeu. “Prontos para o lançamento?” Ele perguntou.

“Confirmado!” Respondeu Sharon.

“Correto!” Lance disse.

“T menos um minuto.” Desta vez foi Mike quem disse. “Começar a contagem regressiva.”

O computador começou a contar regressivamente de imediato. Não teriam muito mais o que fazer, exceto ficar de olho em qualquer luz que inesperadamente começasse a piscar em vermelho. O computador monitorava isso. Lance se recostou no assento.

“Rumo às estrelas,” ele deixou escapar de repente.

“Um poeta,” replicou Sharon.

“T menos dez,” ele ouviu.

“Nove.”

“Oito.”

Ele pensou em sua namorada. Qual é mesmo a cor dos olhos dela?

“Três.”

“Dois.”

Azuis. Eles são azuis.

“Um.”

“Lançamento!”

A nave inteira vibrava. Era um momento alucinante. Como um tigre reunindo forças antes de saltar, o *Endeavour* ligava seus motores. O processo de combustão combinava oxigênio e hidrogênio para criar

água. A superfície seca de Marte ficava instantaneamente encharcada de vapor.

A nave decolou. Primeiro, centímetro por centímetro, depois cada vez mais rápido. A inércia pressionava Lance em seu assento. Ele podia ver em seu monitor que haviam acabado de quebrar a barreira do som. Nenhum ruído era produzido com esse evento, apenas o estrondo profundo na barriga da nave e o assobio cada vez mais alto das camadas da atmosfera à medida que passavam por elas. O assobio diminuiu à medida que a atmosfera ficou mais rarefeita. Em vez de um marrom lamacento e rosado, a portinhola estava agora preenchida com o preto do espaço sideral.

‘Ruma às estrelas,’ pensou Lance. *E ali estão eles.*



25 de Maio de 2042, Santa Maria

EWA NUNCA GOSTAVA quando podia se lembrar dos seus sonhos. Por isso ela preferia tomar um comprimido todas as noites, o que a fazia adormecer profundamente e sem sonhos. Isso tinha sido menos necessário nos últimos tempos, mas esta manhã seu sonho tinha parecido surpreendentemente real quando ela acordou. Tinha sido terrível. Ela não queria pensar nos detalhes. A supressão era a única maneira de aliviar sua dor emocional. Nada havia mudado.

A excitação deve ter causado isso. Andy planejava cumprir sua ameaça de sugeri-la como a nova comandante hoje. Ela sabia que ele faria isso. Por um lado, ela estava animada. Seria uma honra incrível. Por outro lado, estava apavorada. Não tinha medo dos deveres nem se preocupava por não estar à altura das responsabilidades. Estava preocupada, em dúvida se poderia exercer a função de forma competente. Estava mais uma vez seguindo o caminho que havia começado a forjar havia tanto tempo, sem ter consciência disso.

Ewa se sentia dividida. Se não aceitasse o cargo—supondo que o emprego fosse oferecido—quem seria a próxima escolha? Andy não tinha apoio. Theo era legal e estava disposto a sujar as mãos, mas não demonstrava iniciativa alguma. Gabriella talvez, mas ela não era a melhor oradora e às vezes exigia demais das pessoas; era realmente a personificação da italiana temperamental estereotipada. Chuck tinha sido o comandante perfeito.

A mente de Ewa se voltou para o que teriam que fazer hoje. Teriam que enterrar seus cinco camaradas mortos no espaço, encontrar-se com a nave da NASA, reabastecer e desacelerar. Então eles poderiam pousar eventualmente. Mas, antes de tudo, teriam que alcançar a órbita de Marte.

Ewa abriu o zíper do saco de dormir e seu corpo se estremeceu de susto. Os outros haviam se reunido em torno do local onde ela dormia. Andy gritou alguma coisa, mas ela não conseguiu ouvir nada. Ela tirou os fones de ouvido e ouviu os demais batendo palmas.

“O que está acontecendo? Não é o meu aniversário, é?” Ela perguntou.

Era prática comum em sua terra natal acordar o aniversariante com uma serenata.

“De certa forma, é,” Andy rebateu. “Eu preparei uma surpresa para

você.”

“Sim, estou vendo,” disse ela.

“Falei com cada tripulante individualmente, para que não houvesse pressão de grupo. E cada um deles, cada pessoa aqui a bordo, confirmou a minha opinião pessoal de que você é a sucessora ideal para Chuck.”

Ewa tinha de admitir que Andy parecia realmente gostar dela. Ela nunca havia passado muito tempo com ele. Tendia a se manter separada dos demais. A única exceção a essa regra era Chuck. Se quisesse companhia, ela passaria um tempo com ele. Chuck tinha algo que a fazia se sentir segura.

“Isso é muito gentil da sua parte,” disse ela. Onde estavam as palavras certas quando ela precisava delas?

“Esperamos que você aceite a nossa eleição,” disse Gabriella.

“Vocês já votaram?”

A médica assentiu. “Quatorze sim, uma abstenção.”

“Ah, então vocês contabilizaram o meu sono como uma abstenção.”

“Achamos que isso seria justo.”

“Tudo bem, então. Não faria sentido gastarmos muito tempo debatendo a respeito. Alguém terá que fazer isso, e vocês me escolheram, então dificilmente poderei protestar. Muito obrigada a todos pela confiança.”

Todos aplaudiram.

“Mas agora devemos começar a trabalhar. Qual é a distância até o ponto de abastecimento?”

“O encontro com o *Endeavour* acontecerá em cerca de três horas,” disse Andy.

“Lamento causar qualquer estresse, mas precisamos cuidar de nossos mortos antes disso. Ketut, você se ofereceu para assumir essa tarefa, certo?”

“Sim, Ewa. Já preparamos Chuck, Henrik e Piotr. Agora estamos lidando com os outros dois. Queríamos apenas esperar até que sua nomeação como nosso líder se tornasse oficial.”

“Obrigada. Isso é ótimo. Apenas me avise quando Shankar e Asha estiverem aqui também. Ela olhou para o alemão, que parecia exausto. “Theo?”

“Sim?”

“Quando foi a última vez que você dormiu?”

“Ah...”

“Por favor, seja honesto.”

“Cerca de trinta e seis horas atrás.”

“Vá descansar por duas horas. Não consigo ficar sem você por mais tempo e tenho certeza de que você vai querer estar aqui para a

cerimônia memorial; mas essas duas horas são necessárias.”

“Prometi ao pessoal da NASA que emitiria um relatório dentro de trinta minutos.”

“Eu cuidarei disso. Agora vá para a cama.”

Theo assentiu e flutuou rumo ao *dormitório*.

Ewa olhou em volta. Sentia-se bem dando ordens. Ela havia temido isso.



ELA RECORDAVA TER visto o homem cujo rosto estava na tela, mas não conseguia se lembrar do nome dele. Soava bem, todavia, era algo como uma aliteração.

“Olá, *Endeavour*, aqui, Ewa Kowalska de *Santa Maria*.”

“Lance Leber,” replicou o homem.

Ah, sim, *Lance Leber*, ela repetiu para si mesma, *Um nome melódico*.

“Prazer em saudá-lo novamente. Sou a nova comandante.”

“Em outras circunstâncias, eu lhe daria meus parabéns, Ewa.”

“Sim, eu preferiria que Chuck falasse com você agora.”

“Posso entender isso,” disse Lance, indo direto ao assunto abruptamente. “Qual é o seu status?”

Seu comandante o havia apresentado como engenheiro, lembrou-se Ewa. Esse comportamento direto ao ponto seria adequado. “Já viramos a nave e a sua base transmitiu os dados do curso. Alcançaremos a posição ideal em noventa minutos.”

“Você já fez algo assim antes?”

“Ambos os módulos foram abastecidos na órbita da Terra, por isso não temos a menor ideia de como isso funciona. Ao mesmo tempo, Chuck era o encarregado.”

“E, além disso, estaremos em órbitas divergentes,” disse Lance. “Como se estivéssemos em um carrossel gigante. Vocês simplesmente passarão por nós em uma curva ampla e, do nosso cavalete, estenderemos para vocês o baita ursinho de pelúcia que acabamos de ganhar na barraca de tiro.”

Ele realmente a fez sorrir. “Bela metáfora,” disse ela. “E tudo isso acontecerá a uma velocidade de cinco quilômetros por segundo, não por hora.”

Lance franziu a testa e suspirou. “Parece pior quando você coloca dessa maneira. A mangueira de combustível tem cinquenta metros de comprimento. Chegaremos o mais perto possível de vocês e então nossas naves poderão se afastar alguns metros. Mike, nosso gênio da matemática, afirma que só precisamos transferir a quantidade necessária de oxigênio. Vocês têm hidrogênio suficiente, ouvi dizer. Então vocês poderão desacelerar para entrar em órbita, e teremos todo

o tempo do mundo para trazer o seu pessoal a bordo.”

“Parece um bom plano,” disse Ewa. “Espero que não haja surpresas.”

“Nós cuidaremos de quaisquer problemas que possam surgir. É por isso que estou aqui,” disse Lance.

Ele obviamente procurou acalmar os nervos dela. Ewa se sentiu meio lisonjeada e meio subestimada. Isso acontecia com mais frequência com pessoas que ainda não a conheciam.

“Mais uma coisa,” Lance continuou. “Tem certeza de que não quer que levemos toda a sua tripulação? Esse seria o curso de ação mais seguro.”

“Você acha? Sim, isso parece razoável,” disse Ewa. Mas então algo ocorreu em sua mente e ela soube que havia acabado de cometer um erro. “E agradeço a oferta,” disse ela, corrigindo o curso da conversa. “No entanto, como poderíamos construir a nossa colônia sem todos os nossos suprimentos? Precisaremos de pessoas aqui para cuidar do planejamento disso.”

“Faz sentido. A capitã sempre se afunda com o navio.”

“É verdade, você poderia colocar dessa forma se quisesse. Conversaremos novamente em cerca de oitenta minutos. Primeiro, devemos realizar um serviço memorial para os nossos camaradas falecidos.”

“*Endeavour*, apago,” declarou Lance.



“ESTAMOS PRONTOS,” disse Ketut.

Ela mal o reconheceu—ele havia raspado completamente o cabelo.

O balinês notou o olhar dela. “É assim que os filhos dos falecidos normalmente demonstram sua tristeza. Como Shankar e Asha não tinham filhos e não podemos realizar muitos dos ritos hindus, eu quis fazer isso por eles.”

“O que ainda precisaria ser feito para o benefício de suas almas?”

“Nós os lavamos e ungimos, sentados, conforme prescrito. Na verdade, deveríamos ter queimado seus corpos para libertar suas almas. Teremos que confiar no sol para fazer isso, uma vez que tenhamos enviado os corpos pela câmara de descompressão.”

Ewa não disse a ele que os corpos não cairiam ao sol. Estariam se movendo rápido demais para que isso acontecesse. Ketut provavelmente sabia disso, de um jeito ou de outro. Mas eventualmente o Sol se expandiria para uma gigante vermelha e consumiria tudo até a órbita de Marte. As almas dos dois hindus estariam livres neste momento, o mais tardar. A eternidade é um longo tempo. Havia algo a ser dito em contradição a uma alma

imortal. A própria Ewa não acreditava nisso, apesar de ter sido criada como católica.

“Bom, estou indo,” ela anunciou.

Ewa se soltou da alça de parede e flutuou até o conector do módulo funcional. Os demais já se encontravam reunidos ali.

Para Ewa, os corpos pareciam impressionantes, quase lindos. Todos os cinco estavam envoltos em panos brancos e seus rostos eram visíveis. Chuck, Shankar, Asha, Piotr e Henrik pareciam em paz, como se tivessem deixado este mundo sem qualquer ressentimento. Isso era bom. Seria mais fácil se despedir deles. Como será que Ketut e seus assistentes haviam conseguido isso? Ewa se lembrou do que havia visto dentro do módulo danificado e sem ar. Henrik e Piotr pareciam desesperados, Chuck se mostrava furioso. Os dois indianos pareciam cheios de amor mútuo. O desespero, a fúria e o sofrimento tinham desaparecido. O que restou foi o amor. Pelo menos era isso que ela observava. Ou ela estava apenas imaginando coisas?

Parecendo sentir a aproximação de Ewa, Nancy se virou para ela. Era um sinal para os outros. Ewa se sentiu constrangida e suas bochechas coraram. Ela precisaria de alguns adjuntos, alguém mais para estar ao lado dela. Theo, Andy e Gabriella vieram à mente. Mas esse era um problema que ela poderia resolver assim que pousassem. Eles estavam esperando que ela dissesse alguma coisa. Ewa mordeu o lábio. Havia preparado algo na noite anterior. Com sorte, ela poderia evocar as palavras.

“Querido Chuck, querido Shankar, querida Asha, querido Piotr, querido Henrik,” ela começou, passando lentamente por eles. “Como todos aqui, pude compartilhar esse tempo emocionante com vocês. Foram, sem dúvida, os anos mais importantes de suas vidas e da minha. Seguimos esse caminho juntos, um caminho que poucos tiveram a coragem de escolher. Claro que tive medo de empreender essa jornada que não tinha volta, e tenho certeza de que vocês sentiram o mesmo. Contudo, a sua coragem foi maior que o seu medo, e este foi o nosso maior ponto em comum.”

Ela fez uma pausa por alguns segundos e depois continuou em um tom ainda mais pensativo. “Eu gostaria de ter passado mais tempo com vocês. Ainda estou zangada com o acidente que acabou com suas vidas e estou triste por nunca mais poder falar com vocês. Mas tenho a sensação de que o propósito desta viagem foi cumprido por vocês. Em poucos minutos vocês se tornarão satélites do nosso sol. Assim que tivermos completado a nossa missão e a nossa colônia em Marte florescer—um sonho partilhado por cada um de nós aqui—então seremos capazes de observá-los.”

Ewa simulou enxugar uma lágrima do olho, pois parecia o que deveria ser feito nesse momento.

“Tudo isso é uma bela visão,” ela continuou, “mas não é um consolo. É impossível encontrar consolo neste momento. Pelo menos, eu não consigo. Estou chateada por vocês não estarem mais aqui e sempre sentirei sua falta. Sentiremos a sua ausência todos os dias. Acabaremos nos acostumando com a situação, mas, apesar disso, ainda haverá um buraco em nossas vidas que o destino acabou de criar.”

Ewa procurou um lenço no bolso, mas não conseguiu encontrar. Theo percebeu e entregou a ela uma caixa de lençinhos de papel. Ela assoou o nariz.

“Isso pode parecer uma contradição,” ela recomeçou. “Estou inconsolável, mas ainda encontro conforto no fato de que vocês sempre estarão presentes. Esta é uma das contradições que às vezes nos faz amar—e odiar—tanto a vida. Querido Chuck, querido Shankar, querida Asha, querido Piotr, querido Henrik,” repetiu, “é hora de nos despedirmos e desejar a todos uma boa viagem. Tenho certeza de que nos veremos novamente algum dia.”

Era estranho. Embora não acreditasse na vida após a morte, ela havia pronunciado esta última frase com profunda convicção. Ewa se virou, enquanto as lágrimas inundavam seus olhos. Estava chorando por si mesma, mas ninguém sabia disso.

Fez-se silêncio no ventre de Santa Maria. Até o sistema de suporte à vida parecia estar mais silencioso hoje. Os outros se despediram dos mortos sem dizer palavra. Os únicos sons audíveis eram sussurros e choro ocasional. Algumas lágrimas já haviam secado. Ela observou Ketut dar um sinal. Theo o ajudou a carregar um corpo após o outro através da escotilha, para o interior do módulo. Alguém em um traje espacial flutuou pela lateral. Ewa ficou surpresa ao ler o nome de Ellen no distintivo. Dentre todos, seria justamente essa jovem quem enviaria os corpos da câmara de descompressão para o espaço? Mas ela provavelmente havia se oferecido para essa tarefa.

Ellen desapareceu no módulo. Ewa não conseguia ver o que estava acontecendo, mas conseguia adivinhar. Ellen estava levando um corpo após o outro através da câmara de descompressão e os empurrando para fora pela escotilha. Era um trabalho duro. Quando haviam construído a câmara de descompressão, ninguém havia pensado em ter um robô a bordo para fazer algo assim. Ela precisava reavaliar sua imagem a respeito de Ellen.

A jovem reapareceu vinte minutos depois. Seu rosto estava vermelho e ela estava suada. O local próximo à escotilha do módulo, onde poucos minutos antes estavam jazidos cinco corpos, agora estava vazio.

“ATENÇÃO, *Santa Maria!*” Essa era a voz de Lance.

“Estamos prontos,” respondeu Theo. Sua voz soou abafada, visto que se encontrava fora do casco da nave nesse momento.

Ewa olhava para uma tela dividida em dois campos. À esquerda, ela poderia rastrear as trajetórias de voo de *Santa Maria* e do *Endeavour*. O campo direito proporcionava a visão através da câmera do capacete de Theo. Não havia nada para ver agora. A luz da câmera não era poderosa o suficiente para captar os minúsculos pontos das estrelas. Sem elas, o céu estava assustadoramente preto.

Tudo do lado esquerdo parecia estar acontecendo em câmera lenta. Um ponto se movia ao longo de um curso nitidamente elíptico em torno de Marte. A órbita tinha esse formato porque o *Endeavour* acelerava acentuadamente cada vez que se aproximava do planeta. Esta era a pré-condição para que as duas naves diferentes atingissem uma velocidade semelhante. Todavia, ela só conseguia ver uma pequena parte desse percurso, o que significava que não sabia se a rota era curva.

O segundo ponto era a própria *Santa Maria*. Ainda estava viajando a uma velocidade mais rápida e lentamente estava alcançando o outro ponto. Na visão fortemente ampliada que mostrava os cursos dos dois pontos, as linhas pareciam correr quase paralelas.

“Já podem nos ver? Temos vocês em nosso radar,” Lance relatou do outro lado. “Estamos estendendo a mangueira agora.”

Como Lance havia explicado, a mangueira permaneceria estável no espaço. Não havia nada que pudesse retardá-la ou desviá-la.

“Ainda não consigo ver nada,” replicou Theo.

“Basta esperar. Vou contar regressivamente os metros,” declarou Lance.

“Noventa... oitenta e cinco... oitenta...,”

Lance esperava alguns segundos entre cada número. A câmera ainda não estava captando nada. Ali estava! O holofote havia capturado uma sombra. Esse devia ser o *Endeavour*. O que será que Theo estava sentindo ali fora?

“Estou vendo vocês,” foi tudo o que ele disse.

“A mangueira está a caminho.”

Este era o momento mais complicado, exceto por todos os momentos delicados que ainda estavam por vir. Theo teria que pegar a mangueira de meio metro de espessura que vinha em sua direção vinda da escuridão. Por melhor que fosse a pontaria do *Endeavour*, não haveria como atingir o gargalo do tanque de combustível. Normalmente, um braço robótico assumiria esse trabalho. Mas durante a construção de *Santa Maria*, não tinham pensado nisso. E mesmo que tivessem, provavelmente não poderiam pagar por um.

“Estou em posição,” anunciou Theo.

“Setenta... sessenta e cinco... sessenta...,” disse Lance. “Você deveria...”

“Ah, eu a estou vendo! Está dois metros mais acima. Vou ter que pular.”

“Então, faça isso!” Ewa interveio.

Theo estava certo, teve que pular. Certamente, estava preso em um cabo de segurança. Não poderia ter se esquecido disso. Ewa olhou para o lado esquerdo do monitor. *Endeavour* tinha feito seu trabalho muito bem. Tinha chegado mais perto de *Santa Maria* que o esperado, por isso a mangueira estava fora do alvo.

“Ufa,” ela ouviu Theo dizer. “Eu... eu consegui. Estou me puxando de volta para baixo.”

Eram apenas dois metros. Isso não deveria—e não poderia—demorar muito. A imagem da câmera do capacete oscilava para frente e para trás. Obviamente, Theo estava procurando algo para se agarrar. Ewa prendeu a respiração em suspense.

“Ah,” Theo disse. Seguiu-se um chiado e depois um som metálico. Será que ele estava enroscando a mangueira? A câmera do capacete mostrava apenas o casco externo do módulo. Theo tinha outras tarefas mais importantes do que documentar seu trabalho e sabia o que precisava fazer. Ewa colocou o dedo sobre o botão que ela deveria apertar em breve.

“Comece a abastecer,” Theo finalmente gritou.

Ewa hesitou, mas depois apertou o botão. Ainda estavam ok, com respeito ao tempo. Quem quer que fosse—Lance ou Sharon—no *Endeavour* estava esperando por isso. O oxigênio líquido disparou imediatamente pela mangueira sob alta pressão. Essa era a única maneira para que o hidrogênio, já a bordo, entrasse em combustão.

Ewa passou para o medidor de combustível. Guillermo, o engenheiro mexicano, havia feito o cálculo, então ela sabia a quantidade necessária para uma manobra de desaceleração bem-sucedida. Essa era a coisa mais importante agora. Assim que alcançassem a órbita, eles poderiam reabastecer para o procedimento de pouso subsequente. No início, o medidor se moveu lentamente. Guillermo tinha avisado que no início se perderia algum combustível. Eles teriam trinta segundos.

Santa Maria estava gradualmente, mas de forma constante, ultrapassando o *Endeavour*. A mangueira poderia atingir uma distância de cerca de noventa metros. Ewa tamborilava os dedos no apoio de braço. Os segundos pareciam durar uma eternidade. Era como se estivessem enchendo o tanque de seu caminhão de serviços pesados, enquanto passavam lentamente por um caminhão de combustível à esquerda. Felizmente, aqui no espaço não havia buracos. O único perigo que enfrentavam era a possibilidade de que o processo

demorasse muito.

Eles não teriam uma segunda chance. Após sua convergência, a atração gravitacional de Marte não daria ao *Endeavour* qualquer escolha exceto circunavegar o planeta, enquanto teriam de continuar na sua órbita em torno do Sol. Mas quando o *Endeavour* circundasse o planeta, *Santa Maria* já estaria tão longe de Marte que ninguém poderia ajudá-los.

Dois bares. Estava indo mais rápido agora. Por que alguém não programou um medidor mais preciso? *Porque abastecer geralmente não é uma questão urgente*, ela lembrou a si mesma. Seis bares—esse era o alvo.

“Quinze,” disse Andy atrás dela.

Isso não cheirava bem. Metade do tempo já havia passado, mas ainda não haviam chegado aos três bares. Haveria algo que ela pudesse fazer? Agora seria a única oportunidade! Seus pensamentos giravam e todos estavam assistindo. Ela teria que fazer alguma coisa! Se ela não tivesse...

“Dez,” disse Andy.

Ewa se arrepiou como se estivesse flutuando no oxigênio líquido. Esfregou os pulsos. “Theo, prepare-se para desconectar a mangueira,” disse ela.

A mangueira era equipada com um sistema de liberação rápida. Isso tinha sido desenvolvido para uso com braços robóticos, que nunca seriam tão flexíveis quanto a mão humana. Mas agora era algo prático, visto que tudo que Theo precisava fazer era apertar uma alavanca e a mangueira se soltaria sozinha. Se não houvesse uma reação rápida o suficiente, a mangueira se romperia. Nesse caso, eles não conseguiriam abastecer o módulo para o pouso, o que significaria que não conseguiriam chegar à superfície.

Ewa observou a tela. Quatro bares e meio e quase sem tempo.

“Como se vê a coisa?” Theo quis saber.

“Feia!” Disse ela.

Se Theo soubesse o quanto a coisa parecia feia, tentaria adiar o momento. Isso seria arriscado. Ele teria que apertar a alavanca no exato segundo que haviam calculado.

“Quatro três dois um,” Andy contou em voz alta.

“Desconectando a mangueira,” disse Theo, calmamente.

Ewa o observava através da transmissão de vídeo da câmera do capacete. A mangueira caiu rapidamente, um líquido branco escorrendo pela extremidade, evaporando instantaneamente. Theo então virou as costas para a cena. Seu trabalho ali fora estava concluído.

“Entre, Theo,” disse Ewa, em voz baixa.

“Como vão as coisas aí dentro?”

Estava tranquilo dentro de *Santa Maria*. A essa altura, todos sabiam o que havia acontecido.

“Infelizmente, não atingimos o valor que precisávamos,” disse Ewa.

“E vocês estão se lamentando por aí?” Theo praticamente gritou no microfone. “Vocês precisam encontrar outra solução, imediatamente! Recomponham-se, todos vocês! Caramba!”

Ewa desafivelou o cinto. Eles não tinham combustível suficiente, isso estava claro. Então Ellen de repente tocou sua perna. Ela estava flutuando logo abaixo de Ewa. Ellen, a jovem que havia se oferecido como voluntária para enviar todos os cinco corpos ao espaço. Ewa a havia subestimado. Havia se esquecido de que cada pessoa a bordo tinha passado pelo processo de seleção. Embora Marte para Todos nunca tivesse arrecadado financiamento suficiente, o projeto havia recebido muito apoio. Ninguém que tivesse conseguido fazer parte da tripulação poderia ser descrito como comum.

“Sim, Ellen?”

“O tanque não está tão cheio quanto gostaríamos,” disse ela.

“Esse é o eufemismo do dia.”

“Mas não está errado.”

“Não, você está certa,” Ewa conseguiu dizer com um sorriso.

“Se eu prestei atenção suficiente nas minhas aulas de física—e modéstia à parte, tenho um doutorado em física, bem como em astronomia e química—então isso é relativo.”

“O que você quer dizer?”

“Queremos desacelerar a nave até uma certa velocidade.”

“Certo.”

“Falando puramente fisicamente, queremos fazer a transição de uma certa ‘massa m ’ para uma velocidade negativa. Quanto maior for ‘ m ,’ mais difícil será para nós fazermos isso, devido à inércia ligada a essa massa específica. Por outro lado, quanto menor for ‘ m ,’ mais fácil será desacelerar. Tudo o que precisamos fazer é reduzir a nossa massa. Por exemplo, o módulo danificado...”

“Oh! Claro. Isso é... tão básico.”

Ellen pareceu ofendida.

“Não, eu não quis depreciá-la, de jeito nenhum. Mas eu mesma deveria ter pensado nisso! Você já fez os cálculos?”

“Apenas aproximadamente. O Dragon V4 pesa cerca de 5,7 toneladas, certo?”

“Não faço ideia,” disse Ewa. “Na verdade, sou agricultora.”

“E química. Eu li sobre você. Somos colegas. Mas o tamanho está certo. O segundo Dragon pesa a mesma coisa. Agora, é apenas uma questão de quão pesado é o módulo inflado intermediário. Infelizmente, não sei a resposta. Não deve pesar mais que um balão,

não é mesmo?”

“Receio que sim, Ellen. Em primeiro lugar, as paredes estão cheias de água. Em segundo lugar, os suprimentos e as máquinas. Terceiro, as pessoas. Não creio que pesemos muito menos de cinquenta toneladas. Mas deveríamos discutir isso com os demais.”



THEO FOI O último a se juntar a eles. Jogou seus sapatos de borracha no canto. Eles se moveram em linha reta até a parede. Ewa os observou ricochetear com um ruído e um pequeno jato de água.

“Então, o que está acontecendo?” Theo quis saber, seu torso ainda úmido e suado. Suas tatuagens brilhavam como se as tivesse acabado de lubrificar.

“Precisamos reduzir o nosso peso. A ponto de que o combustível que temos seja suficiente para diminuir a nossa velocidade. E temos que fazer isso nas próximas duas horas,” disse Ewa.

“Bom. Alto e claro. Devíamos nos desfazer do módulo danificado agora mesmo.”

“Mais devagar,” disse Ellen. Theo olhou para ela. Ewa notou que os olhos dele estavam surpresos. Ele não a conhecia assim. “Podemos precisar dele para armazenar outras coisas.”

“Perdoem-me. Talvez eu tenha me apressado,” replicou Theo.

“Estávamos recebendo sugestões de todas as divisões sobre o que podemos eliminar. A lista é longa, mas ainda não é suficiente para garantir que possamos entrar em órbita com segurança. Nossa barriga está simplesmente muito cheia.”

“Poderíamos passar algumas coisas para o *Endeavour*?” Theo sugeriu.

“Isso não vai dar certo. Não os encontraremos novamente, enquanto continuarmos neste caminho,” disse Ellen. Ela havia assumido a liderança da discussão e Ewa estava bem com isso.

“E se deixarmos a maior parte da água sair pelas paredes laterais do balão? Não precisamos mais do escudo contra radiação.”

“Isso também não é suficiente, Theo.”

“Então só há uma solução,” disse ele. Ewa suspeitava que os demais não gostariam do rumo que isso iria tomar.

“Sim? Então fale logo,” disse Andy. Ele também parecia suspeitar disso.

“Todos nós nos esprememos no módulo funcional e descartamos o resto da nave.”

“Você está maluco,” disse Andy.

“Não há outras alternativas,” rebateu Theo. “Além disso, esta é uma opção muito razoável. Você é quem está maluco se rejeitar isso

categoricamente.”

“Só um minuto, rapazes,” Ellen os interrompeu. “Theo está basicamente certo, não é mesmo? Definitivamente teremos combustível suficiente se precisarmos apenas desacelerar um módulo. Mas vamos todos caber dentro?”

“Não seria confortável. O Dragon só está homologado para oito passageiros. No entanto, acho que o volume seria suficiente. Quando estivermos em órbita, metade de nós poderá ser transferida para o Endeavour. Dessa forma, não teremos que dividir espaços como casais.”

“Você está se esquecendo de algo crítico,” disse Andy, sua voz soando ameaçadora. “A parte central desta espaçonave é a nossa missão. É onde estão as máquinas e as provisões que precisaremos para o nosso assentamento. Podemos dar adeus à nossa missão se perdermos tudo isso. Por que teríamos passado por todas essas dificuldades se vamos fazer isso? Queríamos construir algo melhor do que o que os outros humanos conseguiram lá embaixo. Não podemos desistir tão facilmente disso.”

Ewa nunca havia gostado do que lhe parecia ser o ramo de proselitismo do MpT. E isso era para dizer o mínimo. Será que Andy era realmente parte dessa ideologia?

Theo estava observando Andy com a testa franzida. Ele parecia estar tentando encontrar uma resposta adequada. “Se não conseguirmos alcançar a órbita, a nossa missão estará morta de todas as maneiras,” disse ele. “Isso é realmente tão difícil de entender?”

“Eu entendo claramente o que você quer, Theo,” declarou Andy. “Você nunca esteve comprometido com essa meta. Você só se importa com você mesmo.”

Ewa estava surpresa, pois o alemão mantinha a calma. Ou Andy estava certo, mas isso não importava para Theo, ou as acusações eram infundadas e, por isso, ricocheteavam nele. Ela não sabia qual era o caso.

Theo não respondeu imediatamente. Ele coçou a testa e cruzou os braços. Para Ewa, aquilo parecia uma representação teatral destinada a simbolizar a compostura.

“É verdade, quero sobreviver,” disse Theo, finalmente. “Não tenho interesse em flutuar pelo espaço pela eternidade como as cinco pessoas boas que enviamos hoje. Mas pelo menos suas mortes não foram algo sem sentido. Suas mortes foram lamentáveis, mas foi algo que aconteceu com eles, algo que não tiveram oportunidade de evitar. Se alguém tivesse oferecido a opção de adiar ou ludibriar a morte, eles teriam aceitado. Mas ninguém apareceu e os alertou. Em contrapartida, nós temos uma escolha. Precisamos usar esta oportunidade, devemos isso a Chuck, Henrik, Piotr, Shankar e Asha.”

Um a zero, Theo. E assim, ele conseguiu que os outros o apoiassem. Quem mais poderia pertencer ao contingente ideológico? Isso ficaria claro, mais cedo ou mais tarde. Nesse ponto, Theo, o pragmático, estava na liderança. Isso era óbvio pelos rostos dos demais.

“Sugiro que elaboremos uma lista de todas as coisas que devemos absolutamente incluir no módulo,” disse Ewa. “Ellen irá coletar suas sugestões. Todos vocês têm uma hora para fazer isso e depois conversaremos a respeito. Cada um deve ter em mente que deixaremos para trás muitos itens valiosos.”

“Posso dizer uma coisa?” Ellen acrescentou. “Os itens não serão perdidos para sempre. Na barriga de *Santa Maria*, eles orbitarão o Sol e ocasionalmente chegarão perto de Marte. Podemos resgatá-los então, se ainda precisarmos deles.”

“Enquanto ainda estivermos vivos,” Andy disse, de forma sombria.



“ISSO É BEM RAZOÁVEL,” disse o homem do *Endeavour*. Ewa estava com ele e sua colega na tela. Pareciam aliviados.

“Antes de pousarmos, precisaremos transferir alguns passageiros para vocês,” disse Ewa.

“Sem problemas. Alcançaremos vocês em duas horas.”

A imagem sumiu, mas depois reapareceu. O *Endeavour* já havia deslizado para trás da face do planeta, então outro orbitador deveria estar transmitindo o sinal.

“Muito obrigada aos dois. Tentaremos consumir o mínimo possível de seus recursos. O MpT ainda está planejando estabelecer uma colônia independente.”

“Podemos conversar sobre isso mais tarde.”

O homem—o nome dele não era Lance?—sorriu rigidamente. Provavelmente estava preocupado com a possibilidade de que a base da NASA tivesse que hospedar quinze pessoas adicionais indefinidamente. Ewa queria fazer tudo o que pudesse para que esse tempo fosse o mais breve possível. Apesar da disposição em ajudar, o pessoal da NASA a deixava desconfortável.

Ellen trouxe a lista dos poucos itens que poderiam resgatar. Ela parecia bastante desanimada.

“Não se preocupe,” disse Ewa. “O que a nave tem como carga em sua barriga não se perderá. Teremos apenas um atraso de um ano ou mais.”

“Isso é longo tempo,” replicou Ellen. “Temos que oferecer uma alternativa à tripulação.”

“E qual seria?”

“Talvez... a iniciativa pudesse enviar a próxima carga de suprimentos da Terra um pouco mais cedo,” sugeriu Ellen.

“Isso não é realista,” disse Ewa. “Eles não tinham dinheiro suficiente para alugar uma estação baseada na Terra para manter contato conosco, ou mesmo para conseguir uma vaga na *Deep Space Network*, ou Rede de Espaço Profundo, da NASA, pelo menos. Ou você acreditou na desculpa oficial que deram, de que ninguém conseguiria responder em tempo hábil devido ao tempo de trânsito das mensagens? É por isso que fomos forçados a interromper todo contato com a Terra.”

Ellen suspirou. “Então acho que estamos prontos,” disse ela. “Algo mais?”

“Só um minuto.” Ewa deu uma olhada rápida na lista. Seus animais estavam ali, assim como as sementes. Essas eram as coisas principais. Todas as máquinas teriam que permanecer em órbita, assim como grande parte dos suprimentos. Eles levariam o suficiente para alimentar os quinze por no máximo cinco dias. Para que os trajes espaciais não ocupassem espaço desnecessário, cada pessoa estaria vestida a caráter. O pouso seria torturante, visto que os trajes não eram feitos para esse tipo de esforço. Ainda assim, eles alcançariam sua meta.

“E as peças de reposição do computador?” Ewa quis saber.

“Andy escreveu sua própria lista para isso. Ele disse que levaria muito tempo para anotar cada chip e módulo, então atribuí a ele um volume espacial geral,” disse Ellen.

Ewa não respondeu. Ela teria que falar com Andy mais tarde, quando estivessem na superfície. Esses tipos de exceções não deveriam ser permitidos. Contudo, se protestasse agora, Ellen se sentiria injustamente criticada.

“Obrigada,” disse Ewa, por fim. “Se todos estiverem satisfeitos, posso conviver com isso.”

“Todos *satisfeitos*?!” Ellen sorriu cinicamente. “Ninguém está *satisfeito* e todos me culpam pessoalmente.”

“Isso é normal,” disse Ewa. “Mas você simplesmente fez o seu trabalho e sou grata por isso.”



“SE ESPERARMOS MAIS, perderemos a janela de oportunidade de entrarmos em órbita,” declarou Andy.

Ewa primeiro teve que procurá-lo, porque uma grande canastra flutuante bloqueava sua linha de visão. Ewa tocou o ombro de um traje espacial que passava correndo por ela. A ocupante se virou. Tudo o que Ewa podia identificar pelo próprio visor era que se tratava de

uma mulher. Ela leu o nome. Tinha que ser a astronauta das Filipinas.

“Marilou, você poderia, por favor, dar um jeito nesta canastra? Em Marte, isso pesará pelo menos cem quilos e não deveria cair na cabeça ou no dedão do pé de ninguém.”

“Claro,” respondeu Marilou.

“Andy, quanto tempo temos?” Ela perguntou.

“Quinze minutos.”

“Então iniciaremos a contagem regressiva da órbita em dez. Há muita coisa voando por aqui e precisamos ancorar tudo isso.”

Os demais, em sua maioria, já haviam colocado capacete, então ela mudou para o canal geral.

“O procedimento de desaceleração começará em dez minutos. Nossa maior prioridade é proteger cada objeto flutuante no módulo. Então, procurem se ancorar. Temos cintos arneses suficientes.

Isso colocou a tripulação em movimento. Além dela, havia quatorze homens e mulheres no módulo. As paredes haviam desaparecido quase completamente atrás de todos os objetos que estavam presos a elas. Apenas a área ao redor da câmara de descompressão ainda estava aberta porque, assim que alcançassem a órbita, este seria o ponto de acesso para os oito astronautas que seriam transferidos para o Endeavour.

“Andy, é hora de liberar o módulo da nave.”

“Sim, senhora!”

Ewa pensou ter ouvido um clique metálico, mas devia ter sido imaginação dela. Estava muito barulhento no módulo para que ouvisse algo assim.

“Porcaria!” Disse Andy. “O adaptador está travado.”

“Estou indo,” Theo se apresentou.

O alemão devia ter suspeitado que algo assim poderia acontecer, pois já estava com um pé de cabra em mãos. Foi uma boa que a entrada da câmara de descompressão não estivesse bloqueada. Theo saiu do módulo em tempo recorde. Ewa puxou a transmissão ao vivo do capacete dele para a tela dela.

“Theo, mesmo que estejamos sem tempo, por favor, tenha muito cuidado,” disse ela em seu canal privado.

“Vou ver o que posso fazer por todos vocês e por mim mesmo.”

Isso não era exatamente o que ela precisava ouvir nesse momento. Ewa não queria que houvesse mais vítimas. A imagem da câmera oscilava severamente. Theo parecia estar caminhando rapidamente pelo casco externo do módulo. Faltavam apenas cerca de três metros para chegar ao mecanismo de acoplamento. A imagem parou de se mover. Ewa observava Theo examinando o mecanismo com a lanterna. A princípio, a natureza do problema não era aparente. O metal brilhava sob o fecho da lanterna como se fosse novo. Devido à

falta de oxigênio, nada enferrujava no espaço.

A câmera ampliou abruptamente o mecanismo. Theo devia ter aproximado a câmera do material. “Você está vendo alguma coisa?” Ele perguntou.

Ewa não tinha certeza do que deveria estar vendo. Havia uma porca no centro do anel de acoplamento da nave, através da qual era inserida uma haste de metal da espessura de um braço, a qual estava presa ao módulo. A imagem parecia estranhamente familiar para ela...

“Estes são os encaixes de segurança. Existem três deles distribuídos ao redor do conector de acoplamento. Eles mantêm o módulo fortemente preso a este local. Um gancho está preso na ponta do ferrolho,” explicou Theo. “Funciona como uma fechadura. Quando Andy tentou nos desacoplar, ele simplesmente girou o gancho noventa graus na extremidade do ferrolho. As hastes deveriam ter sido liberadas dos conectores, mas uma delas está agarrada. Esta aqui.”

A câmera aumentou um pouco mais o zoom. Agora Ewa percebia o que Theo estava querendo mostrar. O vão entre o ferrolho e o conector era um pouco mais estreito de um lado que do outro.

“Está emperrado,” disse Ewa. *Theo encontrou o problema! Qual seria a probabilidade desse problema ocorrer?* Ela imaginou.

“Exatamente. Isso deve ter acontecido na órbita da Terra, quando montavam a nave. Alguém foi desleixado.”

Ou foi sabotagem, pensou Ewa. A palavra ecoou em sua cabeça, SA-BO-TA-GEM, como se cada sílaba tocasse com força o sino de uma igreja. Ela não disse nada.

“Você não pode simplesmente serrar a haste de acoplamento?” Andy sugeriu.

“Isso levaria muito tempo. Mas por que você acha que eu trouxe esta coisa?” O pé de cabra ficou à vista de todos. Então Theo apontou a câmera para o local ao lado do encaixe de segurança.

“Vou me apoiar no módulo e usar a nave como contrapeso. Minha esperança é que o princípio da alavanca me ajude a empurrar todos vocês alguns micrômetros para o lado, para que Andy possa soltar o ferrolho.”

Mais uma vez, a física antiga superava a tecnologia moderna. Ewa suspeitava que este seria cada vez mais o caso no futuro. Não, não era apenas uma suspeita. Ela estava positiva, sem saber de onde vinha essa certeza.

“Ok,” replicou Andy. “Não se assuste quando eu tiver que disparar brevemente os propulsores direcionais. O módulo vai se separar um pouco do resto da nave.”

“Espero que você esteja ancorado ao cabo de segurança,” disse Ewa.

Theo não disse nada.

“Ao seu sinal, Theo,” disse Andy.

“Ok,” replicou Theo. “Três—dois—um—empurre!”

Ewa olhou para cima. Quando Andy acionasse o propulsor direcional, qualquer coisa que não estivesse bem amarrada seria afetada pelo baque. Mas nada aconteceu.

“Não deu certo,” disse Theo.

“Vamos tentar de novo,” ordenou Ewa.

“Estou pronto,” disse Andy.

“Três—dois—um—empurre!” O som abafado do esforço podia ser ouvido pelos fones de ouvido.

“Merda!” Theo desabafou. “Eu não sou forte o suficiente.”

“Tenho uma ideia,” interrompeu Ellen. Ela devia estar acompanhando os esforços deles. “Poderíamos usar a inércia da nave para liberar o módulo.”

“Você terá que ser mais específica.”

“Teremos que desacelerar em apenas um minuto, de todas as maneiras. Isso significa que o motor irá desacelerar o módulo. A *barriga gorda* da nave não será afetada por isso e se aproximará de nós. Os ferrolhos de fixação serão empurrados mais profundamente na fechadura. Se o pé de cabra for colocado no ponto certo, a inércia da nave irá desengatar a extremidade em forma de gancho do mecanismo de travamento. A nave exercerá muitas toneladas de peso contra a barra, mais do que Theo poderia aplicar.

“Mas se desacelerarmos enquanto ainda estivermos unidos à nave, a inércia da nave continuará nos empurrando pelo espaço,” interveio Andy. “Precisaremos de muito mais combustível porque teremos efetivamente que desacelerar toda a nave, não apenas o módulo. E acabaremos perdendo a janela de órbita.”

“Isso só será verdade até que a nave consiga quebrar o mecanismo de acoplamento. Depois disso, podemos disparar os propulsores direcionais do módulo e da nave e afastar um do outro. Dessa forma, só precisaremos desacelerar o módulo.”

“Uau, Ellen! Essa é uma manobra completamente imprevisível,” disse Andy. “Não podemos saber quando estaremos completamente liberados da nave. Eu odeio coisas assim.”

“Parece ser a nossa única escolha,” disse Ewa. “Ou alguém tem outra ideia?”

“Há outro problema,” disse Theo. “Mas não se preocupem com isso. Eu sei como resolvê-lo.

“Você deveria pelo menos nos dizer o que é,” disse Ewa.

“Deixe-me cuidar disso, primeiro,” disse ele, com confiança.

“De jeito nenhum!” Disse Ewa, em tom de ordem direta.

Theo suspirou. “Alguém terá que segurar o pé de cabra no lugar até que tudo acabe. Caso contrário, a menor vibração poderia fazê-lo

voar e estaríamos de volta à estaca zero. Eu cuidarei disso.”

“O que exatamente você quer dizer?” Ewa perguntou.

Theo não respondeu.

“Ele vai ficar lá fora até que eu consiga frear,” Andy interveio. “Será como se ele estivesse balançando as pernas na traseira de um carro em movimento, enquanto um trucado se desloca na direção dele em velocidade extrema. Se não sairmos da frente do caminhão rápido o suficiente, Theo será esmagado. E mesmo que consigamos fazer uma curva fechada, ele correrá o risco de ser arremessado e cair na rua quando diminuirmos a velocidade.”

“Eu não teria dito isso de forma tão concreta,” disse Theo, “mas é isso, em poucas palavras. Eu preferiria me juntar a vocês aí dentro, mas a ideia de Ellen é realmente a nossa última e melhor chance.”

“Theo, encaixe o pé de cabra o melhor que puder e siga direto para a câmara de descompressão,” disse Ewa.

“Sinto muito, Ewa, mas não posso fazer isso. Nossa missão seria colocada em risco.”

“A missão não é mais importante que a sua vida. Você realmente pretende desobedecer às minhas ordens?”

“É uma vida contra quatorze. Um bom negócio. Não receberemos uma oferta melhor. Aceito as consequências da minha insubordinação e espero ser punido assim que retornar ao módulo.”

“Feito, Theo. Vou preparar o meu chicote e você pagará por isso,” disse Ewa.

Ela fingiu aceitar a situação com humor, mas realmente não estava com disposição para réplicas rápidas.



“T MENOS SESSENTA.”

Andy havia assumido a navegação. Ele poderia calcular os ajustes mais rapidamente que qualquer outra pessoa, se isso fosse necessário. Os segundos estavam em contagem regressiva digitalmente na tela do capacete de Ewa. Ela desejava poder coçar um local que estava coçando, mas o traje espacial tornava isso impossível. Em outros lançamentos, um sentimento de ansiedade havia se espalhado de uma pessoa para outra. Ewa havia sentido literalmente como o tremor da pessoa ao seu lado saltava através do espaço até ela. Porém, desta vez todos estavam presos dentro de seus próprios casulos. Os medos que obstruíam sua garganta eram seus e de mais ninguém. Ela nem conseguia se imaginar sendo contagiada pelos outros tripulantes. Este era um medo mortal. Ninguém gostava da ideia de morrer, e ela tampouco.

“T menos trinta.”

Meio minuto fora! Ewa mudou para o sinal da câmera de Theo. A vista era muito calma. Theo devia ter encostado a cabeça em alguma coisa ou a estava segurando com as duas mãos. Não, não era esse o caso. Sendo assim, ele não conseguiria manter o pé de cabra na posição correta. Como será que ele conseguia permanecer tão tranquilo? Como será que ele desabafava? Ela desejou poder ouvi-lo assobiar ou cantar, mas ele permanecia quieto.

“Três, dois, um, ignição,” disse Andy.

Com um solavanco, as costas de Ewa foram pressionadas contra o piso duro. Dois segundos e tudo estaria terminado. No mesmo momento, Andy também disparou os propulsores direcionais laterais na parte central da nave. Esses motores não tinham muita força e, dentro do módulo, os tripulantes quase não sentiam nada vindo deles. Se o plano tivesse funcionado, a nave agora pressionava o pé de cabra e se inclinava ligeiramente para o lado.

“Agora!” Bradou Andy. Esse teria que ser o momento. Ou eles estariam livres a qualquer momento, ou... Ewa se recusou a refletir sobre esse pensamento até o fim. O que será que os instrumentos informavam? Por que Andy não estava dizendo nada?

“Parece que estamos... Pessoal, estamos livres!” Ele gritou.

Ewa ainda não podia comemorar. O que havia acontecido com Theo? A enorme nave o teria achatado contra o casco do módulo como um mosquito?

“Theo?” Ela o chamou. “Theo, por favor, apresente-se.”

Tudo o que ela conseguia ouvir pelos fones de ouvido era uma respiração pesada. A imagem da câmera de Theo estava totalmente preta. Essa devia ser a escuridão do espaço. Se a câmera tivesse sido destruída, ela teria recebido uma mensagem de erro.

“Atenção! Vou tirar a gente do caminho da nave e iniciar o processo de desaceleração,” anunciou Andy.

Os propulsores direcionais do módulo agora estavam funcionando. Ewa sentia o efeito deles como uma leve pressão para a esquerda. Estavam puxando para a esquerda da nave.

“Você pode aguardar a desaceleração para entrarmos em órbita até termos notícias de Theo?” Ewa perguntou.

“Negativo!” Respondeu Andy. “Cada segundo está nos custando mais combustível.”

O contra-impulso tinha início e o motor desenvolvia tanta força que Ewa, de repente, estava com uma massa uma vez e meia maior que aquela de seu tempo na Terra. Uma voz no canto gritou. Alguém provavelmente tinha sido atingido por uma canastra. Ewa observava na tela do capacete o módulo se separar lentamente da nave. A barriga gigante de *Santa Maria* os estava alcançando aos poucos.

“Porcaria, os propulsores direcionais são muito fracos,” disse Andy.

“Preparem-se para o impacto.”

O módulo levou um forte golpe para o lado. Ewa viu como a fuselagem da nave colidiu com o casco do módulo. Se Theo estivesse ali, ele teria sido esmagado. Ela então sentiu o módulo começar a girar. A colisão com a fuselagem, que passava ao lado, tinha colocado o módulo em rotação. Eles não podiam desacelerar assim! Os propulsores do motor pararam de funcionar e permaneceriam desligados enquanto o módulo girasse.

“Andy, você pode nos estabilizar?”

“Já estou tentando.”

Ewa podia sentir os esforços dele. O motor parecia ratear, mas isso era obra de Andy. Ele o havia ativado como forma de neutralizar a rotação. Ele era muito bom nisso.

“Theo?”

Ela mais uma vez ouviu gemidos e respiração pesada. Mas ele ainda estava ali fora!

“Podemos fazer alguma coisa?” Ela perguntou.

“Ufa!”

Ele estava de volta!

“Esse foi um... passeio selvagem... sem conseguir... progresso.”

O módulo lentamente parou de girar. Estava agora com quase o peso que teriam na Terra.

“Eu vou para a câmara de descompressão,” disse Theo.

Ewa o imaginou rastejando pela superfície do módulo. Ele já não estava mais sem peso. Junto com o traje e a mochila, pesava agora 150 quilos. Será que seu cabo de segurança poderia dar conta do recado?

“Um... metro... mais...,” ele murmurou. “Cara, isso está difícil.”

“Theo, precisamos de você aqui,” replicou Ewa.

“Sim, já estou indo...” A transmissão foi interrompida. Nenhum sinal apareceu na tela de Ewa. A câmera de Theo apagou.

“Andy, você consegue ver alguma coisa?”

“Merda, não. Nada!”

Ewa ergueu a mão na frente do visor. Isso não poderia ser verdade! No último segundo!

“Você não deveria maldizer tanto.” Essa era a voz de Theo. Vinha do microfone interno da câmara de descompressão.

“O que você... Você nos deixou apavorados!” Ewa gritou.

“Algo passou pelo meu capacete e arrancou a câmera e a antena,” respondeu Theo.

“Entre aqui agora. Estou esperando com o chicote,” disse Ewa.

“Prefiro esperar aqui na câmara de descompressão até estarmos em órbita. Há mais espaço aqui do que onde vocês estão.

“Você só está preocupado com o que o aguarda, seu velho gato

assustado.”



Sol 6, Endeavour

“VOCÊS TÊM SORTE de não estarem na base agora,” disse Mike. Ele parecia realmente em situação miserável no monitor.

“Terra?”

“Lance, sério, parece que todo o planeta quer fazer acusações contra nós. Pelo menos, todos que podem entrar em contato conosco. Ultrapassamos a nossa autoridade, comprometemos a nossa missão. A única coisa que eles não tentaram jogar na nossa conta foi a guerra civil na África do Sul.”

“Então, deveríamos simplesmente deixar o pessoal de *Santa Maria* morrer?!”

“É claro que ninguém está colocando isso nessas palavras, mas tenho a sensação de que deveríamos tê-los deixado passar mais um ano orbitando o sol. Provavelmente esperavam que esse pequeno problema se resolvesse sozinho. A declaração oficial é que deveríamos ter pedido autorização para cada passo que demos, e os especialistas poderiam ter conseguido encontrar soluções melhores.”

“Será que eles realmente não entendem que tudo teria que acontecer rápido?”

“Certamente preferem que tudo tivesse ocorrido em um ritmo burocrático. Então ninguém teria culpa quando *Santa Maria* não conseguisse desacelerar o suficiente para entrar na órbita de Marte. Não é verdade que os especialistas sempre disseram que uma expedição como essa era uma insanidade e não teria chance? De certa forma, isso faz sentido. Caso contrário, uma organização voluntária irá mostrar às nações do mundo que alguém pode realmente chegar a Marte com um décimo do nosso orçamento.”

“Bem, eles podem ficar felizes então. Agora está sendo provado que apenas o tipo de expedição mais caro funciona.”

“Eles estão com medo, Lance, de que esses amadores estraguem o *show* profissional. Quando você regressar aqui, a base vai virar algo como um campo de detenção de refugiados na Jordânia. Os arredores já parecem fazer parte. Ninguém vai querer ver imagens como essa na TV.”

“Isso significa que não teremos que fazer as filmagens para a TV? Isso seria uma ótima notícia!

“Não exatamente. Consegui vender para eles a nova situação como

uma história de heroísmo. Astronautas da NASA treinados profissionalmente resgatam equipe amadora da Europa. Os esquisitos da TV estarão acabados com essa.

“Mas o pessoal do projeto MpT vem de todo o mundo, não apenas da Europa.”

“Isso não importa! Foi ideia de um holandês, pelo que o projeto tem um conceito europeu. Todos vão gostar de uma pequena bofetada na Europa.”

“Então precisamos estar preparados para algum repórter aparecer na câmara de descompressão?”

“Arrá, Lance, talvez daqui a cem anos. Não, vou deixar vocês dois fora dessa, prometo. Mas quando voltarem aqui, não acho que conseguirão evitar uma ou duas entrevistas.”

“Valeu. Se eu tivesse que dar entrevistas daqui de cima, perderia a cabeça.” Lance virou a câmera para que Mike pudesse ter uma visão melhor do módulo de comando. “Veja!”

“Era assim mesmo que eu imaginava,” disse Mike.

“Tivemos sorte por eles não terem trajes espaciais para seus animais, ou eles estariam flutuando por aqui também.”

“Eu prefiro não pensar em como poderia estar cheirando aí por causa deles.”

“Boa observação. A primeira coisa que fiz foi mandar nossos passageiros para os chuveiros. Sério, eles agora causam uma impressão bastante razoável.”

“E a líder deles, Ewa?”

“Eu gostaria de conhecê-la, mas ela permaneceu a bordo do módulo Dragon. Eu queria saber como foi que ela conseguiu tudo isso, apesar de todos os problemas. Essa mulher tem a cabeça no lugar.”

“Cuidado, Lance. Você tem namorada.”

“Qual é, não foi isso que eu quis dizer.”

“Bem, nesse caso, divirta-se com os nossos convidados. A gente se vê em breve. Marte, apago!”



SEU ESTÔMAGO RONCOU. O som fez com que Lance se lembrasse de que deveria comer alguma coisa antes de conversar com Mike. Ele se levantou de seu assento. Sharon parecia estar dormindo. Pelo menos seus olhos estavam fechados e sua respiração era profunda e lenta. Como será que ela conseguia fazer isso no meio desse caos? Quando Lance se virou, bateu com o joelho na borda dura de uma caixa. “Ai!” Saiu de sua boca. Isso não estava aqui antes. Antes de desembarcarem, eles realmente teriam que colocar em segurança tudo o que os recém-chegados haviam trazido a bordo.

Cumprimentar os convidados na câmara de descompressão depois de terem reabastecido o módulo tinha sido divertido. Lance realmente não se via como uma criatura social. Nunca havia sido voluntário em nenhuma instituição de caridade e só fazia doações porque era importante para sua namorada. Talvez o prazer tivesse se baseado no fato de que nos últimos meses ele só havia convivido com os mesmos três rostos. Apertar a mão de oito recém-chegados ao mesmo tempo o havia feito se lembrar de que, afinal, ele fazia parte de uma entidade maior. No entanto, ao contrário dele, essas pessoas pretendiam permanecer para sempre nesse deserto. Ele tinha que respeitar isso. Pelo resto de suas vidas, não veriam outros rostos—a menos que decidissem produzir novas adições por conta própria.

Mas as próximas semanas seriam estressantes. Ewa, a comandante, tinha insistido que eles se transladariam o mais rapidamente possível para as suas próprias bases MpT... mas como funcionaria isso? Eles teriam que aguentar uns aos outros por um tempo. O Controle da Missão não ficaria feliz com isso, pois não seria capaz de trabalhar na expansão da base conforme planejado. Precisaríamos emprestar suas máquinas aos colonizadores. Isso não seria um problema para Lance, visto que a base oferecia espaço suficiente para quatro cientistas. A tripulação da NASA que os substituiria dentro de doze meses teria que apressar a expansão.

Lance flutuou rumo ao nível abaixo, onde seus convidados estavam hospedados. Ele os cumprimentou brevemente e caminhou propositalmente em direção ao armário de suprimentos. Ele já sabia o que queria comer. Puxou a gaveta e a expressão de surpresa se desenhou em seu rosto. Alguém havia esvaziado o tubo de creme de nougat. Cada grama tinha sido espremida de forma bastante artística. Lance sabia reconhecer um tubo verdadeiramente vazio. Ele nem precisou verificar. E o culpado ousou deixar o recipiente na gaveta para que alguém coçasse o nariz com ele. *Você chegou tarde demais, Lance.*

Ele se virou, tentando de tudo para manter a compostura. Era apenas um doce açucarado com sabor de chocolate! “Posso ter a sua atenção, por favor?” Ainda não conseguia evitar que sua voz tremesse. Ele segurou o tubo vazio bem alto.

“Ah, sinto muito por isso, Lance.”

Uma jovem de sutiã e calcinha flutuou em sua direção. Lance ficou vermelho. Nada parecido com isso jamais tinha acontecido com ele! Ele limpou a garganta.

“Eu deveria ter descartado o tubo. Sinto muito,” disse a mulher.

Marilou. Agora ele se lembrava do nome dela. Era claramente descendente de asiáticos. Percebia isso pelo rosto dela, que era o foco atual dele. “Hum, sim, era isso que eu iria perguntar.” Ele tentava

manter os olhos fixos nos dela, mas não conseguia.

Ele queria dar um tapa em si mesmo. Como será que ele estaria se mostrando diante de todos? Um cara lascivo que olhava para uma mulher sem dizer uma palavra. Ele teria que colocar um fim nisso. “Sim,” ele disse. “Isso vale para todos. A área de reciclagem está localizada na gaveta inferior.”

Ele apontou para o canto da sala. O principal é que isso não estava na direção de Marilou. Ele precisava tirar algo da gaveta, mas tudo o que encontrou foram vários tipos de pastilhas para tosse. Pastilhas para a tosse?! Quem embarcou isto? Tinha que ser alguém de *Santa Maria*. O estoque era impressionante; mas onde pegariam um vírus respiratório por aqui?

Lance deu uma outra limpada na garganta, que realmente parecia um pouco áspera. Pegou uma caixinha de pastilhas e flutuou de volta escada acima com o máximo de dignidade possível. Ao fazer isso, passou por um espelho que não estava pendurado ali antes e ficou chocado. Aparentemente era impossível, em um ambiente sem gravidade, mover-se com dignidade. Ele parecia um peixe gigante e gordo se debatendo em terra firme.



“QUE BOM QUE VOCÊ VOLTOU!” Sharon o resgatou de seu constrangimento.

“Algum problema?” Lance ficou curioso.

“O módulo *Santa Maria* está prestes a iniciar sua descida à superfície.”

“Bom pra gente. Teremos uma visão de camarote por pelo menos trinta minutos.”

“Essa era a ideia.”

“Qual será o motivo para fazerem isso agora?”

“Acho que esperam que possamos ajudá-los em caso de emergência,” disse Sharon.

“Como poderiam imaginar isso? Não podemos simplesmente voar de um lado para o outro pela área. Mudar a nossa órbita nos custaria pelo menos um circuito em Marte.”

“Eu acredito que eles sabem disso, Lance. É mais uma questão do sentimento de que não estão sozinhos, se estivermos em condições de assistir toda a operação.”

Um sentimento?” Lance não conseguia imaginar que isso ajudaria realmente os sete membros restantes do MpT no módulo. Mas ele não queria discutir com Sharon.

“*Endeavour*, por favor responda.”

Sharon atendeu a chamada. O rosto da loira apareceu na tela. Ela

estava vestindo seu traje espacial, mas sem capacete. Seu rosto estava muito vermelho.

“Aqui Sharon. Vocês têm tudo preparado?”

“Acabamos de iniciar o processo de desaceleração.”

Sharon começou a rir, a cabeça de um bode de repente apareceu.

“Este é Petey,” disse Ewa, rindo em resposta à alegria de Sharon.

“Prazer em conhecê-lo, Petey,” brincou Sharon.

“Gostaria de enviar os nossos dados de telemetria. Vocês poderão detectar irregularidades antes que possamos fazê-lo. Depois de seis meses sem gravidade, as forças G não serão um passeio no parque.”

“Claro, é uma boa ideia. Estaremos atentos a vocês.

“Eu sei que realmente não podem nos ajudar se algo der errado, mas um relatório de erro antecipado poderia nos salvar.”

Chega de sentimentos, pensou Lance. Ewa demonstrava uma compreensão muito realista das suas opções. Ele já gostava dela, embora ainda não a conhecesse pessoalmente.



A IMAGEM EM sua tela estava piscando. Lance deu umas duas batidas na parte de trás do monitor. Isso o havia ajudado no passado e não o havia desapontado agora. Ele estava observando o pouso do módulo. Havia se ancorado ao assento para isso. Até um instante atrás, havia barulho no nível inferior onde os astronautas do MpT estavam hospedados, mas agora reinava um silêncio fantasmagórico. Os recém-chegados também acompanhavam em um monitor as manobras dos amigos.

Os dados pareciam excelentes. O módulo estava se movendo ao longo do curso pretendido. Se isso continuasse, eles fariam um pouso modelo. No momento, o motor deles estava ocupado reduzindo a velocidade do módulo, queimando hidrogênio com oxigênio e criando vapor. Lance verificou as temperaturas na câmara de combustão, que a 3.200 graus Celsius estava dentro da normalidade.

Agora o motor do módulo era desligado. Seus tanques não estavam completamente vazios, mas seria necessário o restante do combustível para os metros finais. A atmosfera de Marte assumia agora o processo de frenagem. Apesar de ser tão fino, o módulo se movia tão rapidamente que cada molécula que encontrava agia como uma influência negativa da velocidade sobre ele.

Lance mudou para a câmera interna do módulo. Os sete indivíduos estavam deitados em uma dispersão colorida sobre o piso. Pareciam bastante calmos, embora agora estivessem tecnicamente à mercê de seu módulo reciclado e barato.

A parte inferior do módulo de pouso estava esquentando. Não era

uma surpresa. Um escudo térmico fornecia proteção contra isso, mas não duraria indefinidamente. Ademais, a atmosfera de Marte não era espessa o suficiente para parar completamente o módulo. Não havia nada que ele pudesse fazer. Tudo havia sido programado de antemão, mas algo o deixava ansioso. *O paraquedas não deveria estar aberto agora?*

E lá estava ele! Inicialmente, desdobrou-se como um anel que lembrava um preservativo não utilizado. Mesmo nesta fase, era um mecanismo de travagem muito eficiente. E então o sistema automatizado soprou ar nele e o preservativo se expandiu até se tornar um paraquedas gigante. Lance focou o radar no aparato. Tinha mais de trinta metros de diâmetro.

“Parece estar indo bem,” disse ele a Sharon.

“Sim!”

Na tela de Lance, o perfil de elevação da sequência de pouso apresentava uma curvatura bastante acentuada em sua linha, a cerca de trinta quilômetros da base. Era aqui que o módulo teria que liberar o paraquedas, pois dificultaria a viagem nos últimos metros e impediria que o módulo atingisse seu alvo. A tela mostrava o módulo como um ponto piscante que se movia ao longo da trajetória traçada. O ponto tinha acabado de chegar ao limite—e acabava de ultrapassá-lo.

“Vocês...” ele começou.

Sharon já havia aberto o canal de rádio. “Seu paraquedas não foi liberado,” disse ela.

“Sim, o mecanismo travou. Droga!” Respondeu Ewa.

“Se não conseguirem fazê-lo funcionar, vocês voarão além da base.”

“Eu sei. Nós estamos tentando. Só um segundo.”

Uma imagem de câmera apareceu nas telas do *Endeavour*. O único som que estava sendo captado era um barulho sibilante e alto. Lance mudou para Ewa.

“O que é isso?”

“Theo. Ele está saindo.”

Lance puxou a imagem da câmera de volta. Ela estava certa. Ele tinha visto isso uma vez em um antigo filme de James Bond, onde o herói subia pela superfície de um avião em pleno voo. Estava bem claro. Ele reconheceu a superfície de Marte, quando o usuário da câmera rastejou através de um módulo de pouso que estava pendurado na ponta de um paraquedas a 1.000 metros acima do solo. Ninguém acreditaria nele quando contasse isso. O barulho sibilante era o vento.

“Desvio de cinquenta quilômetros,” disse Sharon.

A câmera girou brevemente em direção à parte inferior do

paraquedas. Estava surpreendentemente longe. Será que ele havia acabado de ouvir um chiado? Era impossível adivinhar o que o homem estava tentando fazer. “Ele tem uma faca?” Lance perguntou baixinho.

“Um alicate,” respondeu Ewa. “Esse não é um cordel de paraquedas normal.”

“Como ele sabia disso?”

“Não faço ideia. Ele havia insistido em passar pelo pouso na câmara de descompressão.”

“Mas e o alicate?”

“Ele havia levado consigo uma caixa de ferramentas para a câmara de descompressão. Queria estar preparado para qualquer eventualidade.”

“Isso é insano,” disse Lance.

Ele realmente esperava que Theo sobrevivesse. Era evidente que o pessoal de *Santa Maria* era maluco, mas havia um método para o tipo de insanidade desse cara. *Theo seria um trunfo para a base da NASA. Ewa também seria*, pensou.

A imagem se inclinou de repente. As mãos de Lance apertaram os apoios de braço do assento. Mas ele não estava acompanhando uma queda sem fim. Theo provavelmente tinha conseguido prender o primeiro cabo, o que havia feito com que a altitude do módulo mudasse abruptamente. O homem deveria estar firmemente preso a um cabo de segurança. Theo parecia dar ampla consideração às suas missões malucas.

Outra oscilação. Esse era provavelmente o próximo cabo.

“Quantos cabos estão conectados ao seu paraquedas?” Lance perguntou.

“Não sei,” respondeu Ewa. “Não fui treinada como comandante, então mal conheço a nave.”

A câmera se inclinou para frente, transmitindo momentaneamente uma visão do abismo. Têm somente quinhentos metros pela frente, Lance adivinhou.

“Desvio de cem quilômetros,” observou Sharon.

Não demorava muito para que o módulo percorresse uma distância significativa. Como os sete astronautas retornariam à base? Porém, um problema de cada vez.

O quarto tremor. Quatro cabos. Lance esperava que fossem todos, mas o módulo ainda estava preso ao paraquedas. Lance respirou fundo e começou a suar.

O cabo número cinco se soltou. Theo agora precisava ser extremamente cuidadoso. Assim que cortasse o último cabo, o módulo entraria em queda livre. Com sorte, ele poderia encontrar um local seguro para resistir ao impacto. Ele não teria tempo de chegar à

câmara de descompressão, pois ela estava localizada na lateral do módulo, e o fluxo de ar ali seria terrível.

“Cento e cinquenta quilômetros,” comentou Sharon calmamente. Isso não importava. O mais importante seria um pouso suave.

A imagem da câmera se sacudiu. Esse, sem dúvida, era o último cabo. Lance observava a tela enquanto o módulo acelerava imediatamente. A câmera agora mostrava apenas metal cinza. Theo provavelmente estava posicionado no topo do módulo e se agarrando a ele com toda a força que podia. Ele só teria que aguentar alguns segundos. Lance observou a trajetória de elevação. Os motores deveriam disparar novamente assim que atingissem cento e cinquenta metros acima da superfície. E—*Sim!*—eles conseguiram! Sharon aplaudiu. A unidade de pouso desacelerou. A superfície apresentava um bom aspecto, sem grandes rochedos à vista. Cinquenta metros, vinte, dez, finalmente o módulo estava no chão. Lance ouviu júbilo barulhento e palmas no convés inferior.

Ewa chamou no rádio. Parecia pálida. Sua tarefa ainda não havia terminado. Sharon e Lance a parabenizaram. “Obrigada por nos rastrear. Infelizmente, ainda precisamos da sua ajuda. Sozinhos, não conseguiremos chegar à base.”

“Já estávamos pensando nisso,” disse Lance, “mas vamos acertar isso. Você precisa falar com Mike e Sarah. Ainda precisamos fazer o nosso próprio pouso.”

“Só um minuto,” disse Ewa. “Nossa equipe estava se perguntando se vocês poderiam fazer parte da solução. Se o *Endeavour* conseguisse pousar a uma distância que pudéssemos percorrer a pé, caminharíamos até vocês e nos encarregaríamos a partir daí.

Inicialmente, isso parecia factível, mas então se converteu em algo completamente impossível, porque tornaria o próximo lançamento significativamente mais difícil. A produção de combustível da máquina ocorria apenas no local de pouso pretendido, próximo à base. Como poderiam transportar oxigênio líquido e hidrogênio através de cem quilômetros da superfície de Marte?

“Precisamos discutir isso,” disse Lance. “Porém, o mais importante agora é que vocês pousaram.”



Sol 7, módulo de pouso do MpT

EWA SENTIU SEUS músculos doloridos assim que acordou. Malhar em um ergômetro era completamente diferente de ter que lidar com a atração gravitacional de um planeta 24 horas por dia. Só haviam passado apenas dez horas desde seu pouso, embora já parecesse uma eternidade. Desde o término da cadeia de incidentes dramáticos, o tempo tinha voltado ao seu ritmo normal e não turbulento.

Uma vez que pousaram, todos haviam se sentido exaustos demais para sequer colocar os pés na superfície de Marte. Theo tinha subido pela câmara de descompressão até o módulo e sido recebido como um herói. Mas então todos haviam sucumbido ao sono. Mas estava tudo bem. Ewa não via isso como uma perda de tempo, mas sim como uma necessidade. Contanto que não saíssem do módulo de pouso, não estariam sob nenhuma pressão de tempo, visto que o sistema de suporte à vida era suficientemente grande e abastecido com ampla quantidade de oxigênio.

Eles teriam que percorrer 150 quilômetros antes de chegarem à base da NASA. Este problema não seria fácil de resolver, mas Ewa havia decidido adiá-lo por enquanto. Antes de abordarem esta questão, teriam de fazer o que um cientista faria—sentir o novo planeta sob os seus próprios pés. Ela estava confiante de que os demais concordariam com ela.

“Bem, que tal uma saída para uma pequena caminhada?” Ela perguntou ao grupo.

Os rostos de seus companheiros de viagem pareciam cansados, mas sua sugestão foi recebida com total concordância.

“Absolutamente!” Exclamou Ellen. “Eu queria sair ontem, mas todos vocês pareciam tão exaustos.”

“Você poderia ter me convencido a ir,” disse Andy.

“Quem quer ir primeiro?” Quis saber Ewa.

“Acho que Theo deveria ser o primeiro a pisar em Marte. Nós nem estaríamos aqui sem ele!”

“Theo?”

O alemão abriu os olhos. “Pode esquecer!” Disse. “Estou tão *inflamado* que até os meus ossos doem. Sintam-se à vontade para aproveitarem o passeio. Preciso de um tempo.”

“Vamos sortear,” sugeriu Ewa.

Ellen assentiu.

Havia sete deles. Theo não queria ir e, como comandante, decidiu Ewa, ela iria por último. Ela precisava de cinco *qualquer-coisa*, quatro das quais deveriam estar em branco. Olhou ao redor do módulo. Seria impossível encontrar papel em todo esse caos. Ewa enfiou a mão no bolso. O lenço teria que ser suficiente. Ela o rasgou em cinco pedaços e marcou um deles com um lápis que encontrou na caixa de ferramentas, antes de amassá-los em bolinhas.

Gabriella escolheu a bolinha com o x marcado. Ela seria a primeira voluntária da Iniciativa Marte para Todos a pisar em seu novo planeta natal. A médica sorriu.

“Parabéns!” Ewa disse, complementando os comentários entusiasmados dos demais, enquanto vestiam seus trajes espaciais. Apenas Theo permaneceu quieto, sentado em um canto.

Eles ajudaram um ao outro a se vestir. Ewa e Ellen encaixaram o HUT de Gabriella na posição correta. A parte superior do traje espacial era volumosa e pesada, especialmente no campo gravitacional de Marte. Ewa finalmente se deu conta de que, com o pouso, havia perdido algo que nunca poderia recuperar. Nunca mais flutuaria até onde se encontrava Theo. A gravidade a acompanharia, bem como os filhos de seus filhos pelo resto de suas vidas. Um ano atrás, isso teria parecido completamente normal, visto que ela nem sonhava com esta realidade. Mas nos últimos seis meses, ela havia se acostumado com a falta de peso.

Ewa se virou. Os animais estavam trancados em um canto, em uma gaiola de arame. O que estariam pensando sobre o novo ambiente? Será que teriam herdado o instinto de lidar com a gravidade ou teriam de aprender o que fazer? Os mamíferos ainda podiam carregar dentro de si uma lembrança da Terra, mas a atual geração de besouros-da-farinha tinha nascido no espaço. Ela precisaria observá-los cuidadosamente para entender como isso influenciaria sua taxa de reprodução. Não obstante, ela estava basicamente otimista. Quanto mais adversas as circunstâncias, mais rapidamente a Mãe Natureza tendia a acelerar o processo do ciclo de vida.

Gabriella entrou na câmara de descompressão. Eles não precisavam mais passar pelo procedimento de pré-respiração, visto que a atmosfera normal do módulo havia sido substituída por oxigênio puro, o que significava que poderiam diminuir a pressão interna. Isso reduzia significativamente o risco de *doença descompressiva*, que ocorria devido à presença de nitrogênio no ar respirado.

“É uma sensação maravilhosa,” disse ela do lado de fora.

A tripulação aplaudiu. Andy era o próximo, enquanto Ewa se encontrava no final da fila.

Dez minutos depois, Ewa também estava em Marte. Ela raspou o

pé no chão, que era sólido, coberto apenas com um pouco de poeira. Parecia o Vale da Morte da Califórnia. Ewa se ajoelhou e limpou um trecho de terreno. A poeira avermelhada grudou em sua luva. A superfície dava mostras de que não chovia havia muito tempo. Estava cheia de rachaduras e sulcos. E, entretanto, não parecia árida. A sujeira a fazia se lembrar do conteúdo de seus vasos de flores quando se esquecia de regá-los por duas semanas. Ewa esmigalhou um pouco de terra da beira de um sulco. Estava quebradiça, mas não uniforme. Continha vários componentes. Quando adicionassem umidade e alguns materiais orgânicos, as bactérias e outras pequenas criaturas deveriam prosperar—e eventualmente gerariam o solo fértil necessário para o cultivo.

Só que isso ainda estava muito longe de acontecer. Eles tinham as sementes a bordo, é claro, mas não estavam nesse momento em condições de cultivar as plantas que cresceriam a partir delas. Mas a missão não estava ameaçada de ser comprometida por esta realidade. Ewa teria que continuar e cumprir suas responsabilidades, independentemente de quantas vítimas caíssem ao longo do caminho. Só a *meta* importava. Ela estendeu as pernas para a frente, deitou-se e se esticou no chão. Seus olhos vagaram para o céu, que parecia estranhamente desestruturado. Não havia nuvens aqui como havia na Terra. Nem o solo duro e sem água de Marte, nem o seu ar rarefeito e sem oxigênio a incomodavam no momento. Tudo o que ela queria ver pelo resto de seus dias era o rosa acastanhado, nebuloso e embaçado do céu. Era um céu estranho, mas ela agora viveria sob ele para sempre.



“O NOSSO ROVER levará cerca de dez horas para chegar até vocês” disse Mike.

“Vamos aguentar bem até lá,” replicou Ewa.

“Há um problema, todavia. O Rover está operando um sistema de baixa pressão sem câmara de descompressão. Isso significa que precisarão usar seu traje espacial para entrar nele, bem como para sair, e todo o ar da cabine será liberado.”

“Isso realmente representa um problema,” disse Ewa, coçando a cabeça. “Temos todos os tipos de animais conosco e eles não têm trajes espaciais.”

“Além disso, o Rover possui tubo pressurizado retrátil. Usamos isso para passar da base ou da nave para a cabine do Rover sem trajes espaciais.”

“Você está explicando isso como se não fosse uma opção para nós.”

“Exato. Vocês não têm a peça correspondente. O tubo deve ser

preso à escotilha externa de uma câmara de descompressão para que possa permanecer hermético. Vocês precisariam de um mecanismo de acoplamento assim.”

“Poderíamos recriá-lo de alguma forma se nos enviassem as especificações?”

“Acho que isso ficaria em algum lugar entre o complicado e o impossível. Ou vocês têm um torno a bordo que pudesse cortar um anel de metal de um metro, de encaixe perfeito?”

Ellen deu um tapinha no ombro dela. Ewa assentiu.

“Meu pai sempre disse que era possível fazer qualquer coisa funcionar com uma boa fita adesiva. Temos muito disso aqui. Não poderíamos simplesmente proteger o tubo com a fita?” Ellen perguntou ao microfone.

“Ontem nós selamos um pequeno vazamento com fita adesiva,” disse Mike. “Foi ideia de Sarah. Mas seria suficiente para um tubo? Você pode tentar descobrir isso. O desafio será a parede externa curva do módulo. A extremidade do tubo é plana. Na parte superior e inferior, a fita adesiva precisaria ter espessura de pelo menos trinta centímetros. O material aguentaria essas temperaturas frias?”

“Ellen vai testar,” disse Ewa. “Alguma outra ideia? Qual é o tamanho do interior do Rover?”

“Um pouco menor que o módulo, mas poderíamos fazer duas viagens.”



“VAMOS FAZER AS MALAS, pessoal! Estão vindo nos resgatar!” Ewa disse. Ela se sentia como uma professora preparando seus alunos para uma excursão.

Todos arrumaram obedientemente suas coisas.

“Não poderemos levar tudo conosco na primeira viagem,” explicou Ewa. “Vamos esperar para levar os itens não essenciais na segunda rodada. Se o que estiverem deixando aqui contiver instruções especiais de manuseio, será preciso anotá-las e colá-las no objeto.”

“Onde conseguiremos o papel e a fita adesiva?” Andy perguntou.

“Use tudo o que puder encontrar. Ou leve junto as coisas frágeis na primeira viagem.”

“Quem virá com o Rover na viagem de retorno?”

“Decidiremos isso mais tarde, Andy. Mas preciso de alguém que se voluntarie para ficar e observar os animais. Eles serão levados na segunda viagem.”

“Você já sabe como vamos levá-los para o Rover sem trajes espaciais?” Andy perguntou.

“Temos algumas ideias, mas ainda não temos a solução. Estou

otimista!”

“Eu posso ficar,” Rebecca se ofereceu.

Mais uma vez, Ewa foi pega de surpresa. A mulher negra sul-africana não tinha atraído sua atenção em termos de iniciativa pessoal. Ainda assim, a realidade era que, em um grupo menor, os indivíduos muitas vezes se sentiam mais propensos a serem desafiados e envolvidos.

“Más notícias,” exclamou Ellen no rádio. “Estou aqui fazendo tentativas com a fita adesiva, mas parece impossível. Seria mais fácil colar um pudim na parede.”

“Obrigada por tentar,” replicou Ewa.

“Não podemos deixar os animais aqui!” Ellen declarou.

“E não os deixaremos!”

“Bom. Então eu voltarei para dentro.”

●

ANDY BALANÇOU A CABEÇA e apontou para o capacete dela. Por que será que ele simplesmente não contava a ela o que o estava incomodando?

“Eu realmente preciso?” Ela perguntou.

Andy assentiu, colocando seu próprio capacete. Ela fez o mesmo. Um bipe sinalizou que Andy estava tentando fazer contato por meio de um canal privado. Ela aceitou o pedido.

Um texto apareceu na tela do capacete: “Por favor, vire-se para a parede para que ninguém possa ler seus lábios e fale baixo.”

Ele estava realmente exagerando com tudo isso. Andy estava agindo como se estivesse investigando uma conspiração. Será que os acontecimentos anteriores ao pouso o haviam inquietado? Ewa se virou, apenas queria que ele a deixasse em paz depois disso. Ela sabia que Andy podia ser teimoso quando queria fazer algo acontecer.

“Obrigado,” ela o ouviu dizer. “O que vou contar tem que ficar entre nós dois.”

“Prometo!” Ela replicou, embora não conseguisse evitar um tom irritado em sua voz.

“Entendo que isto não é algo do seu interesse no momento,” disse Andy. “Realmente temos coisas melhores para fazer do que conversar em um canal privado como dois conspiradores.”

É verdade, Andy, você está certo, ela pensou. O que será que ele descobriu? Realmente seria melhor para Andy se não tivesse que ficar sempre obcecado com as coisas e pudesse simplesmente deixá-las passar.

“Você se lembra do momento em que quisemos desacoplar o módulo?” Ele questionou.

“Claro!”

“Não deu certo.”

“Sim, foi por isso que houve todo aquele drama depois.”

Agora ele a estava alimentando com fatos que já eram do conhecimento dela. Por isso, Ewa estava prestes a encerrar a conversa.

“O que você diria se soubesse que não foi isso que aconteceu?” Ele perguntou.

“Você quer dizer que todos nós tivemos uma alucinação coletiva? Se você está prestes a me dizer isso, como sua comandante, terei que mandá-lo ao médico. Espero...”

“Infelizmente, é isso que tenho para dizer. O módulo deveria ter sido liberado sem comando. Ele apenas pensou que não conseguiria fazê-lo.”

“Andy, estou farta de tudo isso. O módulo não consegue pensar por si mesmo!”

“Eu não me expressei muito bem. O software relatou um erro, embora não houvesse erro algum.”

“Mas... por que ele faria isso?”

“Não posso afirmar nada a respeito. Não sei o motivo por trás disso. Só posso garantir que o software foi manipulado de tal forma que acabou registrando um erro inexistente.”

O ritmo cardíaco de Ewa se acelerou. “Andy, lembre-se do que Theo nos contou,” disse ela. “Ele viu o ferrolho emperrado com seus próprios olhos.”

“Não tenho certeza do que ele realmente viu. Talvez ele tenha mentido para nós?”

“Theo nos salvou! Por que ele teria mentido para nós sobre o que estava errado?”

“Não descobri os possíveis motivos por trás de tudo isso. Theo pode ter visto o que queria ver. Você disse a ele que um ferrolho parecia estar travado. Mas definitivamente não estava. Poderíamos desacoplar a trava normalmente se o software não tivesse sido manipulado.

“E por que você tem tanta certeza disso?”

“Você me trouxe as placas de memória do outro módulo. Consegui comparar cuidadosamente o nosso software com essas placas, procurando pistas sobre o que quer que tivesse sido manipulado em termos de controle do motor. Os hackers ocasionalmente deixam assinaturas quase imperceptíveis porque são orgulhosos de seu trabalho. Idealmente falando, ninguém *nunca* deveria notá-las.”

“Você encontrou algo?”

“Não, mas isso significa apenas que não foram *freelancers* que fizeram o trabalho no motor.”

“Mas, em vez disso?”

“Programadores, remunerados em tempo integral, que não se importavam com o que estavam fazendo. Ou talvez profissionais, que não queriam arriscar que alguém os descobrisse.”

“Mas como essas pessoas saberiam que iríamos querer desencanaixar o módulo? Nossos planos não incluíam essa etapa.”

“Isso também está me incomodando, Ewa. A princípio, pensei que alguém devia tê-los informado sobre o que estava acontecendo e eles teriam feito os ajustes necessários.”

“Mas você não pensa mais assim?”

“Não... acho que o hacker estava a bordo.”

“Quer dizer que você tem certeza de que foi um de nós?!” Ewa ficou chocada com as palavras de Andy. As acusações dele eram ultrajantes. Isso teria que ser escondido dos demais, especialmente da equipe da NASA. Nunca permitiriam tal risco de segurança dentro de sua base!

“Sim, certeza relativa,” respondeu Andy. “Nossas oportunidades de comunicação com a Terra são limitadas. Durante o período crítico, não consegui encontrar uma única mensagem na memória da nave que tivesse sido enviada de lá. Isso significa que alguém a bordo deve estar operando sozinho.”

“Os hackers não poderiam simplesmente ter apagado seus rastros?”

“Estamos falando de sistemas relevantes para a segurança que não podem simplesmente ser excluídos. Cada transmissão é registrada junto com seu carimbo de data/hora e duração. Somente o conteúdo é excluído posteriormente.”

“E se os hackers também tiverem acesso ao sistema de segurança?”

“Então eles teriam revertido a manipulação antes de pousarmos, antes que alguém pudesse perceber. Mas isso não aconteceu. Assim, eles teriam sucesso na implantação de seu código, mas não conseguiriam removê-lo depois.”

“Andy, essas são acusações de longo alcance.”

“Estes são apenas os fatos. Para fazer acusações, preciso dos culpados.”

“Mas considere o que aconteceria se você culpasse Theo. Todos aqui o consideram um herói. Você apenas semearia desconfiança e conflito.”

“Essa não é a minha intenção. Eu só queria expor os fatos para você. Cabe a você decidir o que fazer com eles.”

Ewa se sentiu aliviada, mas guardou isso para si. Ela só sabia que não podia confiar em ninguém. “Obrigada, Andy. Eu sei que valorizo muito os seus conhecimentos e orientações. Por favor, documente tudo muito bem, pois se houver...”

“... um incidente inesperado?! Você anda assistindo muitos programas policiais, Ewa. Eu sou bom no que faço. Contanto que eu

não cometa nenhum erro, o conspirador não saberá o que estou fazendo.”

Espero que sim, pensou Ewa. “Não vou contar aos outros o que você descobriu,” disse ela. “Isso deve facilitar o seu trabalho. Mas, por favor, mantenha-me atualizada.”

“Claro, Ewa. Espero ter feito a coisa certa ao procurá-la.”

“Você espera?” Você não confia em mim?”

“Confiança é uma palavra grande. Em uma escala de um a cem, minha confiança em você é de cerca de oitenta e cinco.”

“Isso seria um percentual alto?”

“Só superado por uma outra pessoa.”

“Por você mesmo?!” Ewa sorriu. A autoestima de Andy nunca era abalada.

“Não, pela minha avó. Ela me criou sozinha, depois que a minha mãe fugiu para a cidade, longe do meu pai alcoólatra. Ela se situa nos cem!”

“E em você mesmo?”

“Cinquenta sólidos, eu diria.”



Sol 7, Rover da NASA

ALGUÉM TERIA QUE dirigir o Rover e Mike acabou perdendo no sorteio. Ele não tinha absolutamente nenhuma vontade de percorrer a paisagem desolada de Marte durante dez horas. Quinze quilômetros por hora—ele teria sido mais rápido em sua *mountain bike*. Pena que não tinha podido trazer a bicicleta junto. Com uma gravidade tão baixa, um passeio pelo deserto de Marte teria sido emocionante. E os saltos que ele poderia executar nessas condições! Pelo menos não teria que dirigir o Rover sozinho, já que o piloto automático mantinha o curso. Se tivesse deixado o *Endeavour* pousar mais cedo, alguém do MpT poderia estar sentado aqui, morrendo de tédio.

A planície que estava atravessando nesse momento era um exemplo clássico de paisagem árida marciana. Se ao menos ele pudesse examinar alguns vales glaciais ou apreciar a vista do Monte Olimpo, com vinte quilômetros de altura! Em vez disso, os rochedos ao seu redor eram representantes excepcionalmente pequenos de sua categoria. Por vezes ele encontrava padrões que pareciam rastros deixados por veículos monstruosamente grandes. Tinham sido criados pelo vento, que soprava aqui sem impedimentos havia milênios. Como um ralador gigantesco, a areia tinha raspado o substrato, revelando as estruturas escondidas que antes estavam enterradas nas profundezas da rocha.

Mike observou seus medidores. Se aumentasse a velocidade para vinte quilômetros por hora, poderia reduzir o tempo restante de viagem em duas horas. Isso também reduziria a autonomia do Rover de quinhentos para quatrocentos quilômetros. Isso seria significativamente mais do que ele planejava cobrir hoje; porém, em um ambiente de risco de vida como este, nunca fazia mal ter uma reserva de segurança.

O Rover era movido por uma célula a combustível de metanol que, além da energia necessária para impulsionar o veículo, também produzia água e dióxido de carbono. O gás carbônico era expelido por um escapamento para a atmosfera, que já era composta por esse gás. Por outro lado, a água era captada e, com a ajuda da eletricidade gerada pelas células solares no teto do veículo, parte dela era dividida em hidrogênio, somente para o motor, e oxigênio, também para o motor e, claro, para a respiração dos astronautas. Isso significava que

Mike não precisava se preocupar nem com a água nem com as reservas de ar respirável. Muito pelo contrário—quanto mais rápido ele dirigia, maiores ficavam.

Porém, havia um fator limitante, que era o tamanho do tanque de metanol. A NASA havia determinado que um alcance de quinhentos quilômetros por tanque cheio seria suficiente, uma vez que o alcance das operações ao redor da base deveria ocorrer em um raio de 100 quilômetros. À diferença do hidrogênio, o metanol era seguro e fácil de manusear, pelo que, quando necessário, um recipiente suplementar poderia ser adaptado, permitindo duplicar a autonomia.

Mike suspirou. Ele detestava viagens longas quando criança. Sua mãe sempre o levava da Costa Leste à Costa Oeste para comemorar o Dia de Ação de Graças com os avós, devido ao medo de voar. No Centro-Oeste, ponto médio dessas viagens, a paisagem se tornava quase tão desoladora quanto a daqui. No entanto, naquele tempo, eles paravam em um posto de gasolina a cada duas horas ou mais.

Se Mike precisasse ir ao banheiro nesta viagem, só poderia contar com o recipiente portátil para urina. Ele havia embarcado sete extras para seus passageiros. Para outras necessidades corporais, havia um toalete químico a bordo, mas não era grande o suficiente para acomodar as necessidades de oito pessoas em uma viagem mais longa. Contudo, a vergonha intuitiva dos passageiros impediria que isto se tornasse um grande problema. O interior apertado do Rover, com seus oito metros quadrados de área útil, significava que não existia o uso de banheiros privados. A viagem de volta deveria ser uma bênção. Provavelmente isso o deixaria nostálgico pela paz e tranquilidade da viagem de ida.

●

“ESTÁ SE DIVERTINDO?”

Mike acordou de supetão. Devia ter cochilado por um momento. “Sim, Sarah,” respondeu, sem olhar para os instrumentos. O piloto automático o teria acordado se tivesse registrado algum problema.

“*Endeavour* está querendo saber se podem iniciar lentamente o processo de pouso. Deve estar bem apertado lá em cima e eles provavelmente estão entediados.”

“Por mim está tudo bem. A propósito, o Rover está funcionando perfeitamente.” Mike tocou o console e girou o volante, como se estivesse dirigindo o tempo todo.

“Bom, então vou autorizar o pouso deles. Bons sonhos, Mike,” disse Sarah com uma risadinha.

Mike esfregou as têmporas e examinou o mapa. Ainda teria quatro horas pela frente. Era hora de fazer uma chamada.

“Módulo Rover para MpT, por favor, entre.”

Demorou um pouco para responderem.

“Ewa aqui. Alguma novidade?”

A chefe. Lance estava certo. Havia algo nela. Parece um pouco distraída, ele pensou. Não, essa não era a palavra certa. Ela estava distante. Você não poderia acusá-la de não estar preparada para lutar pelo seu pessoal. Ela estava fazendo um excelente trabalho como comandante, apesar de não ter sido treinada para essa posição. Ainda assim, parecia haver uma distância entre ela e o mundo. Ou ele estava apenas imaginando isso, já que só havia se encontrado com ela indiretamente, através de uma tela? Ele estava bastante interessado em suas impressões sobre ela, quando se encontrassem pela primeira vez.

“Eu só queria pedir uma atualização de status. Devo chegar em quatro horas,” replicou ele.

“Está tudo bem por aqui. Estamos ansiosos para que você chegue com o Rover e somos extremamente gratos por tudo.”

Ewa sorriu ao dizer isso, mas ali estava de novo—a distância. Quem sabe ela fosse apenas introvertida? Ele mesmo já havia testemunhado um monte de pessoas introvertidas que mantinham os demais à distância, ainda que estivessem felizes por serem incluídos em algum grupo. Ele também era assim, às vezes. Dava-se bem com Sarah, Sharon e Lance porque se conheciam havia muito tempo. Acabaram se tornando uma espécie de família.

“Se eu puder fazer alguma coisa,” ele ofereceu.

“Ainda não temos ideia de como colocar os nossos animais no Rover. Mas teremos algum tempo para debater ideias antes da segunda viagem.”

“Entendo. Vou pensar um pouco a respeito também. Talvez haja algum conto de *velhas mães* que possamos usar.

Ewa sorriu. “Duvido que exista alguma velha mãe por aí que já tenha passado por esse tipo de problema.”

“Ah, mas pelo menos eu poderia contar uma historinha! Minha mãe cresceu na Itália. Sicília, para ser mais específico. Ela afirma que inventou a panela de pressão depois de observar o Monte Stromboli por algum tempo.”

“Isso significa que o seu nome verdadeiro é Michele, não Michael?”

“Mãe era a única pessoa que me chamava de Michele.”

“E a panela de pressão?”

“Já existia antes da minha mãe nascer. Mas ela se recusava a admitir isso. A certa altura, ela me mostrou uma panela de pressão antiga, obviamente *caseira*, no galpão de sua mãe. Na vila deles, costumavam destilar aguardente em potes assim.”

“Fascinante!”

“Sim, bom, isso não nos ajuda em nada.”

“Isso é verdade. Preferimos manter os animais vivos e não ter que cozinhá-los.”

“Eu poderia enviar uma mensagem para a minha mãe.”

“Claro, por que não? A gente se vê em quatro horas.

Ele olhou para o relógio. “Três horas e cinquenta e seis minutos.”



O ROSTO DE Ewa desapareceu e a tela se desligou automaticamente. Mike começou a pensar em opções. Ele teria bastante tempo. Talvez realmente devesse enviar um bilhete para sua mãe. Chegaria à Terra em vinte minutos. Quão tarde era agora em Baltimore? Como um dia em Marte durava quarenta minutos mais que um dia na Terra, já fazia muito tempo que Mike não tinha noção de que horas seriam em casa. A tripulação já havia começado a se ajustar ao horário marciano para o voo de regresso.

Ele ativou o programa de entrada de voz. Tudo tinha sido mais fácil no passado. Em férias anteriores, ele simplesmente compraria um cartão postal, escreveria ‘Cheguei aqui e estou bem’ no maior tamanho possível e confiaria a entrega ao bom e velho Serviço dos Correios. O que ele deveria dizer à sua mãe? Tudo parecia tão complicado. Ele nem mesmo sabia se estava tudo bem. Parecia que estava bem no momento, mas talvez o material na câmara de descompressão da base já estivesse desenvolvendo alguma rachadura que pudesse causar uma ventilação explosiva da base nos próximos três dias. Nunca se sabe.

Mike balançou a cabeça em negação. Mamãe não gostaria de ouvir sobre isso. Então ele decidiu descrever para ela como estava sendo o dia. Falou sobre seus colegas e explicou como o deserto de Marte parecia chato. Isso levou cerca de quinze minutos. Não falava tanto havia muito tempo. No final, ele contou a ela sobre o problema com os animais. Como poderiam mover uma criatura sem traje espacial através de um ambiente mortal? Certamente ela gostaria de se sentir parte do que estava acontecendo na vida dele. Mamãe sempre se sentia melhor quando dava conselhos.

Mike salvou a mensagem e a encaminhou através da base para a *Deep Space Network*. Ele imaginou a antena de alto ganho na base procurando a posição de um dos três orbitadores. Na sequência, sua mensagem seria disparada, virtualmente, rumo ao espaço para ser captada pelo satélite, que a reformataria e fortaleceria antes de transmiti-la para a Terra. Sua mensagem com a pergunta voaria à velocidade da luz através do espaço gelado até ser captada por uma das grandes antenas, talvez na Espanha ou na Austrália. Dependeria de qual estaria apontada na direção de Marte nesse momento. A

mensagem acabaria chegando ao Controle da Missão na Flórida, onde alguém a ouviria, rotularia como privada e a enviaria como anexo de e-mail.

Ele imaginava que tudo isso levaria menos de uma hora. E então tudo dependeria apenas de quando sua mãe iria verificar as mensagens dela. Com toda a honestidade, ninguém poderia dizer que os dois estavam tão distantes. Os primeiros exploradores da Antártica haviam vivido uma situação muito pior quando se tratava de enviar notícias para casa. Alguns deles nem sequer retornaram. Só mais tarde, quando alguém encontrou seus corpos, é que os parentes ficaram sabendo com certeza o que havia acontecido. Em contraste, o mundo inteiro saberia no dia seguinte se algo acontecesse em Marte— a menos que alguém não quisesse que isso acontecesse.



“PODEMOS VER VOCÊ!” Ewa exclamou pelo canal de rádio.

Mike ficou surpreso, pois já estava escuro ali fora. Suas luzes de navegação deviam ser mais visíveis à noite que na neblina do dia. Ele ligou a câmera. Ela estava certa. Bem à sua frente havia uma luz piscando que só poderia estar no módulo.

“Algum problema com o embarque no escuro?” Ele perguntou.

“De jeito nenhum!” Disse Ewa.

“E vocês precisam da minha ajuda?”

Mike esperava que Ewa dissesse não. Mas então se lembrou de que o processo de embarque teria que ocorrer sem a fixação do tubo pressurizado. Ele deveria esgotar o oxigênio e abrir a câmara de descompressão. Isso significaria que teria que vestir seu traje espacial; sendo assim, ele também poderia ajudar no processo de transição.

“Definitivamente seria mais rápido com a sua ajuda,” respondeu Ewa, “mas não quero tirar vantagem da sua boa vontade.”

“Não, já estou me trocando, então isso não será problema.”

Mike pegou seu traje, o qual conseguiu vestir rapidamente graças ao material flexível. Puxou sua mochila e conectou todos os cabos e mangueiras. Quando terminou, o Rover havia chegado ao seu destino. Estacionou automaticamente a três metros do módulo. Mike colocou o capacete e ligou a bomba. Era uma pena se desfazer do ar respirável. Agora ele abriu a saída de emergência localizada na parte traseira do Rover. Consistia em uma porta dupla fortemente isolada. O painel interno se projetou para dentro, enquanto o externo se projetou para fora. Mike se meteu nessa passagem agora aberta. “Merda!” A palavra escapou de seus lábios antes que ele pudesse se conter. O chão estava a mais de um metro abaixo dele. Não era bem assim que ele se lembrava.

“Ewa? Vocês precisarão fazer uma pequena escalada. Vou esperar na escotilha para ajudar.”

Pelo menos ele não teria que sair nessa noite fria. Olhou para a tela múltipla em seu braço. A temperatura já havia caído para 80 graus negativos. Ficaria muito mais frio que antes do nascer do sol. Eles poderiam esperar 130 negativos.

Um raio de luz balançava para frente e para trás na frente dele. Devia ser a lâmpada do capacete de um dos astronautas que se aproximava. Não demorou muito para ele ver os contornos do traje. Parecia antiquado. *O projeto MpT devia tê-los comprado em um mercado de pulgas!* Ele pensou. Ninguém havia usado trajes espaciais assim nos últimos vinte e cinco anos. Os movimentos fluidos da pessoa dentro do traje que se aproximava refletiam um verdadeiro atletismo. Mike agora podia ver que a pessoa carregava uma caixa, abraçada contra o torso do traje. O, ou a, astronauta não estava apenas transportando a si mesmo, ou si mesma, mas também uma carga. A opinião favorável de Mike sobre a pessoa que se aproximava aumentou ainda mais.

“Olá, sou Ellen.”

Mike avistou um rosto muito jovem. A dona parecia não ter nem dezoito anos. Certamente o MpT não tinha enviado crianças nesta viagem só de ida!

“Eu sou Mike,” ele replicou. “Físico e comandante da missão da NASA.”

“Na sua idade, já? Parabéns,” disse Ellen. “Você poderia me dar sua mão?”

Mike estendeu o braço para apertar a mão da colega. Ela se agarrou e deu um puxão. Mike quase perdeu o equilíbrio.

“Era para que você pudesse me puxar para cima,” disse Ellen.

Mike se estabilizou e a puxou com mais força. Em seu traje, a mulher não pesava mais de trinta quilos terrestres, mas dava a impressão de ser duas vezes mais pesada. Ele realmente precisava malhar mais, principalmente os braços. *Não apenas a bicicleta,* ele pensou. O traje era tão volumoso que ele teve que se pressionar contra a parede da cabine para dar espaço suficiente a Ellen. Ela deixou a caixa cair.

Mike sentiu a vibração sob os calçados. “Por favor, tenha um pouco de cuidado,” disse ele. “Este é o nosso único Rover.”

“Perdoe-me por isso!” Ellen disse. “Vou pegar mais algumas canastras. Você vai ficar aqui para dar uma mão a todos?”

“Caso contrário, nenhum de vocês conseguirá subir aqui,” disse Mike, apontando para a distância abaixo deles, em tom de desculpa.

Ellen saltou de volta para a superfície de Marte, seus joelhos se flexionando graciosamente para o pouso. Ela então se virou e pegou algo localizado logo abaixo da escotilha. Era uma escada. Mike corou.

Felizmente, ninguém conseguia ver isso no escuro. Ele nem tinha pensado nisso. Ellen distendeu completamente a escada e cravou sua extremidade no chão.

“Isso vai ser um pouco melhor que a sua mão,” disse ela.



QUARENTA E CINCO MINUTOS DEPOIS, o Rover estava tão cheio que Mike e seus seis passageiros mal cabiam nos assentos. Teria sido melhor se todos tivessem tirado os trajes espaciais? Em meio ao rebuliço, Mike teve dificuldade em localizar Ewa. Finalmente avistou seu cabelo loiro. “Kowalska” estava escrito em sua tarjeta.

“Como vão as coisas no módulo?” Ele perguntou.

“Não vamos conseguir evitar uma segunda viagem, mas isso já sabíamos. Definitivamente não será tão apertado da próxima vez.”

“E os animais?”

“Estão se comportando bem. Nós os trancamos em uma gaiola de arame.”

“Então só falta um plano,” disse Mike.

Uma cabeça apareceu na escotilha. Era Rebecca. “Eu só queria me despedir,” disse ela.

Ewa foi até a abertura e se ajoelhou. “Quer me dizer algo?”

“Eu... não,” respondeu Rebecca. “Apenas uma sensação estranha em minhas entranhas. Deve ser porque pela primeira vez em oito meses estarei sozinha. Todos vocês às vezes podem ser um verdadeiro pé no saco, mas parece que vou sentir a sua falta quando partirem.

“Estaremos de volta em breve,” disse Ewa.



NÃO PODERIA HAVER DÚVIDA A RESPEITO. Seis indivíduos que não tomavam banho de verdade havia muito tempo não seriam menos cheirosos que alguns bodes e carneiros. O olfato de Mike não era especialmente sensível, mas a variedade de novos aromas no Rover não passava despercebida. Todavia, esta situação confirmava o fato de que o olfato é um dos sentidos mais adaptáveis. O que o tinha deixado enjoado logo após a remoção dos trajes espaciais quase não era notado após uma hora de viagem.

Seus passageiros tinham se espalhado entre as caixas e o piso. Não havia espaço suficiente para todos se deitarem. Alguns deles estavam cochilando. Gabriella, a médica, roncava alto. Mike sabia que, de qualquer maneira, não conseguiria dormir nessas circunstâncias. Ele apenas teria que aguentar as pontas.

Então percebeu que Andy havia colocado os braços protetoramente

em volta de um grande monitor. Mike o cutucou. “Quer assistir a um ou dois filmes? O Controle da Missão nos envia regularmente uma pequena filmoteca para usarmos em nosso tempo livre. Deveríamos excluí-los depois de assisti-los, mas eu simplesmente cancelei a proteção contra cópia e os salvei em meu servidor pessoal.”

“Legal!” Andy replicou. “Também tenho uma pequena coleção, mas baixei antes de sairmos e já vi umas cem vezes cada um.”

“Tudo o que falta aqui no Rover é uma tela grande, mas isso que você tem...,” Mike apontou para a que Andy segurava.

“Deve ter as maiores dimensões em um milhão de quilômetros ao redor,” declarou Andy.

“Deve funcionar bem.” Mike se levantou, abriu uma pequena porta na parede e puxou um cabo. “Isso aqui serviria?”

Andy estudou o plugue na ponta do cabo. Ele parecia cético. “Não parece, mas poderíamos fazê-lo funcionar com um adaptador,” respondeu. “Posso?”

“Claro! Só tome cuidado para não causar um curto-circuito. Estaríamos mortos no... hum, deserto sem energia.”

“Entendi. Eu sei o que estou fazendo.”

Mike observou Andy por um momento, o cara realmente parecia saber o que estava fazendo. Eles poderiam assistir a filmes juntos em breve, o que os ajudaria a passar as horas finais. De repente, ele percebeu que uma mensagem recebida estava piscando no console. Passou por cima de várias caixas e apertou o botão de resposta.

Rebecca estava olhando para a câmera e Mike percebeu imediatamente que ela não estava se sentindo bem.

“Desculpe-me por incomodá-lo, mas temo que a minha dor de estômago não tenha nada a ver com o meu estado mental. Eu peguei alguma coisa,” Rebecca informou a ele.

“Venha aqui, Ewa,” disse Mike.

A chefe de Rebecca se juntou a ele, mas depois de dar uma rápida olhada na imagem na tela, ela foi buscar Gabriella.

“Você pode descrever seus sintomas para mim?” A médica quis saber.

“Dor de estômago, náusea, vômito, fraqueza, tremores,” contou Rebecca, embora tivesse que cobrir a boca na última metade da lista.

“Há quanto tempo você vem sentindo isso?”

“Tudo começou logo depois que vocês saíram. Achei que talvez tivesse comido algo que não tivesse caído bem e que um tempinho no banheiro resolveria o problema.”

“Considerando o que estou vendo, não acho que seja esse o caso.”

“Está vindo em ondas. Cochilar ajuda um pouco, mas me sinto muito fraca.”

“Pode ser uma intoxicação alimentar, mas também é possível que

tenhamos trazido algo da Terra conosco. Vou precisar dar uma olhada em você mais de perto.”

“O mais importante é que não seja uma doença marciana. Caso contrário, meu estômago poderia explodir, expulsando um alienígena. Ou eu poderia me transformar em um zumbi.”

Mike ficou contente, o senso de humor dela parecia intacto.

“Você assistiu muitos filmes. Alguns vírus são resistentes e podem permanecer inativos por meses. Mas também pode ser algo que tenhamos contraído dos animais. Estávamos em contato muito próximo com eles,” disse Gabriella.

“Eu não deveria ter sido a primeira a ficar doente?” Perguntou Ewa. “Fui eu quem passou mais tempo com os animais.”

“Seu sistema imunológico poderia ser mais forte. Ou talvez o vírus tenha permanecido assintomático no seu caso, apesar de você estar cuidando deles mais de perto. Só posso especular sobre isso.”

“E qual é o seu conselho médico?” Perguntou Ewa.

“Ao paciente, repouso e muitos líquidos. Para você e Mike, não podemos deixá-la no módulo. Se Rebecca perder a consciência, precisará de alguém para cuidar dela e recuperar sua circulação.”

“Perder a consciência?! Sinto-me fraca,” disse Rebecca, “mas não parece tão sério. Será que eu não poderia simplesmente tomar alguma coisa?”

“Não posso sugerir tratamento apenas por conjecturas. Para determinar o que você tem, preciso examiná-la e fazer análises de fezes e sangue.”

“Em outras palavras, precisamos voltar para resgatá-la?” Mike perguntou.

Ele olhou para o mapa. Cinquenta e três quilômetros até o módulo. “Vamos levar três horas e meia,” disse ele.

“Sim, é isso que eu recomendaria,” disse Gabriella. “Cabe a vocês decidirem o que fazer com este conselho.”

“Mais uma pergunta,” insistiu Mike. “Não há uma chance de trazermos a doença para o Rover?”

“Não posso descartar essa possibilidade, mas podemos tentar prevenir o contágio através da higiene. E qualquer pessoa que esteja realmente preocupada poderá usar o traje espacial.”

Todos vão adorar isso, pensou Mike. Quem não gostaria de usar o traje durante todo o caminho de volta?

“Então, parece que teremos que substituir Rebecca no módulo. Preciso de um novo voluntário,” disse Ewa, virando-se para os demais.

Ninguém se prontificou. Quando o silêncio começou a ficar desconfortável, o dedo de Andy se ergueu no ar.

“Tudo bem, eu farei isso,” disse ele, “mas apenas sob uma condição.”

“Qual seria?”

“Mike tem que fazer uma cópia de sua filmoteca para mim.”

Ewa olhou para Mike. Ela parecia aliviada por Andy ter se voluntariado.

A mente de Mike girou. *Se Andy for embora, sua tela irá com ele.* E ele ficaria aqui sem nada para assistir aos seus filmes. Claro, ele poderia se oferecer para fazer companhia a Andy. Mas não, de jeito nenhum. Ele teria que abrir mão do conforto da base por ainda mais tempo se fizesse isso. Isso estava fora de questão.

“Claro,” ele disse, “mas você tem que jurar que não vai danificar nenhum deles.”



THEO E GABRIELLA ajudaram Rebecca em seu traslado do módulo até o Rover, enquanto Mike observava. A paciente estava abraçada a seus assistentes, mas andava com as próprias pernas. O resto da tripulação esperava por eles dentro do Rover. Como antes, todos usavam trajes espaciais. Depois que a porta externa se fechou, Mike percebeu que não havia se despedido de Andy—e que o ar agora cheirava consideravelmente melhor depois de ter sido completamente trocado. Havia prós e contras em tudo.

O espaço estava liberado para Rebecca na traseira do Rover. Theo ajudou com isso, mas por segurança ele manteve seu traje. Gabriella, por outro lado, exibia o comportamento típico de uma médica, do tipo que fazia com que pessoas não médicas acreditassem que os médicos eram magicamente imunes a infecções.

“É tudo uma questão de higiene,” declarou Gabriella. “Esses lenços aqui podem matar qualquer coisa que possa me infectar. Só preciso ter um pouco mais de cuidado.”

Mike sorriu se desculpando. Ela deve ter percebido o olhar dele. Não havia nada para fazer aqui atrás, então ele seguiu para os bancos da frente, onde estava ainda mais apertado que antes. Ele verificou o medidor de combustível e ficou satisfeito por não ter escolhido dirigir mais rápido no caminho para o módulo. Se o tivesse feito, estariam agora perto de ficar sem metanol. Graças ao fato de ter pensado com prudência, ainda restavam cem quilômetros de combustível de reserva. Eles estavam preparados. O que poderia dar errado?

Era uma pena que ele agora não pudesse assistir a filmes nem na minitela embutida no console frontal. Qual seria a melhor maneira de matar as próximas horas? Pelo menos Gabriella, a que roncava mais alto, não era mais um problema a ser enfrentado, visto que se mantinha ocupada com a paciente. Sem nada melhor para fazer, ele decidiu ver como estavam, movendo-se com cuidado pelo piso e por

cima dos dorminhocos.

“Você descobriu alguma coisa?” Ele perguntou a Gabriella.

“Rebecca está estável. Acho que ela estará livre de perigo em cerca de três dias, mas foi bom termos voltado. Acabei de fazer a aplicação de fluidos intravenosos, então espero que ela recupere um pouco de suas forças.”

“E a causa?”

“Trouxe um conjunto de teste comigo, mas ainda não completei todos eles,” disse ela, apontando para um estojo prateado brilhante, em forma de cubo. “Comprei isso para a viagem com o meu próprio dinheiro. Contém vinte testes reutilizáveis que reagem a vários tipos de proteínas.”

“O que você obtém de informação ao ficar sabendo quais proteínas Rebecca tem em sua corrente sanguínea?”

“Não estou apenas testando o sangue dela, mas também as fezes. Veja, aqui estão dois exemplos. Você gostaria de colocá-los nos recipientes de teste?”

Gabrielle estendeu dois pequenos tubos fechados nas extremidades com lacres de metal. “O exterior é estéril,” disse ela.

“Obrigado, mas não quero me intrometer no seu trabalho.”

“Você quem sabe. Os resultados finais serão obtidos a partir dos resultados cumulativos de todos os testes. Se eu souber que o sangue dela contém proteínas A e B, mas não C e D, enquanto suas fezes contêm E e F, mas não G, então, com sorte, poderei fazer um diagnóstico conclusivo. Depois disso, a única outra questão pendente será a causa.”

“Com sorte?!?”

“Nossas opções são limitadas. Só poderei distinguir os germes mais comuns. No entanto, as chances são relativamente pequenas de que Rebecca tenha contraído algum tipo de vírus raro.”

“Mas e os vírus e bactérias em Marte? Formas de vida extraterrestres?”

“Não comece também. Você sabe, o consenso é que, se existem, será somente na forma fossilizada. Já usaram sondas procurando algo aqui por um bom tempo...”

“Mas eles ainda nos enviaram atrás de possíveis formas de vida. Isso não faz com que você se pergunte, ao menos?”

“Seria emocionante escavar fósseis marcianos, não seria? Isso nos esclareceria muito sobre a evolução da vida na Terra.”

“E se ainda houver vida em Marte?”

“Então não estaria em condições de infectar Rebecca. O organismo dela seria alienígena aos germes marcianos... assim como o seu. Qual você acha que seria o aspecto mais alienígena da vida aqui, Mike?”

“As mulheres,” ele respondeu. “As mulheres.”

“BOM DIA, PESSOAL!” Andy parecia especialmente alegre na tela.

“De onde vem o seu bom humor?” Mike perguntou. “Espero que não esteja se contagiando. Uma pessoa doente a bordo é suficiente para mim.”

“Dormi bem ontem à noite, como não o fazia há muito tempo. Só eu e alguns animais amigáveis. Vejam, Petey gostaria de desejar a todos um bom dia.”

Andy levantou uma cabra para a câmera e acenou com sua pata dianteira.

“Não é Petey. Essa é Eliza,” disse Ewa, aparecendo de repente ao lado da tela. “Você não consegue perceber a diferença?”

“O que você pensa que eu sou? Um biólogo?! Mas isso não importa. Eu só queria dizer que estou prestes a fazer uma breve caminhada matinal. Meus velhos ossos precisam se ajustar à gravidade aqui.”

“Velhos ossos?! Você nasceu em 2006! De acordo com o seu arquivo pessoal, você tem trinta e seis.”

“Quase trinta e sete,” disse ele. “O que mais você sabe sobre mim?”

“Eu sei tudo,” replicou Ewa. “Por exemplo, sei que o seu nome verdadeiro é Andrej e que você nasceu na Geórgia.”

“Isso não conta como um grande segredo. Você poderia conseguir isso online.”

“Não quero comprometê-lo com as outras coisas que sei.”

“Isso é muito gentil da sua parte, Ewa. Mas você deve saber que se houvesse algo em meu arquivo eletrônico MpT que eu não gostasse, eu já teria excluído há muito tempo.”

“Bom saber. Então o que sei a seu respeito são as coisas que você queria que a organização soubesse?”

“Você sabe muito mais sobre mim do que isso,” respondeu Andy. “Passamos os últimos seis meses em uma caixa de sapatos voadora. Você até sabe qual é o cheiro dos meus peidos, e isso não está em nenhum arquivo em lugar nenhum.”

“Eu suprimi isso,” Ewa rebateu.

“Nesse caso, acho que vou dar uma saída. O tempo parece melhor hoje do que ontem.”

“Tenha cuidado,” disse Ewa. “Todos os reconhecimentos externos devem ser feitos em duplas. Mas infelizmente Petey não tem um traje espacial. Por favor, não se mova além do alcance visual do módulo.”

“Sim, capitã!” Andy cortou o link.

Mike olhou pela portinhola do Rover. O véu de poeira realmente parecia mais fino hoje. Quase poderia ser descrito como um dia ensolarado. Isso deixaria felizes as baterias movidas a energia solar.

Ele se virou em busca de Gabriella. Seus olhos pousaram em Ellen, quem estava no canto, *ocupada* com o recipiente portátil de urina. Ele rapidamente desviou o olhar. E ali estava a médica.

“Como está a nossa paciente?” Mike perguntou.

“Dormiu muito e está bebendo bem. Ainda assim, ela não consegue manter nenhum alimento no estômago. Vomita instantaneamente até mesmo os biscoitos secos que estou dando a ela. Suspeito que isso não vai melhorar antes de amanhã.”

“Você descobriu a causa?”

“Tudo aponta para uma infecção por norovírus, mas os testes não estão indicando esse vírus. Faltam três dos marcadores típicos.”

“E se for uma variedade mutante? Os vírus a bordo das naves foram submetidos à radiação ionizante do espaço, assim como todos nós.”

“Teoricamente possível, sim. Mas a mutação teria de se distinguir em três marcadores diferentes e ainda assim causar a mesma doença. Isso parece improvável para mim.”

“Você tem alguma outra suspeita?”

“Sim, estou pensando sobre algum tipo de veneno. Existem vários que provocam sintomas semelhantes. Náuseas e vômitos são bastante típicos. Mas o meu conjunto de testes não foi feito para testar toxinas, apenas germes.”

“Você acha que alguém envenenou Rebecca?” A comandante do MpT se juntou a eles.

“Acho que Rebecca consumiu um veneno. Não sei dizer se foi administrado a ela ou se ela tomou por conta própria.”

“Por que ela se envenenaria?” Perguntou Ewa.

“Tenho certeza de que ela não queria fazer isso. Talvez tenha sido um acidente. Alguns alimentos podem ser tóxicos em determinadas circunstâncias, como pepino e abobrinha, por exemplo. Se um desses ou algo semelhante se estragou em meio aos nossos suprimentos e ela *por acaso* os comeu, isso poderia explicar o que aconteceu.”

“Você não parece muito convencida, Gabriella,” disse Mike.

“Não estou. Estou surpresa com a séria reação de Rebecca. A concentração desses tipos de toxinas é geralmente tão baixa que as pessoas raramente ingerem o suficiente a ponto de serem fatais.”

“O processo de cozimento ou liofilização poderia ter aumentado a concentração,” sugeriu Ewa.

“Isso é possível. Se ela despejou um saco de abobrinha em pó no chá, talvez por engano... Teremos que perguntar assim que ela acordar.”

“Faremos isso!” Disse Ewa.”

FALTAVAM QUARENTA E QUATRO QUILOMETROS. Sarah tinha acabado de entrar em contato pelo rádio da base para informá-lo de que o *Endeavour* havia pousado. Houve felicitações por toda parte. Todavia, eles queriam esperar e desembarcar somente quando o Rover pudesse ser usado para o traslado—essa seria a opção mais confortável.

“Antes que eu me esqueça... a sua mãe respondeu,” disse Sarah no final da conversa.

“Oh, isso é... bom,” replicou Mike.

“Qual é, um pouco mais de entusiasmo! Esta é a mulher que o amamentou e trocou as suas fraldas. Eu mesma não teria feito isso.”

“Você tem razão. Por favor, encaminhe a mensagem para mim.”

“Está a caminho.”

Três minutos depois, o pacote de dados estava em sua caixa de entrada. Continha um vídeo e um arquivo de texto, então ele começou com o vídeo. Nele, sua mãe descrevia o que estava fazendo atualmente e como tinha ficado muito feliz ao receber a mensagem dele. *Sim, mamãe, eu já sei disso*, pensou ele, antes de sentir uma pontada de culpa por sua impaciência.

“Quanto ao problema que você me descreveu, os animais para os quais não existem trajes espaciais... eu nem sabia que haviam levado animais com vocês. Eles nunca mencionam isso nos relatórios que apresentam constantemente sobre vocês.”

Isso é porque pertencem ao pessoal do MpT, pensou Mike.

“De todas as formas, estive pensando a respeito e acho que tenho uma solução. Aos domingos tem uma série policial que sempre assisto na TV. Há duas semanas, assisti a um episódio em que uma mulher foi morta quando o assassino envolveu seu rosto com filme plástico. Isso me impressionou porque usamos papel alumínio e plástico bolha com frequência. Você sabia que as bananas não amadurecem tão rápido se você embrulhar os caules em filme plástico? Você pode até assar um peito de ganso em papel alumínio ou escalfar um ovo em filme plástico. De todos os modos, quando você trabalha com filme plástico, você percebe rapidamente tudo o que ele suporta, mesmo sendo tão fino e transparente. Foi por isso que pensei que talvez você pudesse envolver os animais em um montão de filme plástico! Você precisaria deixar um balão ou algum tipo de saco cheio de oxigênio em volta de suas cabeças para que não sufocassem. Tenho certeza de que isso não será confortável para eles, mas a morte é ainda menos confortável. O que você acha? Por favor, escreva novamente em breve. Eu o amo!”

Com isso, o vídeo terminou. O arquivo de texto incluía instruções sobre tudo o que se poderia fazer com filme plástico. Mike considerou essa ideia. A dica sobre o envoltório não era tão maluca. Se transportassem os animais por último para o Rover, os pobres coitados só precisariam ser mantidos na embalagem por no máximo dez

minutos.

Ele chamou Ewa e explicou a solução potencial. “Você acha que os animais nos deixariam fazer isso?”

“Tenho certeza de que eles vão apresentar resistência, mas antes de matá-los, gostaria de tentar transportá-los com segurança. Diga à sua mãe ‘obrigado’ por todos nós! Ela pode estar garantido a sobrevivência da primeira colônia humana em Marte.”

“Ela vai gostar de saber disso,” disse Mike, sentindo-se um pouco orgulhoso de sua mãe.

“A única questão é se temos filme plástico suficiente no módulo. Caso contrário, precisaremos trazer alguns da base.”

“Vou pedir ao Andy para verificar.” Mike abriu uma conexão com o módulo através do console. A chamada foi completada, assim o remetente do Rover e o receptor do módulo estabeleceram uma conexão estável.

No entanto, não houve resposta.

“Andy, por favor, entre,” Mike falou ao microfone. Talvez ele estivesse se aliviando ou estivesse na câmara de descompressão e não conseguisse ouvir nada. “Andy, por favor, entre... Andy, por favor, entre.”

Ewa percebeu que algo estava errado. Não fazia sentido, mas ela tentou mesmo assim: “Andy, entre.”

Sem resposta.

“Andy, isso não é uma brincadeira.” A voz severa de Ewa refletia sua crescente ansiedade. “Se puder nos ouvir, responda imediatamente!”

Mike aumentou o volume, mas a única coisa que ouviram foi o estalo da eletricidade estática.



Sol 8, módulo de pouso do MpT

PETEY OLHOU EM VOLTA. Ele não conseguia ver a luz do dia, é claro, mas seu estômago lhe dizia que a noite havia acabado. Geralmente um daqueles *Duas Pernas* aparecia bem agora. Era quase sempre o mesmo que aparecia para reabastecer o dispensador de comida. Petey tocou a alavanca com o nariz, esperando que alguma comida caísse, mas nada aconteceu. Ele cutucou Eliza, que agia como se estivesse dormindo. Ela fez um pequeno barulho. Será que ela não tinha percebido que algo não estava certo aqui? Petey experimentou o dispensador novamente. Os *Duas Pernas* nunca o enchia mais do que a metade. Por que não deixavam até o fim? Se o tivessem enchido, Petey teria algo para comer agora. Ou talvez não, já que ele provavelmente teria se empanturrado ontem. Os *Duas Pernas* realmente sabiam o que estavam fazendo.

Seu estômago roncou novamente. Ele se pressionou contra o arame que os *Duas Pernas* haviam colocado em cima deles. Isso era bastante eficiente. Por muito tempo, Petey tinha pensado que a gaiola era apenas para prendê-los, mas algum tempo atrás algo pesado tinha caído do céu. Tinha pousado diretamente na gaiola, bem onde Eliza se posicionava. Sem essa barreira, ela estaria morta agora.

Não era como se eles não pudessem deixar a área que lhes havia sido designada. Será que era isso que os *Duas Pernas* pensavam? Petey havia testado isso algum tempo antes. Havia colocado seus cascos dianteiros em uma pequena caixa no piso e empurrado a cabeça contra o topo da gaiola. Então se levantou sobre as patas traseiras. O fio de arame não era tão leve como havia sido antes, mas não era muita coisa para ele dar conta. Ele levantou a estrutura e a moveu até conseguir apoiar o painel lateral sobre a caixa. Assim, ele poderia sair do recinto e voltar a entrar sempre que quisesse.

Petey olhou para Eliza novamente. Ele baliu baixinho, mas ela não respondeu. Bem, ele iria sair sozinho então. O espaço em que ele se encontrava, além do arame, não parecia diferente do que estava dentro da gaiola. A solução para o mistério do desaparecimento dos *Duas Pernas* não estava aqui. Mas ele tinha visto de onde vinham os *Duas Pernas*. Havia uma abertura redonda no teto. Devia ser onde moravam os *Duas Pernas*. Petey ficou embaixo do buraco e tentou se empurrar para cima, mas nada aconteceu. Alguns dias atrás, isso teria

sido suficiente para fazê-lo flutuar. Mas ele também poderia tentar da maneira antiga. Petey começou a correr e pulou. O efeito foi incrível. Ele nunca teria pensado que poderia pular tão alto! Será que ele era realmente tão forte?

Ele chegou ao andar superior. Depois de todo esse esforço, ele precisava se aliviar. Deixou uma poça em um canto. De fato, aqui em cima não era tão diferente lá de baixo—caixas espalhadas por toda parte e algumas mesas estranhas com luzes coloridas piscando. Petey esperava que pudesse haver alguns animais vivendo aqui em cima, mas não havia uma única criatura à vista. Ele também não conseguia ver comida, e esse era o verdadeiro problema. Talvez devesse tentar o alimentador mais uma vez.

O *Duas Pernas* pode ter acabado de entrar pela outra porta e talvez Petey não o tenha percebido. De repente preocupado, Petey correu para o buraco redondo e pulou de volta para o andar de baixo. Seu pouso foi um pouco mais barulhento do que ele esperava. Eliza se levantou em um salto e virou a cabeça com medo. Ele olhou para a porta, essa que esteve fechada por tanto tempo, mas que o *Duas Pernas* havia usado anteontem. Estava fechada, infelizmente. Contudo, ele não tinha notado até agora que havia uma luz vermelha acesa bem ao lado da porta.



Sol 8, base da NASA

“A NASA E seus parceiros de coalizão negam qualquer responsabilidade pelos eventos relacionados com a expedição a Marte financiada pela iniciativa privada Marte para Todos,” Sarah leu em voz alta a declaração oficial emitida recentemente pelo Controle da Missão na Flórida.

“Contrariando o conselho dos especialistas,” continuou ela, “a organização lançou sua nave, *Santa Maria*. Esse voo nunca deveria ter sido autorizado, uma vez que nenhum dos elevados padrões da NASA foi cumprido, em qualquer fase, por essa missão. O MpT é o único responsável pelas cinco pessoas que já morreram devido a planejamento insuficiente; e o recente desaparecimento de outro astronauta do módulo de pouso MpT indica que a cadeia de acontecimentos infelizes ainda não terminou.”

As seis pessoas que haviam acabado de serem transferidas da nave para a base estavam diante dela, com as cabeças baixas. Sarah não teria gostado de estar no lugar delas. Tinham corrido riscos consideráveis e tinham falhado—ou pelo menos estavam prestes a isso. E ela sabia que a mensagem do Controle da Missão ainda não havia terminado. Os advogados deveriam recorrer das primeiras sentenças. Mas o pragmatismo sempre triunfava no final. E desta vez não seria diferente.

Sarah pulou algumas frases cheias de blá-blá e então leu as frases críticas em voz alta. “No entanto, a NASA e todas as organizações espaciais da coligação decidiram disponibilizar a capacidade de vigilância dos satélites na órbita de Marte para ajudar na busca pelo tripulante desaparecido de *Santa Maria*. Neste exato momento, o local de pouso do módulo está sendo medido com resolução de cinco milímetros. Se o astronauta estiver localizado em um perímetro de cinco quilômetros, as câmeras o localizarão. Isso também vale para quaisquer pistas que ele possa ter deixado para trás ou peças de equipamento. A tripulação de quatro pessoas na base da NASA em Marte foi autorizada a operar a seu próprio critério, utilizando suas capacidades para a operação de busca e resgate.”

“Essas são boas notícias,” disse Ewa.

Sarah não sabia bem o que pensar da mulher loira. Mike parecia estar interessado nela, embora não admitisse. Ele mal conseguia tirar

os olhos dela.

“Eles vão encontrá-lo!” Sarah declarou.

“Quando podemos regressar?”

“O Rover estará pronto para partir em trinta minutos.”



ELES HAVIAM PASSADO um bom tempo discutindo se deveriam simplesmente entregar o Rover ao pessoal do MpT para a segunda excursão de transferência. Mike apoiava firmemente essa ideia, pois isso significaria que ele poderia finalmente dormir em sua própria cama novamente. Não obstante, ele posteriormente recusou a oferta de Sarah para assumir a navegação. Agora eram três deles retornando ao módulo. Ewa e Theo estavam a bordo. O Rover estava reabastecido. A missão deles era *simples*—resgatar Andrej Pugashwili, conhecido como Andy, de quem nada se ouvia havia pelo menos quatro horas. Mas eles também carregavam alguns rolos de filme plástico a bordo. Ewa havia insistido nisso. Eles teriam que seguir adiante. Ao contrário da NASA, ela se recusava a ver o projeto MpT como um fracasso. A missão deles ainda poderia ser cumprida.

O piloto automático tinha sido instruído a manter uma velocidade média de 20 quilômetros por hora no trajeto de ida. O risco de uma menor capacidade de distância parecia ser menos terrível que a possibilidade de Andy precisar urgentemente da ajuda deles. Os sentimentos de Mike eram confusos. Temia que o homem desaparecido estivesse morto havia muito tempo. Caso contrário, ele já não teria se reportado? O rádio no módulo ainda estava intacto. Pelo menos, o receptor estava em condições de estabelecer uma conexão com o remetente. *O que mais impediria um astronauta de atender suas chamadas?*

“Não faço ideia,” disse Ewa, interrompendo seus pensamentos.

Mike se assustou. Será que ele tinha falado em voz alta?

“Oh, eu disse isso em voz alta?” Ewa perguntou ao notar a surpresa dele. “Eu estava envolvida em meus pensamentos.”

“Eu estava me perguntando quais seriam as razões para o silêncio do seu colega,” disse Mike.

“Eu estava pensando a mesma coisa. Engraçado,” rebateu Ewa. “O único que me ocorreu foi que ele pode estar inconsciente ou morto.”

“Sinto muito,” disse Mike, “mas não tenho ideias melhores. Ele não havia dito que iria fazer uma caminhada?”

“Sim. Talvez ele tenha caído de um penhasco?”

“Não há nada para cair por aqui. Dê uma olhada neste deserto, Ewa. A NASA passou muito tempo procurando um local tão seguro como este para o nosso pouso. Também deveríamos estar perto do

equador, e o solo supostamente contém minerais aquosos. É por isso que esta terra é tão chata. Eu nem mesmo gostaria de ser enterrado aqui.”

Mike fechou a boca. Isso foi uma coisa insensível de se dizer, mas Ewa não reagiu. Ela parecia distraída.

“Segurança em primeiro lugar,” continuou ele. “Os geólogos não se importam se ficarem entediados. Mas eles deveriam ter enviado uma sonda controlada remotamente para cá primeiro. O que estamos fazendo aqui além de provar ao mundo que os americanos foram os primeiros capazes de colocar quatro pessoas em Marte?”

Ewa não respondeu. O que será que ela estava pensando?

“Talvez Andy tenha sido sequestrado por marcianos,” sugeriu ele.

O rosto de Ewa permaneceu impassível. Ele poderia muito bem estar falando com a parede. Theo também não estava oferecendo nenhuma companhia. O alemão dormiu praticamente o tempo todo. Exasperado, Mike se virou e olhou para o console de navegação. Se ao menos ele pudesse dormir também! Mas ele não seria capaz de descansar nessas circunstâncias. Para isso, ele precisaria de paz e sossego, e de espaço para se esticar. E como ele tinha uma missão a cumprir, não havia como encontrar a parte da ‘paz’ dessa receita agora.



UM SOM VIBRANTE O ASSUSTOU. Será que ele realmente havia adormecido? Seu corpo esteve precisando desesperadamente de descanso. Mike ativou a tela e uma Sarah impaciente apareceu. Ele não tinha respondido rápido o suficiente.

“Você pode me ouvir, Michele?”

Agora ela também o chamava de Michele. Ninguém o chamava assim, exceto sua mãe. “Estou aqui,” ele respondeu.

“Analisamos as fotos de satélite.”

Mike acordou seus passageiros. “Ewa, Theo, vocês precisam ouvir isso.”

“Não há um único vestígio do seu colega na área de busca,” disse Sarah.

“Nem mesmo pegadas?” Ewa perguntou.

“Quando vocês pousaram, o motor soprou a maior parte da poeira, então não há nada para ser visto. Mesmo que houvesse alguns rastros leves, o contraste seria muito pequeno para que os satélites os captassem a trezentos quilômetros de altura,” respondeu Sarah.

“Talvez vejamos algo quando chegarmos lá,” disse Mike.

“Sim, vocês terão que dar uma olhada no local. Essa é a nossa única opção agora. Mais uma coisa,” disse Sarah. “Ouvimos alguns

ruídos vindos do módulo mais cedo. O microfone parece estar ligado. Algo estava se movendo, mas ninguém nos respondeu.”

“Serão os animais?” Mike perguntou.

“O microfone fica no nível de comando e os animais ficam trancados dentro de uma gaiola,” observou Ewa.

“Então você deve ter recebido visitas, ou pode ser Andy que, por algum motivo, não quer falar conosco.”

“Isso seria bom,” disse Ewa. “Ao menos, saberíamos que ele está vivo.”

Mike olhou para a tela de navegação. Ainda tinham 60 quilômetros pela frente. Isso significava que ele esteve dormindo por quase quatro horas.

“Obrigado, Sarah,” disse ele. “Devemos ter mais informações em cerca de três horas.”

●

O ROVER DIMINUIU a velocidade ao se aproximar do módulo pousado. Mike já havia assumido o controle da direção. Ele queria colocar a escotilha o mais próximo possível da câmara de descompressão, encurtando a distância a ser percorrida durante o processo de carregamento. Ewa e Theo estavam esperando na escotilha, já com seus trajes espaciais.

Mike também estava vestindo seu traje. Ele teve que ajudar os outros dois a se vestirem. Graças a Deus a NASA havia mudado para a versão mais moderna do traje anos atrás. Ele fechou o capacete. “Vamos,” disse. “Estão prontos?”

“Sim!” Ewa lhe assegurou.

Theo murmurou algo que foi interpretado como um sim. Mike abriu a escotilha externa. O ar respirável escapou em rajadas, condensando-se em uma nuvem esbranquiçada e brilhante. Parecia bastante cinematográfico quando Ewa e Theo desceram a escada em meio à névoa. Chegaram ao módulo em três passadas.

“Há um problema,” disse Ewa.

“Hum?” Mike quis saber.

“A câmara de descompressão está bloqueada.”

Caramba! Ele não tinha nenhuma experiência com essa tecnologia antiga. Onde poderiam encontrar rapidamente um especialista em câmaras de descompressão da Idade da Pedra?

“Eu consigo entrar,” declarou Theo.

“Seremos capazes de deixá-la hermética novamente?” Perguntou Ewa. “Caso contrário, só poderemos entrar se deixarmos o ar respirável sair do módulo. Os animais...”

“Também não seria bom para Andy se ele estiver deitado aí dentro,

sem o traje, e deixássemos o ar sair,” Mike a interrompeu.

“Então eu não deveria,” replicou Theo. “Um pé de cabra não é exatamente um instrumento de precisão.”

“Poderíamos fazer com que o software de navegação do módulo liberasse a câmara de descompressão?”

“Essa parece ser a única possibilidade, Mike,” disse Ewa.

“Devo dizer desde já que realmente não sei lidar com esses programas antigos,” disse Mike. “Você sabe, Theo?”

“Eu prefiro hardware,” disse o alemão. “Se pudéssemos perguntar ao Andy, estaríamos garantidos.”

“Eu posso tentar,” Ewa se prontificou.

“Você?! Achei que fosse química e tecnóloga agrícola,” Theo replicou. Ele parecia sinceramente surpreso.

“Eu tive uma vida antes do MpT,” rebateu Ewa. “Já tenho trinta e cinco.”

“E você era programadora? Isso dá um novo rumo às coisas.”

“Algo assim, Theo. Programar fazia parte do que eu fazia.”

Mike ouviu alguém subir a escada na traseira do Rover. Era Ewa.

“Você pode me conseguir um link de dados para o módulo?” Ela perguntou.

“Claro, mas não tenho nenhuma informação de login,” replicou ele.

“Tenho o login de Chuck, então não deve ser um problema,” disse Ewa.

Ela se inclinou sobre o teclado. Não conseguia digitar muito rápido com as luvas grossas e rígidas, então parecia uma aposentada tentando trabalhar em um computador.

“Quer que eu digite para você?” Mike perguntou. “Minhas luvas são mais flexíveis.” Ewa negou com a cabeça. De onde ele estava, o corpo de Ewa bloqueava a visão do monitor.

“Encontrei o problema,” disse ela. “O diagnóstico do sistema determinou que há algo localizado na câmara de descompressão. Como o sistema não consegue verificar a condição do objeto, ele não permitirá que a porta seja aberta pelo lado de fora.”

“Boa decisão,” disse Mike. “O que quer que esteja preso na câmara de descompressão pode precisar de ar, e se entrarmos agora...”

“Poderia ser Andy?” Quis saber Theo.

“Não, acho que não,” respondeu Ewa. “Dei uma olhada no nível de oxigênio na câmara de descompressão. Tem permanecido constante há horas. Nada ali dentro está respirando. Se for Andy, ele deve estar morto.”

“Nesse caso, não deverá haver nenhum risco para o objeto na câmara de descompressão se abrirmos a porta externa. Você pode sobrepular o sistema e fazer com que ele abra a escotilha para nós?”

“Acho que sim, Mike. Só um segundo.”

Ewa digitou uma série inteira de comandos. Então ela avisou, “Theo, por favor, fique bem na frente da câmara de descompressão. Se abrir, entre o mais rápido que puder e eu fecharei atrás de você.”

“Entendi!”

“Por que um procedimento tão complicado?” Mike perguntou. “Não acabamos de concordar que não há nada vivo na câmara de descompressão?”

“Eu só quero estar preparada para qualquer eventualidade. Nós já cometemos erros suficientes. Por ‘nós,’ eu me refiro à nossa equipe do MpT,” retrucou Ewa.

“Estou pronto,” anunciou Theo do lado de fora.

“Na contagem de três. Um dois três.”

Mike ouviu um resfôlego nos fones de ouvido. Tinha que ser Theo.

“Estou dentro,” disse Theo. “Andy está aqui.”

Merda. Eles se equivocaram. De novo. *Não, espero que nós estejamos equivocados*, pensou Mike, torcendo para que Theo tivesse encontrado Andy ainda vivo na câmara de descompressão.

“Fechando a porta,” disse Ewa.

“O mecanismo de fechamento não consegue superar a pressão do ar,” disse Theo. “A câmara de descompressão está tentando de tudo para manter a pressão aqui constante. Espere. Vou tentar a técnica de alavancagem para fechá-la.”

Por alguns segundos, tudo o que ouviram foi o barulho de metal contra metal.

“Ufa,” Theo finalmente exprimiu o alívio. “A porta está fechada. Andy está deitado no piso. Está vivo, mas inconsciente. Não consigo entender seus dados biográficos.”

“Vamos trazê-lo para cá,” disse Ewa. “E então o levaremos conosco.”



A CONDIÇÃO DE Andy parecia estável. Sua frequência cardíaca era uniforme e regular. Theo transferiu os dados biológicos para o Rover e Mike os encaminhou para a base.

“Não consigo fazer nenhum tipo de diagnóstico,” disse Sarah pelo rádio. “A saturação de oxigênio está boa. Você pode elevá-lo com cuidado, Theo?”

“Claro,” disse Theo. “Agora.”

A imagem no monitor não mudou.

“Ele não parece estar sentindo dor,” disse Sarah. “Sugiro que você o leve ao Rover, onde poderemos verificar algumas de suas respostas.”

“Temos um problema prático aqui,” interrompeu Mike. “O Rover

está despressurizado neste momento. Será que deveríamos seguir em frente e buscar o resto das coisas do módulo?”

“Raios! Eu gostaria que ele pudesse chegar até mim o mais rápido possível, mas suspeito que mais alguns vinte minutos não mudarão nada. Andy já deve estar inconsciente há um bom tempo.”

Ewa ajudou Theo a carregar Andy até o Rover. Eles o colocaram perto da frente da cabine, em três canastras altas. Então, rapidamente carregaram o resto da carga para o Rover. Mike começou a suar, mas não reclamou—pelo menos ainda conseguia andar. Os animais ficaram por último. Eles se rebelaram contra a ideia de serem embrulhados em filme plástico, mas não tiveram alternativas. Todos os pacotes se agitavam um pouco, parecendo assustadoramente fantasmagóricos, e foi por isso que Mike ficou bastante satisfeito quando finalmente conseguiu fechar a escotilha do Rover e pressurizar a cabine. Tinha sido um trabalho e tanto. Com sorte, Gabriella e Sarah encontrariam uma maneira de ajudar o inconsciente Andy.

O que pode ter acontecido? Ewa pensou. Será que ele de alguma forma, inadvertidamente, causou essa condição ou foi outro caso de sabotagem?



Sol 9, base da NASA

“ABAIXE O VOLUME. Isso está me deixando louco!” Mike disse, esfregando as têmporas. Estava com dor de cabeça e ainda não havia recuperado o sono depois da longa viagem.

Sarah olhou para ele e pressionou o botão da máquina que monitorava os sinais vitais do homem inconsciente. O bipe chato se deteve.

“Obrigado,” disse Mike.

Andy estava esticado na sala, sobre um colchão que haviam estendido sobre três caixas, o que o deixava a uma altura de 1 metro e 20 centímetros. Havia uma intravenosa em um de seus braços. Como médica supervisora, Sarah havia decidido que ele precisava ser hidratado e nutrido. Mike e Sarah estavam ao lado da ‘cama’ de Andy, além de Ewa, a comandante do MpT. Theo, quem praticamente havia se tornado a sombra de Ewa, e Gabriella, a outra médica, também estavam presentes.

“Vocês poderiam nos contar o que descobriram até agora?” Perguntou Ewa.

Sarah trocou olhares com Gabriella. “Você primeiro,” disse Sarah. Para Mike, parecia que as duas médicas não estavam de acordo. As médicas tinham mantido os outros três do lado de fora durante os exames.

“Não há realmente muito a dizer,” explicou Gabriella. “Andy está indo muito bem. Ele não parece ter sofrido nenhum dano em algum órgão. Seu batimento cardíaco está regular e o coração está funcionando em plena capacidade. Não há razão para que ele não consiga se levantar a qualquer minuto.”

“Então, por que ele ainda está deitado aqui?” Mike quis saber.

“Não podemos ver o que se passa dentro de sua cabeça. Presumimos que a privação de oxigênio causou danos a certas áreas do cérebro. Porém, não temos aqui um tomógrafo com o qual possamos verificar isso. Seu cérebro pode estar no processo de lidar com os danos. Em outras palavras, as funções das áreas lesionadas estão sendo assumidas pelas zonas não danificadas. Sabemos que isso pode ocorrer, mas não podemos dizer quanto tempo vai durar.”

“E vocês não têm certeza disso?”

“Não, Ewa, não sabemos o que está acontecendo aí dentro,” disse

Gabriella, apontando para a testa de Andy.

Mike queria saber mais. “Ele pode nos ouvir ou nos ver?”

“Nossas medições mostram atividade em diversas áreas, o que é bom. Isso significa que ele não está com morte cerebral—e que a atividade não se limita apenas ao tronco encefálico. Ainda assim, ele não apresenta qualquer reação a estímulos externos. É possível que estes não estejam sendo transmitidos ao cérebro,” explicou Gabriella.

“Ele pode estar preso dentro de sua cabeça, completamente vivo, sendo que o mundo exterior, de alguma forma, desapareceu?” Ewa perguntou com um sorriso estranho.

Mike se perguntou por que ela estaria sorrindo. Ela teria que estar se forçando a fazer isso.

“Não podemos descartar a possibilidade, mas também pode ser que ele esteja vivendo dentro do seu próprio mundo, como em um sonho. Nós simplesmente não sabemos.”

“Sim,” disse Sarah. “Temos que dar tempo a ele. Há uma chance de que ele retorne ao nosso convívio.”

“E quão alto seria essa chance?” Quis saber Ewa.

“Neste caso, as estatísticas não podem nos ajudar muito. Este é um destino individual, e tenho que ser clara a respeito... não sabemos!”

“A Terra não pode nos ajudar?”

“Eles têm seus próprios problemas, Ewa. Parece que ontem houve cortes generalizados de energia nos EUA. Eles repassaram os dados aos especialistas, mas os especialistas parecem estar tão perplexos quanto nós. Se Andy estivesse na Terra, poderíamos examiná-lo mais de perto e descobrir em quais áreas de seu cérebro ainda há alguma atividade; mas mesmo isso não nos deixaria em melhores condições de responder à pergunta sobre seu futuro.”

“E sobre o passado? Como será que isso aconteceu?” Ewa perguntou.

A conversa deles estava sendo transmitida para o *Endeavour*, onde a maior parte dos tripulantes da expedição do MpT estava temporariamente hospedada. A equipe da NASA não precisaria da nave tão cedo—antes do próximo voo, eles teriam que produzir metano suficiente para usar como combustível.

Mike se virou para a câmera. “Theo e eu examinamos de perto o equipamento de Andy,” explicou. “Embora o traje seja tão antiquado quanto parece, está em excelentes condições. Isso significa que o colapso de Andy não teve nada a ver com um defeito físico nos conectores.”

Mike hesitou, esperando pelo estímulo que estava por vir.

“Mas?” Ewa deu a cutucada que ele esperava.

“Mas, devido a um erro de software. O problema foi relacionado ao medidor do tanque de oxigênio. Testamos e descobrimos que o tanque

mostra que está cheio, embora tenha apenas um quarto da capacidade. Todos sabemos o que significaria se alguém saísse para uma curta caminhada pensando que teria ar suficiente para uma hora no tanque. Andy teve muita sorte de não ter se afastado muito da câmara de descompressão. Ele deve ter regressado para dentro com suas últimas forças.”

“Se ele conseguiu, por que está nesta condição?” Questionou Ewa.

“Nós também nos perguntamos isso,” respondeu Mike. “Se o traje ficasse sem oxigênio, ele deveria ter sufocado, quer estivesse na câmara de descompressão ou não. Seria como colocar um saco plástico na cabeça. Todavia, no último segundo, Andy conseguiu arrancar o plugue que conectava o tanque de oxigênio ao seu traje. Isso poderia ter acontecido quando ele entrou na câmara de descompressão. Imagino que ele se arrastou para superar os metros finais. A mangueira desconectada foi o que salvou sua vida. Suficiente ar respirável da câmara de descompressão fluíu através da mangueira e entrou em seu capacete para evitar que ele sufocasse.”

Mike não tinha certeza se Andy poderia se considerar um sortudo. Um final feliz parecia bastante improvável neste momento.

“Ele teve sorte em seu infortúnio,” Gabriella entrou na conversa.

“Então você não estava realmente ouvindo,” Theo rebateu, com a voz furiosa. “Perdoem-me, mas Mike não entrou em detalhes. Esse erro de software estava relacionado apenas ao traje de Andy. Antes da nossa partida, todos os nossos trajes foram atualizados com o mesmo software. Isso não significa que este software fosse perfeito, sem falhas, mas qualquer erro que tenhamos encontrado deveria estar presente em todos os demais trajes. Ou...”

“Ou?” Perguntou Ewa.

“Ou estamos falando de um ataque direcionado. Vou descobrir quem é o responsável por isso e juro que o farei pagar, seja quem for!” Desabafou-se Theo.

Com isso, ele se virou e saiu da sala.



“SHARON TEM A PALAVRA,” disse Mike, na qualidade de comandante da base da NASA.

“Obrigada. Precisamos discutir o futuro,” disse Sharon. Ela estava falando com um pequeno grupo ao seu redor e com os onze do *Endeavour*, que assistiam pela câmera. “Estou principalmente preocupada com a forma como a nossa coabitação funcionará e com os seus—e os nossos—planos para as próximas semanas.”

Claro, esta não era a primeira vez que eles tinham uma conversa assim. Mike havia passado o dia inteiro pensando somente nisso,

apesar do fato de que realmente desejava poder tirar uma soneca. Mas agora eles precisavam chegar a um acordo sobre uma solução oficial.

“Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à NASA e aos seus parceiros em todos os nossos nomes pela sua hospitalidade e assistência,” começou Ewa. “Sem vocês, estaríamos acabados. A meta da Iniciativa Marte para Todos sempre foi estabelecer um assentamento independente aqui neste planeta. Deliberadamente, não o estou chamando de colônia, visto que não foi feito para funcionar assim. Não temos um plano e uma estratégia abrangentes, mas, tanto quanto posso ver, não há razão para abandonarmos esta meta. No entanto, necessitaremos de assistência esporádica, especialmente porque a nossa maquinaria está agora perdida. É por isso que parece razoável mudarmos de ideia sobre o local original pretendido para o nosso assentamento. Em vez de utilizarmos aquele do outro lado do planeta, como seria se selecionássemos um relativamente próximo da sua base, talvez um pouco mais ao norte, mais próximo do gigantesco reservatório de gelo?”

“Vamos apoiá-los com os nossos equipamentos. O Controle da Missão já nos concedeu permissão para fazer isso,” disse Sarah.

Mike sabia que isso não era verdade, mas os quatro tinham concordado em ignorar esta parte das instruções. “Isso significa que não poderemos continuar expandindo a nossa base como havíamos planejado,” disse ele. “Não obstante, gostaríamos de pelo menos concluir a nossa estufa. Isso exigirá oito dias adicionais de uso de máquinas.”

Seus próprios vegetais frescos! Mike mal podia esperar. Com as variedades especialmente cultivadas e de rápido crescimento, eles poderiam desfrutar da primeira refeição em cerca de cinco semanas.

“Enquanto isso, continuaremos nos aproveitando da hospitalidade do *Endeavour*,” declarou Ewa. “Além disso, seria útil se pudéssemos pegar emprestado o Rover aberto para duas pessoas para fazermos algumas viagens de reconhecimento ao norte.”

“Isso seria tranquilo,” replicou Sharon.

Mike estava surpreso com a facilidade com que tudo se desencadeava. Essa era a vantagem de não precisar levar em consideração conveniências políticas.

“Quais são os seus planos para o paciente?” Sharon perguntou.

“Acho que ele receberá os melhores cuidados na base,” disse Ewa. “Mas eu entenderia se vocês o considerassem um fardo, e é por isso que eu ficaria bem em deixá-lo aqui sob a supervisão de Gabriella. Estaremos localizados muito próximos, então não precisaríamos ficar sem suas habilidades médicas por muito tempo.”

“Isso parece razoável,” replicou Sharon. “Há mais alguma coisa que precisamos esclarecer?”

“Não consigo pensar em nada,” disse Ewa.

“Tudo paz e amor?” Mike indagou. “Não há realmente mais nada sobre o que possamos discutir? Conversas discretas como essa me deixam preocupado, pois talvez algo não tenha sido totalmente expresso.”

“Sinto muito, Mike, mas realmente não consigo pensar em nenhum problema,” disse Ewa. “Ao mesmo tempo, tenho certeza de que alguns aparecerão e discutiremos sobre eles quando isso acontecer.”

Mike encolheu os ombros. Ele não pôde deixar de sentir que tudo parecia harmonioso demais. Não havia como dezenove pessoas viverem juntas sem que surgissem conflitos. Bem, ele precisava tirar Andy da equação. Então seriam dezoito, os quais teriam que passar por momentos conturbados de ciúme, rancor, depressão e saudade de casa. Nada disto havia sido mencionado, mas talvez se devesse à natureza de reuniões oficiais como esta. Ele prometeu ficar de olho no *Endeavour* para ter certeza de que tudo estava bem. O fato de ter Ewa ali presente, simplesmente representava uma motivação adicional. Mike se perguntou se talvez a falta de conflito se devesse ao fato de que as duas tripulações possuíam perspectivas bastante diferentes. Uma tripulação queria ficar aqui para sempre, enquanto a outra planejava ficar como convidada por mais alguns meses e depois regressar para casa.



Sol 9, expedição do MpT

THEO ESTAVA SENTADO atrás do grande volante redondo do Rover aberto que a tripulação da NASA lhes havia emprestado. Com seus grandes pneus de borracha sólida presos aos quatro eixos—dois dos quais estavam no módulo de tração—o veículo parecia como se alguém tivesse engatado três quadriciclos juntos. Esta construção tornava o veículo um bom candidato para viagens fora de estrada, maximizando ao mesmo tempo sua capacidade de carga. E graças ao seu *design* modular, as três secções eram fáceis de transportar através do espaço no porão do *Endeavour*.

“Equipe de reconhecimento para comandante, prontos para partir,” anunciou Theo no microfone do capacete.

“Copiado! Façam uma boa viagem,” disse Ewa.

O *Endeavour* era mais espaçoso que o antigo módulo de pouso Dragon, mas agora havia quatorze pessoas a bordo de uma nave construída para quatro residentes. Quatorze pessoas tinham que dividir dois banheiros e um chuveiro. Estavam alternando o uso das quatro cabines minúsculas. Cada pessoa deveria poder desfrutar do luxo de um pouco de privacidade, mesmo que apenas por uma noite de cada vez.

Ewa recusou a oferta da tripulação de reservar uma das cabines para seu uso pessoal, como comandante. Isso teve um efeito positivo no moral da tripulação, e Ewa estava agora trabalhando em horários de atividades para toda a equipe, para que ninguém ficasse muito entediado. Eles não seriam capazes de construir suas próprias acomodações até que a tripulação da NASA lhes emprestasse o equipamento de que necessitariam. É por isso que a tarefa mais crítica no momento seria a seleção de um local de construção ideal. Um local que precisaria fornecer o maior número de recursos, incluindo solo rico em minerais, bem como água e luz solar, bem como temperaturas suficientemente moderadas.

Inicialmente, Ellen deveria acompanhar Theo na expedição do Rover, mas Rebecca havia pedido para acompanhá-lo. Ela havia se recuperado surpreendentemente rápido após a suspeita de intoxicação alimentar. Theo ficou contente por ter a oportunidade de conhecer melhor a sul-africana. Ela não tinha participado do *briefing* da missão, então ele poderia deixá-la a par de alguns assuntos.

“Vamos dirigir alguns quilômetros primeiro,” disse ele, “pelo menos até que a base se perda de vista.”

“Tudo bem, para mim,” disse Rebecca; estava sentada atrás dele, como seria em uma motocicleta, em vez de estarem lado a lado.

O veículo de oito rodas partiu lentamente. Theo deliberadamente pegou leve no início. Esta era a primeira vez que ele dirigia um Rover, então precisava primeiro entender como a coisa funcionava. Cada eixo era impulsionado separadamente, assim, o veículo teria que ser mais dirigível do que parecia à primeira impressão.

Eles seguiam para o norte. Tal como na Terra, o Sol de Marte nascia no leste e se punha no oeste. A superfície avermelhada parecia se estender para sempre na frente deles.



“PARECE QUE ESTAREMOS dirigindo pelas próximas três semanas,” declarou Theo.

“Oh, é apenas uma ilusão,” disse Rebecca. “O pequeno raio de Marte significa que o horizonte está muito mais próximo do que você imagina. Suponho que esteja a apenas três quilômetros de distância. Dentro de quinze minutos, nem mesmo poderemos ver o *Endeavour*.”

“Você é geóloga?” Ele ficou curioso.

“Na verdade, sou arquiteta. Para a expedição do MpT, tive que estudar geologia. Mas também passei seis meses trabalhando em uma equipe de pesquisa.”

Theo ficou surpreso com o pouco que sabia sobre sua colega. Afinal, tinham passado seis meses juntos, em ambientes muito próximos. Obviamente, tinha sido necessária a catástrofe para mudar a dinâmica da equipe. Antes disso, todos tinham permanecido principalmente em seus próprios casulos.

Ele olhou para trás. O *Endeavour* realmente desapareceu de vista.

Uma célula de combustível de metano alimentava o Rover aberto, assim como ocorria com seu equivalente fechado. O veículo parou e Theo desceu. Os músculos de suas coxas estavam doloridos. Ele observou que Rebecca também estava alongando as pernas.

“A sua também está doendo?” Ele perguntou com uma risada.

“O traje espacial não é exatamente bom para nenhum dos ocupantes deste veículo,” respondeu ela. “Espero que nos acostumemos com isso.”

Theo avistou um rochedo quase cúbico, de um metro de altura. “Isso daria uma boa mesa,” disse ele.

“Se você puder preparar um café e um bolo, poderemos fazer um piquenique,” brincou Rebecca.

“Infelizmente não podemos tirar os capacetes. Teríamos que sugar

tudo através de um tubo de bebida.”

“Talvez no próximo século,” complementou Rebecca, “se nossos esforços de *terraformação* forem um sucesso.”

Apoiando os braços contra a pedra, Theo se levantou e se sentou no topo da rocha. Rebecca fez o mesmo. Eles olharam para sudeste, enquanto o sol se aproximava de seu zênite.

“Você acredita mesmo nisso?” Ele quis saber.

“Em quê? Oh, a terraformação?! Não sei. É a meta final, certo? Uma segunda Terra. É por isso que resolvi fazer parte do projeto MpT.”

“Mas como geóloga, isso deve ser óbvio...”

“... que Marte não tem massa suficiente para manter uma atmosfera como a da Terra?” Sim, é verdade. Também acho que não estamos em posição de imaginar o nosso futuro. Talvez não transformemos o planeta inteiro, mas acabaremos nos adaptando para uma melhor existência aqui.”

“Você quer dizer como os *Inuítes* que se vestem calorosamente para sobreviverem no Ártico?”

“Mais que isso. Eu me refiro à nossa biologia real. Talvez a nossa pele acabe funcionando como um traje pressurizado.”

“Ainda teríamos que transportar ar respirável,” disse Theo.

“Eu preferiria isso a ter que viver permanentemente em cavernas subterrâneas, como alguns já sugeriram.”

“Eu não poderia viver sem o céu,” admitiu Theo. Ele olhou para cima e viu várias nuvens delicadas e emplumadas flutuando em direção ao norte. Eram feitas de vapor congelado. “Você está vendo aquilo? Ali está a água que procuramos,” disse ele.

“Então deveríamos apenas seguir as nuvens,” respondeu Rebecca, saltando agilmente do rochedo.



ERA HORA DE acelerar um pouco a viagem.

“Agente firme!” avisou Theo, enquanto empurrava o acelerador para frente.

Este Rover pesava muito menos que a sua variação fechada, o que significava que poderia ser conduzido mais rapidamente sem impactar negativamente o consumo de combustível. E a área à frente deles parecia nivelada. Rapidamente se deram conta de que havia todo tipo de pequenas saliências e depressões na superfície. Foi necessária toda a habilidade do Theo para evitar os rochedos mais maciços que algum gigante obviamente havia espalhado pela superfície, como se fossem grãos de sal.

Era uma viagem selvagem e louca. O Rover saltava no ar na baixa

gravidade de Marte, como uma bola de borracha, pousando repetidamente sobre suas oito rodas com um baque surdo. Eles levantavam uma torrente de poeira à sua passagem. Theo imaginava que, se alguém pudesse observá-los de longe, eles se pareceriam com um daqueles gigantescos vermes de areia que haviam atravessado o deserto no romance de ficção científica *Duna*. Mas aqui era a pura realidade.

“Eu... acho que... não vou aguentar... muito mais tempo!” Rebecca espremeu a frase em blocos rítmicos, enquanto subiam e desciam. “Mas é muito divertido!”

“É o seguinte... quando isso acontecer... você pode... simplesmente se levantar... e saltar levemente... para cima e para baixo,” disse Theo. Ele olhou por cima do ombro e viu Rebecca mudando de posição.

“Assim está... melhor,” disse ela.

Claro, ela estava certa. Depois de cerca de trinta minutos, Theo pôde sentir o impacto nos músculos de suas coxas, pois não estava sendo fácil mantê-los descontraídos. Ao pôr do sol, em cerca de nove horas, eles teriam percorrido cerca de duzentos quilômetros. Ainda assim, ele não duraria tanto tempo nesse ritmo. Só lhe restou aliviar um pouco o acelerador. A apenas vinte quilômetros por hora, os saltos do Rover já não eram tão altos a ponto de que só pudessem ser evitados se ficassem de pé. Ele se sentou novamente. Seu traseiro definitivamente estaria doendo à noite, mas isso seria o futuro. Eles teriam que viver o agora.

“Eu gostaria de poder tirar o capacete e deixar o meu cabelo balançar no ar,” disse Rebecca, depois de voltar a se sentar também.

“Creio que nada deve acontecer nesta atmosfera tênue,” declarou Theo.

“Ah, sim,” retrucou Rebecca, batendo a mão no capacete. “Você está certo de novo. Teríamos que ir a cem para ver alguma coisa acontecer.”

“Mais ou menos,” disse Theo. “Mas é agradável se imaginar correndo pela paisagem de Marte, usando óculos escuros contra a poeira.”

“Seria suficiente usar apenas uma máscara respiratória?”

“Definitivamente... durante o dia, quando está quente o bastante,” disse Theo. “A história de que os nossos olhos saltariam é um absurdo total, de todas as maneiras.”

“Pode ser difícil de acreditar, mas a minha mãe realmente me contou histórias como essa. Ela não sabia muito sobre o mundo, mas trabalhou duro e possibilitou a minha ida à faculdade e, mais tarde, para a pós-graduação.”

“Falecida?” Theo quis saber.

“Sim, minha mãe e meu irmão morreram em um acidente de

carro,” explicou Rebecca suavemente. “É por isso que estou aqui. Éramos uma família feliz antes disso acontecer.”

“E o seu pai?”

Rebecca não respondeu imediatamente. Theo se arrependeu de ter perguntado. Rebecca havia voado para Marte sem qualquer perspectiva de retorno. Deveria ter ocorrido a ele que as coisas poderiam não ser tão boas com o pai dela.

“Meu pai...” ela finalmente disse depois que Theo parou de esperar uma resposta. “Meu pai era quem estava ao volante. Alguém o ultrapassou. Meu pai não foi o responsável pelo acidente, mas se culpa por ter desligado o piloto automático para poder praticar suas habilidades de direção. Após o acidente, o diagnóstico do sistema determinou que o piloto automático havia percebido a aproximação do veículo um segundo antes dele. Poderia ter sido o suficiente para evitar a colisão.”

“Isso é dureza,” disse Theo. “E obviamente ninguém poderá ser o mesmo depois de algo assim.”

“Triste verdade. Isso destruiu o meu pai, que recorreu ao álcool para esquecer.”

“E você não podia mais presenciar a situação.”

“Tentei várias vezes fazer com que ele quebrasse o ciclo, mas acabei percebendo que ele estava me puxando junto para baixo. Foi quando me candidatei à iniciativa.”

“Você não colocou isso no formulário, colocou?” Durante o tedioso processo de seleção, os psicólogos tinham eliminado diligentemente qualquer pessoa que não fosse completamente estável mentalmente, qualquer pessoa que carregasse alguma bagagem importante.

“Claro que não,” disse Rebecca. “Inventei uma linda história para eles. Você é a única pessoa aqui—ou lá—que conhece esta verdade.”

Theo ficou emocionado. Ele não conseguia se lembrar de alguém que tivesse lhe contando uma história de vida tão pessoal. O que ele teria feito para cultivar a confiança de Rebecca? Ele estava apenas fazendo seu trabalho.

“Você poderia me contar sobre o nosso destino,” disse Rebecca, claramente pronta para um novo assunto. “Eu não estava no *briefing*.”

“Claro que sim! O recurso mais crucial para o nosso assentamento é a água.”

“Certo.”

“Há muita água congelada no Polo Norte, mas lá é demasiado frio para nós. De acordo com algumas teorias, até mais próximo ao paralelo 40, existe gelo estável localizado a menos de um metro abaixo da superfície. Na Terra, encontra-se aproximadamente na mesma latitude de Ancara, Pequim ou Filadélfia. Queremos encontrar esse gelo. Não precisaremos cavar, visto que trouxemos um GPR.”

“E você tem a mim,” Rebecca declarou. “Existem certas características do terreno que fazem com que ele tenha maior probabilidade de estar situado junto a reservas de água.”

“Eu honestamente não sabia disso.”

“Por exemplo, a base de crateras ou encostas voltadas para o norte. Em realidade, praticamente são lugares onde pode ter havido água no passado ou onde as geleiras poderiam ter deslizado, mas agora são áreas cobertas de solo.”

“Bom. Então sabemos onde devemos procurar. Foi por isso que você pediu para vir junto?”

“Não, eu só queria passar algumas noites ao ar livre,” disse Rebecca.

“Você obterá mais que apenas algumas noites. O paralelo 40 fica, infelizmente, a cerca de 1.450 quilômetros da base da NASA.”

“Oh.”

“Não lhe contaram isso?”

“Hum... não exatamente. Só que viajaríamos por alguns dias e eu deveria trazer algumas mudas de roupa.”

“Nessa parte não houve equívoco. A viagem levará cerca de duas semanas, mais o tempo que levarmos para encontrar água.”

“Uma viagem de acampamento de duas semanas. Parece fantástico!”

“Talvez tenhamos sorte e encontremos algo mais cedo. Estaria tudo bem se o gelo estivesse localizado em uma profundidade menor. Nosso radar pode atingir cerca de cinco metros de profundidade.”



“PERCORREMOS 220 QUILOMETROS,” disse Theo. “Isso é o suficiente para o primeiro dia.”

“Estou de acordo,” replicou Rebecca.

“Você quer dar uma olhada nas redondezas? Quando estivermos dentro da tenda, teremos que permanecer ali até amanhecer.”

“E se a natureza chamar?”

“Acredite, você não vai querer sair sabendo dos oitenta graus abaixo de zero, mesmo que seja urgente.”

“Isso explica as sacolas descartáveis.”

“Sinto muito por isso. Acampar aqui não é tão confortável quanto em nossa espaçonave cinco estrelas,” afirmou Theo.

“Como funciona a tenda?”

“Só um segundo,” disse Theo, enquanto caminhava para a traseira do Rover. Uma prancha de cerca de dois metros por um metro estava fixada entre os dois eixos. Ele a desancorou. “Esta é a nossa cama,” complementou.

Rebecca sentiu o material. Era acolchoado de um lado, enquanto o outro lado parecia plástico rígido. “Parece bastante confortável. Muito aconchegante também,” ela comentou.

Theo deu uma risadinha. “Sim, não é muito larga, mas não há mais espaço embaixo do Rover. Qual é a sua altura?”

“Um e setenta e oito.”

“Então você tem sorte. O colchão tem um e oitenta. Tenho dois centímetros menos que dois metros.”

“Como você vai se encaixar nisso?”

“Em posição fetal, suponho. Há uma razão pela qual a NASA só aceitará candidatos com um e noventa ou menos.”

“Mal posso esperar para ver o que vem a seguir!” disse Rebecca. Ela examinou o interior do Rover, obviamente procurando pela tenda.

Theo sorriu. Ela estava com uma ideia errada sobre como seria seu alojamento. Ele abriu uma canastra na área de carga do Rover e tirou algo que parecia um saco.

“Vamos dormir em um saco?” Rebecca ficou curiosa.

“Quase isso. Mas não é bem assim. Primeiro, precisamos encontrar um local que seja relativamente plano.”

Rebecca olhou em volta e apontou para um ponto na frente do Rover. “Ali?!”

Theo olhou na direção sugerida. “Por que não?” Ele colocou a prancha de plástico no local. “Tudo o que ainda precisarmos hoje terá que caber no colchão.”

Rebecca tirou uma pequena sacola do Rover e a colocou em cima.

Theo pegou uma sacola de provisões e outra sacola de roupas. Ele também pegou um cilindro de oxigênio e um aparelho que parecia um soprador, ou secador de cabelo. “Você tem algum aparelho elétrico na sua bolsa? Devemos deixá-los do lado de fora. Como dormiremos com oxigênio puro, haverá um risco maior de incêndio.”

Rebecca negou com a cabeça. “Presumo que o traje não conta.”

“Seria uma má ideia deixá-lo de fora,” disse ele.

“Que tal assistirmos ao romântico pôr do sol, só você e eu?” Rebecca deu uma piscadela.

“Acho que não dormiremos muito bem, de todos os modos,” disse ele.

Theo começou a desdobrar o saco, que era surpreendentemente grande. Então o deslizou sob a prancha até que ela ficasse centralizada no tecido. “Última chance de fazermos algo bem feito esta noite. Poderíamos assistir ao nascer do sol em vez disso.”

“Tanto faz,” respondeu Rebecca, e Theo pensou ter detectado uma nota de decepção em sua voz.

“Venha, então. Ajoelhe-se ali na frente. Ele apontou para a cabeceira da cama, antes de puxar o saco sobre suas cabeças.

“Agora alguém precisa selar a parte de cima,” disse Rebecca.

“Sem dúvida. Está vendo o cordão na borda? Quando eu o puxar, o saco será fechado.”

“E isso vai ser suficiente?”

“Um pequeno motor vai me ajudar com o último detalhe. Preencherei a pequena lacuna final com uma espuma especial que se congelará instantaneamente quando entrar em contato com o ar externo.”

Theo prendeu o cordão, soltando-o em seguida, deixando-o cair levemente sobre os ombros de Rebecca. “Espere... ainda não terminei.”

“Bom saber.”

Estava quase escuro dentro do saco. Theo só conseguia distinguir a silhueta de Rebecca. Ele olhou por cima do ombro e alcançou o cilindro de oxigênio e o abriu.

“O que é esse som sibilante?” Rebecca ficou curiosa.

“Estou liberando o ar pra gente.”

Mais um passo e ele teria terminado. Mike havia explicado tudo detalhadamente, mas, na realidade, tudo parecia muito diferente, especialmente sob o olhar atento de uma mulher atraente. Ele pensou no que ela havia dito antes sobre o pôr do sol—mas provavelmente ela estava apenas brincando. Onde será que ele colocou o permutador de calor? Ele passou as mãos pelo colchão.

“Essa é a minha perna,” disse Rebecca.

Ele finalmente localizou o dispositivo e apertou o botão grande e redondo na borda frontal. “O permutador vai monitorar, purificar e desumidificar o ar daqui dentro,” explicou. “Também servirá como fonte de luz. Se brilhar em vermelho, algo não está certo. Acorde-me imediatamente se isso acontecer.”

“Em outras palavras, vai ficar ligado a noite toda?”

“Os regulamentos estipulam isso, por razões de segurança.”

A pressão do ar dentro da tenda aumentava lentamente. O saco foi gradualmente assumindo a sua verdadeira forma esférica.

“Como um patinho feio se transformando em cisne,” disse Rebecca.

“Sim, nada mal. Esta é a primeira vez que vejo isso também.”

Dez minutos depois, eles estavam dentro de um balão de dois metros de altura. Não era uma esfera perfeita por causa do peso, mas ainda assim era uma visão majestosa. Quanto mais o tecido se esticava, mais luz externa deixava entrar. O sol ainda não havia se posto completamente. De dentro da bola, eles ainda podiam observá-lo como um ponto embaçado.

“E se eu acidentalmente picar o balão com algo pontiagudo?” Perguntou Rebecca.

“O material é bastante resistente. Você teria que cortá-lo

intencionalmente com alguma coisa. afiado isso é feito de algum tipo de náilon, como uma meia-calça.”

“Isso não me faz sentir melhor. Você já usou meia-calça?”

Theo balançou a cabeça em negação. “Meu gosto vai em outras direções. Mas poderíamos nos despir agora.”

“Bem, acho que você deveria fazer isso primeiro,” Rebecca brincou com uma risada.

Theo estava contente por ainda estar com o capacete. Caso contrário, ela poderia tê-lo visto corar.

Por alguns minutos, só se ouviam os sons característicos de roupas e equipamentos sendo retirados dos corpos. Theo imaginou como seria se alguém pudesse observá-los da escuridão externa—duas silhuetas ficando cada vez mais finas.

“Se precisar...,” disse ele, apontando para um recipiente de lixo. Então lhe ocorreu que ainda estava usando a fralda. Um homem adulto de fraldas. Essa profissão realmente tinha suas desvantagens. Theo suspirou.

“Está tudo bem?” Rebecca questionou, obviamente tendo ouvido o lamento.

“Muito bem,” ele respondeu, percebendo que isso não era exatamente verdade. Considerando o quão franca Rebecca tinha sido com ele antes, ela merecia algo melhor que isso. “Eu me senti sozinho por um segundo.”

“Por estarmos tão longe dos outros? Você se acostumou com o grupo?”

Theo resfolegou. “De jeito nenhum. Estou feliz por estar longe deles. Sempre sinto que somos uma equipe, mas nada mais que isso. Quando você me contou a sua história mais cedo, foi a primeira vez em muitos meses que eu realmente me senti próximo de alguém.”

“Obrigada,” disse Rebecca.

Por alguma razão qualquer, ele nunca se sentia confortável reclamando das coisas. Ele se via como um sujeito ativo e prático. Qual seria o valor prático em ficar reclamando de coisas que eram diferentes do que deveriam ser? E, ainda assim, era bom poder expressar esses pensamentos. “O que me incomoda especialmente—ou melhor, *quem*, em vez de *o quê*—é a nossa comandante.”

Ele olhou para Rebecca e encontrou um sorriso espalhado no rosto. Talvez ele não devesse falar com ela sobre outras mulheres. Será que ele não destruiria tudo fazendo isso? Ele teve que se deter, enquanto ainda estava em vantagem.

“Sempre pensei que vocês trabalhavam bem juntos,” declarou Rebecca.

“Isso é definitivamente verdade. Mas... parece que não sei nada sobre ela. Às vezes, ela parece estar totalmente perdida. Você sabe o

que eu quero dizer? Como alguém que está seguindo um determinado caminho, mas se esqueceu do motivo. Ao mesmo tempo, essa pessoa sabe que no final do caminho há uma catástrofe à espera. E, entretanto, nunca lhe ocorre dar meia-volta. Por que será? Talvez porque a pessoa já tenha avançado tanto no caminho que o fim parece mais próximo que o começo, suponho.”

“É uma sensação horrível,” comentou Rebecca.

À luz da lâmpada, Theo notou que havia uma lágrima brilhante no canto do olho dela.

“Acho que o meu pai passou muito tempo nesse caminho. Ele já chegou ao fim, de todas as maneiras.”



Sol 10, base da NASA

UMA TRINCHEIRA MEDINDO quatro metros de profundidade, três metros de largura e cinco metros de comprimento se estendia à sua frente. Tinha paredes lisas e um fundo sólido, pelo que ele sabia. O robô havia feito um excelente trabalho. Lance ainda se lembrava de como era esse local no Sol 4. A broca nas duas correntes tinha acabado de começar a funcionar e agora estava quase na hora de colocar o telhado no lugar.

O Sol 4 tinha ocorrido seis dias marcianos antes, mas para ele parecia uma história antiga. Ele deve ter envelhecido pelo menos três anos desde então. Mais uma vez, eles tinham visto como seus planos mais bem elaborados poderiam dar errado rapidamente. Assim que o laboratório terminasse, o robô os ajudaria a construir a estufa. Na nova construção, o robô precisaria apenas cavar até meio metro de profundidade e, em vez de um telhado feito de rocha derretida, a cobertura da estufa seria feita de plástico transparente. Eles ainda precisariam lançar luz artificial sobre as plantas, mas seriam capazes de usar a luz solar, em parte, para converter o dióxido de carbono da atmosfera em biomassa.

Lance tentou imaginar como seria o futuro. Será que algum dia os humanos conseguiriam correr pela superfície sem trajes? “Será que não poderíamos usar as plantas nos nossos esforços de terraformação, visto que a atmosfera está tão cheia de dióxido de carbono?”

Sarah tocou seu ombro. A bióloga e médica estava atrás dele. “Você superestima a densidade da atmosfera,” disse. “Você está certo ao dizer que é quase inteiramente composto de CO_2 , mas como esta atmosfera é cem vezes mais fina que aquela que circunda a Terra, ainda assim não seria suficiente para as plantas. Enriqueceremos o ar dentro da estufa com dióxido de carbono adicional do ar que exalamos.”

“Você quer dizer que separaremos o CO_2 do resto do ar?”

“Não precisaremos dar esse passo. Vamos apenas conduzir o ar usado de volta para a estufa. Alguns dos microrganismos que vivem no solo precisam de oxigênio. Uma atmosfera de CO_2 puro os mataria.”

“Todas as coisas que você precisa pensar...”

“É você quem está dizendo! Só estou interessada em observar

quanto tempo levará para deixarmos a estufa estável e funcional. Se a pressão for muito baixa, a água evaporará mais rapidamente e a umidade relativa aumentará... Você sabia que o ar seco de Marte às vezes pode atingir cem por cento de umidade? Considerando o quão fina é a atmosfera, basta um pouco de água.”

Lance estudou o perfil da colega. Sarah não era muito falante, mas quando começava a abordar um tema relacionado à biologia, seu entusiasmo ficava evidente. Ele coçou o joelho. Estava achando as mulheres em Marte uma distração. Isso seria normal? Sua namorada o estava esperando, mas ele sempre se perguntava se sua atração maior seria por Ewa, Sarah ou Sharon. Ele deveria se concentrar em seu trabalho em vez de refletir sobre essas questões.

Antes que pudessem conectar a nova sala à base, ele precisava construir um telhado que protegesse o laboratório contra a radiação e o frio. O robô operava de forma autônoma na maior parte do tempo, mas agora Lance precisava de uma nova ferramenta.

“Você poderia me ajudar?” Ele perguntou a Sarah.

“Claro!”

Eles caminharam até o depósito situado do outro lado da base. Era composto por vários pequenos recipientes não herméticos. Era aqui que o bocal especial para pulverizar o telhado deveria ser localizado. Além disso, aqui estavam armazenadas as chapas metálicas da camada de base da cobertura.

“Você pode carregar uma dessas lâminas, Sarah?”

Sua colega se abaixou para pegar um lâmina. Lance mais uma vez apreciou o fato de seus ternos serem tão justos, mas seu prazer rapidamente se transformou em sentimento de culpa. Ele mordeu a língua. Quase disse algo que não deveria.

Pegou a ferramenta robótica. Era feita de aço e ele não seria capaz de carregá-la se estivesse na Terra. Porém, aqui a coisa pesava menos de dois baldes com água. Caminhou até a máquina com a peça e a colocou no chão.

“Basta deslizar a lâmina na borda da trincheira,” disse ele.

Sarah carregou a chapa para a trincheira de construção. Lance a acompanhou para ter certeza de que a instalação ocorreria sem problemas. Ao longo das duas extensas bordas do buraco, o robô havia cavado uma reentrância de trinta centímetros. Era aqui que a lâmina seria instalada. Sarah lidou com facilidade com a manobra e marchou de volta ao depósito para pegar a próxima lâmina.

Lance se virou para o robô. Desancorou a ferramenta de perfuração que a máquina havia usado para remover as pedras e colocá-las em um caldeirão, que agora estava aquecendo a pedra até que ela ficasse viscosa. Uma vez feito isso, poderia ser usada a nova ferramenta que Lance havia anexado justamente para aplicar força para espalhar a

rocha derretida sobre o substrato metálico. Era assim que se criava um telhado, sendo trabalhado pela mão humana em um bloco gigante de pedra artificial.

Ele tentou balançar a ferramenta recém-montada, mas estava sólida. Ele abriu o novo programa no painel de controle e ligou a máquina. O robô sabia automaticamente o que fazer, então agora poderia ajudar Sarah a carregar as lâminas. Terminaram a tarefa em cinco minutos.

A entrevista deveria começar a qualquer minuto. Essa era a única razão pela qual Sarah estava ali fora com ele agora. A câmera foi montada em seu tripé ao lado da escotilha externa da base. Eles seriam filmados juntos. A estação tinha alegado que a maioria do público seria composta por homens. Era por isso que Sarah seria quem faria as perguntas que a estação lhe enviaria em tempo real, e ele, o salvador da tripulação do Marte para Todos, iria respondê-las.

“Mike, eles entraram em contato?”

“Não, a estação ainda não se manifestou.”

“Você pode contatá-los?”

“Por que você está com pressa, Lance?”

“Eu quero deixar acabar com isso logo. Odeio dar entrevistas.”

“Tudo bem, vou perguntar, mesmo que não tenha sentido. Levaremos quarenta minutos para obtermos a resposta. A essa altura, já teremos as perguntas.”

“Apenas faça isso.”

“Tudo bem. Em processo. Divirtam-se aí fora.”



“MIKE ACHA QUE deveríamos nos divertir aqui.”

Sarah colocou as mãos nos quadris. “Será que ele honestamente acha que não tenho algo melhor para fazer?”

“Ele acha que as perguntas chegarão a qualquer minuto. Não faz sentido voltar para dentro.”

“Isso é verdade. E como devemos matar o tempo?”

“Você poderia me contar uma história de sua juventude.” *Ah, isso foi estúpido*, percebeu Lance. Parecia que ele estava se referindo à idade de Sarah. “Quero dizer, do seu passado.”

“Tenho uma ideia melhor. Você já dançou em outro planeta?”

“O quê?”

“Dançou! Baseado na forma verbal ‘dançar,’ que significa ‘se mover ao som da música.’” Sarah sorriu.

“O que, dentre todas as coisas do universo, fez você pensar sobre isso?”

“Eu tentei na nossa saída, em gravidade zero. Não deu muito certo.

Mas, aqui? Deveria ser muito divertido neste campo gravitacional baixo.”

Ótimo, ela quer dançar. Essa não era uma das habilidades essenciais da maioria dos mecânicos. Ele tinha participado de aulas semanais de dança por dois meses, antes de se formar na faculdade. E essas eram lembranças horríveis.

“Confie em mim,” disse ele, “qualquer outra pessoa seria um parceiro melhor.”

A música rítmica começou a pulsar nos fones de ouvido do capacete. Sarah devia estar transmitindo.

“Você está em boa forma,” disse Sarah. “Tenho certeza de que você é um ótimo dançarino. Vamos ao menos tentar.

“Tudo bem, mas você lidera,” disse Lance.

“Com prazer!” Sarah gritou, pegando a mão direita de Lance, enquanto colocava a própria mão direita no ombro esquerdo dele.

“Feche os olhos, ouça a música e siga os meus movimentos,” disse ela.

Lance fechou os olhos. Deixou a música penetrar em sua consciência. Os demais pensamentos desapareceram no processo. Então percebeu o padrão dela. Para trás, para o lado, ele só precisava ficar alerta. Se não tentasse colocar os pés intencionalmente em algum lugar diferente, tudo acontecia automaticamente.

“Ei, você é bom nisso,” disse Sarah.

Lance se sentiu lisonjeado. Ela liderava muito bem. Ele não precisava ouvir a batida. Apenas tinha que seguir onde quer que ela se movesse. As pernas seguiam o corpo por conta própria. “Você é incrível nisso,” disse ele.

“Obrigado!”

A música estava dentro de sua cabeça e Lance se sentia relaxando, seus músculos se soltando, pois não tinham escolha... mas ainda assim Lance se mantinha firme, de pé. *Obrigado por esta experiência, Sarah*, ele pensou. Não confiava em si mesmo para revelar esse pensamento em voz alta. Ela poderia interpretar mal.



A MÚSICA FOI trocada pelo silêncio e Sarah se deteve. Lance não tinha ideia de quanto tempo havia passado.

“Isso foi adorável,” disse ela.

“Também achei.” *Muito obrigado*, pensou ele, mas as palavras ficaram presas em sua língua. Realmente havia sido adorável. Tinham dançado, nem mais, nem menos.

“Quanto tempo mais, Mike?” Ele perguntou pelo canal de comunicação.

“A resposta deve chegar em dez minutos.”

“E quem estava certo desta vez?”

“Você!”

“Foi ou não foi uma boa ideia contatá-los?”

“Foi, Lance.”

Lance se moveu em direção à câmara de descompressão. Talvez devesse verificar a câmara novamente. Era um modelo mais antigo, mas particularmente durável e adequado para algo assim. Os chips mais novos tinham estruturas eletrônicas tão pequenas que, sob a radiação cósmica, produziam artefatos digitais. A boa notícia era que esse modelo antigo funcionava em todos os lugares. Ele se perguntava de qual museu a NASA havia tirado esta câmara.

Lance a desenroscou do tripé e a apontou para o sol, que parecia consideravelmente menor aqui do que na Terra, mas que ainda poderia cegá-lo se fosse contemplado de forma direta. Ele o observava na pequena tela, na parte traseira da câmara. Então ampliou o máximo que pôde. A imagem ficou embaçada, provavelmente por causa do movimento na atmosfera.

Focou a câmara em Sarah. Sob o crepúsculo que invadia o ambiente, a silhueta dela parecia um recorte de papel. Ela estava de pé, bem ali. Será que já havia praticado algum esporte competitivo? Parecia relaxada e tensa ao mesmo tempo. Ele poderia estar fisicamente apto, mas nunca conseguiria essa combinação que ela apresentava. As pessoas sempre poderiam imaginar quando ele estivesse chegando perto do próprio limite.

“Lance? Sarah?”

Era a voz de Mike. Parecia estar sem fôlego. Provavelmente teria acabado de descer da bicicleta ergométrica, após o treino. Lance prendeu a câmara de volta no tripé. Sarah começou a correr em direção a ele. Deveria começar a qualquer minuto.

“Por fim, consegui as perguntas?” Lance quis saber.

“Hum... não posso responder exatamente a isso.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que não as tenho. Por que vocês dois não entram primeiro?”

Mike parecia extremamente tenso. Lance nunca havia sentido o companheiro assim.

“Farão contato em cinco minutos. Eu conheço esses idiotas da imprensa. Primeiro, eles garantem que todos estejam nervosos e depois fazem você esperar. Deveríamos apenas ficar aqui esperando pela entrevista.”

“Você não está ouvindo, Lance.”

“O que devo fazer com os seus comentários enigmáticos?”

“Quero contar algo aqui dentro, cara a cara.”

“O que está acontecendo, Mike? Todo esse sigilo não está ajudando em nada. Qual é o problema? Alguém morreu ou iniciou uma revolução?”

Lance estava lentamente ficando chateado. Por que Mike estava fazendo tanto fuzuê?

Sarah colocou a mão em seu ombro.

“Não haverá a porcaria da entrevista. Então, volte para dentro.”

“Mike, seu tom está fora de sintonia. Você não consegue se ouvir?” De repente, Lance ficou calmo novamente. Seria por causa da mão de Sarah?

“Que se dane o meu tom, Lance. Isso é sobre a Terra. Eles não estão transmitindo, nem mesmo um pio. Se fosse uma criatura viva, eu diria que estava morta.”

“O que isso significa? A linha está morta? Um dos satélites está com defeito?” Lance não conseguia entender o que Mike estava dizendo.

“Não, é a Terra. Não está mais respondendo. Ninguém está lá. Algo terrível deve ter acontecido, mas não sei o quê,” disse Mike calmamente.

Lance de súbito sentiu como estava frio em Marte. O termômetro ainda não havia caído para zero. O frio se espalhava pelo seu corpo, e ele levantou o pé porque um calafrio parecia percorrer sua perna como um verme úmido e nojento. Chegou ao quadril, escolheu um caminho ao longo da coluna e chegou à cabeça. E então ele parou de sentir qualquer coisa.



MIKE ESTAVA TREMENDO POR COMPLETO. Lance desejou poder lhe dar um abraço. Desejou?! Isso não tinha sentido. Ele ficou na frente de Mike e envolveu seu comandante com seus braços fortes. O tremor diminuiu. Lance sentiu os músculos de Mike ficarem flácidos.

“Vou soltá-lo, agora,” disse Lance, enquanto cutucava Mike levemente no abdômen.

“Valeu,” Mike disse.

E assim, tudo tinha sido dito. Lance se sentiu vazio. Será que ele não deveria sentir falta da namorada, dos planos mútuos, dos filhos que planejavam ter? Será que todo o seu futuro havia se dissolvido no ar? Ainda era muito cedo para perceber isso e ele ainda não estava chateado. Se havia algo que ele precisava naquele momento, era manter a cabeça fria. Podia ser que tudo não passasse de uma ideia fixa. As ideias mudam, sofrem mutações, desaparecem no nada. Nenhuma lei de conservação se aplica a elas.

“Ainda não consigo acreditar,” disse Sharon, encostada na parede.

Ela estava sentada no chão, raspando os pés contra o piso.

“Você realmente verificou tudo?” Sarah insistiu.

“Sim, tudo. Cada pequeno cabo. Não há nada vindo da Terra. Tampouco, nada dos quatro satélites em órbita.”

“Por que não percebemos isso antes? Talvez pudéssemos ter feito alguma coisa,”

“Não, Lance. O tempo de transmissão é de vinte minutos. Não esperávamos nada. Por que ficaríamos cabreiros se nada acontecesse?” Sharon disse.

“E os satélites?” Lance quis saber.

“Já procuramos saber sobre eles. *MRO 2* e *ExoMars 3* apareceram primeiro, e depois os demais, assim que emergiram da zona morta atrás de Marte. Mas este incidente superou todas as expectativas. Os satélites não foram programados para nos reportar no caso de um colapso total das comunicações. Por outro lado, se parássemos de reportar, eles dariam um alarme.”

“E não houve nenhum sinal de alerta?”

“Não, Lance. Ontem à noite, recebi da Terra o *briefing* para o dia seguinte,” disse Sharon.

Mike perambulava de um lado para o outro pela sala e finalmente decidiu se sentar ao lado de Sharon no chão. Sarah permanecia bem quieta ao lado de Lance, quem não sabia o que fazer a seguir.

“Temos que descobrir o que aconteceu na Terra,” disse ele.

“Mas como?” Sharon perguntou. “Nós nem temos um telescópio. A Terra está muito longe. Os satélites de observação em órbita estão de olho em Marte, não na Terra.”

“Não poderíamos enviar um dos satélites de volta à Terra para tentar ver o que está acontecendo?”

“Sim, mas não temos combustível suficiente para isso. E a próxima janela de início só abrirá por seis meses. Essa é a nossa janela de voo para colocarmos um deles na trajetória em direção à Terra.”

“Não podemos simplesmente desistir da Terra. Talvez eles precisem de ajuda.”

“E se supõe que nós poderemos ajudar?”

“Quem mais?”

“Não precisaremos discutir isso antes que a próxima janela de início se abra,” interrompeu Sarah. “Até então, temos outras coisas para fazer. Temos que nos ajudar.”

Ninguém contestou. Lance queria apenas fechar os olhos, mas fez tudo o que pôde para mantê-los abertos. Não estava disposto a desistir ainda. Ou Sarah estava certa? Será que precisavam cuidar de si mesmos primeiro? Tinham recursos suficientes para durar pouco menos de três anos, mas não durariam para sempre. Se a Terra não respondesse antes da próxima janela de início, eles teriam que ficar

aqui por mais tempo que o esperado. Sarah havia destacado um ponto importante. Eles não tinham tempo a perder. Tinham o que precisavam para sobreviver, mas também teriam que usar suas ferramentas e astúcias combinadas.

“Isso é verdade, Sarah,” replicou Lance. “Parece que poderemos ficar aqui mais tempo do que pensávamos. É hora de começarmos a planejar isso.”



Sol 10, base do MpT

“VOCÊ VEM? MIKE ESTÁ ESPERANDO.”

Ewa ouviu o chamado de Ellen, mas não conseguiria parar imediatamente o que estava fazendo. Tinha demorado um bom tempo para acalmar Germaine. Agora Ewa estava sentada atrás dela, contra a parede, segurando-a com força. A mulher dos Camarões ainda chorava baixinho, mas já não era o choro desesperado de antes. E ela não tinha sido a única a desabar quando a base da NASA havia informado que a Terra havia ficado em silêncio.

“Ewa? Peço a ele dez minutos?”

Dez minutos... *Não. Neste ponto, isso seria tão bom quanto um tapa na cara*, ela disse a si mesma.

“Não, tudo bem. Já estou indo.”

De alguma forma, eles teriam que continuar. Francamente, nada tinha mudado muito para sua tripulação. Cada um deles havia obtido uma passagem só de ida. Eles sabiam, cada um deles, que nunca mais veriam seus pais, seus irmãos e outros parentes, ou qualquer um de seus amigos—tinham se despedido de todos para sempre. Por que será que para alguns deles esta notícia ainda fazia tanta diferença? Suas despedidas na Terra já haviam sido para toda a eternidade. Realmente não deveriam fazer tanto barulho! Era bem possível que tudo isso se revelasse um grande mal-entendido. Contudo, a situação era muito intrigante para que isso fosse provável.

Ela gentilmente afastou Germaine e se levantou. *Seu trabalho não acabou*, uma voz em seu interior a avisou. Às vezes isso a pegava de surpresa, mas nessa ocasião o *timing* foi perfeito. Apesar da perda de metade da carga nas entranhas de *Santa Maria*, eles ainda tinham tudo o que precisavam para estabelecer seu assentamento. Não obstante, tinham solicitado que a tripulação da NASA o fizesse, e era por isso que ela estava agora no console de vídeo.

Ewa tirou algumas mechas de cabelo do rosto. Nunca era demais estar no seu melhor ao se apresentar para uma conversa. Sua sensação era de que Mike a achava interessante.

“Olá, Mike,” ela disse. “É bom vê-lo de novo. Por favor, desculpe-me pelo atraso. A situação foi um choque terrível para alguns de nós.”

“Compreensível,” disse Mike. “Eu também estou muito chateado. A minha mãe...”

“Sinto muito. Quer adiar a nossa conversa?”

“Estou me controlando. Tenho que continuar.” Mike fungou levemente. “Você tem...”

“Não tenho nenhum parente vivo na Terra. Eu não tinha nenhum, eu deveria ter dito. Leva algum tempo para se acostumar com isso. E acabei evitando propositalmente fazer amigos íntimos depois de me candidatar ao MpT.”

“Agora sou eu quem sente muito.”

Ewa ficou incomodada. Por que ele deveria *sentir muito*? Estava dando muito certo para ela. Certamente era por isso que ela se sentia tão calma. Tudo ainda estava funcionando conforme planejado, apesar de alguns pequenos solavancos no caminho. O silêncio da Terra não era nenhum tipo de perda para a sua missão. Na realidade, ela já não esperava nenhum apoio ou contato de lá.

“Obrigada,” disse Ewa. “Gostaria de conversar sobre o nosso trabalho colaborativo. Parece que teremos que *nos tolerar* por mais tempo do que esperávamos.”

“Não tenho certeza se estamos dispostos a aceitar isso ainda. Sinceramente, acho que há algum tipo de problema temporário acontecendo. No entanto, também estou ciente de que precisamos estar preparados para tudo.”

“Bom. Ainda estará tudo bem se pegarmos emprestada a sua furadeira robótica?”

“Sim. Mas gostaríamos de acertar alguns termos em um contrato assinado. A nossa produção de alimentos será bastante baixa nos próximos meses.”

“Entendo. Você gostaria de entregas garantidas. Posso lhe oferecer quatro dezenove avos de tudo o que cultivarmos em Marte. Isso corresponde ao tamanho relativo de nossas tripulações. Juntamente com a sua própria produção, as suas provisões serão maiores que as nossas.”

“De acordo,” disse Mike. “E você nos devolverá o robô assim que conseguir atender às suas próprias necessidades nutricionais, certo?”

“Hum-humm. Porém, há um outro problema. Gostaríamos de construir o mais próximo possível de um depósito de gelo. Só que a luz solar direta na zona norte é menor que aqui. Precisaremos de uma fonte de energia que funcione independentemente do sol.”

“Você está pensando em um KRUSTY?”

Sim, ela estava pensando em um KRUSTY, a sigla da NASA para um Reator Kilopower Usando Tecnologia Stirling. “Eu sei que você tem mais de um KRUSTY,” disse Ewa.

Na verdade, ela não tinha certeza disso, mas precisava pelo menos tentar. O modelo atual produzia cem quilowatts de potência e não necessitava de manutenção durante os primeiros dez anos. Isso seria

um tesouro fantástico para o assentamento. Mas quando dez anos se passassem, todo o combustível teria acabado. Se Mike estivesse pensando estrategicamente, ele manteria todos os KRUSTYs que possuía pelo maior tempo possível. Mesmo que não houvesse crianças, os adultos poderiam esperar passar pelo menos cinquenta ou sessenta anos aqui.

Ewa podia ouvir Mike sussurrando. Naturalmente estava discutindo o pedido dela com os demais.

“Tudo bem, vamos concordar com isso,” disse Mike, por fim.

Ela ficou surpresa. Mike lhe havia parecido ter uma cabeça fria e calculista sobre os ombros. Havia se equivocado sobre ele, e era por isso que agora ela se permitia um sorriso.

“Oh, você tirou um peso dos meus ombros,” disse ela. “Você não tem ideia de como me sinto melhor agora. Retribuiremos o favor assim que pudermos.”

“Estou ansioso para ver como fará isso,” disse Mike.

“Bem, temos algo que vocês definitivamente não têm.”

“Os animais?! Um pouco de leite de cabra fresco seria bem-vindo.”

Ele estava presumindo que ela se referia aos animais. Ele estava enganado! Ewa sentiu seu próprio ânimo melhorar. “Eu não me referia a isso,” disse Ewa. “Temos armas—três pistolas e munições.”

“Vocês têm o quê?”

“Você me ouviu corretamente.”

“Mas sempre pensei que o MpT fosse uma organização sem fins lucrativos, que queria construir um mundo novo e justo.”

“Podemos ser um pouco desorganizados, mas não somos estúpidos. Sempre quisemos sobreviver neste planeta. E em algum momento, outras pessoas virão. Isso sempre foi óbvio. Por isso, temos que ser capazes de nos defender. Caso aconteça, vocês poderão contar conosco.”

Mike não parecia muito satisfeito com a promessa dela. Ele seguramente era uma daquelas pessoas que rejeitavam a violência em geral. Também poderia ter interpretado a oferta dela como uma ameaça. Ela não se importaria se ele assim o fizesse.



Sol 11, base da NASA

“SERÁ POSSÍVEL QUE A LOIRA SRA. Ewa e seu sorriso encantador colocaram uma venda nos seus olhos?” Lance perguntou.

Mike negou com a cabeça. “Temos que encontrar uma maneira de nos darmos bem,” disse ele, colocando-se na defensiva.

Lance estava meio chateado. Mike podia ser o comandante oficial da missão, mas todas as decisões fundamentais deveriam ser tomadas em grupo. Incomodava-se com o fato de Mike ter praticamente doado uma furadeira robótica e um KRUSTY sem compensação adequada e sem solicitar previamente o acordo dos demais tripulantes da NASA. Foi por isso que ele tinha passado a noite anterior inventariando seus suprimentos.

“Temo que a mera presença do MpT coloque em risco a nossa própria sobrevivência,” declarou Lance. “Dê uma olhada nesta lista.”

Ele exibiu os resultados de sua pesquisa no monitor.

“Por pessoa, precisamos de um suprimento diário de 0,2 quilograma de oxigênio, supondo que possamos contar com uma taxa de reprocessamento de oitenta por cento. Além disso, podemos nos basear em meio quilo de comida desidratada, um quilo de comida enlatada e quatro litros de água potável, dos quais podemos reciclar cerca de 3,2 litros.”

“Esses são os conhecidos dados da NASA. O que você está tentando dizer?” Mike quis saber.

“Só um segundo. Você parece estar ignorando o fato de que a situação mudou drasticamente. Éramos apenas quatro, com um planejamento de permanência por dois anos, incluindo emergências inesperadas. Mas agora temos que projetar uma permanência até o fim de nossas vidas.”

“Mas temos muito tempo para fazer isso.”

“Você acha? Não somos mais apenas nós quatro. Agora estamos sustentando dezenove pessoas.”

“Podemos cultivar a maior parte dos nossos recursos aqui.”

“Até certo ponto, sim. Podemos obter oxigênio dividindo o dióxido de carbono na atmosfera, mas precisamos de energia para fazer isso. E agora você doou um de nossos KRUSTYs. Também precisamos de energia para produzir metano como combustível e para cultivar as plantas. Os cem quilowatts que um KRUSTY pode produzir não são

tanto assim.”

“Você está exagerando, Lance. Desde quando você está tão arisco?”

“Desde que soubemos que nunca mais receberemos novos suprimentos. Siga estes números. Temos cerca de 650 quilos de oxigênio em cilindros. Isso vai durar cerca de 800 dias para quatro pessoas. Mas para dezenove pessoas, isso mal cobrirá 168 dias. Menos de seis malditos meses! E isso nem leva em consideração o aumento de uso, como quando temos que ventilar a cabine do Rover.”

“Podemos extrair o oxigênio do sistema de propulsão do *Endeavour*,” Mike assegurou.

“O que o tornará incapaz de voar no futuro. Mas ainda não terminei. Voltemos à situação alimentar. Temos pouco menos de cinco toneladas de alimentos que também deveriam durar dois anos. Pelo menos para quatro pessoas. Se partilharmos isto com o pessoal do MpT, esgotaremos completamente este estoque antes de atingirmos a marca dos seis meses.”

“Eles trouxeram suas próprias provisões.”

“Sério? Transportamos todos os seus bens materiais em nosso Rover. Isso foi menos de uma tonelada de coisas.”

“Alguns de seus suprimentos vieram no *Endeavour*.”

“Será que você se esqueceu de tudo que aprendeu em matemática? O efetivo deles é quase quatro vezes maior que o nosso. Só para eles, não seriam necessárias cinco, mas sim vinte toneladas de alimentos para um período de dois anos.”

“Vamos descobrir uma maneira,” disse Mike, sem muita convicção.

Lance olhou para ele. Mike parecia uma criança cujo balão havia sido roubado. Sarah e Sharon estavam simplesmente observando.

“É hora de vocês duas dizerem alguma coisa,” declarou Lance.

“O que deveríamos dizer?” Sarah retrucou. “Você está certo, Lance. Mas Mike também está, de alguma forma.”

“Os dois não podemos estar certos.” Lance estava lentamente ficando com raiva. “Eu deveria incomodá-los com a água também? Nós quatro precisamos de 3,2 litros de água doce por dia. Sem falar das plantas. Neste momento, só estamos obtendo dois litros por dia de minerais.”

“O pessoal do MpT planeja construir o seu assentamento perto de depósitos de gelo. Eles poderiam nos fornecer água.”

“Depósitos que eles ainda nem encontraram. E se o fizerem, teremos de transportar essa água por mais de mil quilômetros.”

“Seus números estão certos, Lance, mas você está olhando tudo isso com pessimismo. Esses são problemas solucionáveis,” disse Mike.

“Alguns que não teríamos se você não tivesse...”

“Lance, eu tenho que me meter no meio,” Sarah disse calmamente. “Quer as entreguemos ou não, as nossas provisões acabarão. Isso é um

fato. Temos que encontrar maneiras de reabastecê-las, mais rápido agora que antes. Nós podemos fazer isso.”

Lance examinou o grupo. Sharon estava concordando com o que Sarah havia dito. Talvez ela estivesse certa, afinal. No entanto, a pressão do tempo na qual a decisão de Mike os havia colocado realmente o irritava.

“Ok,” Lance finalmente disse, sua raiva já dissipada. “Então devemos começar a trabalhar o mais rápido possível. A meu ver, o nosso principal problema é a energia. Se tivermos o bastante, poderemos produzir oxigênio e água suficientes.”

“O cultivo de alimentos vem em segundo lugar,” complementou Sarah. “Como bióloga, ficarei com esta tarefa. Lance, você deveria se encarregar da produção de energia. Você tem alguma ideia?”

“Absolutamente. Eu quero construir algumas turbinas.”



Sol 12, expedição do MpT

“THEO, QUE BOM VER VOCÊ.”

Estava tão escuro na bolha deles que a tela o cegava. Theo diminuiu a luminosidade para não acordar Rebecca, que ainda estava dormindo.

“Olá, Ewa,” Theo disse suavemente.

“Você está se divertindo?”

“Demais. Se conseguirmos manter a velocidade, chegaremos ao nosso destino um dia antes.”

“Não se esqueça de que devem começar a procurar gelo antes disso. Será apenas em uma profundidade maior.”

“Claro. Mas suspeito que você não está contactando antes do amanhecer para nos lembrar disso.” Theo sentia a esperança brilhar brevemente. *Será que fizeram contato com a Terra novamente?* Ele pensou.

Mas ele estava errado.

“Você está certo, Theo. Queria avisar que o satélite detectou uma tempestade de areia vindo em sua direção.”

“Quando?”

“A velocidade mais alta do vento deveria chegar até você em cerca de quatro horas.”

“Obrigado pelo aviso. Continuaremos o nosso trabalho, de todas as maneiras.”

Ewa sorriu. “Eu pensei que você o faria. Esse é o Theo que eu conheço. Boa sorte!”

Ela encerrou a transmissão.



THEO DECIDIU ACORDAR REBECCA. Havia uma chance de perderem algum tempo hoje, então seria melhor partirem mais cedo.

Sua colega estava dormindo de bruços, com a cabeça apoiada no braço. Isso só deixava para ele um terço do colchão; mas como gostava de dormir de lado, isso não o incomodava.

“Você sopra no meu pescoço durante a noite,” tinha declarado Rebecca na segunda noite.

“Posso virar e dormir do outro lado,” ele tinha respondido.

“Não se preocupe, isso não me incomoda. Na verdade, acho até um tanto reconfortante, como se alguém estivesse cuidando de mim. Quando eu era criança, tinha um cachorro que sempre dormia ao meu lado na minha caminha. Eu adormecia ao som de sua respiração ofegante.”

Um cachorro. Theo sorriu alto com o pensamento. Porém, se isso a ajudasse a adormecer, ele seria um cachorro. Provavelmente já estava mesmo cheirando como um, havia muito tempo. As oportunidades para que se lavassem durante o acampamento eram bastante limitadas. A célula de combustível de metanol produzia água que eles podiam usar para lavar, mas em pouca quantidade, e eles se recusavam a desperdiçar a água potável que traziam consigo.

“Hora de acordar,” disse ele, batendo na perna dela.

Rebecca se moveu ligeiramente, mas parecia ainda estar sonhando. Ela se virou de costas, mas não abriu os olhos. Uma linha vincada percorria sua bochecha direita, que havia permanecido apoiada sobre o braço.

“Sinto muito, Rebecca, mas precisamos partir,” disse ele mais alto.

Ela abriu os olhos. “Ah, já amanheceu?” Ela perguntou, sua voz soando suave e um pouco rouca.

“Quase. Uma tempestade está vindo em nossa direção, e é por isso que temos que partir mais cedo.”

“Ok, só preciso de dez minutos.”

Theo se virou. Colocou uma colher de pó de café instantâneo e um pouco de água na chaleira, e a colocou sobre a placa de aquecimento. A bebida foi aquecida precisamente a 37 graus. O sabor estava longe do café verdadeiro, mas a cafeína nunca deixava de fazer seu efeito. Pegou as latas de alumínio que continham a massa de pão e girou as travas para a direita. O conteúdo foi aquecido quimicamente. Depois de quarenta e cinco segundos, ele conseguiu abrir as latas completamente. Os *produtos finais* que ele tirou das latas eram muito semelhantes a pãezinhos franceses. Estavam quentes, mas não crocantes.

“Geleia ou pasta de chocolate?” Ele quis saber.

“Geleia. Morango,” respondeu Rebecca.

Ele cortou o pãezinho dela em dois com a borda da lata e espalhou um tubo de creme vermelho sobre as metades, antes de juntá-las novamente. Em seguida, espalhou um creme marrom em seu próprio pãezinho.

“Pronto,” ele disse.

“Eu também,” retrucou Rebecca.

Theo se virou e estendeu o pãezinho e o café para ela. Só então ele começou a consumir seu próprio alimento.

O CÉU ESTAVA se comportando de maneira estranha hoje. Theo teria ficado preocupado se não soubesse o que estava por vir. Ele não tinha visto o sol nascer. Já era um ponto desbotado no céu, quando saíram do balão da tenda. Embora fossem oito horas, era difícil avaliar a direção pelo brilho do céu. Não tinha ficado mais claro na última meia hora, na verdade havia ficado mais escuro.

“Não seria melhor pararmos em algum lugar e nos abrigar?” Rebecca perguntou atrás dele.

“Isso não será necessário, a menos que a nossa visibilidade fique muito ruim,” respondeu ele.

Ewa entrou em contato pelo rádio. “Vocês estão bem? O satélite informou que a tempestade quase chegou até a sua posição.”

“Só ficou um pouco mais escuro,” replicou Rebecca.

“Essa é a poeira flutuando no ar,” acrescentou Theo.

“Por que será que não atingiu vocês?”

“Está vindo do Sul e estamos diretamente ao Norte de vocês” disse Theo.

“Você está se esquecendo da rotação do planeta. Isso interrompe as correntes de ar,” observou Rebecca.

“Isso mesmo,” disse Theo. “Eu deveria ter pensado nisso.”

“Mas tenham cuidado de todas as maneiras!” Ewa aconselhou.

“Claro,” ambos responderam ao mesmo tempo.

Ele encerrou a conexão. Os pensamentos de Theo se voltaram para sua infância. Sempre que regressavam da casa de sua avó à noite, muros brancos de neblina muitas vezes bloqueavam as ruas. Seu pai passava direto por eles sem hesitação. Isso sempre o impressionava muito quando criança. *Outro mundo está escondido dentro da neblina*, pensava sua mente de criança. *Será que conseguiremos encontrar o caminho de volta?*

Ele tinha imaginado que as tempestades de poeira em Marte seriam como aquelas, mas é claro que não eram nada parecidas. A visibilidade era definitivamente limitada, mas ele ainda conseguia ver pelo menos 150 metros. Era por isso que ele não diminuía nem um pouco a velocidade. A poeira parecia estar girando principalmente acima de suas cabeças. Contudo, isso era uma ilusão de ótica. Quando olhava para cima, observava uma parede acastanhada, de fato, uma espessa camada de poeira, com muitos quilômetros de extensão. A ilusão não funcionava no nível do solo porque os rochedos espalhados forneciam uma sensação de perspectiva.

“É bastante inquietante essa parede acima de nós,” disse Rebecca.

“O ar ali não é mais denso que aqui embaixo.”

“Eu sei,” ela rebateu.

Mas ela estava certa. Era como se estivessem passando por baixo de um rochedo gigantesco que descia gradualmente sobre eles. Na direção em que estavam dirigindo, a perspectiva deles fazia com que o rochedo parecesse estar afundando cada vez mais perto da superfície e, ainda assim, quanto mais longe eles realmente dirigiam, mais alto parecia o limite entre o céu e a superfície.

Theo olhou para o relógio. Nove e meia. “São nove e meia,” disse ele. “Isso é o pior de tudo.”

O medidor do Rover indicava que a velocidade do vento era de cerca de 80 quilômetros por hora. Como estavam dirigindo na direção em que o vento soprava, a tempestade parecia atingi-los a 60 quilômetros por hora, mas era como se fosse um vento suave na Terra. Ele realmente não precisava se preocupar. Da próxima vez, ele deixaria Rebecca dormir até mais tarde. Uma atmosfera rarefeita tinha suas vantagens.

Theo estava satisfeito pelo fato da tempestade não ter se detido em outro lugar. A atmosfera era hipnótica. Ele não estava mais em Marte, mas sim preso em uma pintura de um pintor expressionista. Agora navegaria por toda a eternidade em direção a um destino que ficava logo além da borda da pintura, enquanto um gigante tentava esmagá-lo sob seus pés.



Sol 19, base da NASA

DEVIDO À POEIRA que flutuava no ar, não havia ficado mais brilhante desde o momento em que acordaram. Era algo normal para esta época do ano. Sharon, a meteorologista treinada, chamava isso de Outono setentrional, ou Outono do norte. À medida que a região sul—onde depósitos significativos de dióxido de carbono congelado se acumulavam durante o inverno frio—gradualmente se tornava mais quente, aqui, a norte do equador, ela lentamente se tornava mais fria. Os extremos de temperatura eram equalizados pelas correntes de ar que carregavam a poeira consigo.

Lance olhou para cima. Se o sol continuasse desaparecido por mais um dia, sua depressão se aprofundaria. Mas seu projeto era ainda mais crítico. Os painéis solares que haviam trazido só estavam produzindo metade de sua capacidade normal, e isso já fazia algum tempo.

Hoje não houve nem mesmo uma brisa. Era uma atmosfera estranha, como antes do início de uma tempestade. Se ao menos chovesse! Lance imaginou como as gotas de chuva limpariam a poeira do ar. O céu—como ele sentia falta do azul da Terra!—ficaria mais claro que nunca e, assim que a tempestade passasse, um arco-íris se estenderia pelo horizonte.

Lance suspirou. Ele nunca mais experimentaria a chuva. Mesmo que conseguissem mudar o clima de Marte, não haveria chuva neste planeta durante mais mil anos.

Ele estava fazendo um progresso decente com sua turbina. Devido à baixa pressão dinâmica que o vento aqui gerava, ele não conseguiria construir uma máquina com hélices enormes, como na Terra. Ele tinha baseado seu projeto nas lembranças de um brinquedo de infância. Seu cata-vento consistia em lâminas de papel dobradas em um centro comum, com as pontas presas—com um alfinete resistente—a uma vara. Elas mantinham sua forma como resultado da tensão interna do material. E como eram tão leves, até a brisa mais suave fazia o cata-vento girar alegremente. Para o jovem Lance, isso parecia tão mágico. Se você olhasse para as lâminas giratórias, as cores de repente começariam a ficar confusas. Ele sempre esperava que o processo encantado levaria a algo novo e maravilhoso, mas o cata-vento eventualmente parava... sempre.

Ele não estava trabalhando com papel neste caso. Para as

dimensões que precisava, não teria sido estável o suficiente. Junto com Sharon, ele tinha trabalhado no novo laboratório e acabou sintetizando um plástico macio que atendia aos requisitos de seu empreendimento. Eles tinham usado o metanol como material de base, uma vez que poderiam produzir um fornecimento contínuo deste a partir do dióxido de carbono. Quantas vezes eles tiveram que começar de novo?! Muitas!

O material tinha que ser estável e suportar mesmo quando moldado em uma área de superfície de dez metros quadrados com a menor espessura de parede possível. Não bastava torná-lo tão flexível quanto uma folha de papel, cuja borda inferior fosse possível curvar e prender no topo. Era nesse ponto que eles quase falharam, até que Lance começou a fazer experiências com papel real. O papel se mostrava menos flexível se você o dobrasse ou enrolasse antes. Esse foi o momento em que ele alterou a forma de sua turbina. Agora consistiria em dois elementos plásticos curvos em forma de U. Cada um deles teria cinco metros de comprimento e, ao longo dos dois lados, eles seriam montados em um mastro pivotante. Um gerador estaria localizado na base da estrutura. Lance já havia reaproveitado um motor elétrico, sobressalente do Rover aberto, no gerador.

Agora ele estava no processo de prender as lâminas ao mastro de metal, o qual tinha sido construído com várias peças de reposição que haviam sido fundidas. Feito isso, ele tinha feito os *cortes* em ambos os lados do mastro onde agora encaixava as lâminas de plástico. Lance criou um truque para evitar que se soltassem. Fios finos passavam pelo mastro e uma corrente elétrica seria enviada através deles. Quando os fios esquentassem, o plástico que tocava o mastro de metal se derreteria um pouco e se soldaria no metal para evitar que as lâminas se escorregassem.

Para esta etapa final, ele precisava de ajuda, e foi por isso que Sarah estava a caminho. Em troca, ele tinha prometido regar os primeiros canteiros do jardim.

“Diga-me o que fazer.”

Oh! Ela já está aqui. Lance limpou a poeira da viseira do capacete.

“Você precisa pegar a extremidade do mastro e esticar bem o fio dentro dele. Só um segundo. Eu direi quando.”

Ele se inclinou e ergueu um pouco a outra extremidade do mastro. “Agora!”

Eles o levantaram simultaneamente.

Lance sentiu Sarah começar a puxar o fio. “Isso mesmo,” disse ele. “Agora vou enviar 330 volts pelo fio.”

O fio se contorceu nos dedos dele. Seu anúncio deve ter assustado Sarah.

“A carga não lhe causará danos. A resistência das suas luvas é

muito alta para você sentir alguma coisa. No máximo, o fio vai esquentar um pouco, mas desligarei a eletricidade depois de alguns segundos.”

“Entendi,” ele ouviu Sarah dizer pelo rádio do capacete.

“Tudo bem, agora.”

Desta vez, o fio permaneceu imóvel. Lance ligou o interruptor do gerador móvel de metanol com a ponta do pé. Ele não conseguia ver nada, o que significava que teria que adivinhar. Quanto tempo seria necessário para que o fio aquecesse e derretesse o plástico?

Exatamente esse tempo, ele decidiu, enquanto cortava a energia. Se isso não tivesse sido suficiente, ele só teria que aquecê-lo por mais tempo.

“Você pode colocar o mastro de volta no chão.”

Sarah cuidadosamente colocou o mastro de volta no chão.

“Ainda precisa de mim para alguma coisa, Lance?”

“Deixe-me verificar rapidamente para ver se funcionou.”

Ele caminhou ao longo do mastro e tentou puxar as lâminas de plástico, mas elas não cederam. Seu plano funcionou. Ele parou bem na frente de Sarah, quem olhava para o leste. Ele seguiu o olhar dela, e foi então que percebeu—uma luz avermelhada bruxuleante brilhando no céu.

“Você está vendo aquilo?” Ele perguntou, apontando para a luz.

“Vendo o quê?”

“Havia uma luz bem ali.”

“Uma luz?!”

Ele não replicou, mas então a luz reapareceu.

“Ah,” ela disse. “Achei que talvez você estivesse brincando.”

“É uma luz polar?” Lance quis saber.

“O campo magnético em Marte é demasiado fraco para produzir uma luz polar.”

Lance fez contato rádio com Sharon, quem estava na base. “Você sabe o que está brilhando no horizonte?”

“As luzes vermelhas?” Ela o indagou.

“Exatamente!”

“É uma tempestade. Ou a versão marciana de uma.”

Lance aumentou totalmente o volume do microfone externo. Conseguia ouvir seus pés pisando na poeira, algo que ele nunca havia notado antes. Ainda assim, nenhum som acompanhou o relâmpago seguinte.

“É uma lástima que não haja trovão,” disse ele.

“Há um pouco, mas a atmosfera é tão rarefeita que amortece seriamente o som,” explicou Sharon.

“Pena!” Lance replicou.

“Isso não importa. Somos provavelmente as primeiras pessoas a

observarem tais descargas vermelhas no céu, desde a superfície de Marte. Acho que é bastante romântico,” disse Sarah.

Lance queria dizer, ‘Você está certa,’ mas as palavras, que pareciam teimosas e difíceis de manejar, não passaram por seus lábios. Ele teria gostado de passar o braço pelos ombros de Sarah; mas, e se ela não quisesse ser tocada? *Isso não tornaria o trabalho conjunto estranho?* Pensou, com um suspiro.

“Vá em frente e faça o que quer fazer,” disse Sarah.

Hum, o quê? Ele ficou atordoado. Será que ela havia acabado de ler os pensamentos dele? Lance cuidadosamente colocou o braço direito em volta dos ombros dela.

Sarah começou a sorrir.

“Na verdade, eu estava falando com Mike,” disse ela. “Ele quer sair e observar o clima. Mas isso é muito bom. Não pare.” Ela cuidadosamente se recostou até que estivesse totalmente apoiada sobre ele.



Sol 20, base da NASA

OS TURNOS NOTURNOS ERAM ESTRESSANTES. Lance deveria passar oito horas observando algo que nunca havia falhado, visto que havia sido projetado para funcionar a longo prazo e sem supervisão. A base já estava aqui muito antes da chegada deles, e depois de sua partida, ela iria... Não, não haveria partida para eles, pelo menos não como haviam planejado. Como ele poderia ter se esquecido disso, mesmo que fosse por um instante? Será que era normal que ele tivesse se adaptado tão rapidamente a esta situação, ou ele ainda estaria em algum estado de negação?

Lance se virou de lado no assento. Reclinou as costas o máximo que pôde. Não era uma superfície completamente plana, mas ele dormia ainda pior sentado ereto. Tinha testado essa teoria em seu último turno da noite. Puxou o cobertor fino sobre o corpo e fechou os olhos. Sua namorada se materializou em sua tela de cinema mental. Ele ainda se lembrava de quão doce era o rosto dela. *Querida*—foi isso que lhe veio à mente. Mas ele não conseguia se lembrar da cor dos olhos dela. *Não se preocupe*, pensou ele, *basta dar uma olhada em uma das fotos dela e tudo voltará à lembrança.*

Mas ele não deu ouvidos aos seus próprios conselhos e sua lembrança se dissolveu. Isso não tinha acontecido nem uma vez durante o voo de seis meses para Marte, mas agora estava começando a ser frequente. *O que isto significa? Eu ainda a amo? Sim, eu a amo.* Só de pensar em Freda ele se sentia aquecido.

Algo começou a vibrar de súbito. Lance se remexeu para prestar atenção na origem da vibração e seu pé direito roçou no painel de controle. Ele se ajeitou no assento. ‘Transmissão recusada’ aparecia em letras vermelhas na tela. Seu pé devia ter tocado o botão de transmissão. Lance rapidamente começou a se dar conta dos detalhes. *Mars Express 2b*, que se encontrava orbitando o planeta durante os últimos dez anos, estava notificando a base de que havia recebido um sinal. Não era da NASA, mas de uma distância que correspondia à localização da Terra. A intensidade do sinal indicava isso. Será que voltou a funcionar? *Será que tudo foi apenas um erro, uma experiência, uma perturbação? Freda tem olhos castanhos*, lembrou-se de repente. *Ou ela...?* Lance bateu na tela de forma desajeitada, com certa violência, tentando se livrar dos pensamentos. A mensagem sumiu; ele teria que

recuperá-la! Mas era tarde demais. O satélite estava afundando no horizonte. Eles teriam que esperar até que o satélite reaparecesse neste hemisfério.

Será que ele deveria acordar os demais? Absolutamente! Independentemente do que *Mars Express 2b* tenha captado, era algo relevante para todos eles. Lance saiu do centro de controle. Precisava dar essa notícia pessoalmente. Acordou os demais suavemente, começando com Mike, por ser o comandante.

“O satélite só aparecerá dentro de mais algumas horas. Por que você me acordou?” Mike estava todo tranquilo.

Sharon correu direto para o centro de controle. Ela teria que ver a mensagem com seus próprios olhos.

Sarah o abraçou impulsivamente. Assustado, Lance ficou vermelho. Ele não merecia isso. Pelo contrário, se não tivesse reagido tão desajeitadamente, eles já saberiam o que a Terra queria deles.

Claro, havia uma chance de não ter vindo da Terra. *Mas então de onde seria?*



VÁRIAS HORAS DEPOIS, Mike estava sentado no assento do comandante, enquanto *Mars Express 2b* subia no horizonte. Lance, Sharon e Sarah estavam ao seu redor, acompanhando cada movimento dele.

Mike solicitou que o satélite reenviasse a transmissão. Tudo correu bem. A antena parabólica transmitiu o que havia recebido e o computador tratou de descriptografar.

“Aqui Rick Summers, o administrador da espaçonave *Spaceliner 1*. Nossa tarefa é desenvolver Marte como uma colônia para a Terra. Tal como nós, agora vocês devem saber que o nosso planeta natal não está respondendo. Nós, poucos sobreviventes, estamos por nossa conta. Em nome do nosso presidente, gostaria de lhes oferecer a oportunidade de se juntarem a nós, assim que chegarmos a Marte, dentro de cerca de cinco meses. Possuímos todos os recursos necessários para tornar o planeta permanentemente habitável e estamos preparados para compartilhá-los com vocês, se estiverem dispostos a se colocarem sob o nosso comando. Por favor, envie-nos a sua decisão o mais rápido possível.”

No fim das contas, a mensagem não veio da Terra, pensou Lance sombriamente. Ele observou os rostos de Sharon e Mike evidenciando o desânimo ao término da primeira frase. Sarah apertou o botão de replay. A voz de Rick Summers repetiu seu discurso.

“Não sei quanto a vocês, mas não gosto desse homem,” disse ela finalmente.

“Não importa. É a coisa mais lógica a ser feita. O projeto *Spaceliner* foi financiado de forma privada e eles têm recursos muito diferentes dos nossos,” disse Mike.

“Não podemos simplesmente concordar em nos submetemos a eles! Nem sabemos quem são,” Lance deu sua opinião, enquanto começava a andar de um lado a outro, no centro de controle.

“Lance está certo,” Sarah concordou. “Meu instinto me diz que este Summers não é tudo o que parece ser.”

“O que você acha, Sharon?” Mike perguntou.

“Não sei. Tenho que admitir que, por um momento, senti esperança de novo.”

“Nossas chances de sobrevivência seriam maiores se tivéssemos acesso ao que a *Spaceliner I* traz consigo,” observou Mike.

“Isso pode ser verdade, mas não podemos desistir da nossa independência tão rapidamente,” protestou Lance. *O que está acontecendo com Mike? Será que esta breve centelha de esperança o levou ao ponto de preferir abdicar de suas responsabilidades?* Ele pensou.

“Não precisamos tomar uma decisão hoje,” sugeriu Sarah. “Você pode formular uma recusa educada. Se eles pousarem e se comportarem, ainda poderemos decidir nos juntar a eles.”

“Parece uma ótima ideia,” disse Sharon.

“Tudo bem,” Mike encolheu os ombros. “Isso é o que faremos.”

Ele se inclinou sobre o monitor.

“Em teoria, estamos abertos a qualquer que seja a sua ideia de colaboração,” ele falou para a câmera, enquanto esfregava o queixo. “Há certamente áreas em que todos poderíamos tirar benefícios das experiências uns dos outros, ou em que uma troca de conhecimento ou tecnologia seria útil. Como tripulação, concordamos que as estruturas formais que vocês têm em mente não são necessárias pra gente. Nós nos vemos como uma operação independente, do modo como a nossa autoridade contratante pretendia que fôssemos, o que significa que não fazemos parte da empresa privada que você representa.”

‘Perfeito!’ Lance estava prestes a dizer, embora tivesse conseguido morder a língua bem a tempo. Mike precisava ser o único a expressar a saudação final.

“Desejo a vocês uma boa viagem,” continuou Mike. “Por favor, entrem em contato conosco novamente pouco antes de pousarem. Talvez, com o nosso equipamento, possamos ajudá-los a encontrar um bom local de pouso.”

Mike apertou um botão. Lance seguiu as barras de progresso no ícone de envio. Demorou apenas alguns segundos para que a mensagem iniciasse sua longa viagem.

“Você fez um bom trabalho, Mike,” disse ele.

“Obrigado.” A voz de seu colega e amigo parecia exaurida,

observou Lance.



Sol 21, expedição do MpT

“Ai! Eu disse para você ter cuidado naquele local!

“Sinto muito, Rebecca.”

“Cara, está doendo para caramba.”

“Eu sei.”

A parte interna das coxas de Rebecca estava coberta de hematomas. No entanto, as assaduras eram ainda piores. Tinham aparecido pela primeira vez em seu corpo havia quatro dias. Theo havia recebido suas visitas dois dias depois. Ele já odiava o que estava por vir. Assim que terminasse de espalhar o medicamento em Rebecca, eles teriam que voltar para dentro de seus instrumentos de tortura, os trajes espaciais. As feridas tinham se desenvolvido primeiro nas articulações, onde as saliências do tecido dentro dos trajes roçavam a pele. Enquanto dirigiam por horas no Rover, essas áreas ficavam em carne viva. Eles também já não conseguiam ficar sentados por muito tempo, visto que haviam se formado bolhas nas coxas e nas nádegas—um desenvolvimento recente.

Ele espremeu um bocado de creme do tubo e o espalhou levemente na pele de Rebecca. Para alcançar uma das escoriações, ele teve que empurrar um pouco a calcinha para o lado. Não obstante, seus pensamentos estavam ocupados com seus suprimentos médicos.



“DESCULPE-ME POR TER gritado com você na tenda mais cedo,” pediu Rebecca. “Eu sei que você não queria me machucar.”

“Sem problemas,” reagiu Theo, enquanto manobrava o Rover entre dois rochedos.

Pela primeira vez no dia anterior, ele também tinha gritado, porque ela havia demorado mais que o normal para entrar no Rover. *Tudo isso é normal*, disse para si mesmo. Fazia dias que eles não conseguiam se afastar um do outro. Passavam dias e noites juntos. A essa altura, Theo estava convencido de que conhecia Rebecca melhor do que conhecia as três ou quatro namoradas sérias com as quais havia se relacionado na Terra. Pelo menos ele e Rebecca não estavam brigando—ainda.

A rotina deles poderia ajudar com isso. Theo valorizava seguir o que havia sido planejado. Eles partiam no mesmo horário todos os dias, reinicializavam o radar de penetração no solo a cada dez minutos, em ponto, e nunca permaneciam mais de dez horas no mesmo local. Já deveriam ter localizado o gelo havia quatro dias. Tinham dirigido mais de 2.000 quilômetros em direção ao norte, embora a expectativa tivesse sido de apenas 1.500. Eles eventualmente teriam que desistir da busca.

“Rebecca, acho que precisamos pensar seriamente se devemos ou não voltar atrás,” disse ele.

“Se fizermos isso, Marte para Todos estará acabado,” respondeu ela. “É isso que você quer?”

“Ewa acha que podemos encontrar outra maneira de obter água.”

Ewa já havia começado a advogar pelo regresso deles havia três dias, mas ele tinha sido contra. Agora estava se perguntando se havia tomado a decisão correta. *Talvez Marte não queira tornar as coisas tão fáceis para nós.* Eles tinham confiado em uma teoria específica, talvez confiado demais—poderia existir gelo subterrâneo, nos arredores do paralelo 40. Todavia, isso não significava que tivesse que ser assim.

“Você mesmo pode fazer as contas, Theo. Extrair água de minerais requer muita energia. Do jeito que as coisas estão, passaremos por uma escassez crônica de energia dentro de uma década, o mais tardar, quando o KRUSTY que o pessoal da NASA planeja nos doar ficar sem combustível.”

“Dez anos é muito tempo. Encontraremos alternativas até lá.”

“Até lá poderemos já ter mudado o nosso assentamento de lugar, o que não será barato. Vamos ficar por aqui mais alguns dias.”

“Quanto mais para norte formos, mais frios serão os invernos, o que custará mais energia e diminuirá ainda mais a eficiência dos nossos painéis solares.”

“Apenas alguns pontos percentuais. Poderíamos recuperar a perda se encontrássemos um depósito de gelo.”

Rebecca estava certa. Se não conseguissem localizar quaisquer depósitos de gelo, os planos anteriores para seu assentamento ficariam obsoletos. Nesse caso, eles talvez tivessem que encontrar uma maneira de permanecer com o pessoal da NASA. Não seria esse o caminho mais sensato, de todas as maneiras? Será que realmente tiveram que construir seu próprio assentamento *Marte para Todos*? Quem seriam *todos*, se a Terra permanecesse em silêncio?

“Nossos suprimentos médicos não durarão toda a viagem de volta. Os últimos dias serão um inferno,” declarou Theo.

“Nós superaremos isso, se tivermos um bom relatório para levar de volta.”

“E se não tivermos?”

“Oh, Theo, nunca ouvi você assim tão pessimista.”

“Começo todas as manhãs olhando para as feridas abertas nas suas costas.”

“Posso prometer que, embora não possa vê-las, eu as sinto a cada solavanco no chão.”

“E você realmente quer continuar?”

“Vamos nos permitir mais três dias; tudo bem? Então voltaremos.”

“Dois dias, como um compromisso?” Theo ofereceu.

“De acordo!” Disse Rebecca, com um suspiro.



Sol 22, base do MpT

“VOCÊ VIU O que o pessoal da NASA enviou?”

Gabriella estava sentada em frente a um monitor no centro de comando do *Endeavour*, com os olhos voltados para Ewa, quem terminava de subir a escada.

“Acabei de acordar,” respondeu Ewa. Ela não dormia tão mal havia muito tempo. *Por que será que Theo e Rebecca não encontram o gelo?* Como grupo, eles tinham discutido isso por um bom tempo. Poderia ser apenas pura sorte ou a falta dela. Pode haver depósitos gigantes de gelo em ambos os lados da rota, mas não diretamente no caminho deles. Ou os modelos gerados pelos cientistas planetários simplesmente estavam errados.

“Eles receberam duas mensagens da *Spaceliner I*,” disse Gabriella.

“O projeto ego, financiado com recursos privados daquele multimilionário americano? Qual era mesmo o nome dele?”

“Sim, é esse—não me lembro do nome do cara. *Spaceliner* estará aqui em cinco meses.”

“Bem, espero que não seja bem aqui. Eles devem ter sido lançados antes da Terra ter ficado em silêncio.”

“É o que parece,” disse Gabriella. “Parece também que você tem algo contra eles.”

“O que eles estão fazendo é completamente o oposto do que imaginamos para a nossa colonização em Marte. Eles querem construir uma colônia que funcione de acordo com considerações econômicas.”

“Considerando que pode não haver mais assistência da Terra, não será esse talvez o modelo que garantirá a maior probabilidade de sobrevivência, mesmo que não seja o melhor conceito?”

“Você não pode estar falando sério, Gabriella. De todos os modos, o que eles tinham a dizer?”

“Na primeira mensagem, eles se ofereceram para nos incorporar formalmente em seu empreendimento. Mas você vai gostar mesmo é da segunda. Só um instante.”

Gabriella apertou alguns botões e um rosto magro apareceu na tela. O homem devia ter quase quarenta. Ewa baseou esta estimativa nas poucas rugas que pensou conseguir distinguir na testa dele. Seu rosto barbeado o fazia parecer mais jovem, apesar de tudo. Suas orelhas eram um pouco salientes. O palestrante se apresentava como

Rick Summers, administrador da *Spaceliner I*.

Gabriella aumentou o som. “Eu me referia a esta parte,” disse ela.

“Vocês podem estar interessados nesta oferta que eu gostaria de fazer,” começou Summers. Nesse volume, sua voz soava desagradável.

“Se algum de vocês concordar em apoiar a nossa missão, irei nomeá-lo, ou nomeá-la, meu representante indeterminado. Se preferir, nem mesmo precisa contar a ninguém sobre a sua decisão. Isso poderá ficar entre nós dois. Tudo que exijo é a sua lealdade e você não se arrependerá desta decisão. Leve todo o tempo necessário para considerar a sua resposta. No entanto, você deve compreender que só posso manter esta oferta aberta até receber a primeira resposta positiva.”

Ewa soltou uma gargalhada. *O homem obviamente está procurando um espião dentro da minha tripulação*, pensou ela. A coragem dele a impressionou. Não era coincidência que Summers estivesse encarregado de uma espaçonave privada. Qualquer que fosse sua função específica, deveria ter um certo poder, caso contrário ele não estaria em condições de fazer ofertas tão atraentes. O primeiro impulso de Ewa foi fazer com que Gabriella apagasse a mensagem, mas isso indicaria que ela não confiava em sua tripulação.

Será que algum deles realmente cairia nessa manipulação primitiva? Ela imaginou. Todos estavam enfrentando um estado de relativa emergência, mas Ewa nunca havia pensado que a lealdade da tripulação à missão tivesse sido prejudicada por causa de tudo o que havia ocorrido. E ainda assim, ela se sentia insegura. A maioria deles rejeitaria categoricamente a oferta. Mas tempos difíceis estavam por vir, sem dúvida. Com o tempo, a oferta de Summers poderia penetrar nos pensamentos da tripulação como um veneno de ação lenta. Ewa balançou a cabeça em negação. O questionamento dela aos outros membros da tripulação simplesmente tornaria o trabalho de Summer mais fácil.

“Vá em frente e passe para os outros,” disse ela a Gabriella.

“Não deveríamos votar em nossa resposta? O pessoal da NASA já enviou sua recusa a Summers.”

“Não acho que isso será necessário. Mas se alguém da tripulação pensar diferente, certamente poderemos votar. Acho que o resultado seria bastante claro.”



Sol 22, base da NASA

“VOCÊ PROMETEU ME AJUDAR COM A JARDINAGEM.”

Lance olhou para Sarah através de seu monitor. Ele estava planejando seu primeiro parque eólico. A turbina que ele tinha montado produzia menos de 30 watts em média, o que era suficiente apenas para alimentar um único painel de LED. Mas com cem turbinas eles poderiam gerar três quilowatts, o que seria suficiente para realmente fazer algo significativo. Ainda assim, Lance estava enfrentando dois problemas.

Teria que arrecadar o suficiente para o investimento inicial. O metanol que eles estavam transformando no plástico para as turbinas exigia um consumo significativo de energia para sua produção. Ele também precisava de um grande número de tubos, tão leves quanto possível, para montar as miniusinas, bem como vários geradores que pudessem aproveitar o momento angular e convertê-lo em eletricidade. Ele estava usando seu computador para experimentar como dispor uma centena de turbinas para que elas não impactassem negativamente umas às outras. Foi aqui que o pedido de Sarah interveio.

Reprimindo um suspiro, Lance se levantou. Realmente havia prometido ajudar na jardinagem. Sarah sorriu e Lance percebeu de repente que talvez não se importasse de trabalhar no jardim.

“Não será tão divertido,” ela advertiu.

“Aposto que isso não é verdade,” retrucou ele. “Afinal, você estará lá.” Ele instantaneamente ficou vermelho como uma beterraba, como se fosse um menino de escola, mas Sarah pareceu ficar lisonjeada com esse elogio estranho.

“Então, vamos.”

Sarah liderou o caminho até a estufa. Estava localizada além de uma das câmaras de descompressão. Antes de entrar, Sarah colocou uma máscara respiratória nas mãos dele. “Por causa da atmosfera especial,” disse ela.

Embora a explicação fosse desnecessária, Lance assentiu mesmo assim. As plantas que haviam trazido prosperavam especialmente bem no ar enriquecido com dióxido de carbono.

Sarah também colocou uma máscara antes de descer os três degraus até a câmara de descompressão e continuar de joelhos. Ele a

seguiu. O teto da câmara de descompressão era baixo, por isso eles não conseguiam andar eretos. A estufa também tinha altura inferior à de um adulto. Lance só poderia trabalhar ali abaixando a cabeça. Uma nuvem de gás fétido esperava por eles além da porta da câmara de descompressão.

Sarah apontou para a máscara e ele assentiu.

“Sim, infelizmente, isso não mantém isoladas as moléculas do cheiro. Pelo menos, não são tóxicas,” disse ela.

Cheirava a fezes, e Lance podia imaginar o motivo.

“Caso você esteja se perguntando,” disse Sarah, “não tínhamos terra suficiente para os esporos que trouxemos.”

Lance avistou uma unidade gigante de quatro prateleiras. Cada nível continha uma camada de material marrom-avermelhado, com trinta centímetros de espessura.

“Isso é terra marciana,” explicou Sarah. “Eu injetei os esporos para ajudar a enriquecê-la. Todavia, a nossa estufa é maior que o planejado, e é por isso que tenho de recorrer ao sistema de suporte à vida.”

“Você espalhou a nossa merda nos canteiros?” Lance indagou, sorrindo.

“Não, não diretamente. Primeiro eu a sequei e triturei. Dessa forma, eu poderia distribuí-la de forma mais sistemática do que se fossem pedaços grossos dela.”

Sarah estendeu uma sacola para ele. “Com o que se parece?” Ela perguntou.

“Grãos de café?” Foi o melhor palpite de Lance.

“Então, *bon appetite*. Este é o resultado do seu tempo no banheiro ontem.”

“Estupendo. O que você gostaria que eu fizesse?”

“Eu preparei algo para você ali ao lado.”

“Quase parece um programa de culinária.”

“Arrá! Eu injetei essa terra dois dias atrás. Preciso que você pegue uma série de amostras e as analise.”

“Não tenho ideia de como fazer isso.”

“Você insere as amostras nesse tubo e a máquina fará o resto.”

“E quantas amostras eu preciso coletar?”

“Você está vendo os brotinhos? Estão todos catalogados no computador. Você deve coletar uma amostra de cada planta, e isso nos ajudará a determinar as condições ideais de crescimento.”

“Não basta aquecer e adubar?” Lance ficou curioso.

“Não, queremos produzir o máximo de alimentos possível com o mínimo de energia necessária. Em nosso planeta, os melhores resultados foram 420 gramas por quilowatt-hora. Quanto melhores forem os meus valores, menos eletricidade as suas turbinas terão para

produzir.”

“Interessante. Não sabia que você trabalhava com valores assim. Em outras palavras, para cada quatro quilowatts-hora, eu poderia cobrir as rações de um dia para um membro da tripulação?”

“Só se quisermos comer rabanetes Rambo e nada mais. Agrião, cenoura e alface não são tão eficientes, e os grãos menos ainda.”

“Isso tem que estar ligado aos componentes menos consumíveis das plantas.”

“Pelo menos em termos de grãos. Mas também podemos comer folhas de rabanete cozidas, pois são ricas em nutrientes. As plantas são as que mais se beneficiam de atmosferas fortemente enriquecidas com dióxido de carbono.”

“Excelente. Bem, é melhor eu começar, não é mesmo?”

“Sim, obrigada. Estarei do outro lado das prateleiras. Tenho que preparar dez metros quadrados de terra hoje para o plantio das cenouras amanhã.”



Sol 23, expedição do MpT

“VOCÊ SABE O que faremos depois da excursão de hoje, certo?” Theo perguntou.

“Vamos dar meia-volta,” respondeu Rebecca. Ela olhou nos olhos dele como se tivesse algo em mente.

“Mas?” Ele a ajudou.

“Eu gostaria de dar uma pequena volta em direção ao oeste.”

“De acordo com a teoria, as nossas chances de encontrar gelo deveriam ser maiores se continuarmos indo para o norte.”

“Isso é verdade. Mas no mapa avistei uma cratera com uma borda sul, e ela parece sombria.”

“Você quer dizer que o sol nunca atinge o fundo da cratera daquele lado? A borda da cratera deve ser bastante íngreme, então. Crateras como essa são raras.”

“Sim, deve ser bem jovem. Isso a torna um local potencial para gelo. O impacto do meteoro removeu a camada superior de terra, e a exposição reduzida à luz solar pode ter feito com que o gelo durasse mais tempo ali.”

Theo pensou um pouco a respeito. Não havia razão para não tentar. Probabilidades eram probabilidades, afinal de contas. “Tudo bem,” disse ele. “Iremos nessa direção.”

Com um gemido, ele voltou ao seu lugar no Rover. Cerrou os dentes, visto que a nova ferida na nádega esquerda estava pressionada contra a borda do assento do Rover.

“Pronta?” Ele a indagou.

Rebecca gemeu baixinho.

Ele se virou para observá-la. Ela ainda estava tentando encontrar uma posição suportável.

“Pronta!” Finalmente deu a resposta.

Theo ligou a ignição e pisou no pedal. Se ele se levantasse, seu traje irritaria outros pontos. Também seriam esfregados em carne viva, mas não tão severamente quanto a pele da parte interna das coxas.

ESTAVAM SE APROXIMANDO de seu destino pelo leste. O mapa estava se mostrando excelente. A cratera estava localizada exatamente onde tinha sido indicada. Chegaram ao meio-dia, quando o sol estava em seu zênite.

Theo estacionou o Rover. Desceram do veículo e começaram a escalar cuidadosamente a parede leste da cratera. Tinha cerca de oitenta metros de altura e estava cheia de cascalho solto. “Cuidado,” disse Theo. “Com a baixa taxa de erosão aqui, pode haver rochedos maiores apenas esperando pela vibração correta para descenderem rolando sobre nós.”

“Posso imaginar,” replicou Rebecca.

Theo rapidamente ficou sem fôlego. Rebecca passou por ele, subindo com considerável habilidade. Parecia que ela mal suava ao fazer isso. Theo caminhava penosamente, passo após passo, subindo a rampa. Considerando a baixa gravidade, ele havia presumido que subir esta colina seria mais fácil do que parecia.

Rebecca chegou ao topo, observou ligeiramente o panorama e acenou para ele. “Parece prometedor,” ela bradou.

Ele finalmente chegou ao topo da colina. Sentia-se tonto, mas Rebecca percebeu e o apoiou com as mãos. O chão voltava a se inclinar bem aos seus pés.

“São apenas oitenta metros,” ela disse suavemente.

“Oitenta?” Ele mal podia acreditar. Graças ao esforço incomum, Theo sentia como se tivesse escalado um quilômetro.

“Você está vendo isso?” Ela perguntou, apontando para a sombra.

Os olhos dele seguiram o braço de Rebecca. A parede sul da cratera projetava uma sombra de 150 metros de largura sobre a cratera, e isso era ao meio-dia, quando o sol estava no seu ponto mais alto. Felizmente era outono, e não alto verão, mas mesmo no verão a sombra teria pelo menos 100 metros de largura, criando uma área perpetuamente escura na qual as temperaturas presumivelmente nunca chegariam muito acima de 50 graus negativos.

“Precisamos dar uma olhada mais de perto,” disse Rebecca, enquanto começava a descer pelo outro lado.

“Espere. Precisamos do radar, mas é pesado demais para carregar.”

“Talvez o gelo esteja logo abaixo da superfície e possamos vê-lo.”

“Mas pode não estar.”

Theo apontou para a parede norte da cratera. Nesse ponto, a parede descia gradualmente até encontrar a superfície. “Podemos dirigir o Rover por ali,” disse ele.

“Mas isso está muito fora do nosso caminho.”

“Quarenta quilômetros. Podemos administrar isso.”

“Se eu continuar subindo, estarei lá em dez minutos,” garantiu Rebecca.

“Não há expedições individuais, regra número 1,” ele a fez se lembrar.

Ela assentiu e disse: “Então, vamos!”



LEVARAM VINTE MINUTOS para chegarem ao Rover e mais duas horas para chegarem ao ponto de acesso norte da cratera.

“Se acabarmos construindo o nosso assentamento aqui, será fácil defendê-lo,” disse Rebecca.

“Contra quem?”

“Quem sabe?”

“Você viu muitos filmes de ação.”

O Rover alcançou a sombra. Agora eram duas e meia, o que significava que a sombra devia ter se alongado um pouco. Eles dirigiram mais cem metros. Theo verificou o termômetro de seu traje.

“Menos 65,” disse ele, antes de parar o Rover.

Rebecca desceu do assento e deu alguns passos à frente. Não estava completamente escuro porque o céu nebuloso iluminava a paisagem. Ela puxou a lanterna mesmo assim.

Será que ela encontrou alguma coisa? Theo ficou curioso. Rebecca caminhou um pouco mais, ajoelhou-se e passou as mãos pela superfície. *O que ela está fazendo?*

Theo a observava. O chão onde ele estava parecia mais duro que o normal. Seus pensamentos vagaram sobre como deveria ter sido aqui quando a cratera se formou.

Em algum momento, um dos incontáveis asteroides devia ter entrado no campo gravitacional de Marte. A fina atmosfera o havia aquecido, mas não a ponto de fazer com que queimasse. E então o pedaço de pedra tinha caído na superfície em um ângulo agudo. A cratera tinha uma circunferência de cerca de dez quilômetros, refletindo um impacto relativamente pequeno.

Rebecca também estava pensando. *O que aconteceu com a água que eventualmente teria se acumulado no fundo da cratera? Ou o calor a evaporou—ou o meteorito havia escavado área suficiente da superfície para que pudesse...* “Theo, venha aqui! Rápido!”

“O que foi?” Ele começou a correr, apesar de sua dor aumentar à medida que o fazia.

Alcançando Rebecca, ele se ajoelhou ao seu lado. Ela estava esfregando a luva para frente e para trás na superfície, que estava coberta por uma fina camada de poeira. Rebecca pegou um pouco do pó e iluminou a amostra com sua lanterna. “Veja,” ela disse.

Theo estudou a palma da mão dela. No feixe de luz, pequenos cristais brilhavam entre os pequenos grãos minerais.

“São cristais de gelo?” Ela perguntou.

“Estão parecendo, mas também poderiam ser apenas algum outro material brilhante.”

“Vamos, precisamos testá-los.”

Rebecca fechou os dedos em torno da pequena pilha de poeira e liderou o caminho de volta. Ele podia adivinhar para onde ela estava indo. O motor do Rover ainda deveria estar quente. Theo correu atrás dela, ofegante. Ela esperou por ele com certa impaciência. Havia uma superfície pequena e plana na lateral do Rover, uma projeção da tampa do motor.

Em algum lugar ao longo do caminho, embora Theo não conseguisse mais se lembrar em que dia, eles haviam derretido neve de dióxido de carbono bem nessa tampa. Havia encontrado esse tipo de neve certa manhã, na sombra ao lado da trilha pela qual seguiam. A neve tinha se sublimado instantaneamente em gás. Rebecca ergueu o punho sobre o mesmo lugar e o abriu lentamente. Theo segurava a lanterna com firmeza. A mistura de poeira e cristais desceu lentamente. Theo ainda não tinha se acostumado com o tempo que levava para as coisas caírem aqui. Ele desejou ser capaz de apressar o processo.

“Mantenha a luz focada,” disse Rebecca.

Ele apontou o feixe, iluminando a superfície do motor. Diante de seus olhos, os pequenos cristais se transformaram em minúsculas gotículas.

“Encontramos gelo!” Theo gritou. Ele largou a lanterna e abraçou sua companheira.



CLARO, alguns cristais de gelo não eram prova de nada. Eles poderiam ter sido criados pelo ar saturado de vapor d'água, semelhante à condensação do orvalho na Terra. Se o vapor d'água se depositasse em um solo sombreado que o sol nunca alcançasse, permaneceria como cristais de gelo. À sombra da cratera, os cristais acabariam por formar uma espessa camada de neve com o passar dos séculos. *Ou não exatamente*, pensou Theo. Como o vento sopraria constantemente a poeira, seria produzida uma mistura de poeira e neve. Eles não seriam capazes de provisionar adequadamente seu assentamento no longo prazo apenas com isso.

“Precisamos verificar isso com o GPR,” declarou Theo.

“Claro, isso pode não ser mais que uma camada de poeira e gelo,” concordou Rebecca.

“Você consegue ler mentes?”

“Não, mas posso pensar.”

Ponto para ela. Ele tinha que parar de subestimá-la só porque ela era mais nova. Theo caminhou até a seção central do Rover, onde a unidade GPR estava guardada em uma canastra. O aparelho tinha sua própria base de quatro rodas, impulsionada por um motor elétrico movido a bateria e operada por um controlador portátil separado. Esta característica lhes permitia fazer medições sem necessidade de se colocarem em risco, uma consideração importante se eventualmente acabassem nos glaciares do Polo Norte.

Theo gostava de controlar o radar enquanto caminhava. Tinha um controle remoto que lhe permitia operar o detector como se fosse o carrinho com controle remoto que ele tinha quando criança. Em teoria, eles poderiam enviar o aparelho sozinho em busca de água, sem acompanhá-lo. O radar poderia cobrir cerca de seis quilômetros com a bateria totalmente carregada.

“Você se importa?” Ele perguntou, agitando o controle remoto que já estava em sua mão.

“Eu sei o quanto você gosta de dirigir essa coisa, mesmo que eu realmente não entenda o motivo,” disse Rebecca. “Vou assistir no monitor.”

A tela ficava em um pequeno console próximo à canastra de transporte, pronta para exibir o que o GPR transmitia.

Theo dirigiu o pequeno *bugue*, que havia apelidado de ‘*Husky*,’ até a área onde Rebecca tinha descoberto os cristais. “Você pode começar as leituras?” Ele quis saber.

“Agora mesmo!”

O dispositivo em forma de caixa enviava ondas de rádio para o solo, as quais depois retornariam em graus variados quando encontrassem algum tipo de fronteira, como a transição entre duas substâncias únicas cujas características distintas tivessem influências diferentes nas ondas de rádio. Por exemplo, este poderia ser o local onde o granito tivesse feito a transição para o basalto, uma fronteira entre camadas de profundidades variadas, ou um elemento estranho de algum tipo, ou mesmo uma transição do solo marciano comum para uma camada oculta de gelo, um remanescente da época quando oceanos gigantes cobriam Marte.

Theo nunca havia esperado tão pacientemente. Demorou um pouco para o receptor captar ondas refletidas suficientes. Muita coisa dependia dos resultados dessa medição. Será que eles finalmente conseguiriam retornar à base? Será que este momento marcaria o ponto de partida para a *Iniciativa Marte para Todos*, conforme planejado originalmente?

“Você já viu alguma coisa?” Ele perguntou. “Devo levar o *Husky* para outro lugar?”

“Espere um pouco. Não me apresse,” Rebecca respondeu com uma

risada.

Isso é um bom sinal? A imagem estaria se construindo lentamente à sua frente. *Ela não riria se não houvesse nada para ver, certo?* Ele pensou.

“Parece tudo bem,” ela finalmente declarou.

Ela se mostrava extremamente cautelosa. *Por que ela não está gritando de alegria?* “Qual o problema?” Ele perguntou.

“Nada!”

“Desembuche!”

“Dirija o *Husky* cinquenta metros adiante.”

“Eu farei isso. Mas, primeiro, fale comigo—por que você está me torturando?”

“Para ser honesta,” disse Rebecca, “os resultados são melhores que bons. São quase bons demais para ser verdade. Não quero que comemoremos ter tirado a sorte grande até termos certeza de que o bilhete de loteria está em nossa carteira.”

“Sorte grande?! O que você quer dizer?”

“A camada que vejo nas imagens de radar é muito, muito espessa. O radar não capta os limites, mesmo na configuração de sensibilidade mais alta. Isso significa que tem pelo menos cem metros de espessura. Se isso for realmente gelo, estamos sentados em uma ‘mina de ouro.’ Seríamos capazes de fornecer água aos filhos dos nossos filhos.”

Um arrepio percorreu a espinha dele. Será que poderiam realmente ter tanta sorte? Mas já não seria hora da maré mudar, depois da perda de seus cinco tripulantes e de praticamente todo o equipamento, bem como do acidente de Andy?

“É bom ter cuidado,” disse ele. “Vamos verificar toda a área antes de tirarmos qualquer conclusão.”

“Eu preferiria dar uma olhada. Essa é a única maneira de garantir que o radar não esteja funcionando mal.”

“Boa ideia. Quão fundo precisamos cavar?”

“A borda superior da camada de gelo deve estar um metro abaixo da superfície,” disse Rebecca, com segurança.



DEMOROU UMA HORA para que terminassem de mapear a área sob a superfície. Na zona de sombra permanente, a camada de gelo começava realmente um metro abaixo da superfície. Nos locais tocados pelos raios solares quentes, o gelo parecia estar em maior profundidade. Talvez os modelos dos pesquisadores de Marte estivessem incorretos. Contudo, a camada de gelo parecia recomeçar a uma curta distância dali, abaixo da borda da cratera. Se conseguissem aceder aos depósitos diretamente acessíveis, poderiam extrair ainda

mais água através da mineração.

Se fosse realmente água o que estivesse ali embaixo. Tudo parecia indicar isso, mas só a evidência direta dissiparia as últimas dúvidas.

Theo guardou o GPR de volta na canastra, enquanto Rebecca se ocupava com a furadeira, que contava com uma haste de perfuração de 150 x 15 centímetros, cuja função não era imediatamente óbvia.

Rebecca colocou a ferramenta em um local selecionado aleatoriamente, próximo ao ponto onde tinha encontrado os cristais. “Começando com a furadeira,” disse ela.

O termo ‘furadeira’ havia se enraizado entre a tripulação, embora tecnicamente falando não se tratasse de uma furadeira, mas sim uma espécie de martelo. A cabeça em forma de cinzel não perfurava o substrato com um movimento circular; em vez disso, golpeava repetidamente a superfície com força, semelhante a uma britadeira. Theo podia sentir as vibrações das marteladas rápidas sob seus pés.

Rebecca não precisava segurar a haste quando atingisse a profundidade de 30 centímetros. Demorou 20 minutos para a haste de perfuração atingir a profundidade desejada. Agora apenas um pequeno pedaço da haste era visível. Nesse ponto, a cabeça da broca descansou um pouco para esfriar. Então, minúsculos barbeadores elétricos começaram a coletar material da área imediatamente ao redor da cabeça. Este processo durou mais dez minutos.

“Temos uma amostra,” disse Rebecca.

“Vamos retirá-la.”

“Como desejar, senhor.”

Rebecca retirou a barra do substrato. Desatarraxou o recipiente da amostra, que estava lacrado e hermeticamente fechado, antes de levar a haste e a amostra para o Rover. Com sorte, o laboratório móvel forneceria a resposta desejada. Rebecca enroscou o recipiente da amostra no gargalo de enchimento do laboratório até que o material caísse na câmara de análise.

Se ao menos o laboratório soubesse quão vitais são suas ações, pensou Theo. Ele cerrou os punhos. Quatro olhos fitaram a linha de brilho fraco que ainda trazia apenas a palavra ‘PROCESSANDO.’

Mas então houve a mudança na tela. A primeira informação que a máquina forneceu foi o fato de não ter encontrado nenhum sinal de vida. Isso ocorreu porque o dispositivo tinha sido desenvolvido principalmente para ajudar na busca por formas de vida. Em seguida, forneceu o percentual de combinações orgânicas e inorgânicas, classificadas por estados físicos e valores de pH.

Somente no final, a máquina produziu uma lista completa de todas as combinações químicas descobertas. Relatou ‘97,2 por cento de H₂O.’

Rebecca processou a informação mais rápido que Theo. Ela já

estava envolvendo os braços em volta do pescoço dele, enquanto ele ainda registrava o que isso significava. “Água!” Rebecca gritou. “Encontramos água!”

Era um sentimento estranho. Theo havia se esquecido de como era uma alegria tão pura e não adulterada. Tinha encontrado água. Viva! Ele murmurou sons incoerentes e dançou com Rebecca através da cratera que logo se tornaria seu novo lar.



Sol 24, base do MpT

FOI INACREDITÁVEL. Theo e Rebecca finalmente conseguiram. Toda a tripulação ficou em êxtase. Todos precisavam dessas boas notícias. As expectativas eram obviamente altas agora.

Ewa esfregou as têmporas. Ela teria que apresentar à tripulação os planos de realocação, os quais deveriam permanecer realistas, de modo que o estabelecimento de seu assentamento estivesse ao alcance das mãos. Sem o robô de construção da NASA, por exemplo, esses planos não dariam em nada, então, por enquanto, eles precisariam esperar até que o pessoal da NASA pudesse liberá-lo. Depois teriam de transportar seu equipamento cerca de 2.000 quilômetros para norte. Como isso funcionaria, sendo que o Rover fechado só poderia percorrer uma distância de 500 quilômetros por vez?

Ewa desejou que Theo já estivesse de volta. Ele teria uma sugestão na ponta da língua. Ellen ajudava Ewa com os detalhes do dia a dia, mas parecia não ter talento para pensar fora da caixa. O não convencionalismo seria a única maneira de fazerem algum progresso nesta situação complicada.

Será que o alcance do Rover poderia de alguma forma ser aumentado? Se transportassem metanol adicional, a quantidade de carga disponível seria o fator limitante. Ao contrário da distância até o módulo de pouso, que tiveram de percorrer duas vezes, teriam de percorrer esses 2.000 quilômetros de ida e volta pelo menos cinco vezes. Se conseguissem atingir 25 quilômetros por hora... não, isso seria totalmente irrealista.

O que Theo sugeriria? Ewa se perguntou. Ele passaria pelo menos mais dez dias no Rover aberto, então não estaria disponível como parceiro de discussão. *Mas espere um momento.* O Rover aberto já havia percorrido a distância até a cratera uma vez. Embora o veículo tivesse a autonomia necessária, não era adequado para o transporte de cargas frágeis, entre as quais Ewa incluía o ainda inconsciente Andy. Ou deveriam deixá-lo aqui? Será que a tripulação da NASA não poderia cuidar dele? Seria uma solução prática já que, objetivamente falando, ele seria um empecilho na hora da construção do assentamento. No entanto, a tripulação do MpT provavelmente veria isso de forma diferente.

Talvez eles pudessem usar os Rovers abertos e fechados! O aberto

poderia simplesmente rebocar o fechado, conservando a maior parte do combustível que teria sido consumido se o fechado fosse operado de forma independente. A velocidade provavelmente seria reduzida, mas esta solução tornaria o movimento realista, embora tedioso. Se ao menos pudessem estalar os dedos e transportar tudo direto para a cratera, no estilo Star Trek!

Eles devem ser azarados. Ewa tentou organizar seus pensamentos. Então algo ocorreu a ela. Eles realmente poderiam estalar os dedos—por assim dizer—e o *Endeavour*, sua morada atual, subiria no ar. Eles não teriam que alcançar a órbita. Uma rota suborbital para a cratera não consumiria muito combustível. Toda a mudança poderia ser realizada em um dia! A solução perfeita... exceto por uma pequena falha técnica. O *Endeavour* não lhes pertencia e era duvidoso que a tripulação da NASA lhes desse permissão para isso. *Ewa, Ewa*, ela pensou. *Suas soluções criativas vão nos deixar em uma enorme confusão—ou então nos permitirão cobrir os 2.000 quilômetros até à distante cratera, com seus gigantescos depósitos de gelo, em questão de minutos.*



Sol 45, base da NASA

“APROVEITEM!” Sarah cantarolou, enquanto olhava orgulhosamente para o grupo.

Lance derramou cuidadosamente duas gotas de molho em sua folha de alface. Então pegou a folha pela haste firme e verde brilhante e lentamente a empurrou na boca. Ele fechou os olhos, depois a boca, até ouvir o estalo nítido e fresco. Hesitou. O molho se espalhou por sua língua, a leve acidez aqui, a gordura suave do azeite ali e um toque de doçura na ponta. Começou a mastigar. Uma folha de alface consiste principalmente de água e celulose, e seu valor nutricional dificilmente é mais significativo que um pedaço de papel. Ainda assim, ele se sentia maravilhado, especialmente porque durante meses tudo o que havia comido eram alimentos pré-embalados.

Engoliu em seco, abriu os olhos e pegou um rabanete. Era menor do que ele esperava. “Como é mesmo que estes se chamam?” Ele quis saber.

“Rabanetes Rambo,” Sarah respondeu.

Lance sorriu e deu uma mordida. Seus dentes cortaram a pele macia. Enfiou o bulbo inteiro na boca e o mastigou. Podia sentir o sabor picante do rabanete subindo até o nariz. “Rambos têm algo mais!” Ele observou.

“Essa era a minha esperança,” declarou Sarah.

Nem Sharon nem Mike disseram nada. Pareciam estar perdidos no prazer desta primeira refeição fresca.

Lance pensou em tudo o que eles poderiam cultivar quando tivessem espaço e energia suficientes. Ninguém esperava que a Terra ficasse em silêncio, e foi por isso que haviam recebido apenas algumas poucas sementes. Quando o azeite e o vinagre acabassem, não haveria mais. Eles precisariam conversar com o pessoal do MpT. Talvez eles tivessem trazido uma variedade maior de plantas. Ele achava que poderia haver boas chances de cultivarem colza para produzirem óleo de canola, mas seria mais difícil produzir vinagre.

“Sharon, depois de acabar o vinagre, será que poderíamos produzir uma réplica química dele? Em princípio, é apenas ácido cítrico, certo?” Lance perguntou.

“É principalmente ácido acético, que deveria ser mais fácil de sintetizar, em teoria. Mas receio não conhecer o processo. Na Terra, é

produzido a partir de materiais naturais. Este problema não deve ser difícil de resolver.”

“É absolutamente necessário expandir a nossa área cultivada,” declarou Lance. “Se vamos passar o resto dos nossos dias aqui, precisamos de pelo menos um destaque por dia.”

“Nós iremos,” retrucou Mike. “Mas os colegas do MpT vão usar a furadeira robótica primeiro. Prometemos isso a eles.”

“Eu estava pensando a respeito e não vou argumentar contra. Eles realmente não tiveram uma vida fácil,” disse Lance.

“Enquanto isso, poderíamos expandir a nossa produção elétrica.”

“Já estou cuidando disso, Mike, ou você tem uma ideia nova sobre o tema?”

“Células solares!”

“Mas não temos recursos para produzi-las por nossa conta.”

“Não precisaríamos. Pense em todos os Rovers abandonados aqui em Marte,” disse Mike, erguendo as sobrancelhas.

Lance largou o garfo. Quantos Rovers exploratórios automatizados tinham pousado aqui nos últimos 40 anos? Devia haver 20 ou mais deles, apenas esperando que alguém os adaptasse. “É uma ideia esplêndida,” disse ele. “Só precisamos reuni-los. De todas as formas, a maioria deles pertence à NASA.”

“Devíamos recolher todos os equipamentos deles. Para peças sobressalentes,” sugeriu Sharon.

“Poderíamos, por favor, discutir isso mais tarde? Por enquanto, eu gostaria de me concentrar nesta refeição simplesmente incrível,” implorou Sarah.

“Claro! Perdoe-me pela interrupção,” disse Lance. “Falaremos sobre isso mais tarde.” Ele fechou os olhos novamente e enfiou a próxima folha de alface na boca.



“SERÁ QUE FICARAM dados mantidos sobre quando e onde as sondas pousaram?” Mike perguntou.

Estavam todos acariciando as panças cheias.

O que eu não daria por um conhaque pós-prandial, pensou Lance. Se podiam produzir metanol, por que não etanol? Ele e Sharon, a química, deveriam dar uma olhada no sistema juntos. O etanol também funcionava muito bem como fonte de combustível. “Infelizmente não temos. Na Terra...” Lance parou no meio da frase para pensar.

Ninguém disse nada. De novo. Assim que uma conversa levantava o nome da silenciosa Terra, o humor instantaneamente se escurecia. Será que isso melhoraria com o passar dos anos? O problema era que

eles não tinham conseguido se despedir adequadamente. Os pensamentos de Lance se voltaram para sua namorada, que o esperava. Não, ninguém estaria esperando por ele. *Ela está morta*, Lance, gritou em silêncio para si mesmo. Por outro lado, Sarah ainda estava viva. Ele precisaria se relaxar mais.

“Poderíamos simplesmente sair e procurá-los,” sugeriu Sharon, eventualmente. “É sempre melhor que ficarmos sentados aqui.”

“A superfície de Marte é maior que toda a superfície terrestre da Terra,” disse Mike. “Não vamos passar pelos Rovers ao acaso.”

“Existem algumas fotos de Marte em alta resolução que as sondas tiraram enquanto estavam em órbita,” complementou Sarah. “São tão nítidas que os antigos Rovers podem ser reconhecíveis nelas. Mesmo assim, poderemos levar muito tempo para localizá-los nas imagens.”

“Eu poderia tentar escrever um algoritmo que pudesse pesquisar nas fotos vestígios das sondas pousadas,” disse Mike.

“Então vamos começar! Quanto tempo você acha que isso vai demorar?” Lance ficou animado.

“Acho que preciso de dois Sóis.”



Sol 46, base do MpT

LANCE MANOBROU A FURADEIRA robótica para posicioná-la bem do lado de fora da entrada do *Endeavour*. Envolto em seu traje espacial, ele estava sentado no Rover aberto e pilotando o robô por controle remoto. Alguém saiu da câmara de descompressão da espaçonave. Ele reconheceu o antigo modelo de traje usado pelo pessoal do MpT. Provavelmente era Ewa. A altura estava dentro da ideia. Ao mesmo tempo, o traje era tão volumoso que a figura de quem o usava permanecia oculta.

“Ewa, é você?” Ele perguntou, usando a frequência do pessoal do MpT.

“Sim,” ela respondeu. “Eu queria agradecer pessoalmente.”

“Isso não era necessário,” disse Lance. “Prometemos que você poderia usá-la.”

“Mesmo assim...” Ewa ergueu um braço e ele percebeu que ela segurava uma pequena caixa. Ela caminhou até o Rover. “Como um pequeno sinal de nossa gratidão, gostaríamos de oferecer isto.” Ewa estendeu a caixa para ele.

Lance pegou a caixa surpreendentemente leve.

“Não se preocupe,” disse ela. “As joias da família não estão aí dentro.”

“Então o que é?”

“Algo muito melhor. Sementes.”

“Ah,” disse Lance. “Este é realmente um presente maravilhoso. De quais tipos?”

“Divirta-se ao conferi-las. Os sacos estão todos etiquetados.”

“Obrigado, Ewa, isso é realmente muito gentil da sua parte. Nossas próprias sementes são escassas. Nunca planejamos ficar aqui por muito tempo.”

“Tínhamos planejado exatamente isso, mas os nossos planos não funcionaram muito bem no fim das contas.”

“Talvez ainda encontremos um final feliz de alguma forma.”

“Tenho minhas dúvidas sobre isso,” admitiu Ewa, “mas é bom que você possa permanecer otimista em relação a isso. Espero que não fique muito desapontado.”

“Obrigado. Quanto tempo levará a sua viagem?”

“São apenas uns quinhentos quilômetros. Conseguiremos isso em

cerca de três dias.”

“Então nós nos veremos de novo em breve. Já estamos fazendo planos para expandir a nossa base. Poderemos plantar as suas sementes depois disso.”

“Desejo a todos muita sorte.”

Lance pensou ter visto algo brilhar nos olhos de Ewa, mas a mulher se virou rapidamente e se apressou de volta para o *Endeavour*.



A TRIPULAÇÃO DA NASA desembulhou a caixa do pessoal do MpT logo após o jantar. Cerca de vinte saquinhos estavam em seu interior, cada um deles inscrito em tinta azul.

“Amor-perfeito,” Lance leu em voz alta.

“Não podemos comê-las,” disse Mike. “Podemos guardar essas sementes para mais tarde.”

“Ah, flores!” Exclamou Sarah. “E, Mike, amores-perfeitos são comestíveis. E têm um gosto muito bom.”

“Cevada.”

“Uau! Poderemos produzir cerveja! Mike gritou.

“Não deveríamos comemorar até encontrarmos as sementes de lúpulo,” rebateu Lance.

‘Lúpulo’ estava escrito no pacote seguinte.

“Veja!” Mike soltou uma gargalhada, enquanto Lance se mostrava extasiado.

“Cenouras.”

“Isso nós já temos,” disse Sarah.

“Tomates.”

“Perfeito!” Bradou Mike. “Eu posso preparar uma pizza que vai fazer vocês lamberem os dedos.”

“E quanto ao fermento?” Lance se meteu.

“Não será difícil produzi-lo com frutas secas,” disse Mike.

“Cominho... artemisia... alho selvagem...”

“Está ficando cada vez melhor,” disse Sarah. “Em breve poderemos plantar um jardim botânico inteiro.”

“... cannabis.”

“Isso é próprio dos colegas do MpT,” disse Sharon.

“Também será bom para nós. Em algum momento, os nossos analgésicos acabarão e ficaremos felizes por termos um pouco para fumar,” disse Sarah.



Sol 47, base da NASA

MIKE ESTAVA APONTANDO para um ponto borrado contra um fundo marrom-avermelhado. “De que vocês se lembram, olhando para isso?”

“É um teste de *Rorschach*?” Lance perguntou.

“Estou falando sério.”

“Um trevo de três folhas sem a terceira folha?” Sharon sugeriu.

“Um ‘trevo’ em Marte?! Nem passou perto.”

“Uma mosca que alguém esmagou com um mata-moscas?” Lance deu sua opinião.

“Arrá!” Mike sorriu. “Adivinhe de verdade.”

“Bem,” tentou Sharon, “eu diria que você rastreou a sonda *Phoenix*. Ela já deve estar ali há mais de 30 anos.”

“Não é bem a resposta, mas chegou perto.”

“Então é a *Insight*, que foi baseada no mesmo *design* da *Phoenix*. Quando foi isso? 2018?!”

“Nem ideia. Eu ainda era um bebê,” disse Mike.

“Então, como você reconheceu a *Insight*?”

“Das fotos da sonda. Encontrei um livro na nossa biblioteca eletrônica que descreve as sondas mais importantes de Marte até 2030. A *Phoenix* parecia muito semelhante, mas a *Insight* foi a única que pousou tão perto do equador, por isso tem de ser essa.”

“A que distância fica esse local?”

“Cerca de 2.400 quilômetros.”

“A algumas passadas daqui,” brincou Lance. “Quando partimos?”

“Você terá que atravessar um sistema de trincheiras bastante grande para chegar lá,” alertou Mike.

“Algumas valas não vão nos impedir.”

“Estou falando de algo muitas vezes maior que o *Grand Canyon*, Lance.”

“Então precisamos estar adequadamente preparados. Você não pode escrever um algoritmo que nos leve pelo caminho menos traiçoeiro?” Lance indagou.

“Pode fazer isso.”

“E não há nada mais próximo que isso?”

“Não, Sarah. Isso é o melhor que posso fazer por enquanto.”



Sol 48, base do MpT

THEO HAVIA ESPERADO um bom tempo para entrar em contato com Ewa fora do alcance auditivo dos demais tripulantes. “Por que você não foi honesta com o pessoal da NASA, dois dias atrás, sobre a localização do nosso assentamento?”

“O que você quer dizer?”

“Quando você encontrou Lance para pegar a furadeira, você disse a ele que estava a apenas quinhentos quilômetros de distância. Certo?”

“Oh, isso. Não sei. No momento, parecia a coisa certa a fazer. Eu não queria que eles tivessem dúvidas sobre o acordo. Eles não receberão seu Rover fechado e sua furadeira robótica de volta por pelo menos três meses.”

“Não acho que tenha sido uma boa ideia. Eles começarão a se perguntar quando os mantivermos por mais tempo do que eles esperam.”

“Já teremos partido quando isso acontecer.”

As palavras de Ewa soaram frias. Ele não sabia que ela era tão calculista. Ele sabia que ela lutaria como uma leoa pelo projeto MpT; mas seria ela capaz de ir longe demais?

“No entanto, isso não aumentará a confiança deles em nós,” argumentou ele.

“Theo, caso você não tenha notado, a confiança não é exatamente o nosso problema mais urgente. Neste momento, a nossa principal prioridade é a sobrevivência. A base da NASA está excelentemente equipada. Não precisamos nos preocupar com eles.”



TRINTA MINUTOS DEPOIS, Ewa chamou toda a tripulação ao centro de comando. Estava bastante apertado. Pela primeira vez, Theo sentia falta da leveza que uma vez havia lhe permitido flutuar acima dos demais. O que Ewa estava tramando e por que ela não tinha contado isso a ele de antemão, quando estiveram conversando? Ele sempre pensou que ela confiava nele. Será que foi por ele não ter dado sua bênção à mentira que ela contou ao pessoal da NASA?

“Não vou demorar muito, prometo,” começou Ewa, “mas preciso

de sua opinião sobre uma ideia. Todos vocês sabem a que distância fica a cratera que Theo e Rebecca tão surpreendentemente encontraram para nós. Aplausos para os dois, por favor!”

Todos aplaudiram.

“Se seguirmos para lá por terra, a viagem nos levará uma eternidade, e quando chegarmos lá, nós—quinze pessoas e mais do que alguns animais—teremos que viver dentro da cabine do Rover fechado até que as nossas primeiras acomodações estejam prontas. Eu acho isso desumano.”

Theo suspeitava que sabia o que Ewa estava prestes a sugerir. Ele não podia deixar de esperar que ela tivesse uma ideia completamente diferente na manga.

“É particularmente desumano porque existe uma alternativa possível. Poderíamos lançar o *Endeavour* e em poucas horas poderíamos pousar no local do nosso futuro assentamento. Teríamos alojamento funcional instantaneamente e, talvez dentro de quatro semanas ou mais, poderíamos até devolver a espaçonave, se quiséssemos.”

Theo interrompeu em voz alta. “Você quer roubar o *Endeavour*?”

“Quero *pegá-lo emprestado* por um tempo. O pessoal da NASA não precisa dele, de todas as maneiras.”

“Então por que não pedimos a eles?”

“Porque eles podem dizer não e nos impedir de implementar este plano.”

Ele não conseguia pensar em um contra-argumento para essa lógica, exceto o moral. “Eles nos salvaram! Sem eles, estaríamos presos no espaço e provavelmente mortos há muito tempo. Eles nos emprestaram dois Rovers e sua furadeira robótica. E você quer retribuir roubando a nave deles?!”

“Isso não tem nada a ver com gratidão ou ingratidão. Nossas vidas estão em jogo aqui. A base da NASA está excelentemente abastecida. A curto prazo, poderão passar sem tudo isso que nos emprestam, incluindo o *Endeavour*. Isso não vai prejudicá-los, mas vai nos ajudar enormemente. Qual é o mal nisso?”

“Sinto muito, mas isso é muito dissimulado para mim.” Theo percebeu que não entendia mais Ewa. Como alguém poderia argumentar tão friamente a favor da traição? Esta não era a Ewa que ele conhecia.

“Essa é a sua prerrogativa,” retrucou Ewa. “Foi por isso que não tomei essa decisão sozinha. Eu gostaria de colocar isso em votação. Somos 14, 14 votos. Se a maioria votar a favor do meu plano, iremos executá-lo. Se houver empate, eu me abstenho.”

Ewa era realmente velhaca. Estava dando aos votos ‘contra’ uma pequena vantagem, passando a impressão de que um empate não era

um ‘sim’ para ela, pois iria sacrificar graciosamente seu próprio direito de voto.

“Alguém aqui quer uma votação secreta?” Ela quis saber.

Ninguém falou.

“Gostaria de sugerir que você cancelasse esse plano maluco sem colocá-lo em votação,” declarou Theo. “É profundamente imoral, bem como incompatível com os objetivos da nossa iniciativa. Queremos estabelecer um acordo no qual não repitamos os erros do velho mundo. O roubo não é a maneira certa de começar tudo. Onde isso nos levará?”

“Se não o fizermos,” replicou Ewa, “pode não sobrar ninguém para construir o assentamento com o qual você sempre sonhou. Não podemos apenas pensar no futuro. O futuro criará raízes nas nossas corajosas decisões de hoje. Vamos votar agora!”

Theo negou com a cabeça. Estavam prestes a cometer um grande erro, mas os demais pareciam concordar com a votação.

“Como ficamos? Quem é a favor do meu plano?” Ewa indagou, levantando o próprio braço.

Theo olhou ao redor do grupo. Dois, depois três braços levantados. Gabriella, a médica, também votou sim. Ele não tinha previsto isso.

Logo, eram dez votos a favor. Ewa havia vencido. Ela quis saber quem era contra, de todos os modos. Theo ergueu a mão, assim como Rebecca. Ele estava feliz por isso. Iris e Ellen hesitaram, mas depois se juntaram aos votos contra. Ele olhou para elas com gratidão, embora o resultado fosse claro.

Talvez ele fosse ingênuo. Sempre tinha presumido que compartilhavam uma visão mútua de como moldar um mundo melhor, que já não fosse mais possível de ser alcançado na Terra, mas que fosse viável em Marte. Este sonho tinha acabado de se desintegrar na sua frente. Rebecca colocou o braço em volta dos ombros dele.



Sol 48, base da NASA

“ESSE É O NOSSO OBJETIVO,” disse Mike, apontando para um pequeno ‘x’ preto sobre fundo azul.

“Como podem ver pela cor, esse local está em uma elevação semelhante à nossa base, localizado em um vale alongado. Mas, infelizmente...” ele apontou para uma área hachurada em amarelo e vermelho, “entre aqui e ali, há um pequeno obstáculo—um esporão dos *Valles Marineris*, um enorme sistema de trincheiras.”

“Um esporão?” Lance quis confirmar.

“A área se chama *Hebes Chasma*. Não está ligada aos Valles, que ficam ao sul dele, então não é um esporão no sentido real. Também tem apenas entre seis e oito quilômetros de profundidade.”

“Apenas seis quilômetros?! Brincadeira de criança!”

“Os *Valles* têm até nove quilômetros de profundidade, Lance.”

“E não há como contorná-los?”

“Mapeei tudo cuidadosamente. Claro, você pode contornar qualquer obstáculo, mas, neste caso, isso prolongaria significativamente o seu tempo de viagem. Se você percorrer duzentos quilômetros por dia, incluindo o desvio, levará cerca de um mês para chegar lá e voltar.”

“E daí? Nós temos tempo. Não há nada para fazer agora,” rebateu Lance.

“Isso é verdade,” Sarah concordou. “Devemos encontrar uma maneira de usar de forma produtiva o tempo que estamos esperando até conseguirmos recuperar a furadeira.”

“Parece uma oferta,” declarou Mike. “Vocês dois querem fazer a viagem?”

“Se você cuidar do jardim enquanto eu estiver fora,” disse Sarah.

Ela olhou para Lance e ele assentiu. Isso seria uma boa mudança na rotina diária da base.

“Como o Rover fechado está emprestado ao MpT, vocês terão que pegar o aberto,” alertou Mike. “Vocês não poderão retirar seus trajes até a noite.”

“Tudo bem. O Rover aberto é mais fácil de manobrar e tem alcance quase ilimitado,” disse Sarah.

“E veremos um pouco da paisagem,” acrescentou Lance.

“Eu só queria mencionar isso para que soubessem no que estão se

metendo,” explicou Mike. “A rota que calculei deve ser relativamente segura. O único lugar onde encontrarão mudanças significativas na elevação será em *Hebes Chasma*. A erosão deve ser avançada o suficiente para que consigam subir e descer as encostas sem problemas.”

“Isso me faz sentir muito melhor,” disse Lance. “Quando começamos?” Ele teria preferido partir imediatamente. Ele não tinha nada contra os demais membros da tripulação, mas a ideia de atravessar a solidão de Marte o eletrizava. Isso provavelmente mudaria para irritação depois que alguns dias de traje deixassem seu traseiro em carne viva, mas no momento isso parecia uma ideia esplêndida.

“Se todos começarmos a trabalhar, o Rover deverá estar pronto para partir amanhã,” disse Mike.



Sol 49, base do MpT

“TEMOS UM PROBLEMA, EWA,” disse Theo.

“Ponha para fora,” ela retrucou, com os olhos fechados.

Os nervos de Ewa pareciam em frangalhos hoje. Será que estava talvez tentando reprimir sua consciência culpada? Isso era apenas um pensamento positivo da parte dele. Esta mulher sem escrúpulos que estava disposta a roubar uma espaçonave não coincidia com a imagem que ele mantinha dela.

“Os dois Rovers não cabem na nave,” disse ele.

“Nem mesmo se os desmontarmos?”

“Sem chance!”

“Hum. Definitivamente precisamos do Rover fechado. Caso contrário, não poderemos transferir os animais para a nossa nova base.”

“Então vamos deixar o aberto aqui?” Theo sugeriu.

“Ele é perfeito para a exploração que precisamos fazer. Seria uma perda real.”

“Mas ainda temos a nave. Vamos pelo menos deixar para a tripulação da NASA o segundo Rover.”

“Ah, então essa é a ideia final. Já discutimos isso com o grupo. O que estamos fazendo é no interesse da nossa missão. A base da NASA ficará bem.”

“Você conhece os meus sentimentos sobre isso, Ewa.”

“Sim. Mas, mudando de assunto, Ellen teve uma ideia. Uma antiga sonda da NASA está situada a oeste da nossa posição e ela contém painéis solares e outros materiais. Eu estava pensando que poderíamos recuperá-la desde a nova base, mas a distância daqui seria menor. Se não pudermos levar o Rover de forma alguma, deveríamos prosseguir e começar a operação de resgate dessa sonda.

“Espero que você não esteja contando comigo, Ewa. Ainda estou me recuperando dos milhares de quilômetros que passei no Rover.”

Ewa olhou para ele com evidente espanto. Não, ele não se ofereceria como voluntário para esta missão, apesar de quão boa a viagem com Rebecca havia sido.

“Beleza. Shashwat e Guillermo farão a viagem. Shashwat é um bom mecânico. Ele será capaz de desmontar a sonda rapidamente. Seria melhor se eles partissem hoje.”

“Tenho certeza de que eles ficarão encantados.” Theo não conseguiu evitar o tom sarcástico em sua voz. “Você fará o *briefing*, certo? Preciso cuidar de colocar o Rover fechado a bordo.”



“TUDO PREPARADO?” Perguntou Ewa.

Ellen tinha assumido o cargo de piloto. Seus talentos eram realmente multifacetados. Ewa havia perguntado primeiro a Theo se ele queria pilotar o *Endeavour*, mas ele tinha se recusado. No fim das contas, quando estavam ainda na Terra, Ellen havia passado por treinamento de simulador em uma cápsula semelhante ao *Endeavour*. Isso teria de ser suficiente, decidiu Ewa.

“Parece que está tudo pronto,” disse Ellen. “*Prop, LG, FC*, tudo cem por cento.”

Sulcos profundos percorriam a testa da jovem. Theo ficou satisfeito por não estar no lugar dela, visto que este não seria um lançamento padrão, mas um voo suborbital. Isso significava que a espaçonave não alcançaria a órbita de Marte. Pouco depois de decolarem, Ellen teria que pisar o freio.

Uma voz automatizada saiu do console e começou a contar lentamente até zero. Theo apertou os dedos em volta dos braços. Inalou e exalou profundamente. Este era seu primeiro lançamento sem um piloto treinado nos controles. Não teria ficado tão assustado se Chuck ainda estivesse aqui. Chuck não teria permitido que tal insanidade acontecesse. Depois de pousarem, ele precisaria alertar Ellen sobre Ewa. Será que ela estava sendo atormentada pela ambição ou pelo medo da morte?

Uma vibração profunda reverberou pela nave. Os painéis de aço tremiam, enquanto os motores se esforçavam contra a atração gravitacional de Marte. Theo observava Ellen, enquanto ela se concentrava intensamente no que estava fazendo. O rosto dela estava completamente sem emoção. A trajetória era pré-programada, mas ela precisava estar pronta para intervir a qualquer momento caso surgisse algum desvio do plano. A programação era baseada em conjecturas extraídas da literatura—eles tinham sido forçados a se prepararem para o lançamento sem pedir à tripulação da NASA os dados ou instruções mais recentes.

Theo era pressionado de volta ao assento por sua própria inércia. Ele agora cruzava as mãos sobre o estômago. A cada segundo que passava, ele se sentia cada vez mais nervoso. Muito em breve chegaria a hora do truque para o qual o *Endeavour* nunca havia sido projetado. O motor primário seria desligado. Ele começou a contar mentalmente os segundos.

Era isso. A pressão em suas costas desapareceu. Eles não tinham peso. Ellen estava inclinada sobre a tela de controle. Ela se firmava com uma mão, enquanto ativava os propulsores vernier. O *Endeavour* teria que girar 180 graus até que o motor primário apontasse ao longo de sua trajetória. Um saco vazio flutuava no campo de visão do Theo, subindo lentamente até o teto. Esse devia ser o efeito da desaceleração na fina atmosfera.

“O motor será reativado em dez nove oito...” disse Ellen ao microfone.

Reiniciar um motor em tão pouco tempo não era tão fácil. Normalmente seria necessário um período de descanso mais prolongado, mas eles não poderiam conceder isso se não quisessem ultrapassar seu destino.

“...três dois um ignição.”

Nesse exato segundo, a vibração retornou e a inércia da própria massa de Theo mais uma vez o empurrou de volta para as almofadas do assento. Alguém atrás dele aplaudiu, embora ainda fosse cedo para isso. O *Endeavour* tinha apresentado um *solo* impressionante, mas o concerto—o voo—estava longe de terminar.

“Parabéns! Estamos no caminho certo,” disse Ewa.

Será que ela realmente tinha que dizer isso? Theo não era do tipo supersticioso, mas tais previsões só poderiam trazer azar. Ele puxou os dados do voo no monitor do assento. Dentro de trinta minutos, eles pousariam no local onde levariam muitos dias para chegar, caso se deslocassem pelo terreno. Se tivessem combustível suficiente, poderiam viajar confortavelmente do início ao destino. Mas depois de pousarem, o *Endeavour* teria que esperar muito tempo para ser reabastecido.

A primeira prioridade seria construir a base.

O pessoal da NASA ficaria furioso e ele dificilmente poderia culpá-los.



THEO FICOU ALIVIADO. Ellen os havia trazido de volta para baixo de forma limpa. Estavam agora no local que seria seu novo lar. Ele trouxe as imagens das câmeras externas em sua tela. Ainda havia muita poeira no ar, mas ele reconheceu instantaneamente a cratera que ele e Rebecca haviam visitado três semanas antes. O grande tesouro—água na forma de gelo antigo—estava ali sob a sombra negra. Poderia ter vindo de um mar que havia sido congelado mais de três bilhões de anos atrás. Considerando o ambiente, era mais provável que o depósito tivesse se formado em um momento posterior, quando o fragmento do cometa tivesse atingido e formado esta cratera. Eles

tiveram sorte porque, primeiro, a sombra é permanente e, segundo, a camada protetora de areia tinha se espalhado sobre o depósito. Caso contrário, nada de gelo restaria hoje.

Ellen se levantou e passou por ele em direção a Ewa, com o orgulho por sua realização estampado em seu rosto. Ela abraçou a mulher mais velha. Ewa sorriu como se não fosse capaz de machucar nem mesmo uma mosca. A única coisa que se destacava era o nariz dela, que parecia ter sido quebrado várias vezes.

Ele ouviu risadas altas atrás de si. Uma mulher começou a cantar uma canção que ele não reconheceu. O sorriso de Ewa permanecia estranhamente rígido. Parecia congelado, indiferente ao júbilo ao seu redor.

Foi nesse momento que Theo percebeu com certeza que Ewa guardava um segredo... certamente obscuro.



Sol 49, expedição NASA

Incrível, Lance pensou. Tinham tomado a decisão ontem e hoje estavam prontos para partirem. Essa era a vantagem de uma equipe pequena. A cada duas horas, Sarah e ele se revezavam na direção. Sarah iria dirigir o Rover durante os primeiros quarenta quilômetros. Seu veículo consistia em três segmentos com um total de quatro eixos. Eles estavam sentados na frente, enquanto as provisões e o combustível eram armazenados na seção intermediária, e a tenda estava ancorada na última. Também havia espaço na parte de trás para tudo o que pudessem resgatar da antiga sonda.

Sarah pisava fundo no acelerador. Você poderia dizer que ela estava gostando desse prazer incomum.

Lance apertava os dedos no apoio de braço entre os dois. Isso tinha começado a ficar desconfortável depois da primeira meia hora. “Posso?” Ele perguntou sem maiores explicações.

Sarah parecia saber exatamente o que ele queria dizer. “Claro,” ela respondeu.

Lance se inclinou contra as costas Sarah e prendeu as mãos na cintura dela. Já fazia muito tempo que ele não andava de moto, mas ainda conseguia se lembrar claramente da sensação. Era surpreendentemente semelhante. Em vez de sentir o corpo de Sarah através do equipamento da motocicleta, ele podia senti-la através dos trajes flexíveis da NASA. Eles não usavam capacetes de segurança, mas sim capacetes respiratórios. Todavia, a diferença mais significativa estava na própria experiência de condução. Em vez de uma faixa de asfalto, uma trilha de poeira e pedras soltas se estendia diante deles, impulsionando e sacudindo cada parte deles.



ELES FIZERAM UMA pequena pausa depois de três horas. Lance havia cochilado nas costas de Sarah por quase uma hora. A boca estava seca, a voz rouca. Não tinham falado uma palavra desde que deixaram a base, mas ele não se sentia nem constrangido nem estranho.

Lance olhou em volta. A paisagem já havia mudado. Agora era bastante montanhosa. Ele pôde distinguir vários rochedos de formatos

estranhos no horizonte. “Você consegue vê-los?” Ele a indagou.

“Parece que um gigante jogou seus dados no chão,” disse Sarah.

“Devem ser tão grandes quanto um complexo de apartamentos,” acrescentou Lance. Ele se sentou em uma pedra menor, mas se levantou novamente. Ele estaria sentado em breve. “Para onde seguiremos daqui?” Ele perguntou.

“Sempre em frente por um bom tempo. Só chegaremos ao *Chasma* em cinco dias,” respondeu Sarah.

Lance olhou para o céu e descobriu um ponto brilhante. “Será que é Vênus?” Ele apontou para o ponto.

“Isso seria muito romântico, mas não acho que possamos observá-lo durante o dia. Deve ser *Deimos*.”

“A lua de Marte?! É tão pequena?”

“Sim, mesmo em sua órbita inferior. Supõe-se que pareça cerca de trezentas vezes mais brilhante que Vênus, quando visto da Terra.”

“E aqui eu pensei que você fosse médica e bióloga.”

Sarah sorriu. “Você não fez o curso de treinamento de sobrevivência no Vale da Morte? Lá eles nos contaram algo sobre isso.”

“Tudo que me lembro é da cobra assada que nos serviram.”

“Pronto para continuar, Lance?”

“Sim, vamos lá.”



DESTA VEZ, Sarah descansava nas costas dele. Era uma sensação agradável, agradável e familiar. Cerca de 20 quilômetros depois, o rádio *bipou*. A chamada vinha da base. Lance estacionou o Rover. Nem Mike nem Sharon os contatariam sem um bom motivo. Sarah desceu e ficou ao lado da barra de direção, enquanto Lance permaneceu sentado.

“Algo terrível aconteceu!” Sharon gritou. “Mike está muito furioso e tive que enviá-lo para fora para se acalmar. Caso contrário, ele teria desmontado a base em pedacinhos.”

“O que aconteceu? Não vai me dizer que o cara do *Spaceliner* apareceu de novo com exigências mais arrogantes?” Lance quis saber.

“Pior. Os criminosos do MpT roubaram o *Endeavour* e tudo o que pudemos fazer foi observar.”

“O queeeeê? Isso é... mas eles causaram uma impressão tão decente.”

“E nós os resgatamos,” disse Sharon. “Isso é o que mais perturba Mike. Colocamos as nossas vidas em risco, e eles simplesmente roubaram a nossa nave. Ele quer dirigir até lá e recuperá-la à força.”

“Isso poderia ser um pouco desafiador. Há quinze deles e apenas

quatro de nós,” disse Lance.

Sarah se virou e se afastou alguns metros do Rover, com os ombros curvados.

“Algum problema, Sarah? Está precisando de ajuda?”

“É só... o choque. De repente, sinto náuseas. Tenho que ter cuidado para não vomitar dentro do capacete.”

Lance se sentia cada vez mais irritado. Não o incomodava tanto que a nave tivesse desaparecido, mas aqueles bastardos eram responsáveis por fazer Sarah se sentir mal. Suas mãos se cerraram involuntariamente em punhos. Ele provavelmente estava errado ao pensar em todos eles como bastardos. A única que teria ousado fazer isso seria Ewa. Mas não, ele tampouco teria esperado uma traição tão inigualável por parte dela. Não era assim que você retribuiria alguém que houvesse salvado a sua vida! Isso era inacreditável.

“E agora? Você pode manter Mike aí, Sharon?”

“Temos sorte de vocês estarem com o Rover. Não temos outros aqui. Mike também não é louco o suficiente para ir atrás deles. Mas é possível que ele entre em contato com vocês em breve e peça para interromperem a viagem. Por favor, digam ‘não,’ ou ele simplesmente se colocará em perigo.”

“Deveríamos deixar tudo como está, então?” Lance questionou.

“O que você gostaria de fazer? Estamos em desvantagem. Poderíamos pedir a eles que devolvessem o *Endeavour*, mas, mesmo que concordassem, não teriam combustível suficiente para o voo de regresso.”

“Você está certa, Sharon. Mas quando penso nesse engano, tenho vontade de quebrar alguma coisa.”

“Tenha cuidado aí fora. Não quebre nada que você ainda possa precisar. Sem o *Endeavour*, teremos que ser ainda mais cuidadosos com os nossos recursos.”

“Entendido!”

“E quando Mike entrar em contato, vocês saberão o motivo.”

“Claro, saberemos,” disse Lance.



O ROVER PERCORREU os próximos cinquenta quilômetros na metade do tempo. Lance dirigia o mais rápido que o motor permitia. Dessa forma ele não teria tempo de ficar chateado com o roubo. A rota era desafiadora e o veículo chacoalhava para cima e para baixo como louco sobre seus pneus de borracha maciça. Se antes o Rover se assemelhava a uma lagarta rechonchuda, rastejando confortavelmente em direção ao seu destino, o veículo agora lhe fazia se lembrar de um jerboa pigmeu egípcio, de oito patas, caçando.

Sarah passava o tempo todo se segurando firme a Lance para salvar sua própria vida. Ele não tinha certeza se eram os braços dela ou o fato de ter que se concentrar tanto em seu passeio arrojado, mas de um jeito ou de outro ele gradualmente se sentia mais calmo. Eles seriam capazes de superar a perda material. De todas as maneiras, não havia um destino ao qual pudessem ter chegado com o *Endeavour*. O Rover fechado era mais confortável para a tripulação, visto que durante a viagem era possível tirar o traje espacial, mas era consideravelmente mais lento e menos manobrável, e seu alcance era mais limitado, tudo isso em comparação com o aberto.

O principal problema era que ele teria que se ajustar novamente a um novo futuro. Apenas algumas semanas atrás, ele se via como futuro pai e marido. E então, de súbito, a raça humana encolheu para apenas 20 pessoas. Ele poderia ter se imaginado trabalhando cooperativamente para construir uma nova vida com a tripulação do MpT, mas agora ele e seus companheiros estavam sozinhos... seu número tinha caído para quatro. Após esta quebra de confiança, qualquer colaboração potencial com *Marte para Todos* era uma impossibilidade. Ele passaria os próximos 40 ou 50 anos morando com Sharon, Mike e Sarah. Um deles acabaria por enterrar todos os demais e enfrentaria a morte sozinho. Lance esperava que ele não fosse essa pessoa.

Mike não entrou em contato como Sharon esperava que ele fizesse. Ela deve ter conseguido convencê-lo a desistir de seu plano de vingança. Depois de montarem a tenda e tirarem os trajes, Sarah e Lance fizeram amor pela primeira vez. Pareceu a coisa certa a fazer e o esforço foi mínimo.



Sol 55, base do MpT

EWA ESTAVA AO lado de uma vala retangular que a broca robótica havia escavado na superfície de Marte. Tinha doze por oito por cinco metros de profundidade. Uma grande pilha de areia e cascalho se encontrava a poucos metros de distância. “Posso lhe apresentar a nossa nova base?” Ela questionou.

“Não é muito bonita,” comentou Rebecca, apontando para a pilha.

“A maior parte disso será usada para cobrir a nossa base. É o escudo perfeito contra a radiação cósmica,” explicou Ellen. Ela estava ao lado de Ewa.

Theo já havia percebido que as duas passavam muito tempo juntas. Ellen era uma planejadora extraordinária e Ewa acabou convencendo a tripulação a aceitar os planos concebidos por elas. A construção da base estava avançando mais rápido do que eles imaginavam. Também já haviam começado a extrair o gelo. Desde o pouso do *Endeavour*, algo tinha mudado dentro de sua comunidade. Theo não tinha certeza do que era exatamente. Talvez você pudesse descrevê-lo como uma fissura, embora não tenha havido quaisquer argumentos ou discussões. Contudo, estavam se formando grupos e assim uma pessoa passaria mais tempo com indivíduos com os quais tivesse maior afinidade, em detrimento dos demais.

Seria esta a evolução que sempre ocorreria quando uma situação extrema se transformasse lentamente em uma nova normalidade? Pensou Theo. Ele e Rebecca passavam tanto tempo juntos que os demais provavelmente haviam presumido que eram um casal, embora na verdade não fossem. Por que não? Theo não sabia o motivo, mas também não sentia nenhuma necessidade urgente de alterar a situação. Será que poderia haver uma amizade verdadeira e nada romântica entre um homem e uma mulher?

Ellen caminhou ao redor da trincheira, estudando as bordas como se precisasse verificar alguma coisa.

“Quando podemos nos mudar?” Rebecca perguntou.

“Em sete sóis, no máximo,” respondeu Ellen. “Suspeito que poderemos acelerar o processo em um dia, mas primeiro tenho que discutir isso com Ewa.”

A comandante loira se juntou a Ellen. As duas ficaram próximas uma da outra e Theo pôde ver seus lábios se movendo. Isso significava

que deviam ter mudado para um canal de rádio privado.



THEO SE VIROU para o *Endeavour*, que brilhava ao sol a cerca de 500 metros de distância. Hoje era um dia especialmente com pouca poeira. Ele acenou para Rebecca e caminhou até o Rover fechado que estava estacionado ao lado da nave. Ele não podia subir pelo lado de fora, primeiro teria que entrar na nave e depois acessar o Rover através do tubo pressurizado.

A cabine era o posto médico deles. Se você precisasse encontrar Gabriella, ela quase sempre estava ali. Ela havia arrumado sua própria cama ao lado de seu paciente mais crítico, Andy, quem ainda estava inconsciente. Gabriella cuidava dele com grande devoção. Era uma boa médica.

“Como está Andy hoje?” Theo quis saber.

“Fale com ele você mesmo, por favor. É importante que eu não seja a única que ele possa ouvir,” insistiu Gabriella.

“Você acha que isso ajuda?”

“Não posso provar, mas imagine estar preso dentro de si mesmo. Você pode perceber tudo, mas não tem o poder de realmente reagir. Você ficaria feliz se alguém falasse com você.”

“É assim para ele?”

“Ah, Theo, não tenho certeza. Ele pode nunca recuperar a consciência, mas cuidarei dele enquanto puder.”

“E como vão as coisas para você?”

“Isso é realmente importante? Sou médica, então é a minha profissão. E é bom fazer mais do que apenas distribuir curativos e remédios para dor de cabeça. Mas agradeço por perguntar. Agora, fale com ele.”

“Eu farei isso.”



THEO OLHOU PARA a entrada da cabine do Rover. Seria bom se Rebecca se materializasse ali. Conversas como essa eram mais confortáveis para a amiga; mas ela não aparecia sob comando mental. Ele se aproximou da cabeceira do catre, puxou um banquinho e se sentou.

“Olá, Andy. Sou eu, Theo.”

Claro, Andy não respondeu. Theo observou o rosto do colega, mas nada se moveu. Ele poderia muito bem estar falando com uma parede.

“Não sei se alguém já lhe contou, mas acabamos de chegar ao local do nosso novo assentamento. Você gostaria da cratera.”

Theo decidiu incluir também as notícias menos saborosas.

“Para acelerar as coisas, Ewa providenciou para que sequestrássemos a espaçonave da NASA. Roubássemos, para ser mais preciso. Não concordei com isso, mas a maioria votou a favor. O que você teria dito a respeito?”

Andy continuou sem dar resposta.

“Sim, é uma pergunta difícil, eu admito. Mas sempre quisemos estabelecer uma sociedade nova e livre, baseada na moralidade e na justiça. E agora o nosso assentamento tem um defeito de nascença. Não era certo roubarmos a nave de nossos salvadores, mesmo que eles não precisassem necessariamente dela nesse momento.”

Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto de Andy e então avistou um pano úmido em uma tigela rasa. Theo enxugou os lábios secos do paciente com o pano.

“Lamento que você tenha que ouvir as minhas reclamações, mas estou realmente preocupado com a evolução de nossa tripulação.”

De que lado Andy estaria? Eles eram duas pessoas muito diferentes. O comportamento de Andy sempre tinha sido tranquilo, lógico e cauteloso. Theo, que se via como um artista de sobrevivência, nem sempre pensava muito em suas próprias ações, mas era ousado. Ainda assim, ele sentia que compartilhava com Andy uma característica particular—ambos eram obstinados e preferiam não ter a opinião de outras pessoas imposta a eles.

Andy certamente teria votado contra o roubo. Mas isso poderia não passar de uma ilusão da parte dele. Era impossível saber.

“Eu realmente gostaria de saber quem fez isso com você,” disse Theo.

Esse era o único pensamento que ele vinha tentando suprimir. A superfície de Marte era um lugar letal, isso era um dado adquirido. Sob essa luz, você poderia dizer que Andy teve muita sorte. Não obstante, a suposta forma como o acidente ocorreu parecia cada vez mais inviável à medida que ele pensava a respeito.

“Cara, você realmente saiu sem verificar o seu suprimento de oxigênio? Você é sempre tão cuidadoso com tudo. Excursões individuais ao ar livre nem mesmo são permitidas. Você realmente ignorou todas as regras sobre o assunto?”

E, apesar de tudo, devia ter sido isso que aconteceu. Os fatos pareciam incontestáveis. Se não fosse verdade, então eles deviam ter deixado algum detalhe passar despercebido. Theo apoiou os braços nos joelhos. Andy respirava de maneira uniforme, como se estivesse apenas dormindo. Se Theo beliscasse o braço de Andy, ele acordaria e o pesadelo acabaria, certo? Eles nem mesmo teriam roubado o *Endeavour*. Poderiam começar suas novas vidas sem nenhuma mancha.

E se ele presumisse que a condição de Andy não se devia a uma

coincidência estúpida? Theo tentou permanecer nessa linha de pensamento. Nesse caso, deveria ter havido algum ato que pelo menos tivesse aberto caminho para que o acidente acontecesse. Mas o rastro de evidências já havia sido varrido havia muito tempo. Theo não teria oportunidade de examinar o módulo de pouso. Entretanto, deveria haver uma segunda pré-condição para que sua teoria fosse válida—um motivo. Andy poderia ter sido um obstáculo para alguém. Talvez tivesse a ver com algo do passado. Se isso fosse verdade, Theo poderia muito bem desistir. Ele não conhecia Andy bem o suficiente e não tinha mais acesso aos arquivos da Terra.

Mas e quanto a um motivo razoável? Todos sabiam que Andy era um excelente programador. Teria ele descoberto algo que pudesse condená-lo a esta situação? Só havia uma maneira de descobrir isso. Ele teria que ler as anotações de Andy, mas de uma forma que o potencial culpado não percebesse o que ele estava tramando. Será que ele poderia contar com a ajuda de Rebecca? Theo teria gostado de compartilhar suas suspeitas com ela. Isso poderia ajudá-lo a colocar suas ideias em prática, visto que confiava nas opiniões de Rebecca. Mas também havia um risco associado a este curso de ação. Embora não pudesse imaginá-la culpada, ela também seria uma suspeita em potencial, falando objetivamente. Sendo assim, ele estaria sozinho nessa. Já estava acostumado a voar sozinho, mas agora também tinha aprendido o quanto gostava de compartilhar coisas com Rebecca.

“Cuide-se, Andy,” disse ele. “É hora de ver se há algo que eu possa fazer para ajudá-lo.”

Ele pensou, por um microssegundo, ter visto a pálpebra direita de Andy se contrair, mas poderia ter se equivocado.

“A gente se vê mais tarde, Gabriella,” disse, despedindo-se da médica.



SEU PRÓXIMO DESTINO foi o centro de comando do *Endeavour*. Theo olhou para o relógio. Sua visita com Andy tinha durado vinte minutos. Ewa e Ellen ainda deviam estar inspecionando o canteiro de obras. Esta poderia ser uma excelente oportunidade para começar.

Subiu a escada e encontrou o centro vazio. Perfeito! Sentou-se no assento do piloto, puxou o teclado à sua frente e ativou a tela. Selecionou o nome de usuário de Andy, antes de hesitar um pouco, meio surpreso. Estava no assento do *Endeavour*, mas Andy nunca havia voado nesta nave. Por que seus dados estariam localizados aqui? Talvez alguém tivesse transferido os dados do sistema de *Santa Maria* para o sistema daqui. Isso seria conveniente para todos.

Biiiiip! O computador agora estava pedindo a senha. Theo se sentiu

aliviado. Isso realmente não seria um problema. Ele tinha visto Andy digitar sua senha uma vez e tinha ficado surpreso por ter usado uma série de teclas adjacentes.

“Somos os únicos aqui,” disse Andy, com um sorriso. “O sistema está protegido contra ataques externos e tenho péssima memória para senhas.”

Theo digitou 12345678, sabendo que o sistema exigia que as senhas tivessem pelo menos oito caracteres.

“Acesso negado.”

23456789.

“Acesso negado.”

34567890.

“Acesso negado.”

Agora ele teria que esperar trinta segundos até poder tentar outra senha. Estudou o teclado. Havia cerca de vinte combinações possíveis de teclas adjacentes. Ele tentaria todas elas. Enquanto a contagem regressiva corria, Theo se recostou.

De repente, ele ouviu passos atrás de si. “Tem alguém aí em cima?”

Era a voz de Gabriella. Theo apertou as teclas necessárias para fechar a tela de entrada e depois se endireitou no assento.

“Ah, é você, Theo. Não imaginei que você estaria aqui.”

“Estou esperando por Ewa,” disse ele. “Você a viu?”

“Não. Achei que ela estaria aqui. Eu queria perguntar uma coisa a ela também.”

Theo ficou surpreso. Se fosse esse o caso, por que Gabriella tinha perguntado se havia alguém aqui? Se estivesse procurando por alguém, será que ele não perguntaria se *essa pessoa em particular* estaria em determinado lugar? A médica estava agindo de forma estranha, mas ela provavelmente pensava que ele também estivesse. Afinal, ambos tinham ouvido Ewa elogiando o canteiro de obras pelo sistema de rádio da nave. Assim como ele, Gabriella poderia ter presumido que o centro estaria vazio. Será que ele deveria confiar nela? Será que ela poderia estar procurando a mesma informação que ele? Mas o risco seria muito alto para ele. Se ela fosse a responsável pelo acidente... Theo não queria divagar a respeito. Um paciente nas mãos de sua assassina—esse não teria sido o enredo de inúmeros *thrillers*?

Theo se levantou no mesmo instante em que Ewa enfiou a cabeça pelo buraco no piso, que levava ao nível inferior.

“Uma conversa secreta ou vocês estão esperando por mim?” Ela perguntou.

“Gabriella queria lhe perguntar uma coisa,” disse Theo. “Vou dar um pouco de privacidade a vocês.” Ele caminhou até a escotilha, planejando deixar a espaçonave. Com sorte, a médica não o *arrastaria*

de volta. Ele não estava com vontade de inventar uma desculpa plausível para Ewa sobre o motivo pelo qual queria falar com ela.

“É sobre Andy,” disse Gabriella. “Eu gostaria de fazer mais alguns testes nele.”

“Sério?” Ewa replicou, claramente interessada no que isso poderia significar.

Theo ficou satisfeito por não ser mais necessário. Entrou no buraco e desceu a escada, antes de sair da nave pela câmara de descompressão. Teria que tentar acessar os dados de Andy em outro momento.



Sol 56, Hebes Chasma

SARAH CUIDADOSAMENTE PAROU O ROVER. Lance olhou por cima do ombro dela. O mapa no console de controle indicava que a escarpa devia estar em algum lugar bem perto deles. Foi uma boa ideia Sarah ter parado aqui até que pudessem determinar as condições da encosta.

Lance desceu primeiro. Deu uma batida de pernas e se esticou. Suas coxas latejavam, mas pareciam melhores que ontem. Seu corpo parecia estar se acostumando com a nova tensão. E os trajes personalizados da NASA valiam seu peso em ouro. Ainda na Terra, eles tinham treinado com os velhos e volumosos trajes para EVA. Antes das antiquadas vestimentas, ele nunca havia se inteirado de quantos lugares alguém poderia desenvolver hematomas ou escoriações.

Sarah começou a acompanhá-lo, mas se virou de volta, inclinou-se sobre o painel de controle e apertou alguns botões. Então extraiu a chave de ignição e a colocou no bolso.

“Você não precisa levar a chave. Ninguém vai roubar isso.”

“Tem certeza?”

Na ferida. Se ao menos ela não o tivesse lembrado. E, mesmo assim, a existência de uma chave de ignição ainda lhe parecia estranha. Os carros elétricos modernos na Terra só precisavam das impressões digitais dos motoristas para operarem as portas. Mas Lance se lembrou dos argumentos dos engenheiros da NASA, ‘quanto mais moderna for a tecnologia, mais rapidamente poderá falhar.’ Em uma emergência, uma chave real poderia ser recriada a partir de um pedaço de ferro.

“Não!” Lance disse em voz alta, quando chegaram à escarpa.

“Não?!”

“Não podemos ultrapassar isso durante as horas que nos restam hoje.”

Sarah assentiu. *Hebes Chasma*, um desfiladeiro gigantesco, se estendia vários milhares de metros morro abaixo, diante deles. O fundo tinha cerca de 20 quilômetros de largura e no meio do desfiladeiro se erguia uma mesa, ou meseta, quase tão alta quanto o lado oposto do Chasma.

“Isso é insano,” disse Lance. “O *Grand Canyon* caberia aqui dentro.”

Sarah apontou para baixo. “Nossa rota nos levará para oeste, passando pela mesa. Cerca de 90 quilômetros além desse ponto, deveremos encontrar uma passagem transitável que nos leve de volta ao platô.”

“Não vejo nada aqui que eu chamaria de transitável,” declarou Lance.

“Mike nos enviou as últimas fotos de satélite. Chegamos um pouco mais ao sul do que o planejado. Precisaremos seguir nessa direção para encontrarmos o local para descer com o Rover.”

Lance se ajoelhou no chão e roçou a superfície com a mão enluvada. Esta área estava coberta por uma fina camada de poeira. Enquanto ele esfregava, um material duro e escuro se revelou. “Poderia ser vulcânico,” disse ele.

“Os cientistas também pensam isso. Em algum momento, durante o maior período de atividade tectônica, uma fissura foi criada.”

“Mas... uma tão ampla?”

“Poderia ter sido causada pela água que pode ter fluído por aqui em algum momento. Essa é pelo menos a teoria,” explicou Sarah.

“Nessa época, Marte devia parecer muito diferente.”

“Talvez. Nós não sabemos. Se a vida nunca se desenvolveu aqui, então possivelmente seria semelhante ao que é hoje, apenas com água.”

“É nisso que você acredita, Sarah?”

“Eu acredito que você é um cara legal, mas isso é tudo que acredito por enquanto. Em algum momento, no futuro próximo, espero que possamos encontrar tempo para procurar seriamente vestígios de formas de vida.”

Lance começou a mexer freneticamente na areia. Sarah se aproximou, curiosa. Ele esperou até que o pé dela estivesse ao alcance do braço e então se agarrou a ela. “Ei, encontrei vida em Marte!” Exclamou, enquanto se levantava e a abraçava.

“Será que deveríamos continuar a nossa pesquisa dentro da tenda?” Sarah sugeriu, após um minuto de silêncio. “Ouvi dizer que a vida prospera melhor em atmosferas de oxigênio.”

“Quem sou eu para contradizer qualquer coisa que uma bióloga diga?”



Sol 57, Hebes Chasma

LANCE PUXOU A CORREIA que prendia a tenda à cama do Rover, certificando-se de que estava bem apertada. Deu um passo para trás, enquanto Sarah verificava se tudo estava seguro. Tinham concordado em fazer as coisas dessa maneira. Se perdessem a tenda—ou qualquer parte das suas provisões—na descida, seria um verdadeiro desastre. Independentemente de quão confortáveis fossem seus trajes, passar duas semanas com eles seria uma tortura absoluta, se é que fosse possível.

“Parece que está tudo bem,” disse Sarah.

Ela então ocupou o assento do motorista. Tinham tirado à sorte para ver quem dirigiria o Rover primeiro—e ele tinha perdido.

Comparada ao passeio no deserto dos últimos dias, a viagem até a base do desfiladeiro prometia ser uma verdadeira aventura. Lance se sentou atrás de Sarah e prendeu seu próprio cabo de segurança nela. Se o Rover tombasse, eles precisariam saltar rapidamente para não serem enterrados embaixo dele. O cabo proporcionaria pelo menos um pouco de segurança contra o rolamento até o fundo. Mas ambos estavam plenamente conscientes de que simplesmente não poderiam cometer erros.



ELES COMEÇARAM A DIRIGIR para o norte, ao longo da borda do desfiladeiro. Lance apreciava a vista do *Hebes Chasma*. A mesa no meio do vale realmente parecia fora de lugar. Suas laterais eram tão íngremes quanto as do próprio desfiladeiro. Parecia que um gigante havia jogado um pedaço de massa no Chasma. Era uma pena que eles não estivessem em uma missão de pesquisa. Ele teria gostado de examinar a superfície da mesa. Supostamente era formada por depósitos de sedimentos de um corpo d'água. Esse devia ser o local ideal para procurar fósseis do período fértil de Marte!

“Acho que é isso,” disse Sarah, interrompendo seus pensamentos.

Os olhos dele seguiram o braço estendido dela. A borda do desfiladeiro parecia estar faltando um pedaço de um quilômetro de largura, como se um meteorito em queda livre tivesse atingido a

encosta. Mas isso não era apenas um simples colapso da parede do desfiladeiro. Era mais provável que um vale lateral tivesse se desenvolvido durante um período mais prolongado.

Sarah guiou o Rover um pouco para o leste, visando entrar no vão em um ângulo mais ideal. Dessa perspectiva, era evidente o que havia criado o vale. Um enorme jorro de água líquida devia ter fluído para o desfiladeiro. Lance tentou imaginar como seria a paisagem 3,5 bilhões de anos antes. No início, talvez houvesse uma cachoeira espetacular aqui. O spray devia se mostrar cheio de arco-íris em dias claros. Com o passar dos anos, a água havia corroído cada vez mais o substrato duro. O clima em Marte havia eventualmente mudado tanto, tornando-se cada vez mais frio, que a atmosfera outrora mais densa acabou se congelando, tornando o processo irreversível.

“Você consegue imaginar a cachoeira gigante que deve ter existido aqui uma vez?” Sarah perguntou, parecendo ler a mente dele mais uma vez.

“É uma pena que tenhamos chegado aqui três bilhões de anos tarde demais,” replicou Lance com um sorriso.

“Ou alguns séculos antes.”

“Você acha que a água voltará a fluir aqui algum dia?”

“Talvez não aqui em cima, e sim lá embaixo,” Sarah disse, apontando para o fundo do desfiladeiro.

“Nunca conseguiremos isso. Somos muito poucos.”

“Não diga isso. O *Homo sapiens* começou seu desbravamento na Terra com relativamente poucos indivíduos.”

“Então, somos algo como Adão e Eva?”

“Se você quiser colocar dessa forma. Em qualquer caso, existem projeções realistas sobre como poderemos restabelecer a atmosfera de dióxido de carbono. O efeito estufa elevaria tanto as temperaturas que a água poderia existir em forma líquida na superfície.”

“Eu li sobre isso,” disse Lance. “Teríamos que construir espelhos gigantes e lançá-los em órbita sobre o Polo Sul para que concentrassem os raios solares, descongelando o dióxido de carbono congelado. Mas, somente com nós quatro?”

“Sim, isso seria um problema. Não poderíamos fazer isso sem o pessoal do MpT.”

“Tampouco *com* eles!”

“Receio que você esteja certo sobre isso.”

●

“SUGIRO QUE SE SEGURE FİRME AGORA,” disse Sarah.

Lance seguiu as ordens e então sentiu o Rover se inclinar para frente. Sarah dirigia em ritmo de caminhada, enquanto a superfície

ficava mais íngreme a cada metro. Lance se endireitou. Ele sentia uma forte necessidade de se recostar. O substrato era composto por uma fina camada de destroços soltos. O Rover pesava o suficiente para que os pneus empurrassem a areia, a poeira e o cascalho para o lado, encontrando tração na pedra vulcânica. Todos os quatro eixos tinham freios, o que significava que a seção traseira com a carga não se deslocava muito. Depois de aproximadamente 300 metros, a inclinação era tão íngreme que Sarah começou a dirigir em um padrão tipo serpentina. Lance teve que elogiar os construtores do Rover. Os eixos do veículo proporcionavam folga suficiente aos pneus para que a máquina descesse a encosta como se fosse uma cabra montesa. A vista ainda era magnífica. Lance não conseguia apreciar o suficiente.

Mas então ficou escuro, de súbito. Eles haviam entrado na sombra projetada pela encosta do vale lateral, que cortava cada vez mais fundo o desfiladeiro. A temperatura caiu drasticamente e Lance ligou o aquecedor do traje. A meseta no centro brilhava ainda mais, mas a linha de visibilidade ao longo da trilha tinha diminuído para menos de dez metros. Sarah acendeu os faróis. O substrato parecia muito diferente sob luz artificial. A espessura da camada de poeira também tinha diminuído, ficando algumas áreas completamente livres de poeira. Formas agora se elevavam do chão como se fossem raízes ou músculos gigantes.

“Esses são fluxos de lava antigos que o vento mantém limpos,” explicou Sarah.

A temperatura continuava a cair. Será que já estavam na área da sombra permanente?

Sarah parou o Rover. “Está vendo isso?” Ela estava apontando para frente deles. À luz do farol direito, milhares de pequenos diamantes brilhavam. “Esses têm que ser cristais de gelo. Devem estar cristalizando diretamente pela ação do ar.”

“Poderíamos coletá-los?” Perguntou Lance esperançosamente.

“Não valeria a pena. Não poderia ser mais que uma camada fina de cristais de gelo. Devem estar se reunindo aqui há milênios. Estou um pouco surpresa com isso, considerando o quão perto estamos do equador.”

Sarah voltou a ligar o motor. Os pneus do Rover enterravam os cristais embaixo deles. O que havia demorado tanto para se formar estava sendo destruído em questão de segundos. *Nós, humanos, realmente dominamos isso*, pensou Lance.

Estava gradualmente ficando mais brilhante, à medida que as paredes do desfiladeiro recuavam. Eles não estavam mais dirigindo sobre pedras, mas sobre uma grande extensão de escombros que se estendia pelo desfiladeiro. O rio que havia escavado o vale lateral devia ter depositado ali todas as pedras e areia. Lance tentou ver se o

cascalho havia sido polido e formado pela água, mas esse não parecia ser o caso. Talvez o rio não tivesse tido tempo suficiente para isso.

O microfone externo de seu capacete captou um som abafado e áspero. Estava vindo de trás. Lance rapidamente olhou para trás. Sarah também deve ter ouvido porque diminuiu a velocidade do Rover até parar. *Merda*, ele pensou. A parte traseira do Rover derrapava discretamente para o lado e para baixo.

A fina atmosfera alterava o ruído de raspagem. Sarah também percebeu o que estava acontecendo e pisou no acelerador. Eles não podiam se deixar empurrar encosta abaixo pela massa do Rover. Lance sentia o medo aumentar à medida que os pneus do eixo dianteiro giravam, mas Sarah parecia permanecer calma, enquanto o Rover se inclinava bruscamente em direção ao fundo do vale. Ela mudou para a primeira marcha e deixou os pneus rolares lentamente. A resposta dela foi perfeita.

Lance estimou que ainda faltavam dois quilômetros até a base da encosta. Se o Rover eventualmente derrapasse por completo, não haveria como pará-lo até atingir o fundo do desfiladeiro. Em uma emergência, eles teriam que se libertar. No entanto, se saltassem demasiado cedo, reduziriam a massa sobre o eixo dianteiro e os pneus realmente patinariam em vão. *Espeto ou brasa*, pensou Lance, *espeto ou brasa*.

Mas a estratégia de Sarah estava funcionando. A parte traseira do Rover estava apontava diretamente para baixo, mas os dois eixos dianteiros já haviam recuperado a tração. Sarah estava subindo a colina na diagonal. Ela teria que encontrar uma maneira de salvar os dois eixos traseiros, ou pelo menos um deles, dos escombros soltos. A inclinação do Rover diminuiu.

Lance considerava o que poderia fazer para ajudar. Será que ajudaria se ele projetasse o corpo para cima? Mas então a massa corporal dele não estaria mais no Rover, e isso poderia fazer os pneus patinarem novamente. Tudo o que ele podia fazer era deixar Sarah cuidar do assunto.

Depois de dez minutos do que parecia uma ação em câmera lenta, eles chegaram à rocha sólida. Sarah desligou o motor e se jogou sobre o volante.

“Obrigado, Sarah,” disse Lance, abraçando-a por trás. Ela se virou para ele e ele viu que ela estava chorando. “Ei, você conseguiu!”

“Estou tão aliviada,” ela admitiu.

“Você precisa de uma pausa. Posso dirigir um pouco?”

“Com prazer,” respondeu Sarah. “Mas antes de partirmos, vamos carregar o Rover com todas as pedras que pudermos encontrar. Consumiremos mais metanol, mas isso ajudará os pneus a terem melhor aderência. Pelo menos até passarmos pela faixa de escombros.”

“Boa ideia,” disse Lance. Ele desceu e começou a coletar algumas pedras menores.

“Se tivermos espaço,” disse ele, “deveríamos levar algumas para a base. Talvez encontremos alguns sinais de vida nelas.”



LANCE TEVE QUE manter o foco. Ele admirava ainda mais a façanha de Sarah agora que estava no banco do motorista. Podia sentir o que não havia notado como passageiro—o feedback de cada roda individual. Estava aderindo ao substrato ou começando a derrapar? Se prestasse muita atenção, poderia manter o Rover estável enquanto dirigiam. A diferença de altitude de dois quilômetros diminuía em uma inclinação de dez por cento, e isso tinha que ser percorrido em ritmo de caminhada. Chegaram ao fundo do desfiladeiro aproximadamente uma hora antes do pôr do sol.

“Será que devemos ir um pouco mais longe?” Lance perguntou.

Ele queria compensar pelo menos parte do tempo que haviam perdido. O melhor caminho a seguir seria pelo meio do desfiladeiro. Ao longo do lado direito, corria uma depressão que parecia o antigo leito de rio. O terreno era bastante arenoso à esquerda. A mesa não era composta de pedra vulcânica, mas de areia comprimida de forma desigual. As camadas individuais eram facilmente distinguíveis. A pedra estava erodindo muito mais rápido que o material vulcânico nas paredes laterais da ravina. Lance agora estava contente por eles não terem planejado investigar a superfície superior da mesa. Teria sido quase impossível conduzir o Rover encosta acima. O terço mais baixo da inclinação fazia com que se lembrasse de uma duna de areia íngreme—a única diferença aqui era que a encosta subia por dois quilômetros.

“Quanto tempo você acha que levará para chegarmos ao nosso destino?” Sarah perguntou.

“Se acreditarmos no itinerário de Mike, faltam cerca de três dias.”

“Ok.”

O terreno ficou mais acidentado. O leito do rio agora alcançava o meio do fundo do desfiladeiro. Lance estudou a encosta. Parecia que uma torrente de lava havia descido neste ponto, fazendo com que a água do rio se afastasse do basalto. Ele dirigiu o Rover para a esquerda. A camada de areia na superfície era mais espessa e os pneus se afundavam mais. O melhor seria que seguissem adiante, para que ele não tivesse que regressar a esta superfície mais tarde.

Quando criança, Lance odiava andar de bicicleta na areia úmida, mas agora ele contava com quatro eixos logo embaixo. Era pouco provável que todos os pneus ficassem presos na areia ao mesmo

tempo. Ele olhou para cima. Agora estavam dirigindo ao longo de uma parede gigantesca. Infelizmente, já estava escuro demais para quaisquer observações geológicas dos estratos. O material tinha que ser mais duro aqui neste ponto—caso contrário, estaria mais substancialmente erodido.

Algo de repente se estalou atrás dele. Não tinha sido um som muito alto, mas estava bem próximo. Lance olhou na direção do barulho, mas não conseguiu ver nada. *Vamos passar por esse paredão*, pensou, *e depois montaremos a tenda*. Ele já estava ansioso para continuar sua busca por vida na desolada superfície de Marte, junto com Sarah.

Chegaram a um nicho na parede do desfiladeiro. Uma zona arenosa quase circular se encontrava localizada no centro. A mesa agora estava recuada, distante.

“Só faltam as palmeiras,” declarou Sarah. “Vamos parar por aqui.”

Lance assentiu e parou o Rover. Sarah foi a primeira a descer. Ela deu a volta até a parte traseira, planejando pegar a tenda. Lance a seguiu e a observou puxando a mão para trás em um movimento brusco.

“Merda!” Ela disse. “Dê uma olhada nisto.”

“O que foi?”

Ele se juntou a ela e imediatamente viu o que havia acontecido. Devia ter sido aquele estalo recente. O rádio deles estava preso perto da traseira do Rover. Estava acondicionado em um container de metal resistente, mas não teve chance contra a força do objeto que havia caído sobre ele.

“Tivemos sorte de novo,” disse Sarah.

“Sorte?! ”

“Se tivesse caído meio metro mais para a frente, teria arrebentado a tenda. E mais um metro e meio à frente, teria me atingido.”

Lance se congelou. Só estava pensando no que a perda do rádio significaria para eles. “Você está certa,” disse ele. “Tivemos muita sorte. Amanhã precisaremos ficar longe desses paredões íngremes.”

“Espero que Mike e Sharon não fiquem preocupados quando não tiverem notícias nossas,” acrescentou Sarah.

“Não tem como. Claro que vão se preocupar. Quando voltarmos, tudo será perdoado. Mas há outro problema.”

“Sim?”

“Os quatro satélites ativos em órbita rastreavam a nossa posição via rádio. Teremos que encontrar outra maneira de navegar agora. Infelizmente, Marte não tem campo magnético, o que significa que tentar navegar apenas pelo Sol é muito impreciso.”

“Não se preocupe com isso,” disse Sarah. “Tenho outra ideia. Amanhã eu explico.”



Sol 58, Hebes Chasma

“ENTÃO, como vamos encontrar o nosso caminho agora?”

Ainda estava escuro. Sob a luz dos faróis, Sarah colocou um dedo sobre os lábios. Foi um gesto simbólico, pois ela já estava de capacete. Era assim que ela reagia a cada uma das perguntas dele, pelo menos nos momentos em que ela não respondia perguntando por que ele não tinha prestado atenção durante o treinamento de sobrevivência. Apesar de seus melhores esforços, Lance não conseguia se lembrar de que *navegação manual* tivesse sido ensinada durante aquele curso. Será que Sarah havia passado pelo mesmo treinamento que ele?

Depois de proteger a tenda, ela caminhou até a seção central do Rover, onde era acondicionada uma caixa de ferramentas bem abastecida, para o caso de precisarem fazer reparos de emergência no veículo. Sarah abriu a trava da caixa de ferramentas. Depois de vasculhá-la, finalmente se virou triunfantemente e mostrou uma ferramenta a Lance. “Um sextante,” ela disse.

Ele reconheceu a coisa.

“Eu poderia ter construído um para você, se fosse necessário,” disse ela. “Tudo que eu precisaria era de uma pequena chapa de metal, uma bússola e dois espelhos. Mas isso é mais fácil.”

“Presumida!” Ele disse com uma risada. “Vamos ver o que você pode fazer com isso.”

“Primeiro temos que descobrir a nossa linha de latitude. Marte não tem uma estrela polar, infelizmente.”

“Então estamos perdidos para sempre?”

“Claro que não! Precisamos de *Deneb*, a estrela de primeira magnitude da constelação do *Cisne*, e de *Alpha Cephei*, também conhecida como *Alderamin*, a estrela mais brilhante da constelação de *Cefe*. O polo celeste norte está localizado a meio caminho entre elas.”

Lance olhou para o céu. Era cristalino. “Ainda bem que não temos uma tempestade de poeira agora,” disse ele.

“Estariamos realmente em um riacho então.”

“Não vejo *Cefe*,” disse Lance.

“Parece um pouco com uma casa com telhado íngreme.”

Ele olhou fixamente para as estrelas, mas não conseguiu encontrar nada que parecesse uma casa. Talvez ele não fosse imaginativo o suficiente.

“Você não deveria olhar diretamente para o zênite. Estamos bastante perto do equador, então o polo celeste norte deve estar baixo no horizonte. Mas não precisa forçar a barra. Eu sei onde fica,” disse Sarah. Ela segurou o sextante perto do olho direito, ajustou o dispositivo e leu o valor mostrado. “Bom, agora vamos checar a longitude. Isso será mais fácil.”

“Realmente não sou esperto o suficiente para descobrir isso,” declarou Lance.

“Isso é bobagem. Você consegue. Para a longitude, precisamos do sol ou de uma das duas luas.”

Lance olhou para o céu novamente e viu um objeto brilhante, o qual reconheceu. “Encontrei *Fobos*. Não, *Deimos*.” Lembrou-se que *Deimos* era a mais fraca das duas luas.

“Bom!” Sarah lhe entregou o sextante. “Agora meça o quão alto está no horizonte.”

Ele pegou o dispositivo, segurou-o na frente do capacete e olhou pela ocular. Ajustou o ângulo para que o horizonte ficasse visível através dele. Agora ele tinha que girar o parafuso da armadura de medição até que *Deimos* aparecesse e parasse na linha do horizonte. “Como é chamada essa armadura mesmo? Não consigo me lembrar da palavra certa,” disse ele.

“A alidade.”

“Valeu!” E lá estava ela, *Deimos*, a lua de Marte. Lance ficou surpreso com o brilho dos pedaços de rocha no céu de Marte. Girou o parafuso até que as duas metades da imagem estivessem alinhadas. Ele devia ter praticado isso antes, já que o procedimento lhe parecia familiar.

Devolveu o sextante para Sarah. Ela leu o ângulo e conferiu novamente a medida.

“Você não confia em mim, hein?” Ele brincou.

“Foi você quem disse que nunca havia segurado um sextante antes. Só estou me certificando.”

“Esperta.”

“Você fez um bom trabalho,” ela o elogiou. “Eu obtive o mesmo resultado.” Ela então foi até o console de controle do Rover.

Lance levou um momento para se lembrar por que ela precisava fazer isso. Ela teria que verificar o ângulo da lua em uma tabela de dados. Ela tocou na tela e depois assentiu.

Ele ficou ao lado dela. Sarah obviamente salvou suas coordenadas no programa de software de mapas.

“Na verdade, estamos nos saindo muito bem,” comentou Sarah. “Devemos chegar à sonda depois de amanhã. Ainda temos um trecho a fazer através do *Chasma* e depois subindo pela fenda. Depois disso, seguiremos direto para a sonda.”

NO INÍCIO DA TARDE, eles estavam no local que Mike havia apontado nas fotos de satélite como ideal para a subida do desfiladeiro. Lance estava sentado ao volante, olhando para cima. Ele pensou que parecia uma loucura o que estavam planejando fazer. Não havia nada assim na Terra. Era como se tivessem que subir diretamente de uma praia a uma escarpa de 2.500 metros.

Assim como no outro lado, um vale lateral cortava o *Chasma* neste ponto. Todavia, parecia bem menos que havia sido arrancado por um rio, já desaparecido havia muito tempo. Partes dos Alpes Europeus tinham esta aparência, justamente nos locais onde os glaciares tinham recuado. Mas Marte nunca deveria ter tido geleiras como aquelas. Nunca houvera uma época em que Marte estivesse completamente coberto de neve e gelo, pelo menos de acordo com os modelos climáticos dos planetologistas. E quando teria existido uma geleira aqui no equador?

“Queremos mesmo subir até lá?” Ele perguntou a Sarah.

“Devíamos ter considerado isso ontem, antes de virmos até aqui.”

“Bem, segure-se firme.”

A primeira parte da subida ainda estava relativamente nivelada. Lance tentou seguir em frente com força. Sabia que os pneus não deveriam ter a oportunidade de ficarem enterrados nos escombros. A inclinação ainda era inferior a quarenta e cinco graus, o que significava que o Rover não corria risco de tombar. Eles foram capazes de cobrir os primeiros 2.000 metros com uma rapidez surpreendente.

Depois desse ponto, a encosta ficou muito mais íngreme. Lance ficou surpreso por Mike ter considerado aquela passagem transitável. O comandante devia ter pensado que os dois eram especialistas no volante. O maior perigo agora era que o Rover começasse a se inclinar em direção ao vale. Se começasse nessa direção, eles teriam dificuldade em mantê-lo em pé. Lance já não conseguia pisar mais fundo e estava tendo que evitar os obstáculos mais substanciais em seu caminho. Isso também significava que eles ficavam atolados com frequência agora. Quando isso acontecia, eles tinham que descer, liberar os pneus com uma pá e, em seguida, colocar algo plano embaixo deles para que Lance pudesse avançar pelo menos um pouco.

Após a quarta parada forçada, decidiram que Sarah seguiria adiante caminhando, para que pudessem pelo menos economizar um pouco de tempo com o sobe no veículo, desce do veículo. Sarah agora era também capaz de descobrir quais pontos eram especialmente arenosos e alertá-lo para que passasse ao largo. Eles trocavam esses papéis a cada 30 minutos. Lance não tinha certeza de qual era o trabalho mais estressante—a concentração tensa e implacável

necessária para dirigir ou a subida suada como batedor. Pelo menos a tensão não era totalmente unilateral dessa forma.

Tinham alcançado agora uma altitude próxima ao nível do platô. De acordo com as imagens de satélite, o substrato aqui deveria ser mais duro. Tinham chegado ao granito original, que era mais antigo que a rocha vulcânica que haviam atravessado para entrar no desfiladeiro, e o sedimento que havia formado a mesa. *Pena que Mike não esteja conosco*, pensou Lance. *Com sua formação em geologia, ele teria gostado de ver todas estas formações diferentes*. Graças ao processo de erosão extremamente lento, não teria sido tão difícil para um talhador de pedras chegar aos pontos mais interessantes.

Finalmente se aproximaram do topo da encosta. Ambos pararam.

“Olhe isso!” Exclamou Lance.

“Inacreditável!” Sarah suspirou.

Acima de suas cabeças se estendia uma parede perpendicular de 50 metros. Era como se tivessem que dirigir o Rover pela fachada de um arranha-céu de 15 andares. Lance mediu a altura com o telêmetro a laser e depois estudou as imagens de satélite. A parede não aparecia nelas. De acordo com as imagens, tudo o que supostamente precisavam fazer para chegar ao topo do desfiladeiro era dirigir mais alguns metros para oeste.

“O ângulo do satélite não estava correto,” disse ele.

“Sim, isso não é culpa de Mike,” Sarah concordou.

“Veja, poderíamos fazer um desvio,” disse Lance, traçando uma rota alternativa com o dedo.

“Isso nos custaria pelo menos meio dia, e poderíamos acabar enfrentando outro paredão como este,” disse Sarah.

Por onde ela gostaria de tentar sair? “Só precisaríamos voltar mil metros e depois seguir para o norte por duas horas. Há outro caminho estreito que leva até lá.”

“O sol vai se pôr em duas horas. Você prefere fazer a subida na escuridão ou passar a noite no paredão novamente?”

Sarah está certa, ele pensou. Nenhuma das alternativas parecia tão atraente. “Então o que você quer fazer?” Ele indagou, interessado em ouvir o que ela sugeriria.

“Bem... temos um guindaste, incluindo uma roldana e uma corda de alta resistência. O Rover pesa apenas um terço de seu peso na Terra. Um de nós poderá subir, então prenderemos o guincho e poderemos içar o Rover. Já ancoramos tudo... o que poderia dar errado?” Sarah detalhou seu plano.

Claro... o que poderia dar errado? Pensou Lance. Eles estariam tentando puxar um ônibus pela ponta de uma corda até o topo de um arranha-céu. Procedimento padrão sem nenhum risco. Pelo menos ele estava consciente de seu ceticismo.

“Eu farei isso,” disse ela. “Espere aqui embaixo e solte os freios do Rover quando eu der o sinal. Você poderá então subir depois de mim. O paredão não parece ser muito duro. Nenhuma parte se projetando para fora, ou seja, nada de negativas.”

“Sim, evidente. Moleza!” Ele murmurou. Sarah devia estar louca. E ele também estava, já que havia acabado de concordar com a ideia dela. Diante do entusiasmo da colega, ele não teve coragem de argumentar com ela.

“Se começarmos agora, estaremos no topo em quarenta e cinco minutos,” disse ela, com otimismo.

“Então, vamos mandar ver,” disse Lance.

Sarah começou a procurar o guincho na caixa de ferramentas. Ela o prendeu nas costas e depois se ancorou à corda de segurança. E assim, Sarah começou a escalar a encosta.

Lance observava atentamente, enquanto ela se esforçava para subir no paredão. Seria bom para que ele memorizasse a rota que ela seguia. Ela se movia com segurança, como uma alpinista experiente. E ele pensava que ela era uma típica cientista que nunca saía do laboratório.

“Você está indo muito bem,” ele a incentivou.

“ufa,” ela exalou alto, “estou um pouco fora de forma. Quinze anos atrás, eu me dedicava a escaladas rápidas como hobby.”

“Sem pressa. Isso não é uma competição.”

“Eu sei disso.”

E com isso ela chegou ao topo. A fase mais crítica começaria agora. Sarah teria que encontrar uma maneira de prender o guincho para que o peso do Rover não conseguisse arrancá-lo. Lance não podia ajudá-la. Ele nem conseguia ver o que ela estava fazendo, mas estava demorando, o que era uma coisa boa. Se ela cometesse o menor erro de julgamento, o Rover seria arremessado ao fundo do desfiladeiro.

“É isso aí,” disse ela. “Atenção, aí vai a corda!”

Lance pegou a corda e a ancorou na frente do Rover. “A corda está ancorada em segurança.”

Agora ou nunca, Sarah pensou. “Vou acionar o guincho!”

Lance soltou os freios do Rover. Graças a sua relação de transmissão, o guincho era forte o suficiente para levantar lentamente o veículo. O eixo dianteiro ficou suspenso no ar e o resto do veículo se aproximou da parede. O Rover balançava um pouco de um lado para o outro, mas se estabilizou quando as duas rodas dianteiras tocaram a parede.

“Está dando certo!” Ele gritou.

Centímetro por centímetro, a corda era puxada para cima. As juntas do Rover rangiam, enquanto o veículo assumia uma forma oscilante. O Rover não tinha sido construído para ser dobrado dessa

forma; mas enquanto ruídos incomuns fossem as únicas coisas que quebrassem o silêncio, Lance estaria satisfeito.

Os oito pneus do Rover estavam agora pressionados contra a parede. Era uma cena estranha, parecendo que alguém havia desligado a atração gravitacional. As tarefas de Lance abaixo tinham terminado, então ele também começou a escalar. Para uma criatura bípede, a parede íngreme não representava realmente um problema. Havia pontos de apoio suficientes e a pedra não havia sofrido muita erosão e, ademais, era estável. Ele finalmente apoiou os braços na borda superior e puxou o resto do corpo para cima. *Consegui!*

Sarah ainda estava acionando o guincho. Ela o havia colocado longe o suficiente para que, quando o Rover chegasse ao topo do paredão, ele pudesse rolar até parar na frente dela.

“Precisa de ajuda?” Ele quis saber.

“Não agora. Você poderia dar uma olhada no Rover?”

Lance estava na beira do penhasco. Uma lagarta grossa e rechonchuda apontou seus faróis para ele. “Parece ótimo,” disse ele, levantando o polegar para Sarah.

No momento seguinte, ela começou a se balançar de maneira instável. Ele estava prestes a correr até a colega, mas ela se conteve a tempo.

“Uau. Perdi o equilíbrio porque o Rover de repente ficou mais leve. Você viu se alguma coisa caiu?”

“Sinto muito. Eu estava olhando para você.”

“Tudo bem,” disse ela.

Dez minutos depois, o Rover estava parado ao lado deles. Economizaram pelo menos três horas—e outra noite acampando no paredão—seguindo o conselho de Sarah.

Juntos, eles verificaram sua carga. Não faltava nada óbvio, mas então Lance se lembrou, “Tínhamos colocado aquelas pedras no Rover para obter melhor tração. Devem ter se soltado,” disse ele, aliviado.

“Claro,” replicou Sarah. “Por que não pensei nisso antes?”



Sol 59, base da NASA

“VOCÊ OUVIU ALGO de Sarah e Lance?”

Sharon se assustou quando a cabeça de Mike apareceu na entrada do centro de comando. Eram apenas 5 da manhã. “Não, nada de novo,” ela respondeu. “Mas eu disse que o acordaria imediatamente se ligassem.”

Mike se sentou no assento ao lado dela. Ele cheirava a suor.

“Talvez você devesse tomar um banho demorado. Por que resolveu se levantar?” Sharon indagou.

“Eu não conseguia mais dormir. Como alguém poderia dormir com todas essas más notícias? Aposto que os ‘facas-nas-costas’ do MpT fizeram algo com Sarah e Lance. Caso contrário, teríamos notícias deles!”

“Não podemos saber disso. O assentamento deles está localizado na outra direção, e eles nem sabem que Sarah e Lance estão em missão externa.”

“Talvez eles estejam ouvindo as nossas comunicações de rádio. Eu acreditaria em qualquer coisa com relação a eles. Precisamos criptografar as nossas comunicações de agora em diante.”

“Mike, qualquer coisa poderia ter acontecido. Talvez uma explosão solar tenha atingido Marte e perturbado a ionosfera. Ou o rádio deles teve um curto-circuito. Existem muitas razões inocentes pelas quais podemos não ter notícias deles. Os dois podem cuidar de si mesmos.”

“Também existem razões suficientes que fazem o meu sangue se congelar. Fui eu quem sugeri que passassem pelo *Hebes Chasma*. Isso foi um erro enorme.”

“Eles desceram muito bem no desfiladeiro. O contato foi interrompido depois desse ponto.”

“Veja! Algo deve ter acontecido quando tentaram sair do *Chasma*. Se a escória do MpT não tivesse nos deixado cegos com aquele roubo, poderíamos tê-los monitorado. Mas agora não podemos ajudá-los.”

“Poderíamos pedir ajuda ao pessoal do MpT se for necessário.”

“Ajuda deles?! Exatamente o que precisamos. Para que eles possam nos trair mais uma vez?! Lance e Sarah estão melhor sem eles.”

“Aposto que eles estão se sentindo mal pelo que fizeram, Mike. Pelo menos alguns deles provavelmente estão. Eles têm dois Rovers e muita gente.”

“Só por cima do meu cadáver,” Mike retrucou.

“Quer saber, vou me deitar um pouco. O turno da noite foi tenso e suas reclamações não estão ajudando. O que aconteceu com o seu otimismo?”

“Como alguém poderia permanecer otimista nessas circunstâncias?”

“Boa noite, Mike.”

“Boa noite, Sharon.”



EMBORA ESTIVESSE MORTA DE CANSAÇO, Sharon demorou muito para adormecer. Nesse ritmo, Mike iria deixá-la totalmente maluca. O garoto era bem teimoso! E agora ele esperava apenas o pior do grupo MpT. Mas era impossível que 15 pessoas se transformassem em idiotas da noite para o dia. *Como é mesmo aquele velho ditado? Ah, sim, ‘A cabeça do peixe é a primeira que apodrece,’* ela se lembrou. O roubo podia não ter sido ideia de Ewa, mas foi ela quem o tinha aprovado e depois implementado. Sharon tinha dificuldade em acreditar que toda a tripulação estivesse de acordo. Eles precisariam entrar em contato com aqueles que não tinham concordado com Ewa. Mas como? A realidade é que não ajudava em nada condenar toda a tripulação, como Mike estava disposto a fazer.

A primeira coisa que ela precisava fazer era cuidar de Mike. Às vezes ela imaginava que ele era um bebê grande e ela era a mãe dele. Nessas ocasiões, ela sentia um pouco de ciúme de Lance e Sarah, que haviam encontrado pontos em comum como colegas. Será que eles também estavam dormindo juntos? Passariam muito tempo juntos como um quarteto. Fazia sentido se eles pudessem satisfazer as necessidades um do outro dessa forma. Ainda assim, Mike—quem Sharon considerava mais como um filho—não era a pessoa certa para ela.

Como a piloto poderia distrair o comandante e seguir em frente com a ideia dela? Mike precisava de uma saída para a energia dele. Agora que já não trabalhavam mais com o pessoal do MpT, tinham de confiar uns nos outros para sobreviverem. Faltava um recurso valioso para seus planos a longo prazo—água facilmente obtida. O MpT estava deliberadamente construindo seu assentamento em um local que possuía este recurso. A equipe da NASA não poderiam transplantar sua base tão facilmente, significando que teriam que encontrar outra maneira de acessar a água vital.



QUANDO SHARON ACORDOU, o relógio indicava que era meio-dia. Passou pelo chuveiro e vestiu roupas limpas antes de se juntar a Mike no centro de comando. Ela percebeu imediatamente que ele ainda não havia tomado banho. Ele estava usando fones de ouvido e parecia estar procurando sinais em todas as frequências.

Ela se esgueirou por trás, pelo lado esquerdo, e bateu no ombro direito dele.

Mike se desconcentrou e girou na direção errada. “Você me pegou!” Ele disse com uma risada. Ele sempre caía nessa.

Sharon olhou para ele com severidade e disse: “Se você não visitar o chuveiro agora mesmo, vou lhe enfiar dentro do traje espacial.”

Mike suspirou. “Tudo bem,” ele disse, enquanto se levantava para entrar no banheiro.



ELE VOLTOU 15 MINUTOS DEPOIS. Era como noite e dia. Estava vestindo roupas limpas e cheirava como um bebê recém-banhado.

“Assim está melhor,” disse ela. *As crianças gostavam de ser elogiadas.* “Antes de adormecer, tive uma ideia importante, a qual gostaria de discutir com você.”

“Lance e Sarah não entraram em contato enquanto eu estava fora?”

“Não, Mike. O que eu queria dizer é que agora que o MpT nos deixou em paz, temos um grande problema para resolver.”

“Eu sei. Precisamos de água. Eu estive pensando sobre isso.”

“Oh?” Sharon ficou surpresa. Obviamente, Mike ainda estava em condições de pensar em outras coisas além da traição.

“Sim, e tenho uma ideia de onde podemos encontrar um pouco.”

“Estou gostando.”

“A escória do MpT levou o nosso Rover com o GPR, então podemos nos esquecer disso. Mas poderíamos construir o nosso próprio radar. Temos tudo o que precisamos para fazer isso aqui mesmo.” Mike apontou para o rádio. “Tenho que admitir que já comecei enquanto você dormia,” acrescentou.

“Um rádio?!”

“Sim, não precisamos de mais que isso. Dependendo da frequência, podemos utilizá-lo para explorar até mil metros abaixo do nível da superfície. Quando as ondas de rádio encontram os níveis de separação, elas ricocheteiam neles em intensidades variadas.”

“Essa parece ser uma solução brilhante.”

“O principal problema é que teremos que calibrar o radar de alguma forma. O GPR do Rover já é calibrado. Em outras palavras, o dispositivo sabe qual material o sinal está encontrando, com base no seu fator de reflexão. Não temos essa informação.”

“O que precisaremos para fazer isso?”

“Idealmente, poderíamos depositar amostras de água e gelo em várias profundidades, mas para isso precisamos da broca que a escória do MpT nos roubou.”

“Qual é a segunda melhor opção?”

“Poderíamos contar com a sorte.”

“Isso é exatamente o que eu estava pensando,” disse Sharon. “Mas como é isso em sentido concreto?”

“Em alguma profundidade entre quinhentos e mil metros, deve haver um lençol freático. A água ali é quente, devido à sua profundidade, e conterà inúmeras impurezas, o que a tornará muito condutiva. Se as nossas ondas de rádio o atingirem, ouviremos um eco claro.”

“Geotérmica. Isso seria maravilhoso, pois também poderíamos obter energia. Mas o que poderia dar errado com essa abordagem?”

“Se houver algo lá embaixo que funcione como um conduíte elétrico igualmente forte, acabaremos perfurando um buraco de quinhentos ou mil metros de profundidade por nada.”

“O que mais poderia haver lá embaixo?”

“Não tenho ideia. Talvez um depósito de ferro.”

“Ferro metálico?! Não muito provável.”

“Você perguntou, Sharon.”

“Não importa. Temos que correr esse risco. Quando começamos?”

“Preciso de uma hora. Vou converter o rádio em um GPR portátil. Sarah e Lance parecem estar incomunicáveis por enquanto.”



“ESPERO QUE VOCÊ não tenha estragado o seu traje,” disse Sharon com ceticismo, olhando para o conector caseiro de Mike entre o rádio convertido e seu traje espacial.

“Eu posso inclusive aparecer no jantar do Capitão com isso... você não acha?” Ele atirou de volta.

“Espertinho.”

Estavam esperando a câmara de descompressão abrir a escotilha externa.

“Mas, falando sério,” explicou Mike, “eu tive que encontrar uma maneira de conectar o rádio aos fones de ouvido do meu capacete. Agora posso ouvir se atingimos uma camada de conduto abaixo da superfície.”

“Você vai conseguir ouvir?”

“O receptor irá filtrar a parte refletida do sinal, amplificá-la e tornar seu ritmo audível ao ouvido humano.”

“Ah... então, se nada estiver sendo refletido, você não ouvirá nada,

mas se houver água logo abaixo de nós, vai bipar alto.”

“Algo parecido. Embora eu realmente não espere que encontremos água subterrânea em qualquer lugar próximo.”

A luz na câmara de descompressão mudou de vermelha para verde. Às vezes, Sharon suspeitava que o computador da base ouvia as conversas e esperava para iniciar a próxima atividade até que terminassem de falar. *Muito cortês*, ela pensou. Mas isso era um absurdo, é claro. Esta expedição deliberadamente não tinha sido equipada com um sistema de IA. A NASA havia discutido isso por um bom tempo, mas no final eles decidiram contra—ou tinha sido considerado muito caro ou muito arriscado. Ninguém jamais tinha contado a eles o motivo exato da decisão.

“Depois de você,” disse Sharon.

“Primeiro as damas,” rebateu Mike.

“Você não estava prestando atenção durante o treinamento, não é mesmo? Ao sair do veículo, o cavalheiro vai primeiro, segura a porta e abre o guarda-chuva para a dama.”

“É será que vai chover hoje?”

“A semana inteira.”

“Eu odeio essa chuva constante.”

Em momentos como esse, Sharon realmente gostava do colega. Você poderia se divertir com ele facilmente.

“Vá em frente agora. Saia!” Disse ela, com as mãos nos quadris.

Mike subiu a escada.



O CÉU ACIMA deles estava notavelmente claro hoje. Ainda não era azul—nem jamais seria dessa cor no futuro—mas o marrom acinzentado parecia mais fresco que o normal, tingido com uma generosa pitada de rosa. Poderíamos até nos perguntar se a chuva havia acabado de passar.

“Cuidado com as poças,” aconselhou Sharon.

“Eu estava prestes a pular em uma. Eles sempre espirram de maravilha.”

“Será um inferno a apagar se você sujar seu traje recém-lavado.”

“Claro!”

Sharon caminhou em volta da base. Como o *Endeavour* tinha sido roubado e o Rover tinha partido, a presença humana em Marte era quase imperceptível. A estrutura era um buraco retangular no chão. O telhado era coberto com resíduos de metais para proteger os ocupantes da radiação cósmica. Os observadores perceberiam, sem dúvida, que a colina era uma adição relativamente recente à superfície de Marte, mas provavelmente não lhes ocorreria que era aqui que a

NASA havia construído sua primeira e única base.

Somente a estufa parecia ser uma estrutura feita pelo homem, graças à sua cúpula abobadada de acrílico. Lance havia construído sua turbina atrás da instalação. Estava girando muito lentamente. De repente, Sharon se lembrou de que Lance tinha pedido para que ela tirasse a poeira de vez em quando. Ela foi até lá e fez exatamente isso. Da turbina, um cabo grosso corria para oeste até onde o KRUSTY, o pequeno reator nuclear deles, encontrava-se... a uma distância segura.

Esta era agora sua nova casa. Sharon ainda estava tendo dificuldade em aceitar isso. *Pequena, mas minha*—as pessoas não diziam isso? Ela nunca mais veria uma campina verde ou sentiria o cheiro do ar resinoso de uma floresta. Pior ainda, acabaria se esquecendo de como era isso. As lembranças não poderiam durar para sempre. *Na verdade, é um mecanismo prático*, ela pensou. Isso ajudaria a tornar a vida mais fácil para ela nessa rocha vermelha e empoeirada; mas ainda assim havia algo dolorosamente triste nisso.

Talvez eles devessem se reunir para compartilhar lembranças, ao menos uma hora por semana. Sharon imaginou os quatro sentados à mesa, conversando sobre suas lembranças mais lindas. Enquanto suas próprias lembranças estivessem desaparecendo, eles poderiam ser inspirados pelas visões que teriam das histórias dos demais. Em 30 anos, suas recordações poderão se tornar um tesouro coletivo, pois perderiam a capacidade de distinguir quem teria contribuído com qual memorização. Não era verdade que os grandes mitos da humanidade tinham sido criados por pessoas reunidas em torno de uma fogueira? Era uma sensação estranha, mas se eles encontrassem uma maneira de sobreviver em Marte, suas lembranças poderiam formar a mitologia fundamental para uma futura Nação Marte.

“Começamos?”

Sharon olhou ao redor. A voz de Mike soou clara nos fones de ouvido. Ele estava se afastando dela na direção oposta. Ele já parecia distante, mas ela sabia que a perspectiva era enganosa. Inconscientemente ainda estava adotando a escala da Terra, com sua distância muito maior até o horizonte. “Estou indo,” disse ela.

“Eu já comecei.”

Sharon correu para alcançá-lo. Seu coração estava acelerado. Mike apontou para o próprio capacete, onde ficava a orelha. Parecia que ele estava ouvindo os batimentos cardíacos do planeta. Mike caminhava lentamente e Sharon o acompanhava. Mas então ele se deteve.

“Você quer ouvir?” Ele ofereceu a ela.

“Sim!”

“Vou aumentar o volume o máximo que puder e ligar o microfone do capacete.”

“Beleza.”

Ali estava o som. Sharon ouvia um *ping* alto que se repetia a cada dez segundos. Ela o reconheceu de um filme antigo que havia visto, ambientado a bordo de um submarino da Segunda Guerra Mundial.

“Mas esse não é o eco, é?”

“Não. Não passa de uma farsa ou, na verdade, mais parecido com um símbolo. Não estou enviando ondas sonoras para o solo como os submarinos faziam quando usavam o sonar para procurar obstáculos. Estas são ondas de rádio que o receptor está transformando em sons audíveis.”

“E o eco?”

“Até certo ponto, o material absorve as ondas de rádio, mas algumas delas também são espalhadas ou refletidas. Elas estão sendo captadas pelo receptor, embora com um certo atraso e distorção que depende dos materiais que elas atravessam e pelos quais são refletidas.”

“Então você está ouvindo um monte de ecos?”

“O receptor está filtrando todos os retornos fracos. Não estou ouvindo nenhum deles. Mas se as ondas atingirem uma camada condutora, uma percentagem maior delas será refletida. Essa também é a razão pela qual os espelhos funcionam dessa maneira. Eles refletem a maior porcentagem de ondas de luz. Uma curiosidade interessante—a água em Marte supostamente tem um alto teor salino.”

“Então o receptor deve indicar apenas os reflexos especialmente fortes por causa disso?”

“Essa é a ideia. Para ser honesto, porém, não tenho ideia de quais sejam seus valores esperados, ou quão forte deveria ser o reflexo se encontrarmos uma camada de água subterrânea. Simplesmente não sei o suficiente sobre o que existe abaixo da superfície de Marte.”

“Mas você ainda vai continuar tentando?”

“À medida que caminho por todo o lugar, acho que eventualmente terei uma ideia do que seja considerado um reflexo normal e onde deveríamos realmente tentar furar um buraco.”

“Parece um plano razoável,” disse Sharon.

“Pelo menos vou fazer algum exercício ao ar livre.”

“Certifique-se de não pegar um resfriado e volte para dentro antes do sol se pôr!”

“Claro, mamãe.”

●

COMO NUNCA ERA possível se manter completamente ereto, o trabalho na estufa era extenuante. Se estivesse no comando, Sharon teria feito a furadeira robótica cavar mais 30 centímetros. Mas é verdade que se isso tivesse acontecido, teriam mais espaço para

aquecer e encher de ar para as plantas, o que teria consumido mais energia. Talvez Mike tivesse sorte e encontrasse água quente. Eles poderiam fazer bom uso de uma fonte de energia continuamente borbulhante.

Plantas de alface. Verificado! Sharon examinou a lista que Sarah havia deixado para ela. A estufa inteira ainda funcionava como um laboratório, enquanto tentavam descobrir as condições ideais para cada variedade de planta—nutrientes, irrigação, iluminação... Sarah havia montado pequenas tendas transparentes sobre algumas de suas amostras. Estas estavam recebendo significativamente mais dióxido de carbono por meio de tubos finos. Nem todas as plantas cultivadas se beneficiavam com isso. O principal problema era que eles só teriam suprimentos suficientes para no máximo 18 meses, e esse tempo agora havia se transformado em indefinidos anos. Em algum momento, acabaria o fertilizante que haviam trazido e, quando isso acontecesse, teriam que começar a produzi-lo a partir dos recursos disponíveis.

Sharon não queria imaginar as consequências desse fator tempo nas outras coisas de que necessitavam, como medicamentos por exemplo. Como produziriam analgésicos básicos em Marte? E quanto aos antibióticos? Todos haviam sido comprovadamente taxados como são e saudáveis no momento da chegada, mas acontece que potenciais patógenos se encontram adormecidos dentro de cada pessoa. A população bacteriana dentro dela era enorme. Se seu sistema imunológico alguma vez vacilasse, uma dessas bactérias poderia rapidamente tirar vantagem.

Rabanetes. Verificado! A última planta da lista. Sharon estava suando. Ela poderia finalmente sair desta sauna. Duas horas de jardinagem pareciam mais cansativas que um dia passado na bicicleta ergométrica. Passou pela *porta de entrada* e foi direto para o chuveiro. Havia uma vantagem distinta na ausência de Lance e Sarah—sua ração diária de água havia dobrado. Caso contrário, tomar banho duas vezes por dia teria sido um luxo desnecessário. Alguns pelos novos estavam brotando sob seus braços. Ela considerou raspá-los, mas decidiu que haveria tempo suficiente para isso amanhã.

Uma pequena lâmpada estava piscando no centro de comando. Mike havia tentado entrar em contato. A estufa ainda não estava conectada ao sistema de comunicação da base. Sharon o chamou pelo rádio da base. “Acabei de terminar na estufa,” disse ela.

“Foi o que pensei,” replicou Mike.

“Algum problema?”

“Quero lhe mostrar algo.”

“Você quer que eu volte a vestir aquele traje suado? Acabei de tomar banho.”

“Sinto muito. Você deveria ter verificado comigo antes de entrar

no chuveiro. Poderíamos ter tomado banho juntos depois.”

“Continue sonhando. Você sabe como é *pequeno* o território.

“Você vem?”

Ele desistiu do assunto do banho por conta própria—ela estava esperando uma contrarresposta rápida. O que quer que fosse, parecia ser muito importante para ele.

Com um suspiro, Sharon concordou.

●

SHARON JÁ ESTAVA ali encarando a poeira vermelha de Marte, mas Mike não estava em lugar nenhum. O sol estava se pondo perto do horizonte. “Onde você está?”

“Basta seguir para o leste.”

“E como faço isso sem bússola?”

“Obviamente você tem que manter o sol diretamente à sua retaguarda.”

Sharon partiu, com outro suspiro. A decisão de Mike de ir além do alcance visual da estação por conta própria tinha sido contra as regras. Eles não tinham trazido nenhum auxílio à navegação. Ela ficava olhando para trás para ver se o sol ainda estava atrás de si. A base desapareceu logo e ela não conseguia ver nem mesmo a turbina. O sol estava a ponto de se pôr.

“A que distância você pensa que está, Mike?”

“Ah, não tenho certeza. Apenas continuei andando. Você deverá me ver em breve.”

Sharon pensou novamente. Mike havia partido mais de duas horas antes. Ele poderia ter percorrido dez quilômetros ou mais. Com sorte, ele não teria feito algo tão estúpido. Se fosse assim, teriam que encontrar o caminho de volta para a base no escuro.

Mas então ela o avistou, uma linha fina e cinzenta na paisagem árida. Mike parecia perdido. Agora ela sentia vontade de abraçá-lo. Ele acenou para ela.

“Como você chegou aqui?” Ela questionou.

“Caminhando!”

“Legal.”

Ele apontou para o tablet que estava segurando. “Veja, apenas segui o gradiente,” disse ele.

Sharon viu a linha ascendente. “O que isso significa?”

“Caminhei ao longo do percurso em que o reflexo se fazia cada vez mais forte. Por exemplo, se eu virasse para a direita e a intensidade diminuísse, eu voltava para onde o sinal era mais forte.”

“Entendo. E agora?”

“Independentemente da direção que eu tome a partir daqui, o

reflexo diminui. Estamos acima da leitura máxima local.”

“Isso é excelente!”

“Sem dúvida! Olhe em volta. Estamos em uma depressão. Parece ter sido uma área de drenagem.” Mike apontou para o norte e Sharon viu um ponto baixo. “Então, talvez este tenha sido um lago com entradas e saídas, há aproximadamente 3,5 bilhões de anos. Naquela época, as condições ideais deveriam estar em torno do equador, exatamente onde estamos.”

“E o que isso tem a ver com o gradiente?”

“As águas profundas podem refletir as condições daquela época. Se esta tivesse sido a localização de um lago, então o lençol freático estaria situado mais perto da superfície e ainda poderia estar.”

“Você pode determinar isso a partir de suas medições?” Sharon quis saber mais detalhes.

“Sim, e pela topografia. Se houver algum lugar por aqui que devamos investigar, este é o ponto,” decretou Mike.

“Isso significa que você acha que encontrou água subterrânea?”

“Acho que as chances são bastante altas, então suponho que você poderia colocar dessa forma.”

“Diga sem rodeios! Isso é maravilhoso!” Sharon abraçou Mike. Ele poderia ter acabado de encontrar uma solução para o maior problema deles!

“É prematuro fazer isso. Não teremos certeza até que realmente encontremos água,” disse Mike.

“Você também pode comemorar uma descoberta preliminar. Não temos exatamente muitas boas notícias atualmente.”

“Nem me lembre disso.”

O momento acabou. Eles estavam de volta ao mundo das duras realidades.

“Em que profundidade você acha que o reflexo está sendo criado?” Perguntou Sharon.

“Pelo menos trezentos metros,” respondeu Mike.

“Será um buraco bem profundo.”

“Precisaríamos de anos para cavar isso manualmente, Sharon. Vamos ter que recuperar a nossa furadeira robótica.”

“Isso pode exigir algumas negociações delicadas.”

“Se eles não devolverem de bom grado, nós a resgataremos à força.”



ELES MARCHARAM DE volta para a base em silêncio. Estava demorando mais do que Sharon tinha esperado. Será que haviam se perdido?

“Não se preocupe,” disse Mike. “Se for preciso, converterei o receptor novamente para que possamos usar os satélites para navegar.”

Mas então Sharon avistou a solitária luz posicional amarela que haviam fixado no ponto mais alto da base. Estavam de volta.



Sol 59, Hebes Chasma

SEU DESTINO ESTAVA ao seu alcance. Lance dirigia o Rover pela paisagem árida o mais rápido que podia. Quase parecia que um vento favorável os estava impulsionando. Eles até haviam partido antes do nascer do sol. E agora eles finalmente podiam escolher seu próprio caminho. As imagens de satélite não mostravam nenhum obstáculo real entre eles e a sonda da NASA, então eles estavam transitando pelo caminho mais linear possível.

Ele trocava de lugar com Sarah de hora em hora. Era muito cansativo dirigir nessa velocidade vertiginosa por mais tempo que isso. Eles tiveram que continuar desviando das rochas, grandes e pequenas. O Rover levantava um longo rastro de poeira atrás de si. Lance se perguntava se toda essa viagem tinha valido a pena. Afinal, qual seria a capacidade das células solares? Ao mesmo tempo, a sonda provavelmente continha peças que eles não seriam capazes de construir nos próximos dez ou vinte anos.

Não poderiam reparar a tecnologia defeituosa a menos que tivessem acesso a peças de reposição. Lance podia se ver como um coletor de lixo moderno, dirigindo seu Rover por todo Marte em busca de coisas. Sim, seria uma tarefa que valeria a pena, e eles formavam uma boa equipe. Considerando o que todas as nações da Terra haviam enviado para Marte nos últimos 60 anos, tinha que ter várias toneladas de tranqueira aqui embaixo. Mesmo as sondas que haviam caído no planeta com mais força que o esperado poderiam ser uma fonte de peças de reposição utilizáveis.

Era hora de uma pequena pausa. Lance deixou o Rover parar. O sol estava no zênite e agora eles estavam em meio a uma depressão rasa. “Vamos esticar um pouco as pernas, ok?” Ele disse.

Sarah olhou para a tela do console. “Faltam apenas três horas! Poderíamos fazer uma pausa mais longa.”

“Eu não gostaria disso. Eu quero chegar lá, por fim.”

“Isso também está muito bem. Poderíamos fazer uma bela caminhada noturna então. Você e eu, sozinhos à luz do sol poente...”

“Oh, finalmente ficaremos sozinhos!” Lance sorriu.

“Algum dia poderemos andar por aí sem os nossos trajes.”

“Não tenho tanta certeza disso. A atmosfera nunca será tão espessa como na Terra.”

“Se não for para nós, talvez para os nossos filhos.” Sarah sorriu para ele.

Lance engoliu em seco. “Nossos filhos...”

“Não, não estou grávida, pelo menos até onde eu sei. Mas imagino que você saiba o que pode acontecer quando o sexo é feito sem proteção.”

“Eu não. Presumi que você...”

“Você me viu tomar algum comprimido?”

“Não diretamente.”

“A NASA presumiu que todos poderíamos nos controlar. No entanto, era para ser apenas por um certo período. E todos nós tínhamos outros planos além de estabelecer famílias aqui.”

“É verdade,” Lance se lembrou com uma pontada.

“Só para você saber e não poder dizer depois que não tinha ideia. Não deveríamos fazer isso um com o outro.” Sarah deu um sorriso para ele.

Lance teve a sensação de que era tarde demais para esse aviso. A ideia de entrar na tenda com ela e não poder tocá-la parecia uma tortura. “Claro. Eu sei agora,” ele murmurou com os dentes cerrados.



A CERCA DE 30 minutos de seu destino, verificaram mais uma vez a posição. Tudo parecia perfeito. A velha sonda estava bem na frente deles. Em que condições estaria? Se não tivessem sorte, estaria enterrada sob a poeira. A sonda não era muito alta.

Mas todos os seus receios se revelaram infundados. Reconheceram a sonda muito antes de alcançá-la, pois seus painéis solares refletiam o sol no sudoeste.

Sarah estacionou o Rover a cerca de dez metros da sonda. “Algumas de suas partes podem ter se soltado, podem estar espalhadas por aqui,” explicou ela.

“Bem pensado,” disse Lance.

Eles desceram do Rover. A sonda parecia poder ser reativada a qualquer momento. Se ele se lembrava corretamente, a NASA havia rompido contato com ela depois de três anos, visto que todos os seus objetivos científicos tinham sido alcançados. Agora, 20 anos depois, ela quase não apresentava desgaste. Definitivamente, eles deveriam ser capazes de fazer um bom reaproveitamento dos painéis solares. Um deles ainda estava pendurado perpendicularmente acima da superfície, enquanto o segundo estava um pouco dobrado.

“O ambiente não tratou tudo com muito carinho,” disse Lance, apontando para o painel retorcido.

“Você já encontrou o HP3?”

Mike estava especialmente entusiasmado com este instrumento. Consistia em um martelo que poderia cravar uma sonda de medição no solo. Como não possuíam mais uma furadeira, esta seria uma alternativa que lhes permitiria verificar os estratos mais profundos. O HP3 só poderia conduzir algo até uma profundidade de cinco metros, mas eles poderiam alterar isso. Ou eles poderiam usá-lo como modelo para basear uma furadeira de maior impacto.

“Aí está,” disse Sarah, e agora ele também o reconhecia.

O instrumento parecia uma versão em miniatura de uma plataforma de perfuração. Um estojo estava anexo ao aparelho. Um cabo plano conduzia do HP3 até o interior da sonda. Localizaram o SEIS, o sismógrafo, alguns metros mais adiante, próximo ao outro painel solar. Lance tirou a capa. Este instrumento poderia detectar as menores vibrações imagináveis. Não se sabia com que finalidade poderiam usá-lo. Lance o pegou e o colocou com cuidado no banco do motorista do Rover.

“Seria melhor iniciarmos o processo de desmontagem, de acordo com o procedimento sugerido por Mike,” disse Sarah. “Vou desparafusar as peças separadas e você poderá acondicioná-las com segurança no Rover. A sonda pesa pelo menos 350 quilos.”

“Achei que fosse mais pesado.”

“Os tanques estão vazios, o que é uma pena, mas o motor químico ainda será benéfico para nós,” disse Sarah.

Começaram a trabalhar. Os primeiros itens da lista foram os painéis solares. Lance tirou a tenda do Rover e prendeu os volumosos painéis no lugar. Sarah já estava ocupada com o interior da sonda. Eles não deixariam nada para trás, mas as entranhas—todos os componentes eletrônicos—eram os elementos mais valiosos. Com sua antena de alto ganho, a sonda poderia até mesmo se conectar à *Deep Space Network* da NASA. O computador da sonda estava totalmente desatualizado em termos de tecnologia, mas ainda conseguia fazer seu trabalho.

Eles não teriam nenhum problema em substituir o computador do *Endeavour* e voar de volta à Terra. *O único problema é que ninguém está mais esperando por nós*, pensou Lance.



“FEITO!” Sarah entregou a Lance a perna de pouso da sonda, que ela havia cuidadosamente desmontado em três seções. Até mesmo as porcas e os parafusos poderiam ser bastante valiosos em algum momento. Não havia como saber quando eles seriam capazes de produzir ferro.

“Muito bom,” disse Lance. “Com vinte minutos de sobra até o pôr

do sol. Foi um prazer trabalhar com você.”

“Fico feliz em retribuir o elogio. Que tal a nossa caminhada agora?”

“Seria uma honra, Srta. Jaeggli, convidá-la para dar um passeio antes do sol se pôr.” Lance se curvou e estendeu a mão.”

“*Enchanté, Monsieur,*” Sarah replicou.

De mãos dadas, caminhavam lentamente para o oeste. O sol os favorecia tingindo o céu de violeta. À sua maneira única, a paisagem era espetacular, Lance teria de admitir; mas a mulher que agora lhe pegava a mão e caminhava agilmente pela areia plana com ele... era ainda mais.

“Sobre a nossa conversa de antes...,” ele disse.

“Sim?”

“Caso você tenha a impressão de que eu ficaria descontente se você estivesse grávida...”

“Sim?”

“Isso não seria verdade. Nunca estive nessa situação e este pode não ser o ambiente ideal para uma criança, mas isso não vai melhorar tão cedo. Acho que ficaria feliz se isso acontecesse... muito!”

Sarah parou de andar. Ela estava prestes a rir dele. *Tinha sido apenas uma brincadeira estúpida*, ela queria dizer. Nem mesmo posso engravidar. Foi divertido dormir com você, mas nessas circunstâncias eu escolheria fazer um aborto. *Sim, isso seria o que ela diria*, ele pensou.

Sarah pegou o capacete dele com as mãos, puxando-o para si, mandando-lhe um beijo. “Algum dia,” disse ela, “nós nos beijaremos ao anoitecer. De verdade. Não os nossos filhos... nós. Acredito nisso de todo o coração.”

“Isso seria maravilhoso,” disse Lance.

Não havia mais nada a dizer. Nenhuma outra palavra lhe veio à cabeça. Ficou mudo, mas isso não seria realmente um problema.



O SOL SE afundava atrás do horizonte. Eles resolveram voltar. Era hora de montar a tenda. Caminharam lentamente até o Rover. A sonda já não existia, mas Lance notou duas linhas cinzentas que pareciam estar mexendo no veículo. Eles não estavam sozinhos aqui.

Lance agarrou o braço de Sarah. “Espere aqui,” disse ele. “Vou descobrir quem eles são e o que querem.”

“Sem chance. Nós vamos juntos.” Sarah se soltou dele e foi direto rumo às duas figuras que estavam de costas para eles e que não pareciam tê-los notado ainda. Usavam trajes espaciais antiquados e pesados, como os do grupo MpT.

“Deve ser gente do MpT. Como será que nos encontraram?” Lance disse em voz baixa, embora não houvesse como os recém-chegados ouvi-los. Se os ‘amigos’ estivessem usando a mesma frequência, já teriam se dado conta da aproximação de Lance e Sarah.

“O Rover ali atrás parece familiar,” disse Sarah.

Um segundo Rover estava parado a cerca de dez metros do deles. Era o mesmo modelo de veículo. Uma produção da NASA. Os dois visitantes eram membros do grupo que havia roubado a nave e, no momento, obviamente tentavam fugir com as peças da sonda do Rover. *Isso faz sentido*, pensou Lance, mas ele não tinha intenção de facilitar a vida deles.

Ele ligou o alto-falante externo, aumentando o volume. Se não fizesse isso, qualquer coisa que dissesse viajaria pelo ar rarefeito de Marte e chegaria aos dois ladrões como um sussurro. “Ei! Tirem as mãos do nosso Rover!” Ele gritou.

A figura da esquerda girou imediatamente, mas o outro parecia não ouvir nada, pois continuava tentando desamarrar a corda em suas mãos. A figura da esquerda bateu no ombro do parceiro.

Lance caminhou em direção aos dois. Ele não sabia dizer, pelos trajes volumosos, se eram homens ou mulheres, mas isso realmente não importava. Eles não tinham direito algum de tirar coisas de seu Rover. Sarah tentou segurá-lo, mas ele não conseguiu ficar ali parado! Se eles se recusassem a sair voluntariamente, ele teria que forçá-los. Em seus trajes espaciais antiquados, eles não tinham chance contra ele. Se você estivesse aprisionado em um desses, demoraria três vezes mais para revidar.

A cerca de três metros de distância, ele conseguiu distinguir os nomes bordados em seus trajes. Eram dois homens, Shashwat à esquerda e Guillermo à direita.

“Guillermo,” Lance gritou furiosamente pelo alto-falante, “tire as mãos do nosso veículo!”

Guillermo de repente enfiou a mão no bolso do traje e tirou um objeto preto. Com suas luvas enormes, era difícil dizer o que era.

“Ele tem uma pistola!” Sarah bradou, ao mesmo tempo em que Lance reconheceu a arma. Ele parou quando o homem apontou a arma em sua direção.

“Merda, eles estão armados,” disse ele pelo rádio do capacete.

“Não os provoque, Lance. Por favor, não vale a pena,” disse Sarah. Ele se virou para ela. Ela levantou os braços e caminhou lentamente em direção a eles. “Diga a eles que você quer falar com eles no Canal 22,” ela disse baixinho pelo rádio.

“Por quê? Estamos usando o Canal 15.”

“Não pergunte.”

Lance ativou seu microfone externo. “Canal 22. Podemos

conversar?” Ele perguntou em voz alta.

Os dois homens pareciam entendê-lo. Eles apertaram um botão em seus capacetes.

Lance ouviu uma voz. “Isso é uma surpresa.” Ele não reconheceu o sotaque, então provavelmente era Shashwat.

“Sim. Que falta de sorte,” disse o segundo homem com sotaque espanhol. Definitivamente Guilherme. Era ele quem apontava a pistola.

“Você não poderia abaixar essa coisa, amigo?” Lance tentou.

“Para que você pudesse me colocar fora de ação? Você deve pensar que somos realmente burros. Arrogância típica da NASA. Não, a arma fica onde está.”

“E o que vocês querem?” Sarah perguntou.

“O mesmo que vocês. A sonda,” respondeu Shashwat.

“E já que estamos nisso, qualquer outra coisa que vocês possam dispensar,” disse Guillermo. “O terceiro segmento do seu Rover caberia perfeitamente no nosso. Todos fabricados pela NASA. Quão prático. Hahaha! Também tenho certeza de que vocês têm mais suprimentos embarcados do que precisarão para a sua viagem de volta. Não é rotina da NASA embarcar o dobro do que você precisa, para o caso de emergência?”

Shashwat gesticulava para seu colega. Eles provavelmente não tinham discutido isso. Afanar a sonda era uma coisa, mas roubar a concorrência... Shashwat parecia ter problemas com isso. Ou Lance poderia estar apenas imaginando coisas, e Shashwat realmente queria que eles entregassem o Rover inteiro. Isso seria uma sentença de morte para Lance e Sarah.

“Vamos com calma. Você realmente não está pensando que pode causar algum dano com a sua pistola insignificante, Guillermo. De onde viria o oxigênio necessário para acender a pólvora em seu projétil? Lance falou com calma deliberada, esperando que os caras do MpT não soubessem que ele estava blefando. Ele não levantou os braços como Sarah, mas também não se aproximou de Guillermo.

“O que ele pensa que está fazendo?” Guillermo perguntou ao seu parceiro.

“Não seja tão presumido,” disse Shashwat a Lance, enquanto tirava sua pistola do bolso. “Essa coisinha linda atira muito bem. A carga propulsora contém seu próprio oxigênio. A gravidade mais baixa e a atmosfera tênue dão ao projétil ainda mais força.”

O blefe não tinha dado certo, infelizmente, mas eles não podiam simplesmente deixar os caras do MpT se darem bem em cima deles! Primeiro o *Endeavour*, depois a sonda e seus suprimentos. Será que iriam aparecer à sua porta e exigir que entregassem sua base?

“Uau, vamos todos respirar fundo. Ninguém precisa se machucar

aqui,” interveio Sarah. “Vocês têm armas e nós não. Que escolha temos? Nós lhe daremos o que quiserem e não precisamos discutir sobre isso.”

O que foi isso? Sarah já havia desistido? Ela estava certa, não fazia sentido discutir com dois caras com revólveres. Por que será que a NASA havia parado de armar seus astronautas? Lance estava furioso, mas talvez ainda houvesse uma chance de virar o jogo contra eles. Guillermo podia não estar com vontade de atirar em alguém, mas, pelo pouco que Lance sabia, o italiano poderia ser um ex-assassino da máfia. Não era verdade que o processo de candidatura ao MpT tinha sido aberto a todos?

“Sua colega parece muito sensata,” disse Shashwat.

“Nós realmente só queremos o melhor para vocês,” disse seu parceiro com uma risada.

Os caras realmente não estavam facilitando para que Lance aceitasse a humilhação. Com o canto do olho, ele observava Sarah caminhar lentamente até o Rover.

Shashwat também devia ter notado os movimentos dela. “O que você está fazendo?”

“Estou desenganchando a parte traseira para vocês,” respondeu Sarah. “Acho que vocês não querem prolongar isso por mais tempo que o necessário.”

“Verdade pura!”

Sarah desatou o acoplamento de um lado e depois contornou o Rover para cuidar do outro lado. Será que ela estava tramando alguma coisa? A visão de Shashwat foi bloqueada pela carga na seção intermediária, e Guillermo não estava olhando a direção dela, pois ainda apontava a arma para Lance.

Estava ficando mais escuro a cada minuto. De repente, uma sombra saiu voando por trás dos caras do MpT. Lance só havia visto algo tão louco feito por dublês em filmes ninja, mas desta vez era real. Sarah havia usado a baixa gravidade de Marte e acertado Guillermo na parte inferior das costas. O homem colapsou no chão. Ele ainda tentou se virar e apontar a arma para Sarah, mas ela a arrancou de sua mão tão rápido quanto uma gata e puxou o corpo dele para se proteger do outro homem do MpT.

“Sinto muito, Shashwat,” Guillermo disse, com um gemido. Sarah o segurava com força por trás.

“Acho que temos um impasse,” disse Shashwat, enquanto apontava sua pistola para Lance.

Ao som de um disparo, Lance se jogou instintivamente no chão.

“Um impasse?! Eu não teria tanta certeza disso,” retrucou Sarah, enquanto Lance se levantava.

“SOCORRO! SOCORRO!” Shashwat gritou. “Meu traje tem um buraco. Vou me sufocar!”

Lance percebeu o que Sarah havia feito. O traje espacial do homem agora tinha um buraco na parte superior da manga, onde o tiro de Sarah havia penetrado. Shashwat largou a arma e agora tentava manter o buraco fechado com a outra mão. Guillermo, quem ainda estava caído no chão, não reagiu.

“Eu realmente tenho que fazer tudo sozinha?” Sarah perguntou.

Ela se aproximou de Shashwat e chutou a pistola que estava aos pés dele para Lance, quem a recolheu. Ela abriu a bolsa de ferramentas e tirou o spray de emergência.

“Vocês não têm algo assim? Acho que é um daqueles malditos luxos da NASA,” disse Sarah, “mas às vezes é útil. Será que eu deveria?”

“Sim!” O homem gritou. “Rápido!”

“Diga ‘por favor.’”

“Por favor.”

“E você nunca mais roubará nada.”

“Eu não vou.”

“O que você não vai mais fazer?”

“Roubar qualquer coisa.”

“Essas partes não cabem em uma frase completa?”

“Por favor, nunca mais vou roubar nada.”

“Bom,” disse Sarah, enquanto pressionava o bico de pulverização. Uma espuma branca de reparo jorrou do bocal. “Vire-se, por favor.”

O homem se virou. Sarah ergueu um pouco o braço dele... o grito de dor foi convincente.

“Eu tenho que fazer isso. O buraco está localizado em uma prega,” disse ela. “O spray só consegue selá-lo se o tecido for esticado em linha reta. Mas eu estaria mentindo se dissesse que sinto muito por isso.”

“Obrigado,” disse o homem do MpT.

“E agora...” disse Sarah, enquanto caminhava até Guillermo. “O que deveríamos fazer com você?”

“Por favor, não faça nada comigo. Não foi ideia minha. O roubo, quero dizer.”

“Sim, foi,” seu colega o dedurou.

“Nesse caso, terei que estourar os seus miolos,” disse Sarah, embora não tivesse erguido a arma.

“Por favor, não faça isso,” disse Guillermo. “Eu farei qualquer coisa que você me pedir.”

“Boa ideia, embora não fosse isso que eu estava pensando. Tudo o

que eu quero é me vingar pelo medo que deve estar correndo nas veias do meu colega Lance. Sugiro que vocês dois voltem para o seu assentamento e convençam a sua chefe de que seria uma boa ideia devolver a nave ao pessoal da NASA.”

Lance ficou impressionado com o desempenho de Sarah. Ele nunca a tinha visto assim. Tudo o que faltava era um chicote pendurado em sua mão.

“Isso... não será tão fácil,” declarou Shashwat.

“Pelo menos tentem. Tenho certeza de que vocês não seriam os únicos que gostariam de fazer isso. Se eu for visitar a nossa nave e ouvir que vocês nem tentaram, eu me lembrarei de que vocês me devem uma. Entendido?”

“Sim,” respondeu Guillermo.

“Ah, a propósito, vou precisar de uma pequena garantia de vocês dois.”

Lance não ficaria surpreso se ela exigisse que entregassem os dedinhos ou as almas dos filhos primogênitos.

“Sim?” Shashwat perguntou.

“Nosso rádio se arrebentou com a poeira, em nossa viagem até aqui. Não conseguimos nos comunicar com a nossa base durante a última parte de nossa jornada e, agora, vocês não poderão fazê-lo durante a sua viagem de volta. Isso parece justo, certo? Coincidentemente, o seu deveria caber perfeitamente no nosso Rover. Afinal, é tudo tecnologia da NASA.”

“Claro!” Exclamou Guilherme. “Podemos administrar sem ele.”



ELES DIRIGIRAM NA escuridão por meia hora antes de montarem acampamento. Apesar do resultado da altercação, não parecia uma boa ideia passar a noite perto do pessoal do MpT. Afinal, eles não sabiam se os dois homens tinham outras armas escondidas no veículo.

“Rover para a base, por favor, entre.” Sarah estava falando ao microfone. Eles poderiam finalmente aliviar as ansiedades de seus amigos.

“Base para Rover. Aqui, Sharon. É ótimo ouvir sobre vocês! O que aconteceu? Vocês estão bem?”

“Está tudo bem. Tivemos alguns dias interessantes, mas contaremos quando voltarmos.”

“Entendido. Mike estava convencido de que o MpT tinha algo a ver com o seu desaparecimento.”

“Não foi bem isso que aconteceu. Uma pedra destruiu o nosso rádio.”

“Mas você conseguiu consertá-lo?”

“Mais ou menos isso.”

“Tudo bem. Estou feliz que vocês estejam sãos e salvos. Estávamos realmente preocupados.”

“Sinto muito por isso.”

“Não foi culpa sua, mas é bom voltar a entrar em contato. Também temos algumas notícias interessantes para vocês.”



Sol 61, base do MpT

“FAZ DOIS DIAS que não temos notícias de Shashwat e Guillermo. Temos que fazer alguma coisa,” disse Rebecca.

O grupo havia se reunido pela primeira vez em seu novo centro de comando. Até Gabriella estava ali, tendo decidido deixar Andy sozinho em seu leito de doente por um curto período. Eles eram apenas doze. *Se isso continuar*, pensou Theo, *o nosso projeto Marte para Todos estará literalmente morto até o final do ano.*

Eles tinham que fazer alguma coisa. Hoje. Ele havia contado a Rebecca sobre suas suspeitas e tinha pedido a ela que prolongasse a discussão sobre o desaparecimento do Rover aberto tanto quanto possível. Ele estava planejando fazer algo que não queria que ninguém testemunhasse. Theo olhou ao redor do grupo. Ewa estava sentada em um banquinho com os braços cruzados, enquanto, ao seu lado, Ellen estava sentada de pernas cruzadas no chão. Ela havia se tornado a ajudante de campo pessoal de Ewa.

Theo arrotou alto e profundamente, algo que ele praticava havia muito tempo. Ele então agarrou seu estômago e, sem outra palavra, saiu correndo do centro.

“Você precisa de ajuda?” Gabriella o chamou.

“Esta manhã, ele...”

Ele não conseguiu pegar as últimas palavras de Rebecca. A passagem subterrânea que ligava o centro de comando na base finalizada ao *Endeavour* tinha uma curva. Theo correu o mais rápido que pôde. Ele teria a nave só para ele pelos próximos minutos. Rebecca lhe enviaria um sinal quando a reunião terminasse.

Entrou na nave e depois no centro de comando do *Endeavour*. Sem fôlego, sentou-se no assento do piloto e puxou o teclado à sua frente. Clicou no nome de usuário de Andy e esperou pela solicitação de senha. A última vez que esteve aqui, havia tentado mais três das vinte combinações possíveis de oito caracteres adjacentes. O computador ainda permitiria apenas três tentativas antes de bloqueá-lo temporariamente. Theo estava pisando em ovos. Ele já estava na 17ª variação! Mas e se Andy tivesse usado uma combinação que envolvesse uma mudança de linha, como 890-QWER? Não, ele era muito preguiçoso para fazer isso. Com sorte!

Theo alcançou a décima nona combinação, ZXCVBNM<, e

finalmente deu certo! Ele agora teria acesso aos projetos e arquivos de Andy. O que ele estava tentando fazer? Acima de tudo, o que havia de tão sensível a ponto de que ele tivesse decidido não salvar entre os arquivos acessíveis ao público?

Theo examinou as listas. Havia um diretório com fotos pessoais. Ele deu uma olhada rápida nelas. Andy poderia ter escondido outros arquivos ali, mas na verdade eram apenas fotos. Passou por uma mulher mais velha e de cabelos grisalhos. Será que era a mãe de Andy? Logo abaixo da pasta de fotos havia uma de músicas, Theo também as verificou. *Eagles*?! Soltou uma risada. Ele não teria imaginado que o talentoso programador fosse um dos fãs da banda. Ele mesmo, pelo menos, tinha parado de ouvir essas músicas antigas ao completar vinte e cinco de idade. Não era surpresa que Andy tivesse uma extensa pasta de vídeos. O que também não surpreendeu Theo foi o fato de Andy ser fã dos antigos filmes de *Star Trek*. Considerou brevemente copiar os vídeos, mas não era por isso que ele estava aqui.

A quarta pasta principal era simplesmente intitulada ‘Projetos.’ Continha uma grande variedade de tipos de documentos—textos fonte de software, esboços, tabelas, textos e alguns tipos de dados que Theo não reconhecia. Por onde ele deveria começar? Devia haver cerca de 900 arquivos aqui. Levaria muito tempo para analisá-los, então ele conectou um chip de memória que havia trazido e copiou os documentos. Ele iria passar por eles esta noite em seu próprio ritmo.

Seu comunicador vibrou. Era o sinal de Rebecca. Ele não tinha mais de 20 segundos restantes. O chip de memória estava cheio e Theo saiu da conta de Andy. E as pistas que ele estava deixando para trás? O log do sistema indicaria que alguém tinha acessado os arquivos do inconsciente Andy neste computador hoje. Se Ewa percebesse isso, ela se lembraria imediatamente da ausência dele na reunião... mas ele estava sem tempo.

Theo colocou o teclado de volta no lugar, deu um pulo e desceu a escada. Ainda cheirava aos animais que haviam vivido por algum tempo. O banheiro era à parede do nível inferior. Ele rapidamente se trancou na pequena cabine e, quando ouviu o som de passos do lado de fora, tratou de se engasgar algumas vezes. Decidiu não se enxaguar. Suas ações precipitadas o tinham deixado suado, mas isso apenas comprovaria sua história de indigestão.

Lentamente voltou pelo corredor até a base. Ellen passou por ele e lhe desejou uma rápida recuperação. Ele então encontrou Rebecca, quem expressou ruidosamente sua preocupação, antes de arrastá-lo para a nova cabine dele.

“Consegui?” Ela perguntou, depois de fechar a porta.

“Espero ter obtido todos os dados pertinentes,” respondeu ele.

Eles tinham que ter cuidado. Pelo que Theo sabia, Ewa poderia ter instalado dispositivos de escuta nas paredes durante a fase de construção.

“Espero que você se sinta melhor logo,” disse Rebecca. “Será que, esta noite, eu deveria checar como você está?”

Theo enfiou a mão no bolso da calça. Estava vazio e ele sentiu o quarto esquentar. Na pressa, ele havia se esquecido de extrair o chip de memória. “Merda,” ele soltou.

“Ah, isso também?” Rebecca perguntou no reflexo.

Ele desenhrou o contorno do chip no ar, mas ela não entendeu o que ele quis dizer. Ele procurou freneticamente por seu tablet. Então digitou, ‘Chip de memória ainda no computador,’ mostrou para Rebecca e apagou o texto.

Rebecca ficou pálida e se sentou na cama dele.

“Você pegou o...?” Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça em afirmação e se levantou rapidamente. “Não! Vou pegar agora com a médica,” replicou astutamente.

Theo estava prestes a protestar. Ela não deveria se colocar em perigo por causa dele! Mas Rebecca já havia saído do cômodo.

Agora ele tinha feito uma caca. Começou a caminhar para cima e para baixo ali dentro. Três passos para a esquerda, três para a direita. Esse era todo o espaço que ele tinha. Sentou-se na cama. Seus joelhos começaram a tremer por conta própria. Tirou as botas e se esticou no colchão. Era uma tortura ter que ficar parado aqui e não fazer nada. Se ao menos ele pudesse ver o que estava acontecendo! Ele massageou os pulsos, deu um salto e ficou de pé... apenas para se sentar novamente.



UMA ETERNIDADE DEPOIS, alguém bateu à sua porta. “Por favor, entre,” ele disse.

Era Rebecca. Ela fechou a porta atrás de si e estendeu o punho para ele. “Seus comprimidos,” ela disse, enquanto abria triunfantemente os dedos.

Theo viu os dois tabletes brancos—e seu chip de memória. “Obrigado,” disse ele. “Muito obrigado. Eu deveria abraçá-la por isso.”

“Vou pensar no seu caso,” retrucou Rebecca.

Por mais uma eternidade, ninguém disse nada, mas então eles se sentaram um ao lado do outro na cama.

“Encontrei Ewa com a médica quando fui pedir os comprimidos. A conversa delas foi bem interessante. Gabriella estava explicando que havia feito um eletroencefalograma em Andy alguns dias antes e que havia detectado alguma atividade notável em seu lobo frontal.”

“Isso é uma boa notícia?”

“Gabriella pensa assim, pelo menos. Às vezes os pacientes acordam após tais indicações. Ewa estava cética, achando que poderia ser apenas um último alento.”

“Isso é realmente interessante,” replicou Theo. “Acho que vou tomar os comprimidos agora e dormir um pouco. Tenho certeza de que me sentirei melhor esta tarde. Quer dar uma volta lá fora, na hora do pôr do sol?”

“Claro, Theo,” disse Rebecca, sorrindo.



THEO ATIVOU SEU *tablet* e o deixou *offline* antes de conectar o chip de memória. Quase 1.000 documentos produzidos para uma tonelada de coisas. De todas as formas, ele não seria capaz de entender os textos originais do software. Provavelmente tinham algo a ver com os projetos de programação de passatempo de Andy.

Dois dos nomes de arquivo pareciam interessantes, ‘MainEngine.diff’ e ‘Module.diff. Isso devia estar relacionado com Santa Maria, a espaçonave deles. Abriu primeiro o arquivo Module.diff, o menor deles. Estava vazio. Andy o havia salvado assim, o que era estranho.

Por outro lado, MainEngine.diff continha pelo menos 300 linhas. Em sua maioria, continham termos que Theo não entendia, mas Andy havia acrescentado notas a algumas delas, como ‘Loop desnecessário’ e ‘Declaração de interrupção ausente.’ O software que acionava o motor principal havia cometido vários erros que acabaram levando à primeira catástrofe de Santa Maria. E foi isso que Andy havia especulado no dia seguinte, quando a falha no processo de desacoplamento fez com que o módulo de pouso quase o esmagasse. Esse foi o dia em que quase perderam a última oportunidade de entrarem na órbita de Marte.

Theo tentou se lembrar. Ele teria empurrado o pé de cabra com toda sua força para separar o módulo da nave. Ele se lembrava disso, mas tudo que havia acontecido depois estava agora embaçado em sua memória.

Um erro de software—não foi isso que haviam descoberto no traje de Andy? Três erros de programa em um período relativamente curto que resultaram em graus variados de desastres. Eles tinham perdido cinco pessoas na primeira vez e ele mesmo quase tinha sido morto na segunda vez. E então foi a vez de Andy, logo depois que ele havia conseguido rastrear os erros, como estes documentos estavam mostrando. Poderia tudo ser apenas uma coincidência?

E como Andy havia usado suas informações? Ele obviamente não

havia discutido isso abertamente. Mas será que ele havia confiado em alguém ou até mesmo chantageado alguém? Só uma coisa era certa—o próprio Andy não havia causado o erro. Caso contrário, não haveria qualquer razão para rastrear e documentar tudo isso.

Quem mais seria um possível suspeito? Theo percorreu os arquivos. Tinha que haver outras pistas! Em um documento de texto, Andy havia descrito como teria se desenrolado a primeira catástrofe, segundo a segundo. Ewa também quase tinha morrido, mas tinha deixado o módulo pouco antes do acidente e tinha fechado a escotilha conforme prescrito pelos regulamentos. Isso tinha salvado todos os demais, visto que uma escotilha aberta significaria o ar sendo subitamente liberado de toda a nave. E, ainda assim, Theo se lembrava claramente de que, na maior parte do tempo, a escotilha ficava aberta. A tripulação se movia com tanta frequência entre o espaço principal e o módulo de comando que a preguiça de abrir e fechar continuamente a escotilha acabava falando mais alto.

Ninguém poderia culpar Ewa por dar o exemplo aos demais. A menos que ela soubesse o que iria acontecer!



THEO PRECISAVA DISCUTIR tudo isso com Rebecca, mas não aqui. Ele checou o relógio. Já era hora da caminhada combinada. Saiu de sua cabine e foi para a pequena sala de treinamento. Vinte minutos de pré-respiração seriam suficientes. A essa altura, eles tinham ficado um pouco preguiçosos, mas isso não mudaria até que alguém fosse premiado com a doença de descompressão. Rebecca não estava à vista. Ele pensou que podia sentir o cheiro dela, mas devia ser apenas sua imaginação. Theo pedalou o tempo previsto e depois vestiu seu traje espacial. Se ao menos eles tivessem alguns dos trajes modernos da NASA! Mas ainda era melhor usar esses antigos do que não poder sair de casa.

Os planejadores da base mereciam elogios pela câmara de descompressão. Ao contrário da base da NASA, esta era dimensionada para acomodar dois indivíduos em trajes volumosos. Como ele era o único aqui, parecia que estava andando por um palácio.

E então ele se encontrava lá fora. O céu estava quase claro, marrom-acinzentado como sempre, porém, mais claro que o normal. O sol ainda estava alto o suficiente para que você não pudesse olhar diretamente para o disco. Theo desceu do telhado da base. Avistou uma figura a cerca de 50 metros de distância. Tinha que ser Rebecca. Caminhou lentamente em direção a ela, quem levantou um pedaço de papel que estava segurando.

27, ele leu.

Muito astuta. Essa não era a frequência base geral. A probabilidade de alguém estar ouvindo essa banda seria bastante baixa. Ele mudou o rádio do capacete para o Canal 27.

“Que bom ver você,” disse Rebecca.

“Tempos emocionantes,” ele replicou.

“Em todos os sentidos,” disse ela.

O que será que ela queria dizer? Ele decidiu ignorar a dica. “Fiquei sabendo de algumas coisas,” declarou ele, mudando de assunto, “e preciso do seu conselho.”

“Com prazer.”

Ele apontou para algum ponto na frente deles e começaram a passear pela paisagem desolada. Rebecca entrelaçou o braço ao dele.

“Andy obviamente descobriu o que causou os dois primeiros chamados acidentes e então foi o alvo do terceiro,” disse ele, depois de alguns minutos.

“Isso é definitivamente estranho, Theo. Poderia ser apenas pura sorte da parte dele. Mas, e se não for assim?”

“Você sabe com quem ele poderia ter compartilhado suas informações? Em quem ele confiava mais?”

Rebecca parou e olhou para o chão, como se pudesse encontrar pistas adicionais ali. Ela começou a raspar a poeira com a bota. “Estou tentando pensar no passado,” ela explicou calmamente.

Theo esperou. Tentou recordar também a situação em *Santa Maria*. Andy sempre havia se mostrado um sujeito reservado, e era por isso que Theo o havia considerado uma espécie de alma gêmea.

“Só me lembro de duas ou três situações em que o vi conversando em particular com Ewa,” disse Rebecca finalmente. “Os dois pareciam estar na mesma sintonia.”

“Eu não presenciei nenhuma delas,” admitiu Theo.

“Não estou surpresa.”

Theo assentiu. *Teria Andy confiado suas suspeitas a Ewa e inadvertidamente caído nas garras da sabotadora?* “Seria horrível,” disse ele, “se a nossa comandante, entre todas as pessoas, fosse quem tivesse sabotado a nossa missão.”

“Eu nunca teria imaginado que Ewa seria capaz disso,” replicou Rebecca. “Mas...”

“Mas?”

“Se for esse o caso, então realmente precisamos tomar cuidado com Andy. Gabriella disse a ela que ele poderia acordar em breve. Se isso acontecer, Ewa terá um problema real nas mãos. Ela precisará tentar evitar que isso aconteça.”

“Você acha...”

“... ela tentará tudo ao seu alcance para evitar que Andy acorde novamente,” Rebecca disse, antes que Theo pudesse perguntar

exatamente isso.



“AINDA BEM QUE já estabelecemos as bases para a sua doença,” declarou Rebecca.

Ela beijou Theo na bochecha e apertou o botão de chamada de emergência. A médica respondeu imediatamente.

“Ele está se sentindo pior do que esta manhã,” disse Rebecca.

“Ele comeu alguma coisa?” Questionou Gabriella.

“Nada desde esta manhã. Saímos um pouco *ao ar livre*. poderia ser um caso de doença de descompressão?”

“Preciso dele na enfermaria imediatamente. Você pode trazê-lo aqui?”

“Sim, claro que posso!”

Rebecca saiu da cabine, deixando a porta aberta. “Ajude-me, por favor!”

Theo a ouviu conversando com alguém antes de retornar com Ketut a reboque. Os dois o levantaram, Rebecca o agarrava por baixo dos braços e Ketut o segurava pelos pés. Eles então o transportaram através da base e pela passagem subterrânea até a nave, e de lá para o Rover fechado que funcionava como enfermaria.

Theo ficou satisfeito quando chegaram, uma vez que suas costas estavam doendo de verdade por causa do transporte. Ele manteve os olhos fechados e hiperventilados para parecer mais convincente. Estava por fim deitado em uma cama macia.

“Você ainda precisa de mim?” Ketut perguntou.

“Não, obrigada,” respondeu a médica.

Gabriella começou seu exame. Seus instrumentos frios fizeram cócegas em Theo, mas ele se conteve para não rir.

“Não encontrei nada grave,” disse Gabriella depois de um tempo. “A pressão arterial dele está alta, mas todo o resto parece normal. Poderiam ser cálculos biliares, mas nada aparece no ultrassom. As pedras ainda podem ser muito pequenas. Você ainda está sentindo dor, Theo?”

Ela tocou a parte inferior do abdômen dele e Theo fez uma careta.

“Ok. Vou lhe aplicar uma injeção de analgésico. Ainda temos o suficiente disso em mãos. Eu só gostaria de saber como estarão as coisas daqui a três anos.”

Theo não disse nada. Ele cerrou a mandíbula quando a agulha perfurou seu braço.

“Preciso que você passe a noite aqui,” declarou Gabriella. “Tudo poderá ser diferente amanhã de manhã. Vou verificá-lo de vez em quando, mas se acontecer alguma coisa, aperte a campainha de

emergência.”

Theo agiu como se estivesse tentando assentir.

“Apenas descanse. Rebecca e eu vamos sair da enfermaria agora, certo, Rebecca? O remédio deve agir rapidamente e vai lhe deixar um pouco sonolento.”

Merda. Ele não poderia dormir. Isso poderia custar a vida de ambos.



ELE ACORDOU, Ewa estava pressionando um travesseiro contra o rosto dele. Theo não conseguia vê-la, mas tinha certeza absoluta de que era ela. Ele virava a cabeça para frente e para trás, tentando escapar do travesseiro, mas era grande demais. Ewa o sufocava com uma força tremenda. Ela devia estar sentada nos braços de Theo, pois ele não conseguia movê-los. Agora ele sentia que teria apenas alguns segundos antes que ela conseguisse o que queria.

Theo balançava a cabeça para frente e para trás como um louco e, de repente, acordou de verdade. Estava encharcado de suor e respirava rapidamente. Tentou se levantar, mas se sentiu instantaneamente tonto. *Calma, Theo*. Ele se ajoelhou no chão e sentiu um tapete macio embaixo de si; Gabriella devia tê-lo estendido ali. Será que isso era um efeito colateral do analgésico? O que ela havia injetado nele? Theo inspirou fundo e expirou. A sensação de facada em seu peito foi desaparecendo lentamente.

Ele se firmou no catre de Andy e se levantou até ficar completamente de pé. Theo olhou ao redor. Vários dispositivos médicos espalhavam uma luz fraca com suas pequenas lâmpadas coloridas. Ele verificou os sinais vitais de Andy, quem respirava de maneira uniforme como sempre. *Deve ter sido um verdadeiro pesadelo*, pensou. Theo nunca havia experimentado algo tão extremo e real.

Ele se afundou de volta no tapete. Tudo parecia estar bem. Não voltaria a dormir, mas vigiaria Andy como haviam planejado fazer. Assim que se sentou, começou a ter dificuldades para respirar. Ele saltou de volta para a posição de pé e sua respiração se acalmou. Afinal, algo estava errado. Ele não tinha apenas imaginado coisas!

Havia algo mais perto do piso, um gás mais pesado que o resto do ar. Se fosse monóxido de carbono, ele e Andy já estariam mortos. Devia ser dióxido de carbono. O que seria mais facilmente acessível em Marte que o próprio gás que era o elemento primário de sua atmosfera? O dióxido de carbono era mais pesado que o ar que podiam respirar. Se seu pesadelo não o tivesse acordado...

Theo verificou Andy, agora freneticamente. O gás provavelmente já estava penetrando lentamente na cabine do Rover havia algum

tempo. Sua superfície se elevaria gradualmente, como ocorre durante uma enchente. A única diferença era que esse perigo permanecia invisível. Se o gás subisse acima do catre, Andy também não conseguiria mais respirar.

A cabine não era grande. Theo verificou a saída. Estava trancada. O que mesmo Gabriella tinha dito sobre a campainha de emergência? O botão estava localizado aos pés do catre de Andy. Theo o pressionou, mas nada aconteceu. Quem tinha planejado este ataque obviamente teria cortado todos os meios de contato com o resto da base. Não seria difícil desconectar o Rover, pois bastaria remover um cabo.

Mas se a cabine estava completamente isolada, como o dióxido de carbono estava entrando? Theo acendeu a luz. Ainda funcionava. O Rover tinha seu próprio sistema de suporte à vida, o qual deveria filtrar o CO_2 . Por que será que o sistema não estava fazendo seu trabalho? E onde estava localizado? Theo não conhecia esse modelo da NASA.

Examinou a área próxima ao teto. Se conseguisse encontrar as aberturas de ventilação e seguir os canais que as conectavam, seria capaz de descobrir onde estava situado o sistema de suporte à vida. Ele finalmente localizou um ventilador. Havia uma tesoura em uma prateleira ao lado dele. Ele enfiou as lâminas na costura do revestimento da parede e soltou um dos painéis. Havia um tubo. Ele seguiu seu curso, arrancando cada vez mais painéis da parede à medida que avançava.

A tripulação da NASA ficaria furiosa se conseguisse recuperar o Rover, mas ele encontrou o que procurava. O dispositivo de filtragem parecia o radiador de uma geladeira, uma enorme geladeira. E esse dispositivo teria que conter um componente que extraísse o CO_2 do ar e outro componente que injetasse oxigênio no ar. 'Atenção! Material corrosivo!' estava impresso em um recipiente retangular. Talvez fosse aí que estivesse localizada a cal sodada que absorvia o CO_2 .

Theo arrancou a tampa. Mas alguém tinha sido meticuloso! A massa granulada não era mais branca, e sim roxa. Isso significava que estava completamente esgotado! Theo podia ver pequenas manchas de água dentro do recipiente. O agressor simplesmente o havia enchido de água. Qualquer contato com umidade inutilizaria o material.

Theo ouviu um som ofegante atrás dele. Olhou para Andy, quem claramente respirava mais rápido que antes. O dióxido de carbono devia ter chegado até ele, mas isso não poderia ser resultado apenas da respiração deles. Tinha que haver uma fonte de CO_2 dentro do Rover. Theo pegou a tesoura de volta e continuou desmontando os painéis da parede. E ali estava—um cilindro de metal. Estava conectado por uma mangueira à saída do sistema de suporte à vida. O

gargalo do cilindro apontava para baixo e era cinza. Theo não precisava ler o rótulo. Cinza indicava que o cilindro continha dióxido de carbono. Os cilindros contendo oxigênio tinham gargalos brancos. Ele estendeu a mão até a válvula. Estava aberta e Theo rapidamente a fechou.

Não seria tão fácil tirar o gás da cabine. Mesmo que nenhum gás novo estivesse sendo bombeado para o espaço, Theo ainda precisava levar Andy para um lugar seguro. Agarrou os ombros do colega, mas não conseguiu levantá-lo, apesar da baixa atração gravitacional. Por fim, conseguiu ao menos elevar a cabeça de Andy! Theo empurrou o catre em direção à porta externa. Andy estava respirando pesadamente, seus olhos pareciam estar saltando do crânio. Certamente estava tendo um pesadelo semelhante ao que Theo havia experimentado. Teria que ser resgatado deste pesadelo.

Theo ergueu a cabeceira do catre de modo que ficasse inclinado para cima. A porta externa tinha uma saliência estreita que corria ao longo de sua borda inferior. Ele só precisava enfiar as rodas do catre embaixo dela, e então o Rover o ajudaria a manter a cama inclinada. A cabeça de Andy estava agora quase à altura da cabeça do amigo salvador. Theo deslizou um pouco para baixo o colchão até que os pés de Andy tocaram a porta. Agora, bastava mais um empurrão para a frente e o catre ficaria preso. Theo só precisava manter sua própria pressão contra o catre para evitar que escorregasse de volta para o chão.

Ele verificou Andy, sua respiração havia voltado ao normal. Será que ele havia acabado de revirar os olhos? Theo pensou que devia estar vendo coisas. Estava exausto, mas gradualmente se sentia relaxar. O perigo agudo tinha acabado por agora. Alguém eventualmente apareceria para verificar a situação dos dois. Ele daria conta de esperar até então.

Só esperava que a pessoa que viesse não fosse Ewa.



Sol 62, base do MpT

THEO HAVIA ACABADO de verificar a hora. Passava pouco das três da manhã quando a porta externa se abriu. Ele não reagiu rápido o suficiente, assim sendo, o catre, com Andy ainda a bordo, caiu no chão. Felizmente, Andy apenas se balançou sobre o colchão e não foi arremessado para fora. O pesado dióxido de carbono saiu em disparada do Rover. Como se fosse água, o gás fluiu para baixo e se dissipou por todo o *Endeavour* e pela base, onde o sistema de suporte à vida o neutralizaria rapidamente.

“Quem está aí?” Ele perguntou.

“Sou eu. Tive um mau pressentimento e queria ver como você estava.”

“Que bom que você fez isso, Rebecca. Nunca estive tão feliz em vê-la.”

“Está tudo bem aí? O que está acontecendo?”

“Tudo está ótimo, *Madame Doutora*. Apenas uma pequena tentativa de assassinato.”

Alguém empurrou o catre para dentro e entrou na enfermaria. Era Gabriella, com Rebecca em seus calcanhares.

“Isso aqui está parecendo uma zona de guerra!” A médica exclamou.

“Sim, eu contra o gás.”

“Que gás?”

“Dióxido de carbono.” Ele apontou para a massa esgotada no absorvedor e no cilindro de dióxido de carbono.

“Que bizarro,” disse Gabriella.

“Para mim, parece um ataque,” disse Theo.

“Onde houve um ataque?”

Ele ficou gelado ao som da voz de Ewa. A mulher realmente era descarada. Ou inocente. Ela agora passava por Rebecca e pela médica.

“Ah, o absorvedor. Acho que Guillermo o consertou antes de partir.” Ela passou os dedos pela parede. “Estão vendo isso? Uma linha de água passa por aqui. Ele deve tê-la danificado durante os reparos.”

Que conveniente que Guillermo e Shashwat estivessem incomunicáveis nesse momento. O homem não conseguiria se defender.

“Provavelmente não tínhamos notado nada por causa da constante

troca de ar entre o Rover e a estação. E quando a porta foi fechada esta noite...”

“A porta estava trancada por fora e todos os canais de comunicação bloqueados,” interrompeu Theo.

“Sim, eu fiz isso,” admitiu Ewa. “Eu vim ver vocês pouco antes da meia-noite. Os dois estavam dormindo tão profundamente que eu não queria que ninguém os incomodasse. Então fechei a porta. Eu não tinha ideia de que o absorvedor estivesse com defeito.”

“E a campainha de emergência?”

“Ah, o sinal dela também usa o cabo? Eu não sabia disso. O despertador deveria tocar duas horas depois da minha visita aqui, e eu queria poupá-los disso. Minhas intenções eram boas.”

Ewa lançou um sorriso ingênuo. Theo balançou a cabeça em negação. Ela realmente era velhaca, mas não escaparia tão facilmente.

“Um cilindro de dióxido de carbono foi anexado ao sistema de suporte à vida. Isso não pode ter nada a ver com o Guillermo, senão já estaria vazio há muito tempo,” protestou Theo.

“Eu preciso dar uma olhada nisso,” exclamou Ewa. “Talvez você esteja certo e tenha sido realmente um ataque! Não deveríamos descartar essa possibilidade tão rapidamente.”

Ela removeu mais painéis e verificou os conectores dos tubos.

“Acho que tivemos sorte nessas circunstâncias. Podemos nos esquecer da possibilidade de um ataque. Vejam isso. O cilindro cinza faz parte de um sistema de supressão de incêndio. Os sensores provavelmente detectaram um aumento de CO₂ e uma leitura de temperatura anormalmente alta, e concluíram que havia um incêndio latente aqui. E assim, tentou abafar o fogo com dióxido de carbono.”

“Sem um alarme disparando?” Theo perguntou baixinho, visto que já sabia a resposta.

“A culpa foi minha porque eu tinha desconectado o cabo. Realmente sinto muito. Estou preparada para aceitar as consequências e renunciar ao cargo de Comandante.”

“Não, Ewa, isso não será necessário,” interveio Gabriella. “Realmente parece uma cadeia de eventos infelizes.”

“Sim, mas você não percebe...” Theo se deteve.

Não, Gabriella não percebia o que estava acontecendo aqui. E ele também não seria capaz de convencer os demais. Ewa já havia provado que lutaria heroicamente por esta missão. Ela não poderia ser a vilã aqui—era o que diriam. Ele possivelmente teve sorte por ela não ter distorcido as coisas de tal maneira que ele parecesse o único culpado. Mas a história que Ewa havia contado era na verdade muito mais plausível, tendo ela admitido abertamente os erros que havia cometido e alegado ignorância sobre o cabo do sistema de comunicação.

“Posso interromper seu pequeno bate-papo?” Interveio Rebecca. “Há algo interessante acontecendo aqui.”

Todos se viraram para Rebecca, quem apontava para Andy. Andy, que havia dormido nas últimas semanas, de repente começou a mexer a boca. Realmente parecia que ele queria dizer alguma coisa.

“Andy, não!” Ewa gritou, lançando-se sobre ele.

Suas mãos cobriram sua boca na tentativa de impedi-lo de falar. Não obstante, Theo conseguiu apartar Ewa do outro homem.

Andy abriu a boca novamente. Sua língua estava sangrando. Certamente a havia mordido, enquanto Ewa tentava mantê-lo com a boca fechada. Gabriella começou a estancar o sangue, mas Rebecca interveio. “Deixe-o em paz,” disse ela. “Ele quer nos contar alguma coisa.”

Gabriella se deteve no instante. Ewa respirou fundo e pareceu aceitar a situação. Todos os quatro se mantiveram em silêncio, enquanto Andy finalmente formava as três palavras que queria dizer.

“Ewa está mentindo!”



A AUDIÊNCIA OCORREU na grande sala de conferências da base. Eles ainda não tinham um sistema judicial formal em vigor. Tinham imaginado que não precisariam discutir estruturas jurídicas nos próximos dois anos. A iniciativa havia presumido que os crimes capitais não seriam um fator tão precoce. Afinal, todos tinham se oferecido como voluntários e tinham jurado lealdade à missão.

Andy ainda estava tendo dificuldade para falar. Só conseguia construir as frases mais básicas e tinha que fazer longos intervalos entre elas. Era por isso que Theo recapitulava as conclusões das análises de Andy. Se Theo falasse devagar, Andy poderia entender o que estava sendo dito, e então poderia confirmar a explicação sendo oferecida. Todavia, as evidências não eram claras, como até mesmo Theo e Andy tiveram que admitir. Ellen corroborou que Guillermo realmente havia sido solicitado a consertar o absorvedor do Rover. Por outro lado, Andy declarou claramente que Ewa era a única pessoa em quem ele confiava. Ela era a única pessoa que teria um motivo para querer vê-lo *prejudicado*.

Mas houve um incidente que havia sido testemunhado por quatro membros da tripulação. Todos que estavam no Rover tinham observado a tentativa de Ewa de impedir que Andy falasse. A declaração de Gabriella acabou pendendo a balança entre os demais tripulantes. A maioria deles sabia que Theo e Rebecca estavam em desacordo com Ewa, mas a médica era considerada uma grande aliada.

Pela votação no final da audiência, onze dos quinze tripulantes estavam convencidos de que Ewa era culpada de sabotagem. Apenas a acusado e Ellen votaram pela inocentação. Mesmo que Guillermo e Shashwat tivessem, contrariamente às expectativas, votado em Ewa, ela ainda assim não teria tido qualquer possibilidade de sucesso.

Ketut falou. “Há dois meses, acompanhei Shankar e Asha em sua jornada final. Eu vi você chorar pelos nossos camaradas mortos naquele momento, Ewa. Isso me tocou profundamente. Agora descubri que você foi responsável pela morte deles. Isso significa que você estava chorando por si mesma. Ou isso ou você é uma atriz sem escrúpulos. De todos os modos, não há mais lugar para você nesta tripulação. Acho que deveríamos votar sobre qual deveria ser o seu destino a seguir.”

“Você tem uma sugestão?” Indagou Rebecca.

“Não acredito na pena de morte,” respondeu Ketut. “Ewa atacou a comunidade com seus atos letais de sabotagem. Para isso, ela deveria vivenciar o que realmente significa estar sozinha.”

“E o que exatamente isso significa?”

“Nós forneceremos a ela uma quantidade generosa de suprimentos e ar respirável e a baniremos.”

“Mas isso não é uma espécie de pena de morte, Ketut?”

“Não, Rebecca. Ela não merece que coloquemos a mão nela. Ela não é mais uma de nós, pura e simplesmente. Estaríamos apenas levando seus próprios planos até sua conclusão lógica.”

“Não sei. Isso me parece desumano,” disse Rebecca.

“Gostaria que votássemos,” continuou Ketut.

“Sim, vamos votar,” concordou Nancy. Os demais assentiram.

“Então vão em frente e votem,” interrompeu Ewa, levantando-se. Seus olhos estavam olhando para longe. Theo tinha certeza de que nesse momento ela realmente não era a mesma pessoa. Ela girou o corpo completamente e depois cambaleou. Ele estava prestes a pular para firmá-la, mas ela recuperou o equilíbrio.

“Eu... eu não fiz isso,” ela disse, calmamente. “Ou talvez sim, não tenho certeza. Eu não sei de nada. Vocês têm razão. As evidências são claras. Eu sou uma assassina.”

A sala de conferências ficou em silêncio. Isso seria uma confissão?! Theo estava confuso. Os demais pareciam compartilhar os sentimentos dele.

“Ewa, você está arrependida?” Ketut a indagou.

“Isso importa? Eu deveria dizer ‘sim,’” ela continuou, “mas não posso. Eu não me sinto culpada. Observei-me enquanto mexia no absorvedor, mas sentia que estava observando outra pessoa. Eu queria parar. Eu poderia dizer que estava prestes a cometer um grande erro, mas não podia fazer nada. Eu não podia fazer essa outra pessoa

parar.”

“Isso me parece algum tipo de transtorno dissociativo, como a esquizofrenia,” interveio Gabriella.

“Ou uma desculpa que nunca poderíamos verificar,” rebateu Ketut. “Ou existe alguma maneira segura de diagnosticar esse distúrbio?”

“Claro que não,” admitiu Gabriella. “Levaria meses para estabelecer um diagnóstico preciso.”

“E enquanto isso, ela continuará matando mais amigos nossos?” Ketut perguntou. “Isso é inaceitável. Temos que nos proteger dela.”

“Poderíamos trancá-la em algum lugar,” sugeriu Theo.

“Você realmente acha que isso funcionaria? Não temos celas seguras. Temos que devolver o *Endeavour* e o Rover. Tudo o que nos resta são alguns cômodos subterrâneos. Não podemos nos dar ao luxo de manter Ewa aqui conosco. Se ela não tivesse sabotado a nossa missão, tudo pareceria diferente, mas do jeito que está...”

“Ketut, você não pode simplesmente bani-la.”

“Não sabemos se ela está doente ou não. Ela admitiu que as evidências são impressionantes, confessou tudo e tentou agir como se estivesse mentalmente doente. Isso é muito astuto, isso é muito Ewa. Ela disse que sabia muito bem que o que estava fazendo era errado. Mas por que não avisou nenhum de nós?”

“Isso geralmente não é possível para os pacientes durante esses episódios,” explicou Gabriella.

“Não vou mudar de ideia,” declarou Ketut. “Neste momento, não estamos em condições de cuidar de alguém que representa uma ameaça à nossa comunidade. Ela tem acesso a recursos que nós não temos. E eu pessoalmente não acredito nem um pouco nela. Há mais por trás disso do que esquizofrenia.”

“Mas o quê?” Theo questionou. “Eu gostaria de entender o que ela fez.”

“Devíamos votar agora,” disse Nancy.

Ninguém se opôs. Theo e Rebecca levantaram as mãos contra o banimento. Todos os demais, incluindo Ewa, votaram a favor.

Quando Ewa deixou a base no dia seguinte, Theo colocou um rádio em suas mãos. Ela enfiou no bolso externo de sua mochila pesada.

“Caso você precise de ajuda,” disse ele.

Ela não olhou para ele. “Não vou precisar de ajuda, mas os que estão ficando precisarão,” ela respondeu, enquanto se retirava.

Essas palavras não tinham vindo de Ewa, Theo estava convicto disso. Ele queria segurá-la... mas de que adiantaria isso? Será que ele deveria morrer com ela no deserto marciano? Ele teve que deixá-la ir, mesmo que pensar nisso fosse doloroso.



Sol 62, base da NASA

“MIKE, você não vai acreditar nisso, mas o pessoal do MpT acabou de entrar em contato pelo rádio.”

“Deixe-me adivinhar. Devemos resgatar o Rover que eles usaram há três sóis para atacar Lance e Sarah?”

“Não, o oposto. Eles querem se desculpar.”

“O quê? Que tipo de truque é esse? Não acredito mais em nada do que dizem.”

“Pelo menos venha aqui e ouça.”

Sharon movia o pé para cima e para baixo, quase ansiosa. Ela esperava que esta não fosse outra promessa vazia. Todas suas tentativas anteriores de fazer com que Mike falasse com a iniciativa haviam falhado.

Uma jovem, quase uma garota, sorria na tela. Tinha se apresentado como Ellen Blake.

Mike finalmente apareceu. “Sou Mike Benedetti, comandante da missão da NASA.”

“Sou Ellen Blake do MpT.”

“Você é uma porta-voz? Onde está Ewa?”

“Ewa... não está mais conosco. É por isso que sou eu quem está entrando em contato.”

“Ela morreu?”

“Ela acabou de sair da base, permanentemente. No fim das contas, ela foi responsável por vários atos de sabotagem.”

Sharon ficou chocada. Ewa, dentre todas as pessoas?! Nunca a havia visto como uma pessoa particularmente calorosa... mas uma assassina múltipla?

“Oh, isso é uma notícia interessante,” comentou Mike.

“Não foi por isso que entrei em contato pelo rádio. Gostaria de pedir desculpas em nome de toda a iniciativa do MpT.”

“Ah, para se desculparem.”

“Cometemos um erro realmente terrível. Vocês nos resgataram e nós os traímos em troca. Eu gostaria de poder afirmar que isso foi culpa apenas de Ewa, mas isso não seria verdade. A maioria de nós a respaldou. Sentimos muito.”

“Vocês sentem muito?”

“Gostaríamos de devolver o que roubamos. Infelizmente, o

Endeavour não tem combustível suficiente para a viagem de volta, mas enviaremos o Rover fechado e a furadeira robótica de volta o mais rápido possível.”

“O mais breve possível?”

“Precisamos esperar até que o nosso Rover aberto regresse. O alcance do fechado não é suficiente, então precisaremos enviar o outro junto para transportar combustível adicional.”

“Entendido.”

“A tripulação do nosso Rover aberto...”

“... atacou dois de nossos astronautas há três sóis.”

“O quê? Não ouvimos falar sobre isso!”

“Não se preocupe, nada aconteceu com eles. Garantimos uma passagem segura em troca do rádio deles. Seu pessoal tentou nos roubar.”

“Isso não vai acontecer de novo. Isso ficará perfeitamente claro aqui. Qualquer pessoa que ameace outras pessoas será punida.”

“Essas são belas palavras.”

“Vamos apoiá-los com ações. Se estiver tudo bem para vocês, eu gostaria de acompanhar o Rover de volta à sua base. Gostaríamos também de assinar um contrato formal com vocês. Neste planeta, dezenove pessoas em quase nove bilhões de seres humanos continuam sobrevivendo. Deveríamos tornar as nossas vidas mais fáceis uns para os outros, e não mais difíceis.”

“Isso é verdade. Aguardo a sua visita.”



Sol 70, base da NASA

“ELES ESTÃO VINDO!”

Durante a última hora, Mike havia permanecido no telhado da base, vigiando à espera do Rover. Obviamente havia avistado alguma coisa.

“Quão longe?” Sharon quis saber.

“Dez minutos?”

“Vou me apressar.” Ela vestiu seu traje espacial. Já havia terminado seu treinamento pré-respiratório. Depois de passar pela câmara de descompressão, ela se juntou a Mike. Um ponto no horizonte avançava em direção a eles, deixando uma cauda de poeira para trás.

“É você quem está ao volante, Lance?” Sharon perguntou.

O rádio do capacete deveria estar ao alcance dos dois viajantes. Eles estavam à vista e o ar estava incrivelmente claro hoje.

“Lance está sentado atrás de mim, cochilando como sempre,” respondeu Sarah.

“Eu até gostaria de estar, mas isso é impossível quando é você quem dirige,” brincou Lance. Era como se ele estivesse bem ao lado de Sharon—e como se nunca tivesse partido.

“Se tivéssemos dirigido todo o caminho na sua velocidade, Sharon e Mike ainda estariam esperando por nós a esta hora amanhã,” Sarah rebateu.

“Eu evitei pelo menos sete pneus estourados,” replicou Lance.

“Por que sete?”

“Porque parece um bom número.”

“Vocês dois parecem um velho casal,” disse Sharon.

“Se ao menos você soubesse!”

“Se eu soubesse o que, Sarah?”

“Mais tarde. Primeiro precisamos tomar banho.”



MIKE ESTAVA CERTO. O Rover levou cerca de dez minutos para chegar à base. Eles esperaram no terreno pelos aventureiros. Lance saltou primeiro e Sarah o seguiu. Caminhavam com passos ondulantes, como

se fossem cowboys, seus trajes cobertos por uma espessa camada de poeira.

“É bom ter vocês de volta,” disse Mike. Ele havia planejado apertar a mão de Lance, mas este o abraçou. “Ufa,” Mike soltou entre um engasgo.

“Estou tão feliz por você voltar inteira,” disse Sharon, enquanto abraçava Sarah.

Sarah se virou para Mike, quem desta vez nem tentou apertar a mão. Sharon avançou em direção a Lance. Ele parecia cansado, mas também de alguma forma... contente. Eles se abraçaram e então os quatro se deslocaram até a base, de braços dados.

“Não posso dizer o quanto sentimos falta de estar aqui,” Lance suspirou. “De vocês dois acima de tudo, é claro.”

“Este lugar é muito triste para dois. Estávamos prestes a colocar um anúncio para novos colegas de quarto, mas o mercado de aluguel aqui parece bastante morto.”

“Qual é, Mike. Você sabe o que dizem por aí. ‘Localização, localização, localização,’” decretou Lance.

“Quais você acha que são os nossos maiores atrativos? Ótima vista, vizinhos a mil quilômetros de distância...”

“Falando nisso, como vão as coisas com os vizinhos?” Sarah quis saber.

“Não vou levar a sério o pedido de desculpas deles até que as coisas que nos roubaram estejam do lado de fora da nossa porta.”

“Mike é sempre uma massa borbulhante de pessimismo,” intrometeu-se Sharon. “Nunca ouvimos mais nada de Ewa, mas os outros parecem estar com a cabeça no lugar. Eles recuperaram o Rover ontem. Enviaram seus agradecimentos pelo tratamento justo dispensado aos membros da tripulação e supostamente partiram no mesmo dia com os dois Rovers, bem como com a furadeira robótica.

“Quanto tempo até eles chegarem aqui?” Sarah perguntou.

“Eles imaginaram algo em torno de duas semanas,” declarou Sharon.

“Bom,” disse Lance. “Isso nos dará tempo suficiente para um descanso. Vocês não tem ideia de quantas bolhas estão cobrindo o meu corpo inteiro.”



“ISSO TEM UM CHEIRO INCRÍVEL,” disse Sarah. Ela, Sharon e Lance estavam sentados à mesa, enquanto Mike trazia a caçarola.

“Qualquer coisa cheiraria bem para mim, desde que não viesse de um tubo,” disse Lance. “Ter apenas comida preparada acaba matando qualquer apetite que você possa ter.”

Mike colocou o recipiente sobre a mesa e usou uma luva grande de traje espacial para remover a tampa. “Tenham cuidado, está quente,” disse. “Apresento a vocês uma caçarola de batata e alho-poró à la Benedetti. Tudo neste prato é fresco, exceto o leite artificial que usei no molho. Este veio de um saquinho. Infelizmente não temos vacas, mas talvez em breve consigamos produzir proteínas de soja.”

“Isso está ótimo!” Exclamou Sarah. Ela realmente parecia animada, seus olhos brilhando. “Vocês fizeram um excelente trabalho cuidando do meu jardim!”

“Isso me faz lembrar de algo,” disse Sharon. Ela havia se esquecido do presente! Ela o havia escondido na geladeira para que Lance e Sarah não o vissem antes. Estava embrulhado em papel fino e ela o carregou para a grande sala. “Posso lhe apresentar a nossa primeira flor?” Sharon disse, enquanto removia o embrulho.

“Um amor-perfeito! Que maravilha!” Sarah cantarolou.

“Passei um dia pensando se poderíamos nos dar a este luxo,” explicou Sharon. “Custou-nos muita energia... mas o que é a vida sem flores? Então isto deveria ser um presente para todos nós. A propósito, elas crescem incrivelmente bem aqui.”

“Obrigado, Sharon. O que faríamos sem você?” Lance se expressou. “Vou precisar de flores se algum dia decidir pedir Sarah em casamento!”

“Que conversa é essa?” Mike perguntou. “Propor?!”

“Ele está apenas brincando, Mike,” disse Sharon.

“Eu disse se.”

“Vocês são um casal agora?” Sharon ficou curiosa. “Se não se importam que eu pergunte,” ela acrescentou com uma risada marota.

“Nós... nós somos,” Lance respondeu, pegando a mão de Sarah.

“Sim, somos,” Sarah concordou.



Sol 84, base da NASA

“AH, ISSO É BOM.”

Lance estava deitado de bruços na cama. Sarah estava sentada sobre suas panturrilhas, enquanto passava loção nas costas e coxas dele. As feridas da longa viagem ainda não haviam desaparecido completamente. Sarah deu uma surra nele de leve e se levantou.

“Muitíssimo obrigado, Sarah.”

“Você ouviu isso? Deve haver algo acontecendo lá fora,” disse ela.

Lance virou a cabeça e apurou os ouvidos. Ouviu um som sibilante. “Alguém deve estar na câmara de descompressão,” disse ele.

“Vou dar uma olhada,” disse Sarah, ao sair da cabine.

Lance se levantou para procurar a calça, que havia caído debaixo da cama. Ele a vestiu. Tinha dormido muito nos últimos dias, embora também tivesse ajudado Mike a organizar o material resgatado na viagem. Tinham decidido manter os painéis solares para quando sua sorte mudasse—isto é, caso o KRUSTY eventualmente quebrasse. Os painéis permitiriam que eles mantivessem seu sistema de suporte à vida funcionando durante o dia. À noite, eles poderiam ligar um gerador de metanol.

Sua porta se abriu novamente.

“Rápido! É o pessoal do MpT,” anunciou Sarah. “Eu vou lá fora!”

“Vou esperar aqui,” disse Lance, embora soubesse que ela não podia ouvi-lo. Ele calçou os sapatos e foi até a sala de conferências. Ouviu sons na câmara de descompressão e ficou bem próximo à escotilha.

A luz ao lado da porta mudou para verde e a câmara de descompressão abriu por dentro. Uma figura vestida com um dos volumosos trajes do MpT entrou na sala, seguida por Mike. Lance leu o nome no traje do MpT. ‘Ellen.’ Esta devia ser a nova comandante, Ellen Blake. Ele se lembrava dela como uma pessoa delicada que prestava atenção em cada palavra que Ewa dizia, mas talvez estivesse errado a respeito dela. Ele fechou a porta novamente para abrir espaço para os próximos recém-chegados.

Enquanto Ellen e Mike tiravam os trajes, a dupla seguinte apareceu. Lance deu um passo para trás. Desta vez era Guillermo, o bastardo que o havia ameaçado com a pistola.

“Está tudo bem,” disse Sharon ao sair da câmara de descompressão

atrás de Guillermo e notar a expressão de Lance.

“Lance?!” Ellen quis saber. “Por favor, desculpe-me por esta surpresa. Trouxe Guillermo de propósito porque ele gostaria de se desculpar cara a cara pelo que fez com você.

Lance se relaxou. Ou Guillermo realmente havia perdido o controle no último encontro, ou Ellen teria seu pessoal solidamente sob seu comando.

O homem tirou o capacete e deu um passo em direção a Lance. “*Gostaria* de me desculpar,” disse ele. “Eu fui um verdadeiro idiota lá fora. E nem me dei conta, o que foi a pior parte. Sempre pensei que possuía algum tipo de bússola moral, mas nas últimas semanas ela parece ter ficado bastante distorcida. Eu só estava pensando em nós mesmos e em nossa missão, algo que Ewa nos havia feito acreditar recentemente. Mas isso não é realmente uma desculpa. Estou feliz por Sarah ter conseguido me colocar fora de combate. Onde ela está?”

“Obrigado,” disse Lance, pegando a mão estendida de Guillermo. Ainda não estava completamente convencido, mas o pedido de desculpas parecia sincero. “Sarah deveria estar entrando pela câmara de descompressão logo atrás de vocês.”

Guillermo se virou para Sarah. Esperou até que ela tirasse o capacete. “Gostaria de agradecer por aquela literal surra,” disse ele. “Eu realmente mereci. De certa forma, você salvou a minha vida. Não sei como poderia continuar vivendo se realmente tivesse machucado vocês.”

“Foi feito com gosto!” Sarah replicou. “Se precisar de um novo confronto como aquele, você sabe onde me encontrar. Como está Shashwat?”

“Foi um tiro limpo de entrada e saída. A ferida está cicatrizando bem, mas a viagem até aqui teria sido demais para ele.”

“Vocês poderiam abrir um pouco mais de espaço? Ketut terá que ficar na câmara de descompressão se você não o fizerem—ressaltou Mike, enquanto se aproximava de Ellen para ajudar a desabotoar as seções do traje dela. “Isso nos ajudará a maximizar o espaço.”

Lance percebeu que Mike mal conseguia tirar os olhos da jovem. As chances da pobre Sharon estavam sendo destruídas agora. Ellen tinha mais ou menos a idade de Mike, e Lance tinha ouvido falar que ela teria ainda mais doutorados que Mike.

“Por favor, afastem-se!”

Lance não reconheceu essa voz, o que significava que devia ser Ketut, quem ainda estava preso na câmara de descompressão. Lance agora percebia o motivo. O membro do MpT carregava uma pilha de coisas de cinco lados. Mas o material não poderia ser tão pesado, visto que não chegava à altura da cabeça de Ketut.

“Este é o nosso presente de hospitalidade para vocês,” disse Ellen.

“É o que sobrou da grande cúpula que havíamos planejado construir sobre o nosso assentamento. Por favor, coloque isso no chão, Ketut.”

Ketut se ajoelhou, o que não era tão fácil em seu traje, e colocou a pilha de material em forma de favo de mel no chão. O amontoado de coisas balançava ligeiramente. Ellen pegou um dos painéis finos e transparentes na parte superior.

“Este é um tecido *Kevlar*, com menos de um milímetro de espessura. Pretendíamos construir a nossa cúpula com eles, mas infelizmente este foi o único fardo que conseguimos salvar de *Santa Maria*. O resto dos painéis estão voando ao redor do sol em nosso naufrágio. Porém, este material deve ser suficiente para construir uma cúpula menor. Ou você poderiam cobrir um jardim com eles.”

“Muito obrigado,” disse Mike, como porta-voz oficial. “Tenho uma ótima ideia do que podemos fazer com isso. Mas agora é hora de todos vocês se refrescarem e então poderemos comer.”



Sol 88, base da NASA

O PROJETO ESTAVA tomando forma lentamente. Primeiro, a furadeira robótica havia cavado um buraco circular no chão, enquanto Lance ficava por perto e supervisionava. As paredes já estavam endurecidas. O buraco media 1,2 metros de diâmetro e quatro metros de profundidade. Uma escada proporcionaria acesso para uma pessoa subir à nova seção.

Eles estavam agora cavando uma passagem da base até a borda inferior do buraco. Lance havia passado todo o dia anterior trabalhando com uma pá em mãos, mas os outros estavam se revezando hoje. Ele podia ouvir o som de picaretas e pás embaixo dele. Infelizmente, o robô não era capaz de perfurar cantos e nem poderia passar pela câmara de descompressão da base. Foi por isso que eles tiveram que cavar o corredor manualmente. Pelo menos estavam sendo ajudados energeticamente pelos três convidados do MpT.

A tarefa de Lance hoje seria cuidar do robô, que estava ocupado cavando uma trincheira redonda ao redor do buraco. O canal tinha cerca de um metro de profundidade. A extremidade inferior da cúpula seria ancorada, selada e estabilizada nesta trincheira. Eles estavam fazendo um bom progresso. Ocasionalmente, o robô sugava uma pedra especialmente dura e precisava que Lance a desalojasse com um pé de cabra, uma versão mecânica da manobra de *Heimlich*. Essas ocorrências se davam muito de *vez em quando*, então ele contava com tempo suficiente para estudar a paisagem.

Depois que haviam pousado, Lance havia achado que o cenário era monótono. Estava enganado, ele agora reconhecia. A paisagem simplesmente precisava de algum tempo para revelar suas complexidades. Ou talvez tenham sido os humanos que tivessem demorado mais para valorizar a simplicidade de Marte, devido aos seus gostos e costumes adquiridos. Por exemplo, a colina ao norte—Lance gostava de observá-la através de um telescópio, pois ela mudava a cada dia que passava. De manhã, ela às vezes brilhava, pois cristais de gelo de água ou dióxido de carbono haviam se depositado em sua superfície na noite anterior. Uma semana antes, ele até havia avistado uma trilha que descia do cume da colina até o sopé. Sharon tinha presumido que um pedaço de gelo de dióxido de carbono teria se

deslizado bem ali, antes de literalmente se evaporar—tecnicamente, seria *se sublimar*—no ar rarefeito, assim que o sol nasceu.

Lance teve que dar uma risada, enquanto sua mente vagava. Sarah recentemente havia começado a agir de maneira um pouco estranha. Perdia a paciência com mais facilidade, ou começava a chorar ante a qualquer detalhe; porém, trinta minutos depois, já não restava mais nada do estranho humor.

A furadeira robótica apitou ao terminar sua tarefa. Lance verificou a trincheira. Ele usou a pá para retirar pedras de dois locais diferentes de onde deveriam ter caído depois da parede ter sido escavada. Amanhã o robô começaria a cavar um novo *terreno* para jardim. Sarah queria experimentar algumas técnicas novas. Eles haviam chegado à conclusão de que seus métodos atuais ainda consumiam bastante energia. Se esperassem algum dia poder satisfazer todas as suas necessidades alimentares através do seu próprio cultivo, não poderiam continuar usando as técnicas atuais.

Depois disso, eles queriam iniciar o projeto de perfuração profunda. Mas teriam que converter a furadeira robótica para fazer isso, então eles precisavam primeiro encerrar seus projetos atuais.

“Prepare-se aí, Lance,” Mike disse pelo rádio.

“Como está o andamento?”

“De acordo com os meus dados, estamos prestes a terminar aqui.”

“Beleza. Vou colocar a tampa no lugar e ficar observando.”

Lance caminhou até o buraco profundo no centro da trincheira redonda. Puxou sua lanterna e apontou para dentro. Tudo parecia igual a antes. Deu alguns passos para o lado, até onde se encontrava um painel transparente maior que o buraco. Ele o pegou e cobriu a abertura no chão com ele. Agora, pulverizou suas bordas com espuma reparadora. Isso deveria ser suficiente como método de isolamento temporário. Como medida de segurança, colocou duas pedras pesadas em cima do painel para garantir que a pressão do ar não o elevasse nem um pouco.

“Tudo bem, já está preparado!” Ele bradou.

Seus amigos ali embaixo provavelmente estavam martelando como loucos na pedra à frente deles. Ele então observou uma rocha da parede cair no chão do buraco. O feixe de sua lanterna se encontrou com o metal brilhante, logo atrás da antiga localização da rocha. A ligação à base estava quase completa!



Sol 92, base da NASA

OS SETE ESTAVAM em volta de uma mesinha brindando com champanhe, exceto Sarah, que havia optado por água. O panorama era maravilhoso. A superfície de Marte estava abaixo deles, mas quando levantavam a cabeça, podiam olhar para o céu marrom-acinzentado. O sol havia quase atingido seu zênite. Eles não usavam trajes espaciais nem máscaras respiratórias, pois a tenda de painéis transparentes de *Kevlar* lhes garantia uma atmosfera respirável.

Lance tomou um gole. Ellen estava falando, mas ele não estava ouvindo. Muita coisa havia acontecido! O simples fato de estarem ali, protegidos por menos de um milímetro de *Kevlar*, era um milagre. Como seria daqui a um ano? E em um século? Será que algum dia o verde faria parte da *paleta* do Planeta Vermelho?

Era certo que eles continuariam a cometer erros no futuro. Essa era a natureza dos humanos. A pequena mesa contava como um dos equívocos. Nenhum deles havia pensado no fato de que só poderiam transportar facilmente para a cúpula os itens que passassem pelo estreito corredor da base. Deveriam ter construído alguns móveis de antemão. Lance, no entanto, havia jurado que de alguma forma conseguiria trazer uma cadeira confortável para cá. Não, melhor seriam duas, mesmo que ele tivesse que desmontá-las completamente e reconstruí-las dentro da cúpula.

“Proponho que assinemos o documento agora,” disse Ellen.

Sarah chocou sua taça com a de Lance.

Certo, pensou Lance, a parte oficial ainda precisa acontecer.

Nas últimas noites, Mike e Ellen haviam preparado uma Declaração de Independência que também funcionaria como uma espécie de constituição. Tinham discutido todos os aspectos disso por um bom tempo. Ellen havia deixado todos do MpT votarem e eles tinham concordado em assiná-la.

Lance achou que se tratava de um documento bem combinado que poderia ser resumido como *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Eles tinham deliberadamente deixado de fora estruturas concretas, tais como edificações governamentais. A expedição da NASA e a iniciativa MpT continuariam a tomar as suas próprias decisões, mas levariam em consideração o outro grupo. Também haviam discutido como seria a cooperação com a tripulação da *Spaceliner I*. Contudo, como a nave

demoraria alguns meses para pousar, eles tinham decidido adiar qualquer resolução a respeito para mais tarde.

“Sua vez,” disse Sarah, entregando a ele a caneta e o documento.

Lance assinou seu nome. As duas palavras, ‘Lance Leber,’ pareciam estranhas no papel. Ele não conseguia se lembrar da última vez que havia assinado seu nome completo em algum lugar.

Guillermo e Ketut eram os próximos da fila. Lance havia passado dois dias trabalhando na passagem da base com Guillermo. O mexicano realmente parecia ser uma pessoa razoável.

“Mike, Sharon, Sarah, Lance... Gostaria de agradecer mais uma vez em nome da Iniciativa Marte para Todos,” disse Ellen, por fim. “Não estaríamos aqui se não fosse por vocês.”

“E já estaríamos entediados sem vocês aqui,” replicou Mike. “Não há realmente nada pior que o tédio em um planeta solitário do qual você nunca irá sair.”

Eles tilintaram os copos novamente.

“Pela Nação Marte,” disse Mike.

“Por todos nós,” replicou Ellen.

“Há mais uma notícia emocionante,” disse Sarah. Todos olharam para ela.

“Lance e eu,” ela pegou a mão dele, “seremos pais. O primeiro marciano nativo está a caminho.”

Enquanto os demais aplaudiam, Lance sentia uma sensação insólita se agitando em seu interior—uma combinação de antecipação, orgulho e medo.



Sol 99, base da NASA

AMANHÃ SERIA UM DIA MARCANTE. Sol 100! Eles já haviam passado 100 dias marcianos aqui. O MpT e a NASA tinham decidido comemorar o dia juntos. Estavam espacialmente separados, é claro, mas montariam câmeras e telas e tocariam a mesma música—uma espécie de festa virtual. Lance estava liberando espaço na sala de conferências para criar uma pequena pista de dança. *Definitivamente precisamos de mais espaço de armazenamento*, pensou ele, *especialmente se quisermos resgatar as outras sondas antigas da NASA nas próximas semanas*. Desta vez não haveria brigas. O pessoal do MpT estava agora concentrado nos materiais que todas as outras nações tinham lançado ao planeta. Essa acabou sendo uma divisão justa, uma vez que a NASA havia obtido mais êxito com suas sondas, em comparação com as demais agências espaciais.

“Lance, você poderia dar uma chegada aqui?”

Sharon estava fazendo contato do centro de comando. O que poderia estar acontecendo agora? Ele moveu mais uma cadeira antes de fazer o que ela pediu.

“Recebi um sinal estranho,” disse ela, quando ele entrou na sala.

“Não me diga, está vindo da Terra?”

“É isso aí!”

Lance suspirou. Nos últimos três dias, havia ocorrido vários alarmes falsos porque uma das sondas de Marte estava enlouquecida por algum motivo qualquer. Mike ainda estava tentando descobrir o que estaria causando o problema.

“Mike já terminou a análise?” Lance quis saber.

“Acho que não, mas ele ainda está dormindo. Será que devemos acordá-lo?”

“Não, não vale a pena. Tenho certeza de que é mais uma daquelas mensagens de erro.”

Ele fez com que o sinal se repetisse. Não estava codificado na linguagem padrão da NASA. Tudo o que ele conseguia ouvir era um som sibilante. Ele mudou o filtro de código e de repente o ruído desapareceu.

“Wǒmen yāoqiú liánxì.”

Que idioma é esse? Ele achou que soava como mandarim. Por sorte, o alto-falante mudou para o inglês.

“Esta é a nave *Long Trip 2*, em busca de contato.”

“Uau! Vou acordar Mike. Você poderia notificar Sarah?” Lance pediu, enquanto corria para buscar seu comandante.



RESULTOU QUE ERA MESMO MANDARIM. A nave chinesa ainda estava longe demais para uma conversa real. Teriam que esperar 40 minutos para que cada resposta chegasse até eles. A tripulação também havia indicado que precisavam conservar energia tanto quanto possível. Aparentemente, o lançamento não tinha ocorrido como planejado e havia seis pessoas a bordo, em vez das quatro previstas.

“Vocês podem nos contar alguma coisa sobre o que aconteceu na Terra?” Mike questionou, logo após se identificar em seu primeiro contato.

Durante os próximos dias, eles esperaram em vão por uma resposta.



Nota do Autor

Finalmente! Estive esperando ansiosamente para poder colocar Nação de Marte em suas mãos na forma de livro digital ou físico. Saiba que escrevi a trilogia no verão de 2018, depois que Audible, a empresa de audiolivros, havia me pedido. Eles queriam exclusivamente em formato de áudio por seis meses. Pelo fato de terem levado três meses entre cada parte, isso acabou significando que precisaram esperar até o outono de 2019.

Mas há uma vantagem nisso tudo: eu tive tempo suficiente para preparar as versões inglesa e alemã ao mesmo tempo. Este é o meu primeiro lançamento global simultâneo. Acho que mesmo as grandes editoras raramente conseguem tal feito. Além disso, não vou deixar você esperar três meses pela próxima parte. Você pode fazer o seu pedido aqui:

hardsf.info/links/4212404

Em comparação com os meus demais livros, Nação de Marte se passa em nosso futuro mais próximo. No início da década de 2030, teremos naves navegando rumo ao Planeta Vermelho. Dentro de aproximadamente dez anos. Há boas chances de que todos possamos testemunhar a primeira cobertura televisiva de um homem ou mulher pisando a areia vermelha. Acho que será pelo menos tão memorável quanto o primeiro pouso na Lua, há 50 anos. Você o assistiu? Pode apostar que eu o assisti. E se puder, tentarei estar a bordo de uma dessas naves turísticas que Elon Musk da Space-X está tentando construir. Você viria comigo?

O que acontecerá com os colonizadores involuntários nos anos seguintes? Embora Lance, Sarah e os outros acreditem que desvendar o destino da Terra seja seu maior problema, o perigo real se aproxima de duas direções completamente diferentes.

Antes de deixar que você vá viver seus sonhos, tenho um pedido a fazer—se gostou de Nação de Marte 1, por favor, deixe um comentário neste link:

hardsf.info/links/4212325

Muito obrigado!

Forte abraço desde minha escrivaninha noturna

Atenciosamente, Brandon Q. Morris

Registre-se em hardsf.info/inscrever/ e você será notificado, notificada, sobre quaisquer novos livros de Ficção Científica *Hard* que irei publicar. Além disso, você receberá uma versão lindamente ilustrada do *Tour Guiado a Marte*.

Você pode encontrar todos os meus livros aqui:

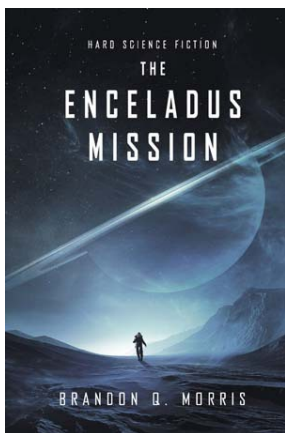
hardsf.info/livros-de-brandon-q-morris/





Também por Brandon Q. Morris

A Missão Encélado (Lua de Gelo 1)



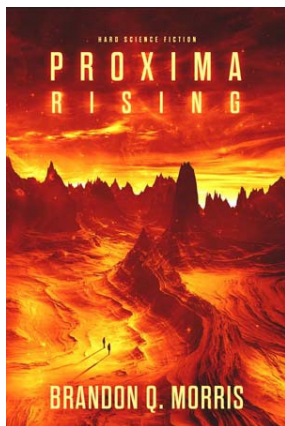
No ano de 2031, uma sonda robô detecta traços de atividade biológica em Encélado, uma das luas de Saturno. Esta descoberta sensacional mostra que realmente há evidências de vida extraterrestre. Quinze anos depois, uma espaçonave construída às pressas inicia uma longa jornada ao planeta anelado e sua lua.

A tripulação internacional não enfrenta apenas 27 meses difíceis: se a espaçonave conseguir chegar a Encélado sem incidentes, deve usar um veículo-sonda para penetrar na camada de gelo de um quilômetro de espessura que sepulta a lua. Se a vida de fato existe em Encélado, ela só poderia estar no fundo do oceano salgado e coberto de gelo, que se formou há bilhões de anos.

No entanto, logo após a decolagem, o desastre atinge a missão, e as chances de a tripulação chegar a Encélado, quanto mais voltar para casa, parecem sombrias.

R\$ 9,99 – hardsf.info/links/2423272

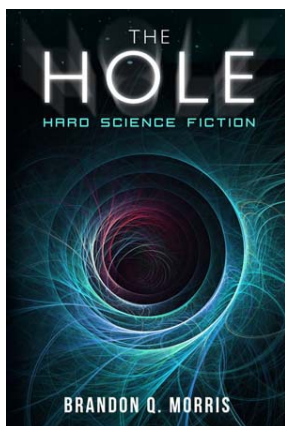
A Ascensão de Proxima



No final do século XXI, a Terra recebe o que parece ser um pedido urgente de ajuda, oriundo do planeta Proxima Centauri b, localizado no sistema estelar mais próximo do Sol. Os astrofísicos suspeitam que uma erupção solar massiva esteja a ponto de destruir essa civilização, até então desconhecida. Os programas espaciais da Terra não estão equipados para prover algum tipo de ajuda; no entanto, um bilionário russo inescrupuloso lança uma espaçonave secreta, e altamente especializada, com destino a Proxima b, a cerca de quatro anos-luz de distância. A notável tripulação enfrentará uma tarefa hercúlea – caso sobreviva à jornada. Ninguém sabe o que esperar desse planeta extraterrestre.

R\$ 9,99 – hardsf.info/links/3916138

The Hole



Um objeto misterioso ameaça destruir o nosso sistema solar. A sobrevivência da humanidade está em risco, mas ninguém leva a sério o aviso da jovem astrofísica Maribel Pedreira. Ao mesmo tempo, uma

tripulação exilada de marginalizados extraem minerais raros em um asteroide solitário.

Quando outros cientistas finalmente reconhecem a alarmante descoberta de Pedreira, fica claro que esses marginalizados são os únicos que podem salvar o nosso mundo, sabendo-se que *The Hole* se lança inexoravelmente em direção ao sol.

R\$ 9,99 – hardsf.info/links/2617766

Silent Sun



O nosso sol estaria se comportando de maneira diferente das outras estrelas? Quando um astrônomo amador descobre algo estranho em imagens solares telescópicas, uma explicação precisa ser encontrada. Seria apenas um artefato? Ou ele encontrou algo totalmente inesperado?

Uma equipe internacional especializada é montada às pressas, uma espaçonave é rapidamente adaptada e o quarteto é enviado na jornada de suas vidas. Que desafios eles enfrentarão nesta missão de supetão rumo à nossa estrela central?

O que espera a todos eles é crítico, tanto para a compreensão do passado quanto, ainda mais, para o futuro da vida na Terra.

R\$ 9,99 – hardsf.info/links/2696041

Desastre em Tritão



Nick Abrahams é o detentor do recorde mundial oficial de número de lançamentos espaciais, mas agora se encontra entediado com seu trabalho como anfitrião de excursões espaciais. Somente quando sua esposa o abandona é que ele faz uma tentativa de mudar de vida.

Ele acaba aceitando uma oferta tentadora de um bilionário russo. Em troca de fazer um simples reparo na lua de Netuno, Tritão, ele retornará multimilionário à Terra, o que lhe permitirá realizar seu ‘sonho impossível’ de comprar seu próprio vinhedo na Califórnia.

O fato de que Nick tenha que viajar sozinho durante a viagem de ida e volta de quatro anos não o incomoda em absoluto, visto que, de todos os modos, ele não gosta particularmente de pessoas. Já seguindo destino, ele descobre que seu novo chefe omitiu alguns detalhes críticos na descrição de seu trabalho—detalhes que poderiam lhe custar a vida, bem como a existência da humanidade...

R\$ 9,99 – hardsf.info/links/4188695



Marte - Um Tour Guiado

SE ALGUM DIA tivéssemos que abandonar a Terra, Marte seria provavelmente o único lugar possível para procurarmos refúgio. O planeta oferece temperaturas controláveis e vastas reservas de água. Tudo o que falta é oxigênio em sua atmosfera.

Durante quase 100 anos, a existência de uma civilização não humana no nosso planeta vizinho foi considerada uma aposta segura. Depois que o astrônomo Giovanni Schiaparelli usou seu telescópio em 1877 para descobrir canais misteriosos—mal traduzidos para o inglês como ‘canals’ (deveria ser *channels*)—que pareciam cobrir todo o planeta, Marte passou a ser imaginado naquela época como um mundo propenso à seca, cujos habitantes tentariam garantir sua sobrevivência com projetos gigantescos de engenharia civil em todo o planeta.

Coincidentemente, foi também um período em que os humanos empreenderam enormes projetos de canais. A imagem que a humanidade tem de Marte mudou com o passar do tempo. Quando as tensões entre as nações aumentaram antes da Primeira Guerra Mundial, mas também entre as duas guerras mundiais, a opinião pública sobre Marte mudou subitamente, fortalecendo a ideia de que o planeta poderia ser perigoso. Será que os marcianos não iriam querer assumir o controle de nossa terra fértil e abundante? Em 30 de outubro de 1938, quando a rede de rádio CBS exibiu o drama de Orson Welles, *A Guerra dos Mundos*, cujo enredo baseado em ‘reportagens ao vivo’ para um especial de Halloween, a transmissão acabou provocando um pânico nacional, apesar de um aviso de isenção de responsabilidade transmitido no início, dando conta de que o programa era uma adaptação do famoso livro.

Nenhuma civilização, talvez vida

Os aperfeiçoamentos nos telescópios e, eventualmente, os primeiros pousos de sondas em Marte, finalmente provaram que não havia canais nem civilização em Marte. Os pesquisadores, ainda assim, não desistiram da busca por vida no nosso planeta vizinho. Isso ocorre porque as condições podem não ser as ideais, mas não são totalmente

hostis à vida.

Assim como a Terra, Marte é uma bola rochosa. Seu diâmetro é aproximadamente metade do da Terra, e o planeta tem pouco mais de dez por cento da massa da Terra. Na superfície marciana, um astronauta pesaria 62 por cento menos que na Terra. Seu apelido de ‘planeta vermelho’ foi justamente merecido—Marte parece avermelhado não só no céu, mas também de perto.

Isso se deve ao teor relativamente alto de óxido de ferro, coloquialmente chamado de ‘oxidação ou ferrugem,’ nas rochas superficiais e na poeira resultante da erosão. Marte orbita o Sol a uma distância 1,52 vezes maior que a da Terra. A cada dois anos, ele chega especialmente perto do nosso planeta natal, embora ainda esteja a 56 milhões de quilômetros afastado da Terra. A maior distância entre os dois planetas chega a 401 milhões de quilômetros.

Escolha o momento de seu horário de lançamento com sabedoria

Portanto, se deseja lançar uma espaçonave para chegar a Marte, você precisa ser inteligente ao escolher o momento ideal para partir. Escolher um bom horário de lançamento poderá reduzir a quantidade de tempo que passará no espaço interplanetário, onde estaria sob a exposição da radiação cósmica.

A radiação cósmica, todavia, ainda será o seu principal problema mesmo depois de chegar ao planeta vermelho. Isso se deve a que Marte perdeu a maior parte do seu campo magnético há 4 bilhões de anos, pelo que não tem proteção contra o vento solar. E essa situação contribui para o fato de que a atmosfera de Marte seja ainda mais fina do que seria de esperar, com base na baixa massa do planeta.

Se você pousar nas zonas temperadas de Marte, sua paisagem visível incluirá amplas planícies marcadas por crateras. O céu pareceria marrom-amarelado, visto que o ar carrega um alto teor de partículas de poeira. Se você tiver realmente falta de sorte, poderá até pousar no meio de uma das tempestades de poeira de Marte, que às vezes circundam o planeta durante meses seguidos. A pressão atmosférica média corresponde àquela encontrada a uma altitude de 35 quilômetros acima da Terra.

Seria necessário que você mantivesse o capacete, porque a atmosfera quase não contém oxigênio, apenas 0,13 por cento, consistindo em 95,3 por cento de dióxido de carbono. Pesquisadores do Centro Aeroespacial Alemão mostraram em 2012 que líquenes e bactérias poderiam sobreviver durante 30 dias nas condições de Marte e, por isso, deveriam ser capazes de prosperar. Assim, se você estiver levando um vaso de planta, poderá colocá-lo do lado de fora com

segurança. Pelo menos durante o dia, quando poderá aquecer até 35 graus Celsius.

Talvez seja melhor levar a sua planta para fora à noite, pois pode esfriar. Um dia em Marte dura 24,623 horas terrestres, com temperaturas caindo para 85 graus negativos à noite. Isso se deve à fina atmosfera, que não consegue armazenar muito bem o calor. Uma estufa aquecida seria uma boa ideia se você quisesse ficar por muito tempo.

Primavera, Verão, Outono, Inverno

Uma estufa também ajudaria a salvá-lo, salvá-la, dos efeitos das estações, que em Marte são significativamente mais pronunciadas e mais longas que aqui na Terra. Marte segue uma órbita mais excêntrica em torno do Sol, durando aproximadamente 1,9 anos terrestres; aqui, ‘mais excêntrica’ significa que ele se encontra muito mais longe do Sol em alguns pontos da sua órbita e muito mais próximo do Sol em outros pontos. Especialmente durante as partes da sua órbita que o aproximam do Sol, quando Marte recebe até 40 por cento mais energia, isso pode produzir intensas tempestades de poeira com velocidades de vento de até 400 quilômetros por hora na superfície e 650 km/h na atmosfera superior. Sob algumas circunstâncias, estas tempestades podem envolver todo o planeta e causar temperaturas mais elevadas na superfície.

Vórtices visíveis, ou tornados, que excedem consideravelmente tempestades semelhantes na Terra, também foram observados. Durante os períodos mais distantes do Sol, nuvens de água gelada podem se formar na atmosfera, abaixo das quais a atmosfera pode ficar até 10 graus mais fria. Em algumas ocasiões, nas primeiras horas da manhã, pode até mesmo nevar, como mostraram as medições a laser, tanto no verão quanto no inverno, tal qual na Terra.

A composição de Marte

Assim como a Terra, o planeta vermelho foi criado a partir de uma nuvem de matéria ao redor do sol. Ele contém uma proporção um pouco maior de elementos mais leves que foram levados pelo vento solar para áreas mais distantes do sol. Há aproximadamente quatro mil milhões de anos, Marte deve ter sido impactado no seu hemisfério norte por um corpo celeste do tamanho de Plutão—um evento que deixou para trás uma enorme cratera de impacto, com um diâmetro de quase 10.000 quilômetros.

Atualmente, o planeta ainda é reconhecível através de uma

estranha diferença entre os hemisférios norte e sul. Enquanto o norte consiste em planícies relativamente planas, o sul é dominado por cadeias de montanhas.

O núcleo de Marte consiste em ferro e níquel, com um teor de enxofre relativamente elevado. A uma temperatura de 1.500 graus, é possível que ainda esteja em grande parte derretido. Acima do núcleo há um manto espesso feito de rocha que atualmente se encontra praticamente inativo. O apogeu dos vulcões em Marte ocorreu há cerca de três bilhões de anos. Em sua maioria, as regiões de fluxo de lava que ainda hoje são reconhecíveis foram criadas nesse então. Contudo, sinais definitivos, mas fracos, de vulcanismo ainda parecem ocorrer hoje em dia. A crosta de Marte é quase tão espessa quanto a crosta da Terra, por isso é consideravelmente mais espessa... isso em termos do tamanho relativo dos dois planetas.

Um paraíso para alpinistas

Uma grande parte da superfície marciana está coberta por poeira, então é melhor qualquer viajante a Marte se acostumar com isso. O planeta vermelho, no entanto, oferece uma vasta gama de atrações turísticas que valem o esforço árduo para percorrê-las. Se você ficou impressionado com o *Grand Canyon*, no deserto do Arizona, definitivamente deveria dar uma olhada em *Valles Marineris*. Este gigantesco sistema de desfiladeiros, ou cânions, tem 4.000 quilômetros de comprimento, até 700 quilômetros de largura e até 7 quilômetros de profundidade. No oeste, ele se funde com o fraturado *Noctis Labyrinthus*, onde os paredões do vale estão mais próximos, mas os desfiladeiros ainda têm até 5 quilômetros de profundidade.

Mais a oeste se encontra *Tharsis Rise*, que se eleva cerca de 10 quilômetros acima da planície e é coroado pelos três extintos vulcões em escudo: *Ascraeus Mons*—480 quilômetros de diâmetro, 18 quilômetros de elevação; *Pavonis Mons*—375 quilômetros de diâmetro, 14 quilômetros de elevação; e *Arsia Mons*—435 quilômetros de diâmetro e 16 quilômetros de elevação. Nos flancos do *Arsia Mons*, as sondas descobriram cavidades que provavelmente sejam antigos tubos de lava. Também parece haver extensas geleiras nas encostas desta montanha.

O maior vulcão de Marte em termos de área de superfície se chama *Alba Patera*. Tem apenas 6 quilômetros de altura, mas sua superfície tem um diâmetro de 1.200 quilômetros. Este é também um recorde do Sistema Solar, tal como a elevação do *Olympus Mons*, que se eleva 26 quilômetros acima dos seus arredores. Entretanto, o *Olympus Mons* se eleva apenas 21 quilômetros acima do 'areoide de Marte'—o

equivalente ao nível do mar, que é o ponto zero que usamos na Terra —pelo que poderá ter de ceder sua medalha de ouro ao *Rheasilvia Mons*, com 22 quilômetros de altura, no asteroide *Vesta*. O cume do *Olympus Mons* se estende acima da atmosfera de Marte e para o espaço e, por isso, seria o local perfeito para um telescópio. Não está totalmente claro, porém, se o vulcão ainda está ativo ou não. Parece ter entrado em erupção pela última vez há dois milhões de anos.

Mas voltemos aos *Valles Marineris*. Em suas extremidades há amplos vales que foram moldados no passado por rios, de acordo com o que acreditam os pesquisadores. Onde estes vales se abrem em crateras, podem ser detectados depósitos que lembram deltas de rios típicos em algumas áreas. Talvez, em algum momento no passado de Marte, as reservas subterrâneas de gelo tenham derretido devido ao vulcanismo global, e uma enorme quantidade de água teve de ser drenada. Contudo, ainda não foi verificado se esses depósitos são na verdade sedimentos. O mais jovem destes vales foi formado há apenas alguns milhões de anos. O exemplo mais significativo, *Ma'adim Vallis*, tem até 700 quilômetros de comprimento, 20 quilômetros de largura e 2 quilômetros de profundidade.

Listras escuras podem ser vistas em muitos dos paredões das crateras e mudam de acordo com as estações. Sua composição química é atualmente indeterminada. Talvez os deslizamentos de terra nessas áreas estejam expondo as camadas rochosas escuras que estão por baixo. As valetas de erosão, que também são frequentemente encontradas em encostas íngremes no hemisfério sul, parecem ter uma ligação com água líquida ou derretida, especialmente porque parecem se formar apenas em certas latitudes. Não obstante, também podem se originar do gelo de dióxido de carbono ou de movimentos de poeira.

Visualmente, as dunas de areia que podem ser vistas perto do Polo Norte são particularmente impressionantes. Também mudam de acordo com as estações. No inverno, são cobertas por uma camada de gelo de dióxido de carbono com um centímetro de espessura. Quando começa a primavera, o gelo se rompe aos poucos, de modo que a areia escura por baixo passa a ficar visível. Com o aumento do aquecimento, o CO² das camadas mais baixas também evapora e carrega consigo a areia, depositando-a no topo das dunas. A partir daí, a areia se move para baixo, assim que os ventos sopram.

Água em Marte

A maior parte da superfície marciana hoje parece um deserto seco. Mas se você olhar mais de perto, não usando apenas seus próprios olhos, descobrirá que a possibilidade de água pode ser maior do que

você imagina. O Rover *Curiosity* da NASA, por exemplo, encontrou alguns minerais com um teor de água de até quatro por cento. Nas latitudes médias, pode haver gelo de água abaixo da superfície, gelo que tenha sido transportado para lá pelas geleiras durante as eras glaciais de Marte.

Outras vastas reservas de água foram detectadas sob as calotas de gelo nos polos norte e sul. Estas calotas, que têm até 5 quilômetros de espessura no Polo Norte e 1,5 quilômetros de espessura no Polo Sul, são maioritariamente constituídas por dióxido de carbono (o que chamamos de gelo seco), mas também têm uma componente de gelo de água. Medições de radar feitas pela sonda *Mars Express* mostram que deve haver grandes áreas de gelo que estão abaixo da superfície em torno do Polo Sul e que podem atingir uma profundidade de 3,7 quilômetros, correspondendo a aproximadamente dois terços do volume da camada de gelo da Groenlândia. Derretidos, poderiam cobrir todo o planeta Marte com um oceano de 11 metros de profundidade.

Ainda assim, atualmente seria contraproducente instalar um gigantesco forno de fusão no Polo Sul. Infelizmente, quando se trata de Marte, devido à baixa pressão atmosférica, a água líquida não pode existir na superfície por muito tempo—ela simplesmente evapora muito rapidamente. Como os alpinistas sabem, o ponto de ebulição da água diminui com a redução da pressão do ar.

Vida em Marte

As condições globais não parecem favoráveis. Marte está na borda da zona habitável do nosso Sistema Solar, que é definida pelos limites de tolerância das formas de vida conhecidas. Em princípio, certas espécies extremófilas poderiam sobreviver nas condições de Marte. Tornar o planeta mais verde com líquenes, por exemplo, não tem um apelo muito utópico.

Outra questão é se alguma forma de vida nativa de Marte chegou a sobreviver aos bilhões de anos de condições secas. Quase não existem os pré-requisitos necessários para a sobrevivência na superfície: grandes oscilações de temperatura, intensa radiação ultravioleta e a fina atmosfera sem água líquida são pontos contra. E se Marte estiver geologicamente morto, ou seja, não tiver mais atividade vulcânica, as possibilidades de sobrevivência diminuem ainda mais—sem uma fonte de calor do interior de Marte, a vida sob a superfície é improvável. Os pesquisadores, no entanto, acreditavam ter detectado fontes ativas do hidrocarboneto metano, que poderiam ter sido de origem vulcânica ou bacteriana. Qualquer um dos dois seria uma boa notícia, visto que em

ambos os casos significaria que existem locais onde a vida primitiva é possível.

Medições recentes feitas pelo Rover *Curiosity* da NASA, não obstante, fazem com que esta esperança pareça cada vez mais duvidável. Na revista científica *Science*, os pesquisadores relataram que o espectrômetro a laser do Rover não conseguiu encontrar absolutamente nenhum vestígio de metano. As medições anteriores da Terra e da órbita de Marte parecem ter sido defeituosas, porque a instrumentação do *Curiosity* é significativamente mais precisa e ajustada especificamente para metano. Os valores globais são tão baixos que tornariam inesperável a existência de vida tal como a conhecemos, tanto agora como no passado de Marte. Em seu artigo, os pesquisadores também discutem o que torna as detecções anteriores de metano tão inacreditáveis. Parece que os cientistas anteriores deixaram que seu desejo de descobrir vida em algum lugar além da Terra influenciasse suas interpretações dos resultados.

As luas de Marte

Marte tem apenas duas luas pequenas e tristes, *Fobos* e *Deimos*, que têm formas irregulares e provavelmente sejam originárias do Cinturão de Asteroides. *Fobos*, que tem dimensões de aproximadamente 26,8 x 22,4 x 18,4 quilômetros, é a maior das duas, e sua órbita a leva a uma distância de apenas 6.000 quilômetros acima da superfície marciana. Devido a forças de maré, ela está se aproximando do planeta em uma trajetória em espiral—dentro de 50 milhões de anos poderá finalmente colidir com Marte, ou as forças de maré poderão destroçá-la em pedaços menores que formarão então um anel à volta de Marte.

A menor, *Deimos*, com 15,0 x 12,2 x 10,4 quilômetros, em contraste, está a caminho de escapar de Marte—em algum momento no futuro distante ela se juntará novamente ao Cinturão de Asteroides.

Indo para Marte?

O programa de grande escala para Marte que o Presidente George W. Bush anunciou em 2004, e que seria culminado por uma missão tripulada humana a Marte, foi durante muito tempo vítima de cada vez mais cortes orçamentais. A NASA agora tem como meta voos na década de 2030, assim como o programa europeu *Aurora*. Essa viagem pode acontecer primeiro com uma passagem só de ida e sem voo de volta.

Parece haver muitos voluntários. Uma organização holandesa sem fins lucrativos, *Mars One*, ou Marte Um, publicou uma convocatória

para voluntários na primavera de 2013 e recebeu respostas de mais de 10.000 pessoas interessadas. *Mars One* queria usar fundos privados para financiar a expedição prevista para 2022 e estimava que seriam necessários seis bilhões de dólares. Para efeito de comparação, a *Spirit Mission*, ou Missão *Spirit*, da NASA custou cerca de 2,5 bilhões de dólares.

Os viajantes com destino a Marte, todavia, deveriam estar ok com a possibilidade de aumentar o risco de câncer, devido à exposição à radiação cósmica durante o voo. Por ocasião da missão *Curiosity*, a NASA mediu uma dose diária de 1,8 milisieverts de radiação cósmica. Em uma viagem a Marte, que demoraria mais de 500 dias, um viajante ficaria exposto a aproximadamente 1 sievert—e, portanto, a um risco aumentado de 5 por cento de desenvolver algum tipo de câncer.

Há também pelo menos um problema moral que a humanidade teria de resolver antes de pisar em Marte—seria quase impossível para os primeiros astronautas não contaminarem o planeta. E, como resultado, as bactérias da Terra quase certamente erradicariam quaisquer sobreviventes da vida marciana... os quais teriam sobrevivido a 3,5 bilhões de anos sob condições muito duras, apenas para serem exterminados por nós.

REGISTRE-SE EM [HARDSF.INFO/INSCREVER/](https://hardsf.info/inscrever/) e você será notificado, notificada, sobre quaisquer novos livros de Ficção Científica *Hard* que irei publicar. Além disso, você receberá uma versão lindamente ilustrada do *Tour Guiado a Marte*.



Glossário de Acrônimos

IA – Inteligência Artificial

ERV – Veículo de Retorno à Terra, ou *Earth Return Vehicle*

EVA – Atividade ExtraVehicular, ou *ExtraVehicular Activity*

FC – Controle de Voo, ou *Flight Control*

GN&C – Sistema de Orientação, Navegação e Controle, ou *Guidance, Navigation, and Control system*

GPR – Radar de Penetração no Solo, ou *Ground-Penetrating Radar*

HP3 – Pacote de Fluxo de Calor e Propriedades Físicas, ou *Heat flow and Physical Properties Package*

HUT – Torso Superior Duro, ou *Hard Upper Torso*

IV - Intravenoso

KRUSTY – Reator Kilopower Usando Tecnologia Stirling, ou *Kilopower Reactor Using Stirling Technology*

LG – Trem de pouso, ou *Landing Gear*

MpT – Marte para Todos, ou *Mars for Everyone*

MRO – Orbitador de Reconhecimento de Marte, ou *Mars Reconnaissance Orbiter*

NASA – Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço, ou *National Aeronautics and Space Administration*

Prop - Propulsão

SEIS – Sismógrafo, ou sismômetro, ou *SEISmometer*



Excerto: Nação de Marte 2

Sol 63, superfície de Marte

A VISTA NÃO era das melhores. Ewa olhava para o céu. Era o início da tarde e, em algum lugar ali em cima, ela deveria ter conseguido observar um ponto um pouco mais pálido atrás do qual o sol se escondia. Seria mesmo isso ou ela havia acabado de ser vítima de uma ilusão de ótica? Precisava da posição do sol para se orientar. Havia decidido seguir para o sul.

Mas será que isso realmente importava, afinal de contas? Ela iria morrer aqui, e merecia isso. A evidência era direta. Havia sabotado a missão desde o início. Era uma sensação estranha admitir isso para si mesma, visto que essa não tinha sido sua intenção consciente. Ela queria que a missão *Mars for Everyone* fosse bem-sucedida. Fez tudo ao seu alcance para conseguir isso. Estes eram os momentos que ficaram marcados em sua memória. O choque pelas cinco pessoas que morreram no módulo de comando; os esforços febris ao lado de Theo, quem havia trabalhado freneticamente para desacoplar as seções da nave; a *batalha* com o pessoal da NASA pelos recursos de que MpT precisava; a perplexidade causada pelo acidente de Andy. Tudo isso tinha sido real. Tinha que ser real, pois a dor que ela ainda sentia em seu coração definitivamente afirmava isso.

E ainda havia as outras imagens. Passavam por sua mente como um filme mudo. Embora houvesse algum som, faltavam às imagens os sentimentos associados às lembranças reais. Eram como cenas de um pesadelo que, havia muito tempo, ela acreditava ser apenas um sonho. Ela observava como uma pessoa estranha manipulava o software do sistema e preparava o cenário para os acidentes que acabariam por levar ao fracasso de sua missão. Na boca de Ewa se produzia um gosto metálico sempre que ela pensava nessas cenas. Sentia-se incapaz de aceitá-los como lembranças, apesar do fato de que obviamente eram isso. Afinal, o que seriam as lembranças senão as imagens preservadas pela nossa mente? Seria a sua própria culpa que a impedia de aceitar essas cenas como autênticas e a fazia sentir que a pessoa nessas ilustrações não era realmente ela? Mas ela não era uma assassina! E, não obstante, as evidências reunidas por Theo e Andy, bem como a

sua própria memória, apontavam inequivocamente nessa direção. As cenas que ela estava recordando se encaixavam perfeitamente com a prova; não havia como simplesmente descartá-las como se fossem fruto de uma mente doentia.

Gabriella, a médica, havia teorizado que ela poderia ser esquizofrênica. A doença seria uma racionalização bem-vinda para o seu comportamento; mas, a despeito da possibilidade de ser esquizofrênica, as evidências a perturbavam. Ela agora sabia do que era capaz. Como os demais poderiam impedi-la de matar novamente no futuro? Eles teriam que trancafiá-la atrás das grades como um animal. Tudo se resumiria a um puro desperdício de recursos. Ewa estava grata aos demais por terem votado a favor do seu banimento. Foi bom que ela tivesse convencido tantos deles com seu desempenho. Conquistar as pessoas para o seu lado sempre tinha sido um de seus pontos fortes. Todavia, ela já não seria mais capaz de mobilizá-los, agora que estava sozinha.

Ewa voltou a estudar o ponto no céu. Ainda estava na mesma posição, então devia ser o sol. Olhou para o relógio. Agora sabia qual era o caminho para o sul. Partiu em direção ao horizonte, que contrastava fortemente com a superfície avermelhada de Marte. Ela caminharia o máximo que pudesse. Isso era tudo que ela podia fazer.

22 de Maio de 2042, praia de Pismo

“Meu jovem, o que posso fazer por você?”

O velho atrás do balcão do Café *Scorpion Bay* sorriu para ele, embora não se conhecessem. Será que o atendente não deveria pelo menos esperar para ver se o recém-chegado não iria tirar uma pistola do bolso para esvaziar a sua caixa registradora? Não haveria testemunhas se ele o fizesse. Rick olhou ao redor, verificando também o teto, como se realmente planejasse surrupiar o café. Não, a câmera de vigilância seria testemunha suficiente. Ainda assim, isso não era motivo para alguém se sentir seguro.

“Eu... eu gostaria de uma xícara de café. Não, melhor, um cappuccino,” disse ele.

“Torra escura ou clara?”

Como ele deveria saber? Porém, escura parecia dentro da ideia. Rick assentiu, mas então se deu conta de que o homem não conseguia ler seus pensamentos. “Escura, por favor.”

Ele teria que se recompor. Se não mantivesse sua excitação em segredo, as pessoas aqui se lembrariam dele. E isso ele não queria que acontecesse. Era apenas um estranho cujo rosto teria desaparecido da memória de todos. Por segurança, tinha se hospedado em um hotel

barato que não exigia a apresentação de nenhum documento de identidade.

“Algo mais? Os muffins são frescos.”

Venda casada, Rick decidiu. O homem estava tentando aumentar sua receita vendendo coisas que combinavam bem com o café razoavelmente barato. Os negócios provavelmente não estavam indo tão bem hoje em dia. O velho parecia ter passado os últimos cinquenta anos atrás desse balcão e poderia até ter nascido ali. Sua pele era pálida, uma qualidade incomum para um morador da ensolarada costa central da Califórnia. Talvez isso acontecesse porque o estabelecimento abria todos os dias e o proprietário não tinha condições de contratar ninguém. Será que a fachada não poderia ter sido pintada com uma cor mais acolhedora? A única razão pela qual o marrom escuro o havia atraído foi justamente devido a uma tarefa sombria que ele teria pela frente.

Esta não era a primeira vez que ele se pegava em meio a devaneios. Rick não estava aqui para resolver os problemas de outras pessoas. Estava aqui por causa de suas próprias dificuldades ligadas à posição que lhe era devida; posição essa que Robert, o velho puxa saco, estava no processo de uma bela puxada de tapete.

“E então?” O velho insistiu. Ainda não havia perdido a esperança de obter um pouco mais de receita.

“Não!” Rick replicou, instantaneamente sentindo-se irritado.

Isso não foi nada amigável. O homem se lembraria de seu rosto. Realmente precisava ter mais cuidado, mesmo que fosse completamente irrelevante se o velho se lembrasse dele ou não. Ninguém iria perguntar ao homem do café. Afinal de contas, não era como se Rick estivesse planejando assassinar alguém. Os dedos esquerdos do jovem se fecharam em torno da navalha em seu bolso.

“Três e oitenta e nove,” disse o homem, meio carrancudo. Rick não o culparia por isso, visto que também não teria desperdiçado um sorriso com um cliente assim.

“Fique com o troco,” disse Rick, entregando ao homem uma nota de cinco dólares.

Rick pegou sua xícara no balcão. Havia duas pequenas mesas redondas, cada uma com duas cadeiras de ferro fundido, bem em frente à vitrine. Nenhum dos assentos estava ocupado. Rick se sentou de costas para a janela e ficou observando os carros passarem lentamente. Em algum lugar da rua devia haver uma placa de limite de velocidade, caso contrário os carros não passariam por ele a vinte quilômetros por hora. O som mais alto que produziam era gerado pelos enormes pneus, enquanto se moviam pelo pavimento áspero. Seus motores elétricos estavam praticamente silenciosos. Rick olhou para o relógio, o qual era totalmente antiquado com seus ponteiros e

engrenagens visíveis. De vez em quando, o relógio adiantava ou atrasava, mas ele gostava do aparato mesmo assim. O relógio indicava que eram seis e vinte. Isso significava que ele ainda teria trinta minutos para matar.

Robert morava logo ali na esquina. Se ele visse Rick sentado aqui tomando café, ele se perguntaria o que estava acontecendo. Mas Robert não o veria. Rick havia verificado sua rotina diária. Robert acordava por volta das sete, corria durante vinte minutos, bebia uma xícara de café preto e depois seguia para o trabalho. E ele fazia isso todos os dias! A consistência de Robert tinha aumentado o respeito de Rick por ele, mas isso não mudava o fato de que era um rival—o único concorrente real de Rick.

O capuccino estava bom. Era realmente uma pena que o velho não tivesse mais clientes. A notícia de que estava vendendo café bom e barato deveria ser espalhada. Contudo, não poderia ser ele o divulgador da notícia, visto que nenhum de seus conhecidos poderia saber onde ele havia tomado seu café hoje. Ele disfarçadamente enfiou a mão no bolso. A navalha ainda estava ali, assim como o arame e a sacola com seu conteúdo macio.

Um carro da polícia se aproximou pela esquerda. Rick sentiu sua tensão aumentar. Teria que manter a calma. Os policiais não sabiam por que ele estava aqui. Não havia razão para revistá-lo, mas ele sabia que não terminaria bem para ele se o fizessem. Como esperado, o carro com as luzes de emergência no teto passou tão devagar quanto todos os demais veículos.

Já era tempo. Rick se levantou, deixando a xícara de café pela metade sobre a mesa. *Otimista ou pessimista*, ele se perguntou. Ele era um sujeito otimista. Caminhou um quarteirão para o sul antes de virar à esquerda. Chegou a um complexo de apartamentos um quarteirão adiante. Na verdade, eram sobrados construídos sobre pilotis, comportando um grande estacionamento por baixo, o qual estava destrancado. As pessoas poderiam ver o estacionamento pela frente, mas esse era um risco que ele teria que correr. Rick desceu despreocupadamente a rampa de entrada do estacionamento. O carro de Robert estava na última fila. Pelo menos Rick estaria parcialmente coberto pelos carros da primeira fila. Ele havia passado um bom tempo praticando o que viria a seguir. Até havia alugado a mesma marca e modelo, apenas para ter certeza de que seu plano funcionaria bem. Deu a volta, seguindo até a porta do passageiro e enfiou o laço de arame entre a janela e o painel externo.

Um puxão e algo na parte interna da porta clicou. Agora ele poderia abri-la. Rick se sentiu vitorioso, mas manteve esse sentimento trancado dentro de si. Uma pequena boneca de pano estava no banco do passageiro, ele a empurrou para o lado. Sentou-se no banco e

fechou a porta. Então usou a navalha para cortar o revestimento interno da seção frontal da porta, certificando-se ao mesmo tempo de não deixar qualquer impressão digital para trás. Um pequeno buraco agora estava aberto no material... e só poderia ser visto desde o espaço reservado aos pés do passageiro. Rick pegou um lenço e o usou para tirar a sacola macia e plana do bolso. Era o elemento mais caro de seu plano, bem como o fator que havia empacado seu plano por mais tempo. Onde os cidadãos respeitáveis conseguiriam adquirir uma grande quantidade de heroína? E tinha que ser heroína para que tudo desse certo, visto que na Califórnia as drogas menos nocivas eram consideradas, bem, menos nocivas. Rick suspirou. Não se sentia contente com o que estava a ponto de fazer. Não gostava de causar dor a ninguém. Mas era necessário. Rick empurrou cuidadosamente a sacola pela abertura que ninguém, exceto ele, sabia que existia.

Tudo correu muito bem. Rick olhou pela janela traseira, mas ele era o único à vista na garagem. Agora ele saiu do carro e fechou a porta silenciosamente atrás de si. Ao fazer isso, um assobio chegou aos seus ouvidos. Ele conhecia esse som. Era Robert. Rick se escondeu rapidamente atrás de outro veículo. Seu coração batia forte. Como será que Robert poderia não ouvir isso? E aquela suspeita crescente que se abatia sobre as vítimas iminentes nos filmes, sempre que um criminoso se escondia atrás delas? Rick sempre tinha presumido que isso era pura bobagem. Ninguém conseguiria sentir a aura de outra pessoa. Pelo menos, Robert definitivamente não poderia. Dava para perceber pelo assobio que ele estava despreocupado, enquanto caminhava até o carro e abria a porta. Ele murmurou 'Misericórdia, Mary,' antes de bater a porta e sair da garagem com a mesma despreocupação. Certamente havia colocado algo no carro ou retirado algo dele, e agora suspeitava que sua esposa não tivesse fechado a porta do passageiro corretamente.

Rick esperou cinco minutos e depois deu o fora. Seu carro estava estacionado duas ruas adiante. Chegou até o veículo e se sentou dentro. Então retirou do porta-luvas um telefone recém-adquirido e teclou 190.

"No carro de placa... você encontrará uma grande quantidade de heroína na Rua Pierce, 35, em Praia de Pismo," disse, antes de desligar.

Ele partiu, mas parou abruptamente ao lado de uma lata de lixo. Tinha pensado em dar o telefone a um morador de rua, mas seu rosto certamente seria lembrado. Então decidiu simplesmente jogá-lo fora. De repente, entrou em pânico ao perceber que havia se esquecido de verificar a rua para ter certeza de que ninguém tinha visto o que ele estava fazendo. Hesitou e olhou em volta. A mulher cheinha e sem-teto ali atrás, com seu carrinho de compras lotado... será que ela havia

visto alguma coisa? Ela parecia estar indo em direção à lata de lixo. Ele teria que matá-la agora que ela era uma testemunha. O pensamento passou por sua mente, mas ele o reprimiu. A mulher não o havia observado de perto. Provavelmente nem estava sóbria e não seria uma testemunha confiável nesse estado. Ele acelerou e dirigiu seu carro rumo a Lompoc, onde seu grupo de pesquisa se reuniria hoje para uma discussão. Se tudo corresse como planejado, Robert não estaria presente desta vez... nem nas semanas seguintes. E então seria tarde demais—ele já estaria a caminho de Marte com a passagem de Robert.

Sol 64, superfície de Marte

Ewa se *descascou* de sua tenda. Não era algo tão simples, visto que ela já havia sugado o ar do interior e estava vestindo seu desajeitado traje espacial MpT. Passar a noite anterior de roupa íntima tinha sido um luxo que ela não poderia desfrutar novamente tão cedo. Tinha consumido muito oxigênio fazendo isso—o recurso que ela supostamente esgotaria primeiro. Era óbvio que ela morreria aqui em Marte. Seu suprimento de ar poderia durar mais uma semana, enquanto sua água poderia durar o dobro desse tempo se ela continuasse reciclando os fluidos da maneira otimizada, como estava fazendo agora. Não havia necessidade de economizar na comida. Estaria morta em dez sóis, de uma forma ou de outra.

De todos os modos, ela não tinha intenção de simplesmente ficar sentada em algum lugar esperando pela morte. Ela havia considerado essa opção uma ou duas vezes. Tudo o que precisava fazer era desligar o oxigênio. Dentro de alguns minutos, ela sufocaria—não seria uma morte bonita, mas rápida. Dessa forma, poderia se poupar de muita dor. A angústia já havia começado. A pele das articulações de seus braços e pernas estava sendo esfregada pelo traje espacial. Ontem, dentro da tenda, ela havia aplicado loção nesses pontos, mas teria que dormir de traje na noite de hoje. Ewa não tinha escolha. Teria que lutar, mesmo que o resultado já tivesse sido predeterminado havia muito tempo.

Olhou para o céu. A vista estava melhor hoje. Consequia até distinguir Fobos, a lua marciana. Ewa verificou as tabelas em seu dispositivo universal. Orientar-se era muito mais fácil agora que ela podia fazer seus cálculos tanto com o sol quanto com a pequena lua. Ewa olhou para o sul, a direção em que a base da NASA estava localizada. No horizonte, ela notou uma colina de formato estranho. Não combinava com o ambiente. Podia ter sido criada por um impacto de meteoro. Ela decidiu chegar até lá para dar uma olhada.

EWA PAROU DEPOIS de apenas três minutos de caminhada. Estava confusa sobre o que havia acontecido. Algo a havia feito parar de se mover. Olhou para baixo e levantou o pé direito. Ele obedeceu ao seu desejo. Então repetiu o teste com o esquerdo. Funcionou normalmente também. Ela reiniciou a marcha—e mais uma vez teve que parar no meio do caminho. O que foi isso? Será que ela havia acabado de passar por um ataque de esquizofrenia? Ewa respirou fundo e soltou o ar. Envolveu a perna direita com as duas mãos e a puxou para frente. Dez centímetros foi o suficiente. Repetiu o processo com a perna esquerda. Ewa ficou feliz por ninguém poder vê-la, mas o que ela estava fazendo estava dando certo. Estava avançando, embora bem devagar. Então suas pernas de repente começaram a funcionar novamente.

Ewa se sentiu aliviada. Voltou sua atenção para a colina e seguiu sua marcha rumo oeste. O chão era arenoso e ela deixava um rastro profundo atrás de si. A mochila cortava seus ombros. Suas articulações doíam. A colina desapareceu de súbito e Ewa parou de caminhar, seu coração batendo forte. O que aconteceu com o horizonte? Ela se virou. Ali estava a colina novamente, atrás dela. Como poderia ser? Ewa examinou os arredores. Uma trilha de pegadas humanas levava até a colina e, ao lado dessas pegadas, uma segunda trilha seguia até onde Ewa estava posicionada agora. Ela era a única aqui. Deve ter retrocedido de alguma forma, sem se dar conta. O que isso significaria? Será que algo—seu próprio corpo ou mesmo sua mente—estava tentando pregar uma peça nela?

Ewa largou a mochila no chão e se sentou sobre ela. Quem era a chefe aqui? Ela era! Não deixaria que isso a abalasse. Decidiria em que direção iria.

Seu braço estremeceu repentinamente. Sua mão direita começou a se mover para frente e para trás, bem à frente do capacete, como se tentasse chamar sua atenção. Ewa tentou controlar os músculos, mas sem sucesso. O que será que sua mão queria dela? Ela sentiu o pânico percorrer seu corpo. Teria que recuperar o controle, não importando o que acontecesse. Com a mão esquerda, procurou uma ferramenta. Ela poderia cortar a direita! Não, isso envolveria cortar também seu traje, o que faria com que ela morresse instantaneamente.

Ela se inclinou até tocar a superfície de Marte com seu braço. Agora o estendeu por completo, o dedo indicador esticado para a frente. Sua própria mão começou a desenhar uma imagem na areia. Não, não era uma imagem. Estava formando letras. Sua mão queria se comunicar com ela! Ewa realmente havia perdido a cabeça agora. Ela foi obrigada a sorrir. Estava inclinada no deserto de Marte e escrevia

letras na areia. Seguramente acordaria em breve a bordo de *Santa Maria*, e tudo isso seria um pesadelo horrível.

As palavras em inglês ‘Go West’, ou ‘Siga para Oeste,’ apareceram na areia. Se o seu próprio subconsciente estava tentando se comunicar com ela, por que não o fazia em polonês? Isso não faria mais sentido? Afinal, ela formulava seus pensamentos em sua língua nativa. Ou isso tinha algo a ver com uma parte da personalidade que ela havia fragmentado? Ewa havia lido em algum lugar que essas personalidades fragmentadas às vezes falavam em idiomas desconhecidos. Pelo menos o idioma aqui era o inglês, o que significava que ela poderia entender as instruções.

“Por quê?” Ewa perguntou em voz alta.

Ela não planejava seguir a ordem, mas estava curiosa sobre a motivação por trás de sua segunda identidade. Por que a outra Ewa queria ir para o oeste? Ela deu um passo para trás para ceder espaço à resposta e seu dedo começou a escrever novamente. Testemunhar isso era chocante e fascinante ao mesmo tempo. Ela se lembrou de um filme de terror que havia assistido certa ocasião, no qual os protagonistas tinham usado um memento para evocar fantasmas, os quais então tinham escrito coisas em um quadro-negro.

“Confie em mim,” estava agora escrito na areia.

“Eu sou você e você sou eu,” disse Ewa. “Como eu poderia confiar em mim mesma, considerando todas as pessoas que matei?”

“Você não fez isso,” replicou o dedo dela.

“Isso seria bom,” respondeu Ewa em voz alta, “mas a prova era irrefutável. Eu até me vi executando as ações. Não posso me deixar enganar.”

Instintivamente recuou mais um passo.

“Há suprimentos armazenados a 410 quilômetros a oeste daqui,” escreveu ela agora.

Ewa titubeou. Sua outra personalidade devia ser completamente insana. Como poderia haver suprimentos aqui, no meio do deserto de Marte?

“Isso é impossível,” disse Ewa. “Você acabou de inventar essa informação. Eu devo ter inventado isso.”

“*Spaceliner I*,” escreveu seu dedo.

Spaceliner era a espaçonave de Marte que pertencia a um rico empresário. Deveria chegar ao planeta dentro de alguns meses para instalar aqui uma nova colônia. Certamente, a empresa havia enviado provisões para Marte antes da chegada da nave. Este também era o procedimento padrão da NASA. A iniciativa MpT era o único esforço que havia apostado tudo em uma única jogada de dados. Mas como alguém poderia saber onde as provisões da *Spaceliner* estariam armazenadas? Seu subconsciente havia inventado uma história

confusa desta vez.

“Não há como você saber disso,” disse Ewa, balançando a cabeça em negação.

O simples fato de que estivesse falando sozinha e usando as próprias mãos para escrever mensagens para si mesma refletia a realidade de que seu estado mental estava ainda pior do que ela temia.

“Confie em mim,” respondeu sua mão.

Ewa sorriu. Ela não era louca o suficiente para fazer isso. Se continuasse caminhando para o sul, eventualmente chegaria à base da NASA.

“Você não vai conseguir,” seu dedo anotou na areia.

O queixo de Ewa caiu. Seu *segundo eu* estava lendo seus pensamentos! Ela percebeu que esse alarme era a única evidência de sua doença. Claro, a outra Ewa conhecia seus pensamentos. Ela era composta exclusivamente por eles. Tudo estava acontecendo em sua mente. Se ao menos ela conseguisse de alguma forma recuperar o controle da mão!

“O que você tem a perder?” Ela lê.

Sua mão estava apresentando um bom argumento, mas isso não era surpreendente. As habilidades de persuasão de Ewa sempre foram fortes. Quatrocentos e vinte quilômetros em seis dias pareciam factíveis, mesmo que isso significasse que ela teria que percorrer setenta quilômetros por dia. Quatorze horas sobre os pés com dez horas de descanso. Seria uma tarefa árdua, mas pelo menos ela agora teria um objetivo. Não havia como chegar à base da NASA com o tempo que lhe restava.

“Você não vai se arrepender disso,” escreveu o dedo na areia.

Isso foi decisivo para Ewa. Já havia muitas coisas das quais ela se arrendia. Esta jornada para o oeste não acrescentaria nada mais. Estava inclusive ansiosa pela desculpa que apresentaria a si mesma quando, ao término da viagem, nada mais que o deserto impiedoso a esperasse.

Você pode obter Nação Marte 2 aqui:

hardsf.info/links/4212404

(c) 2024 Brandon Q. Morris

Web: hardsf.info

E-mail: brandon@hardsf.info

Facebook: www.facebook.com/BrandonQMorris/

Tradutor: Gerson Loyola de Aguilar

Edição final: Martim Vieira de Souza

Design da capa: Audible Germany

Brandon Q. Morris é uma marca registrada do autor.

Table of contents

1. [Title Page](#)
2. [Contents](#)
3. [Nação de Marte 1](#)
 1. [Sol 3, base da NASA](#)
 2. [23 de Maio de 2042, nave MpT Santa Maria](#)
 3. [Sol 4, base da NASA](#)
 4. [24 de Maio de 2042, Santa Maria](#)
 5. [Sol 5, base da NASA](#)
 6. [25 de Maio de 2042, Santa Maria](#)
 7. [Sol 6, Endeavour](#)
 8. [Sol 7, módulo de pouso do MpT](#)
 9. [Sol 7, Rover da NASA](#)
 10. [Sol 8, módulo de pouso do MpT](#)
 11. [Sol 8, base da NASA](#)
 12. [Sol 9, base da NASA](#)
 13. [Sol 9, expedição do MpT](#)
 14. [Sol 10, base da NASA](#)
 15. [Sol 10, base do MpT](#)
 16. [Sol 11, base da NASA](#)
 17. [Sol 12, expedição do MpT](#)
 18. [Sol 19, base da NASA](#)
 19. [Sol 20, base da NASA](#)
 20. [Sol 21, expedição do MpT](#)
 21. [Sol 22, base do MpT](#)
 22. [Sol 22, base da NASA](#)
 23. [Sol 23, expedição do MpT](#)
 24. [Sol 24, base do MpT](#)
 25. [Sol 45, base da NASA](#)
 26. [Sol 46, base do MpT](#)
 27. [Sol 47, base da NASA](#)
 28. [Sol 48, base do MpT](#)
 29. [Sol 48, base da NASA](#)
 30. [Sol 49, base do MpT](#)
 31. [Sol 49, expedição NASA](#)
 32. [Sol 55, base do MpT](#)
 33. [Sol 56, Hebes Chasma](#)
 34. [Sol 57, Hebes Chasma](#)
 35. [Sol 58, Hebes Chasma](#)
 36. [Sol 59, base da NASA](#)
 37. [Sol 59, Hebes Chasma](#)

38. [Sol 61, base do MpT](#)
39. [Sol 62, base do MpT](#)
40. [Sol 62, base da NASA](#)
41. [Sol 70, base da NASA](#)
42. [Sol 84, base da NASA](#)
43. [Sol 88, base da NASA](#)
44. [Sol 92, base da NASA](#)
45. [Sol 99, base da NASA](#)
4. [Nota do Autor](#)
5. [Também por Brandon Q. Morris](#)
6. [Marte – Um Tour Guiado](#)
7. [Glossário de Acrônimos](#)
8. [Excerto: Nação de Marte 2](#)
9. [Copyright](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)

22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)

66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)

110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)

154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)

198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)

242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)

286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)

330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)

374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)